



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Maria da Luz Martins Antunes

**COLABORAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS EM EQUIPAS DE
INVESTIGAÇÃO EM SAÚDE:
PERCEÇÕES, CONTRIBUTOS E PERSPETIVAS**

**Tese no âmbito do Doutoramento em Ciência da Informação orientada pela
Professora Doutora Maria Manuel Lopes de Figueiredo Costa Marques
Borges e pelo Professor Doutor Carlos Alberto Cardoso Paiva Lopes,
apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Agosto de 2024

DOUTORAMENTO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TESE

**Colaboração de bibliotecários em equipas de investigação
em saúde: perceções, contributos e perspetivas**

**Librarian collaboration in health research teams:
perceptions, contributions, and perspectives**

Maria da Luz Martins Antunes

Orientadores:

Professora Doutora Maria Manuel Lopes de Figueiredo Costa Marques Borges

Professor Doutor Carlos Alberto Cardoso Paiva Lopes

Agosto de 2024

Universidade de Coimbra • Faculdade de Letras
Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação
Largo da Porta Férrea • 3004-530 Coimbra | Portugal

Librarians must absolutely position themselves as faculty partners in data, digital projects, digital research, and teaching. They must propose new models and challenge status quo, providing solutions to the problems faculty actually have and can address... Staying within old roles is a sure death sentence to the profession, and to the library as part of the campus. Anyone in leadership who does not see this is destroying their institution and the careers of the hard-working professionals who are entrusting their futures to the organization.

A. Ducas, N. Michaud-Oystryk, & M. Speare (2020, p. 60)

Reinventing ourselves: new and emerging roles of academic librarians in
Canadian research-intensive universities.

Part of the job is to change the job!

Tuulevi Ovaska

Kuopio University Hospital Medical Library, Finland (2009)

AGRADECIMENTOS

Manifestar a minha gratidão a todos os que contribuíram para a concretização deste estudo é fácil, porque todos foram especiais e a minha memória permanece ágil.

À Professora Doutora Maria Manuel Borges, minha orientadora, cujo profissionalismo, inspiração, paciência, dedicação e amizade foram importantíssimos nesta viagem.

Ao Professor Doutor Carlos Lopes, também meu orientador. A sua paciência e tenacidade em manter-me alinhada com os meus objetivos, sugerindo leituras, alertando para pormenores que pudessem escapar, integraram igualmente esta viagem.

Por conseguinte, toda a minha gratidão para os meus orientadores.

Aos Professores Doutores Cristina Freitas e Licínio Roque, docentes do Doutoramento em Ciência da Informação, agradeço pelo muito que aprendi, inclusive a nível pessoal.

Aos meus colegas de doutoramento, que comigo iniciaram esta aventura em setembro de 2019.

Aos bibliotecários e investigadores que responderam ao questionário.

Aos bibliotecários e investigadores que disponibilizaram o seu tempo para uma entrevista e para a validação da sua transcrição.

Aos Professores Doutores David Caballero-Mariscal (da Universidade de Granada) e Fernando Fernández-Llimós (da Universidade do Porto), que acederam ao teste-piloto e ao pré-teste do questionário e da entrevista, para além de que gentilmente – mais tarde, desesperadamente – me incentivaram a levar a bom porto este trabalho.

Ao APPsyCI (Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion), especialmente aos Professores Doutores José Ornelas e Maria João Vargas-Moniz, pilares de incentivo à investigação. Graças ao apoio financeiro do APPsyCI foi possível apresentar algumas das etapas intermédias do estudo, sobretudo em Espanha.

Ao Professor Doutor Elmano Margato, Presidente do Instituto Politécnico de Lisboa. Se de algum empurrão eu precisava, a clarividência das suas palavras resolveu qualquer dúvida naquela reunião de julho de 2019.

À Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, na pessoa da sua Presidente, Professora Doutora Beatriz Fernandes, e a todos os professores da instituição que se foram envolvendo na investigação e que, de forma generosa, sempre tiveram palavras de incentivo e um abraço amigo disponível nas fases menos boas.

À Professora Doutora Carina Silva, pela sua dedicação em esclarecer questões estatísticas.

Às minhas colegas na Biblioteca, Celeste Marques e Sónia Afonso. Sem elas, dificilmente teria a mesma disponibilidade mental. Aliviaram-me de todos os assuntos que acharam que podiam resolver e nunca me interromperam em aulas ou reuniões a decorrer via Zoom.

À Professora Doutora Tatiana Sanches, pela amizade, pelo incentivo (“Isto está muito bem!”) e pelos contributos certos em momentos de maior angústia.

À Cristina Valente, amiga de infância, e aos seus homens (Rui, Pedro e Tó Zé), todos disponíveis (conversas, boleias, churrascos...) para que houvesse tempo para a tese.

À Fátima, minha irmã, sempre disponível para me aliviar de todas as tarefas para que houvesse tempo para me inspirar e escrever.

Aos meus pais, João e Alice, que me ensinaram que a construção pessoal é permanente e cuja preocupação, desde o início do doutoramento, sempre foi: “Tu depois ficas muito cansada...”

Ao Hans Zimmer, Brian Tyler, Hauser e, claro, o meu Rodrigo Leão, que tornaram as horas de trabalho mais inspiradas e muito mais fáceis.

Ao Tobias, paliativo doméstico de amor e ternura.

Por fim, ao meu Gui, meu tudo!

RESUMO

Introdução: O bibliotecário tem adotado estratégias que refletem a sua relevância profissional, podendo incorporar os seus conhecimentos na investigação. A colaboração em projetos de investigação em saúde, académicos ou clínicos, é um objetivo em desenvolvimento. **Objetivos:** Percecionar as competências do bibliotecário da saúde e a opinião que os investigadores têm das competências daquele; perspetivar as competências necessárias para uma colaboração bem-sucedida em equipas de investigação; e redigir as recomendações para a atualização/adaptação/renovação de competências do bibliotecário da saúde tendo em vista a colaboração com equipas de investigação. **Métodos:** Metodologia mista. A abordagem quantitativa assenta num questionário sobre perceções de competências para uma amostra de investigadores e bibliotecários sobre a colaboração com equipas de investigação em saúde. A abordagem qualitativa assenta numa entrevista semiestruturada sobre perceções de competências e perspetivas do contributo do bibliotecário, realizada junto de bibliotecários da saúde e de uma amostra seletiva de investigadores em saúde. **Resultados:** A perceção dos participantes no estudo aponta para um conjunto de competências superiormente valorizado pelos investigadores e que o bibliotecário domina: 1) competências que se inserem no chamado *core* da profissão (a seleção de recursos de informação, pesquisa de informação e suas *nuances*, citar e referenciar, migração de dados para gestores de referências, identificação de revistas e editoras predadoras e uso de canais formais de disseminação da ciência); 2) competências que o bibliotecário domina, mas que adquiriu em contexto profissional (tradução da metodologia PICO numa equação de pesquisa, filtro dos resultados de pesquisa, extração da evidência científica, uso de algum *software* de análise de dados, migração de dados das pesquisas para *software* de análise de dados, criação de gráficos e infográficos, identificação das revistas com maior impacto por área do conhecimento e uso dos canais informais de disseminação da ciência). Características como ser organizado e ter interesse em manter-se atualizado são atitudes também valorizadas. **Conclusões:** Ficou demonstrada a existência de uma interação permanente de competências entre o bibliotecário e os investigadores, que o resultado da colaboração integra um diálogo assente no equilíbrio entre áreas do conhecimento e saberes.

A estreita colaboração entre várias disciplinas proporciona uma oportunidade para o bibliotecário melhorar as suas competências de investigação e de trazer valor acrescentado às equipas de investigação, contribuindo para a melhoria da qualidade, validade e aplicabilidade da investigação. Esta parceria oferece descobertas significativas para a Ciência da Informação, contribuindo para a reflexão e consolidação do campo da Ciência da Informação em estreita interdisciplinaridade com as ciências da saúde e com todas as áreas do conhecimento.

Palavras-chave

Cultura de colaboração; Parceria em investigação; Bibliotecário; Equipa de investigação em saúde; Competências.

ABSTRACT

Introduction: Librarians have adopted strategies that reflect their professional relevance and can contribute their knowledge to research. Collaboration in health research projects, whether academic or clinical, is an evolving goal. Objectives: To understand health librarians' competencies and researchers' perceptions of their competencies; to identify competencies required for successful collaboration in research teams; and to develop recommendations for updating/adapting/renewing health librarians' competencies for collaboration with research teams. Methods: Mixed methodology. The quantitative approach is based on a questionnaire on perceptions of competencies for a sample of researchers and librarians in collaborating with health research teams. The qualitative approach is based on a semi-structured interview on perceptions of competences and perspectives of the librarian's contribution, conducted with health librarians and a selected sample of health researchers. Results: The perception of the participants in the study indicates a set of skills highly valued by researchers and mastered by librarians: 1) skills that belong to the so-called core of the profession (selecting information resources, searching for information and its nuances, citing and referencing, migrating data to reference managers, identifying predatory journals and publishers, and using formal channels for the dissemination of science); 2) skills that the librarian has but acquired in a professional context (translating the PICO methodology into a search equation, filtering search results, extracting scientific evidence, using data analysis software, migrating search data to data analysis software, creating graphs and infographics, identifying the most impactful journals by field of knowledge and using informal channels for the dissemination of science). Characteristics such as being organized and having an interest in keeping up to date are also valued. Conclusions: The existence of a permanent interaction of skills between librarians and researchers has been demonstrated, and the result of the collaboration is a dialogue based on a balance between areas of knowledge and expertise. Close collaboration between different disciplines provides librarians with the opportunity to improve their research skills and to bring added value to research teams, helping to improve the quality, validity and applicability of research. This partnership offers

significant discoveries for Information Science and contributes to the reflection and consolidation of the field of Information Science in close interdisciplinarity with health sciences and all fields of knowledge.

Keywords

Collaboration culture; Research partnership; Librarian; Health research teams; Skills.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E FIGURAS	xv
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	xvii
INTRODUÇÃO	1
1 COLABORAÇÃO ENTRE O BIBLIOTECÁRIO E OS INVESTIGADORES DA SAÚDE: ESTADO DA ARTE	9
1.1 EVOLUÇÃO DA PROBLEMÁTICA.....	10
1.2 A MOTIVAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO DA SAÚDE.....	19
2 COMPETÊNCIA	27
2.1 COMPETÊNCIAS REQUERIDAS	29
2.2 A PERSPETIVA DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS	30
2.2.1 The Medical Library Association	30
2.2.2 The Library and Information Association.....	34
2.2.3 Australian Library and Information Association	36
2.2.4 Library Association of Ireland	37
2.2.5 European Association for Health Information and Libraries.....	38
2.2.6 Canadian Health Libraries Association	40
2.2.7 Association of Academic Health Sciences Libraries	42
2.2.8 Association for Health Information and Libraries in Africa.....	43
2.3 A PERSPETIVA DAS SOCIEDADES CIENTÍFICAS.....	44
2.3.1 International Federation of Library Associations and Institutions	44
2.3.2 Workforce, Training and Education Directorate	45
3 MÉTODO	47
3.1 ABORDAGEM QUANTITATIVA.....	48
3.1.1 Procedimentos.....	48
3.1.2 Etapas de desenvolvimento do Questionário	49
3.1.3 Análise estatística.....	53
3.1.4 Caracterização geral do Questionário	53
3.2 ABORDAGEM QUALITATIVA	61
3.2.1 Procedimentos.....	61
3.2.2 Etapas de desenvolvimento da Entrevista.....	63

3.2.3	Caracterização geral da Entrevista.....	64
3.3	QUESTÕES ÉTICAS	65
4	RESULTADOS SOBRE O PROCESSO DE COLABORAÇÃO: PERCEÇÕES	67
4.1	ABORDAGEM QUANTITATIVA – Análise dos Questionários.....	67
4.1.1	Caracterização sociodemográfica	67
4.1.2	Competências de Comunicação	68
4.1.3	Ética Profissional	70
4.1.4	Competências básicas	72
4.1.5	Recuperação e Avaliação de Recursos de Informação	75
4.1.6	Uso de <i>Software</i> de Investigação	78
4.1.7	Apoio à Investigação.....	80
4.1.8	Literacia em matéria de Propriedade Intelectual	84
4.1.9	Literacia das Publicações Científicas.....	87
4.1.10	Métricas e Métricas Alternativas	89
4.1.11	Análise global das subdimensões.....	92
4.1.12	Perceções.....	97
4.2	ABORDAGEM QUALITATIVA – Análise das Entrevistas	99
4.2.1	Os entrevistados	99
4.2.1.1	Bibliotecários	99
4.2.1.2	Investigadores	100
4.2.2	Classificação e categorias de conteúdo.....	101
5	DISCUSSÃO SOBRE PERCEÇÕES E CONTRIBUTOS DO PROCESSO DE COLABORAÇÃO	115
5.1	BIBLIOTECÁRIOS.....	116
5.1.1	As competências dos bibliotecários	116
5.1.2	O reconhecimento	124
5.1.3	As autorias	132
5.1.4	A autoconfiança	138
5.1.5	Competências que o bibliotecário deve explorar	145
5.2	INVESTIGADORES	148
5.2.1	As competências dos bibliotecários	149
5.2.2	O reconhecimento	157

5.2.3 As autorias	159
5.2.4 Perfil do bibliotecário a selecionar para a equipa	169
5.2.5 O papel colaborativo do bibliotecário.....	172
5.2.6 Seleção do bibliotecário para integrar a equipa de investigação	180
5.2.7 Competências que o bibliotecário deve explorar	183
5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
6 RECOMENDAÇÕES	191
6.1 ENQUADRAMENTO	191
6.2 RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS DE ORGANISMOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS.....	194
6.3 RECOMENDAÇÕES PARA ATUALIZAÇÃO/RENOVAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DO BIBLIOTECÁRIO DA SAÚDE	198
CONCLUSÃO	203
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	213
Apêndice I. Email/convite de resposta ao Questionário	229
Apêndice II. Questionário.....	231
Apêndice III. Consentimento Informado	241
Apêndice IV. Email/convite para Entrevista	245

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1. Competências e indicadores de desempenho definidos pela MLA.....	32
Tabela 2. Diversificação das designações dos profissionais da informação (CILIP)	35
Tabela 3. Adequação da entrevista em função das respostas positivas/negativas	63
Tabela 4. Guião da entrevista semiestruturada (para investigadores).....	64
Tabela 5. Guião da entrevista semiestruturada (para bibliotecários)	64
Tabela 6. Caracterização sociodemográfica dos respondentes do questionário	67
Tabela 7. Dimensão «Competências de Comunicação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	69
Tabela 8. Dimensão «Ética Profissional»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	71
Tabela 9. Dimensão «Competências básicas»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	73
Tabela 10. Dimensão «Recuperação e Avaliação de Recursos de Informação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	76
Tabela 11. Dimensão «Uso de <i>Software</i> de Investigação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	79
Tabela 12. Dimensão «Apoio à Investigação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	82
Tabela 13. Dimensão «Literacia em matéria de Propriedade Intelectual»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	86
Tabela 14. Dimensão «Literacia das Publicações Científicas»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis.....	88
Tabela 15. Dimensão «Métricas e Métricas Alternativas»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis	91
Tabela 16. Subdimensões com as médias mais elevadas (análise grupal).....	94
Tabela 17. Comparação do coeficiente de variação entre os grupos (subdimensões onde se identificaram as maiores dispersões)	95
Tabela 18. Comparação do coeficiente de variação entre os grupos (subdimensões onde se identificaram as menores dispersões)	96
Tabela 19. Caracterização sociodemográfica dos bibliotecários (ordenação pelo número de entrevista).....	100
Tabela 20. Caracterização sociodemográfica dos investigadores (ordenação pelo número de entrevista).....	101
Tabela 21. Grelha de categorização do conteúdo das entrevistas	102
Tabela 22. Classificação dos conteúdos de acordo com as competências consideradas o <i>core</i> da profissão pelos entrevistados	104
Tabela 23. Categoria major «Competências do bibliotecário»: categorias minor e excertos	105
Tabela 24. Categoria major «Autoconfiança»: categorias minor e excertos	107
Tabela 25. Categoria major «Autorias»: categorias minor e excertos	109
Tabela 26. Categoria major «Reconhecimento»: excertos.....	110

Tabela 27. Categoria major «Competências que o bibliotecário deve explorar»: categorias minor e excertos 113

Tabela 28. Recomendações para a formação do bibliotecário da saúde: descrição de competências por eixo de intervenção 200

Figura 1. Análise global das subdimensões, traduzidas em códigos (valores das médias). 93

Figura 2. Perceção de bibliotecários e investigadores sobre a colaboração do bibliotecário nas equipas de investigação em saúde. 98

Figura 3. Recomendações para a formação do bibliotecário da saúde (infografia). 202

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

AAHSL – Association of Academic Health Sciences Libraries
ACRL – Association of College and Research Libraries
AHILA – Association for Health Information and Libraries in Africa
ALIA – Australian Library and Information Association
AMSTAR – A MeaSurement Tool to Assess systematic Reviews
APDIS – Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde
BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Profissionais da Informação e Documentação
BEME – Beste Evidence Medical Education
CASP – Critical Appraisal Skills Programme
CHLA – Canadian Health Libraries Association
CILIP – Chartered Institute of Library and Information Professionals
CRD – Centre for Reviews and Dissemination
CRedit – Contributor Roles Taxonomy
CRIS – Current Research Information System
DARE – Database for Abstracts of Reviews of Effectiveness
EAHIL – European Association for Health Information and Libraries
E4GDH – IFLA Evidence for Global and Disaster Health
FAIR – Findability, Accessibility, Interoperability, and Reusability
GT-BES – Grupo de Trabalho das Bibliotecas do Ensino Superior
HIFA – Healthcare Information for All
HSLG – Health Science Librarians Group
ICMJE – International Committee of Medical Journals Editors
IES – Instituições do Ensino Superior
IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions
MeSH – Medical Subject Headings
NHS – National Health Service
NLH – National Library for Health
NLM – National Library of Medicine
PICO – Patient, Intervention, Comparison, Outcomes

PRISMA-S – Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses – Searching

ROBIS – Risk Of Bias in Systematic Reviews

SIG – Special Interest Groups

SPIDER – Sample, Phenomenon of Interest, Design, Evaluation, Research type

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TrEDMIL – Training, Education and Development for Medical Information and Library Professionals

UCSP – Unidades de Cuidados de Saúde Personalizados

USF – Unidades de Saúde Familiar

INTRODUÇÃO

A biblioteca acadêmica é, por excelência e inerência, o espaço onde a informação é organizada, avaliada e disseminada. E, desde sempre, as Instituições do Ensino Superior (IES) perceberam as suas bibliotecas como núcleos de apoio nos processos de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, ao longo dos anos, e para além das suas funções tradicionais, os bibliotecários adaptaram e reconceptualizaram os seus conhecimentos, competências e papéis no contexto da missão institucional (Simmons-Welburn et al., 2008). A biblioteca acadêmica serve, então, dois propósitos complementares: o apoio curricular institucional e o apoio à investigação de professores e estudantes, refletindo as necessidades em constante mudança dos seus utilizadores.

Colocar o bibliotecário fisicamente no fluxo dos processos de ensino e de investigação tem sido uma tendência (ACRL, 2020). Desde 2020, e em tempos da COVID-19, com grupos diferenciados de utilizadores, à distância e com um cenário de informação cada vez mais complexo, o bibliotecário foi chamado a ajudar estudantes, professores e investigadores a navegar em terrenos difíceis e a alinhar os seus serviços com os novos desafios académicos e sociais. A biblioteca acadêmica assumiu, deste modo, um papel de liderança na transformação digital das IES. Mas, muito antes da pandemia e face aos constantes desafios tecnológicos, já a biblioteca desenvolvia esforços para equilibrar a necessidade dos leitores em aceder a toda a informação disponível com o que o orçamento realisticamente permitia. No apoio direto aos investigadores, e também muito antes da pandemia, já os bibliotecários pressionavam o desenvolvimento de percursos alternativos de divulgação da investigação através de repositórios institucionais e de apoio à publicação em acesso aberto. A mudança de paradigma no acesso à informação obrigou o bibliotecário a pensar de forma diferente e alterou as suas expectativas na forma como a informação pode ser acedida e que tipo de informação está disponível.

Na década mais recente, e no âmbito da Ciência Aberta, em muitas bibliotecas académicas e de investigação o bibliotecário reduziu o tempo destinado à consulta de

referência presencial e passou a antecipar serviços que envolvem uma *expertise* diferenciada, mas de grande utilidade para a sua comunidade. Mesmo não sendo um perito na área, acompanhou a evolução das pedagogias e métodos de investigação, desenvolveu ferramentas, tecnologias e políticas, informando professores e investigadores no processo ensino-aprendizagem e na investigação (Jaguszewski & Williams, 2013). A biblioteca desempenha, assim, um papel vital na excelência da investigação enquanto fonte de recursos, de informação científica e de plataforma de diálogo no contexto da Ciência Aberta; por inerência, o papel do bibliotecário é inegavelmente um elemento-chave neste processo (Foster, 2015).

Uma das primeiras publicações a descrever a tradicional biblioteca das ciências da saúde foi o *Handbook of Medical Library Practice*, publicado em 1943 e reeditado em 1956. Nele descreve-se o bibliotecário que trabalha com a informação de saúde (doravante designado por bibliotecário da saúde) enquanto figura de relevo, não só na biblioteca, mas em toda a organização, sendo que pela eficiência e referência do seu trabalho se aferia toda a capacidade de realização da biblioteca. Sullo e Gomes (2016) reforçam a atualidade desta afirmação, referindo que são o conhecimento, as competências e as capacidades do bibliotecário que ajudam a moldar os valores e os pontos fortes da biblioteca.

O bibliotecário é também conhecido por passar muito tempo a organizar e a recuperar informação para os leitores. Porém, esse trabalho, aliado às suas características de adaptação, renovação e aprendizagem permanentes no próprio espaço da biblioteca, significa um investimento nas suas capacidades e no seu saber-fazer. A biblioteca é, por conseguinte, um laboratório de aprendizagem e uma verdadeira escola de ensino não formal quer para quem a frequenta, quer para os seus profissionais (Carroll et al., 2020).

Na área da saúde constata-se, no decorrer das últimas três décadas, o crescimento, a renovação, a adaptação, mas também a aquisição de (novas) competências por parte do bibliotecário da saúde – e será neste campo do conhecimento que o presente estudo incidirá. Este bibliotecário tem sido objeto de estudos vários, em que se analisa quer o seu contributo na satisfação das necessidades dos profissionais de saúde, quer a sua intervenção colaborativa no ensino de competências de literacia da informação e no planeamento de programas de formação. Por sua vez, as bibliotecas académicas e as de investigação são

crescentemente pressionadas para demonstrar *in vivo* como podem contribuir para a missão institucional.

Uma das formas de garantir essa ligação é visível através da produção científica do bibliotecário. Representa uma forma de este se tornar mais visível e demonstrar um compromisso com os valores e as prioridades das IES (Folk, 2014). O bibliotecário, especialmente aquele que trabalha em instituições de investigação e do ensino superior, tende a publicar artigos sobre literacia da informação, muitas vezes em resultado da colaboração conjunta de docentes e bibliotecários.

Em busca de mais estratégias a adotar para as bibliotecas se manterem relevantes é necessário reposicionar e incorporar os conhecimentos do bibliotecário especializado nas iniciativas de ensino, aprendizagem, mas também de investigação (Lewis, 2007). Um caminho possível para alcançar este objetivo é o dos seus profissionais colaborarem em projetos de investigação em parceria com professores e investigadores.

Destaca-se, em Portugal, o exemplo de alguns bibliotecários que, ao longo dos anos, demonstraram o seu valor e as suas competências junto dos investigadores. Por conseguinte, as colaborações não se fizeram esperar, seja na avaliação da produção científica de uma especialidade médica (Bandovas et al., 2022; Basílio et al., 2018; Bernardo-Castro et al., 2020, 2023; Campos et al., 2023; Cebola et al., 2023; Correia et al., 2024; Costa et al., 2021; Duarte et al., 2024; Fernandes et al., 2024; Guerra et al., 2022; Guerra-Paiva et al., 2023; Henriques et al., 2022; Laranjo et al., 2021; J. P. Marques et al., 2024; P. Marques et al., 2020; Marto et al., 2019; Mayor et al., 2024; Melo et al., 2024; Rego et al., 2023; Rosa et al., 2023; Sargaço et al., 2022; L. Silva et al., 2021; Silvério Rodrigues et al., 2019; Sousa, Sondermann, et al., 2023), na promoção da ética e da integridade na ciência (Escada et al., 2023), nas metodologias de investigação (Donato & Donato, 2019; Donato & Marinho, 2013), mas também na divulgação do conhecimento (Hanscheid et al., 2018; Sousa, Alves, et al., 2023), entre muitas outras. Destaque-se igualmente o facto de todas estas colaborações estarem formalmente identificadas nas autorias.

Neste âmbito, a presente autora tem desenvolvido a sua atividade profissional no

contexto académico da saúde desde 1992. Integra um centro de investigação desde 2015 e foi convidada a participar em vários projetos de investigação em saúde enquanto coautora, em estreita parceria e com igual responsabilidade nos conteúdos. Justamente porque tem estado pessoalmente envolvida em estudos multidisciplinares de investigação é, por conseguinte, uma observadora subjetiva (Basílio et al., 2018; Correia et al., 2024; Laranjo et al., 2021; P. Marques et al., 2020; Sargaço et al., 2022; L. Silva et al., 2021; Silvério Rodrigues et al., 2019). A sua perspetiva sobre a temática da colaboração de bibliotecários em equipas de investigação em saúde pretende sensibilizar para o impacto da formação daqueles, mas também para os benefícios desta cultura de colaboração para a investigação de um modo geral, especialmente no campo da Ciência da Informação. Também a sua familiaridade com as questões e as preocupações relativas a esta área de investigação facilitaram a sua capacidade de interpretar, refletir e informar sobre os dados fornecidos pelos participantes do presente estudo.

Com base nestes pressupostos formulou-se a pergunta de investigação: Como implementar a colaboração entre bibliotecários e investigadores em equipas de investigação em saúde em Portugal?

Para responder a esta pergunta desenharam-se quatro objetivos, a saber:

1. Identificar a perceção das competências dos bibliotecários sobre a sua colaboração em equipas de investigação em saúde.
2. Identificar as perceções dos investigadores sobre as competências dos bibliotecários enquanto colaboradores em equipas de investigação em saúde.
3. Identificar as competências que os bibliotecários devem possuir para colaborar com as equipas de investigação em saúde.
4. Redigir um conjunto de recomendações e/ou orientações para a formação de bibliotecários tendo em vista a colaboração com equipas de investigação em saúde.

Ao longo da investigação foram sendo comunicados ou publicados resultados preliminares, sujeitando-os, deste modo, à validação pela comunidade científica, e que são os seguintes:

- Sanches, T., Antunes, M.L., & Lopes, C. (2024). LIS postsecondary and undergraduate education. In *The Encyclopedia of Libraries, Librarianship, and Information Science*. Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-323-95689-5.00136-X>
- Antunes, M. L., Lopes, C., & Borges, M. M. (2023). Perceções dos investigadores sobre as competências do bibliotecário da saúde: Um estudo qualitativo. In *VI ISKO Ibérico – Organización del conocimiento en el ámbito documental, patrimonial y social*, Facultad de Ciencias de la Documentación (Universidad Complutense de Madrid), 26-27 octubre 2023. [texto integral no prelo]
- Antunes, M. L., Lopes, C., & Borges, M. M. (2022). A colaboração de bibliotecários em equipas de investigação em saúde e os desafios do mundo digital: Uma revisão da literatura [chapter]. In G. A. Torres Vargas GA (ed.), *Las prácticas sociales en la producción, distribución y acceso a la información mediadas por las tecnologías digitales* (pp. 21-39). Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información/Universidad Nacional Autónoma de México. <http://sistemas.iibi.unam.mx/publica20/resplibros.php?ser=12>
- Antunes, M. L., Lopes, C., & Borges, M. M. (2022). Revistas e editoras predadoras no campo da saúde: Problemática e recomendações aos investigadores. *Ibersid*, 16(2), 57-64. <https://doi.org/10.54886/ibersid.v16i2.4818>
- Antunes, M. L., Lopes, C., & Roque, L. (2021). A nova plataforma PubMed: Análise dos peritos. In C. G. da Silva, J. Revez, & L. Corujo (Eds.), *Organização do conhecimento no horizonte 2030: Desenvolvimento sustentável e saúde (atas do V Congresso ISKO Espanha-Portugal)* (pp. 205-2016). Centro de Estudos Clássicos/Colibri. <https://doi.org/10.51427/10451/50067>
- Antunes, M. L., Lopes, C., Borges, M. M., & Sanches, T. (2021). Perceções dos investigadores face ao ecossistema da Ciência Aberta: Estudo preliminar. *Ibersid*, 15(2), 47-55. <https://doi.org/10.54886/ibersid.v15i2.4759>
- Antunes, M. L., Lopes, C., & Borges, M. M. (2021). The integration of librarians in health research teams: The researchers' perspective [poster]. In *EAHIL 2021 – European*

Association for Health Information and Libraries (Crossing the bridge – New challenges, new opportunities), University of Marmara (Turkey), July 5-8, 2021. <http://hdl.handle.net/10400.21/13597>

- Antunes, M. L., & Lopes, C. (2020). Revisões sistemáticas e meta-análises: A capacitação requerida aos profissionais de saúde [oral communication]. In *XIV Jornadas APDIS*, Centro Hospitalar Universitário do Porto, 26 e 27 de outubro de 2020. <http://hdl.handle.net/10400.21/13164>

Para responder à pergunta de investigação e alcançar os objetivos expostos, a presente investigação encontra-se estruturada em várias partes.

Para suporte do estudo e para conhecer o estado da arte da problemática, o Capítulo 1 apresenta a revisão da literatura assente na identificação de estudos que assinalam, identificam e documentam a colaboração do bibliotecário em equipas de investigação em saúde em formato de estudo de caso. Procedeu-se a uma pesquisa exaustiva da literatura indexada nas bases de dados MEDLINE (via plataforma PubMed), Scopus, Web of Science, CINAHL, LISTA e ProQuest Theses & Dissertations (esta última para escrutínio de eventuais investigações académicas na área, com resultados nulos). A revisão da literatura permitiu identificar alguns estudos de caso e delinear dois pressupostos para exploração na investigação, a saber: a) o bibliotecário pode ser o pré-requisito para uma participação bem-sucedida da equipa de investigação em saúde; e b) o bibliotecário pode aumentar a sua visibilidade científica no *campus* académico quando trabalha em parceria com a equipa de investigação em saúde.

O Capítulo 2 analisa competências. Inicia-se pelo enquadramento teórico do termo “competência”, seguindo-se uma análise das competências que o bibliotecário da saúde deve melhorar ou adquirir. Para esta investigação selecionaram-se algumas associações profissionais e sociedades científicas – da área da saúde ou que incluem grupos de trabalho da saúde – que iniciaram o processo de identificação destas competências e que começaram a delinear cursos de formação profissional nos últimos cinco anos.

Para o Capítulo 3 reserva-se o método. A investigação seguiu uma metodologia

mista para uma resposta mais ampla ao problema e pela complementaridade das abordagens quantitativa e qualitativa. Construiu-se um questionário destinado aos bibliotecários da saúde a exercer em Portugal e a um conjunto de investigadores também da área da saúde que representassem a multidisciplinaridade das equipas de investigação em saúde, isto é, envolvendo profissionais de saúde de especialidades médicas, mas também de disciplinas conexas. A entrevista ficou reservada a bibliotecários da saúde com produção científica datada da última década e a investigadores que cumprissem as mesmas características da abordagem quantitativa. Inspirados pela literatura científica, questionário e entrevista foram construídos de raiz.

Os resultados da investigação apresentam-se no Capítulo 4. Os dados do questionário são primeiramente apresentados, em formato de tabelas, sendo destacados os mais relevantes quer na análise global quer na análise grupal. As relações não foram esquecidas. Os dados resultantes das entrevistas foram escrutinados de forma muito detalhada e são igualmente expostos em tabelas. De acordo com as entrevistas realizadas foi possível identificar temáticas (categorias major) e subtemáticas (categorias minor) abordadas pelos entrevistados, o que permitiu a criação de uma grelha de categorização dos conteúdos das entrevistas.

No Capítulo 5 discutem-se os resultados apurados recorrendo à literatura científica, análises externas e estudos paralelos. A discussão realiza uma análise grupal, primeiro os bibliotecários e depois os investigadores, sem esquecer uma análise conjunta final. No grupo dos bibliotecários refletiu-se sobre as suas competências, o reconhecimento profissional, a sua identificação enquanto autores/coautores, a sua autoconfiança no processo e as competências em que necessariamente o bibliotecário deverá investir. No grupo dos investigadores foram discutidas as competências que reconhecem que o bibliotecário domina, o reconhecimento que lhe atribuem (do ponto de vista técnico, científico e organizacional), a identificação do bibliotecário enquanto coautor, qual o perfil do bibliotecário a selecionar para a equipa de investigação, como o selecionariam, o papel colaborativo do bibliotecário e, por fim, que competências deve este profissional explorar para colaborar ativamente na equipa de investigação.

Descrevem-se, por fim, as Recomendações no Capítulo 6. Depois de um breve

enquadramento teórico apresentam-se as recomendações de algumas associações nacionais e internacionais, um preâmbulo de considerandos e as Recomendações de atualização e/ou renovação de competências do bibliotecário da saúde em Portugal, distribuídas por eixos estratégicos.

1 COLABORAÇÃO ENTRE O BIBLIOTECÁRIO E OS INVESTIGADORES DA SAÚDE: ESTADO DA ARTE

Poucos estudos têm explorado os padrões de colaboração entre o acadêmico e o bibliotecário sobre outros tópicos de investigação para além da biblioteca ou da Ciência da Informação (Janke & Rush, 2014). A principal exceção é a literatura médica, onde o bibliotecário colabora com alguma frequência na preparação e publicação de artigos de revisão, revisões sistemáticas e meta-análises (Dudden & Protzko, 2011; Foutch, 2016; Spencer & Eldredge, 2018; Swinkels et al., 2006). Com menor expressão, o bibliotecário também tem colaborado noutras tarefas, igualmente importantes no processo de investigação, como sejam a preparação da documentação para a atribuição de financiamentos, a redação de manuscritos ou a recolha e análise de dados (I. D. Cooper & Crum, 2013; Ketchum, 2017; Otter et al., 2017). Nestas áreas, alguns investigadores reconhecem o bibliotecário como parceiro na sua investigação, incluindo-o como autor em publicações (Borrego & Pinfield, 2020). Mas o contributo do bibliotecário como um membro interprofissional de uma equipa de investigação, conduzindo um projeto original, ainda não foi explorado.

A evolução do papel de bibliotecário académico para o de um parceiro de investigação pode ocorrer, de acordo com Borrego et al. (2018) e Grimshaw (2010), porque os investigadores procuram diversificar as suas equipas de investigação de modo a serem bem-sucedidos nos concursos internacionais das agências de financiamento.

O bibliotecário permanece ancorado no seu tradicional papel de pesquisador especializado e organizador da literatura. Este papel tem muitas semelhanças com o do bibliotecário que trabalha em equipas de investigação, que assume um especial apoio no processo de revisão sistemática. O Canadian Institutes of Health Research recomenda que se trabalhe com bibliotecários na síntese do conhecimento sobre uma matéria para que os investigadores sejam bem-sucedidos na candidatura a bolsas de investigação¹. De igual modo, a presença de um bibliotecário/especialista numa equipa de investigação a desenvolver uma revisão sistemática é explicitamente recomendada no *Cochrane Handbook*

¹ <https://cihr-irsc.gc.ca/e/46891.html> (updated 2023 June 7).

*for Systematic Reviews of Interventions*², dado considerarem que, com o contributo de um bibliotecário, são publicadas mais revisões sistemáticas, porque têm pesquisas mais robustas. De igual modo, a National Library for Health (NLH) advoga que o bibliotecário da saúde tem um papel fundamental a desempenhar na investigação no National Health System. Também um número significativo de bibliotecários britânicos desta área trabalha no Centre for Reviews and Dissemination (CRD) (2009), da Universidade de York, cuja atividade envolve principalmente a síntese de evidências. O mesmo acontece com a *Database of Abstracts of Reviews of Effectiveness* (DARE) e o *NHS Economic Evaluation Database*, ambas incluídas na Cochrane Library. Este é considerado um trabalho de ponta a nível mundial, o que demonstra o contributo do bibliotecário da saúde para a comunidade de investigadores, mas também para a área da biblioteconomia da saúde (Rossall et al., 2008). Mas outros investigadores são de opinião de que quando o bibliotecário é incorporado no contexto de investigação é ele que trabalha com investigadores *a montante* no processo de investigação. Pelo contrário, o bibliotecário integrado numa equipa de investigação realizaria uma gama de tarefas que podem não se enquadrar no que são os seus tradicionais moldes profissionais. Em ciência não se trabalha sozinho e também a intradisciplinaridade não é aceitável, pelo que o trabalho numa equipa multidisciplinar contribui para a melhoria da qualidade, validade e aplicabilidade da investigação.

1.1 EVOLUÇÃO DA PROBLEMÁTICA

A literatura tem demonstrado que o bibliotecário da saúde possui competências, muito próprias da sua experiência profissional, que o habilitam a integrar as equipas de investigação em cada etapa do processo, desde o início do projeto, providenciando uma orientação especializada sobre a gestão e a preservação de dados em conformidade com as agências de financiamento, desenvolvendo análises bibliométricas, pesquisas de informação especializadas, entre outras áreas.

² <https://training.cochrane.org/handbook/current> (updated 2023, v. 6.4).

O estudo de Swinkels et al. (2006), que envolve dois fisioterapeutas e um bibliotecário no Reino Unido, descreve e avalia o processo de colaboração entre estes três autores no seu trabalho – uma revisão sistemática da literatura sobre a hidroterapia no combate à dor. As revisões sistemáticas são abordagens rigorosas e rígidas de pesquisa de informação em saúde. Tornaram-se, por conseguinte, métodos de investigação por direito próprio, na medida em que os seus resultados desempenham um papel fundamental ao influenciar a prestação de cuidados de saúde, providenciando informação relevante para orientações clínicas e outras recomendações oficiais. De acordo com o CRD, as evidências obtidas por intermédio das revisões sistemáticas da literatura são classificadas nos níveis mais elevados na hierarquia da evidência científica.

O bibliotecário esteve presente, no artigo de Swinkels et al. (2006), no desenvolvimento da pesquisa estratégica de informação, na redação dos critérios de inclusão e de exclusão, na identificação de ferramentas de avaliação da qualidade e na apresentação dos resultados.

Na Noruega, em 2007, um estudo efetuado no Vestfold University College demonstrou que o potencial de utilização dos recursos digitais da biblioteca aumenta com o envolvimento adequado (Olsen, 2012). O seu interesse centrou-se num grupo específico de utilizadores: os investigadores. Dois anos depois a universidade resolveu investigar os efeitos da participação de um bibliotecário que colaborasse como um *research group librarian*. O projeto, financiado e com uma duração de três anos, chamava-se *Kindergarten Space, Materiality, Learning and Meaning-Making*, integrava oito investigadores a tempo parcial, dois investigadores seniores e o bibliotecário do grupo de investigação, que participou plenamente na equipa durante todo o projeto. Os resultados analisaram o impacto da colaboração do bibliotecário no trabalho prático dos investigadores, ao nível das pesquisas e da gestão de referências bibliográficas, a disseminação dos resultados do projeto, a parceria na redação de um artigo de revisão, mas também as implicações internas e organizacionais para o seu serviço de origem – a biblioteca. No estudo de Olsen (2012), a bibliotecária do projeto, demonstrou que, enquanto membro de um grupo de investigação, o bibliotecário pode ter um impacto positivo no trabalho dos investigadores, mas também ajuda a definir novos serviços da biblioteca em prol de um grupo distinto – os investigadores

(Revez, 2019). Apesar de este estudo não ter decorrido em ambiente hospitalar ou académico da área da saúde demonstra que a continuada articulação do bibliotecário com a equipa de investigação é possível e tem um impacto positivo para os envolvidos.

No estudo de Lorenzetti e Rutherford (2012), em que a primeira autora é também ela uma profissional da informação, são exploradas as condições que apoiam ou dificultam a participação dos bibliotecários em equipas de investigação multidisciplinares. Quatro bibliotecários da área biomédica, trabalhando em universidades e hospitais universitários do Canadá, participaram em entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam para uma crença coletiva de que o envolvimento na investigação multidisciplinar é uma atividade enquadrada na profissão, mas também necessária para a profissão; e que a colaboração com investigadores pode depender da análise de quatro grandes domínios (o do investigador, o do bibliotecário, o da oportunidade e o do apoio organizacional). Do lado do investigador é importante que compreenda, que procure e que valorize o contributo dado pelo bibliotecário na investigação multidisciplinar, que não limite nem exclua a sua participação nas atividades. Do lado do bibliotecário, a participação nos projetos requer um nível de conforto com a investigação. A falta de familiaridade e a sensação de que se deve aprender antecipadamente o processo, a fim de participar de forma efetiva, pode fazer com que os bibliotecários se afastem de oportunidades de participação na investigação multidisciplinar. Esta falta de confiança, até mesmo de subvalorização, nas suas capacidades pode afetar tanto a vontade como o desenvolvimento das relações académicas com investigadores de outras disciplinas. Ao nível das oportunidades, o estudo de Lorenzetti e Rutherford (2012) enfatiza a importância de serem os bibliotecários a reconhecer e a capitalizar as oportunidades: assistir a reuniões departamentais, implementar sessões de formação, desenvolver novos serviços e também frisar a importância de alocar um profissional da informação nas unidades de investigação. A proatividade não deve ser desvalorizada. Os bibliotecários devem encarar a investigação multidisciplinar como uma oportunidade de aprendizagem e de crescimento profissional. No que se refere ao apoio organizacional, a norma parece ser um apoio passivo. Os bibliotecários do estudo de Lorenzetti e Rutherford (2012) mencionaram que os seus supervisores não sabiam como passavam o seu tempo, o que parece indicar que, desde que outros compromissos sejam cumpridos, são livres de se

dedicarem à investigação. Neste caso, a investigação é um processo muito individual e isolado, porque estes bibliotecários poder-se-ão sentir muito afastados dos interesses dos restantes colegas.

Federer (2013) é de opinião que este tipo de bibliotecário tem uma designação própria – *informationist* –, que inclui bibliotecários que trabalham noutros ambientes (e.g., biomedicina, biologia, bioinformática, saúde pública ou investigação). Considera que este bibliotecário não precisa ter necessariamente uma formação especializada numa destas áreas científicas para garantir um bom desempenho, mas deve estar disponível para receber formação sobre noções básicas da disciplina em questão para assegurar pesquisas de informação eficazes. Familiarizar-se e integrar-se na comunidade de prática é, para Federer (2013), uma bibliotecária de investigação, o mais importante.

De acordo com o estudo de Rethlefsen et al. (2014), dois investigadores e um bibliotecário dos Estados Unidos, a pesquisa de informação é um processo de difícil concretização, dada a complexidade do processo de pesquisa e as restrições de tempo dos investigadores. Consideram superiormente a *expertise* do bibliotecário da saúde, mais familiarizado com a complexidade das bases de dados, e recomendam a sua colaboração no desenvolvimento de artigos de revisão.

A seleção das fontes de informação mais adequadas e o desenvolvimento das estratégias de pesquisa é um processo dinâmico e iterativo que equilibra a *expertise* e a neutralidade do bibliotecário com o conhecimento e a experiência dos investigadores de saúde. O bibliotecário está preparado para encontrar o equilíbrio entre a sensibilidade (*recall*) e a especificidade (precisão), que se alcança mediante o processo iterativo de refinar e testar continuamente a pesquisa de informação (Federer, 2013). A sua neutralidade e experiência podem ajudar a minimizar o viés no processo de revisão, a refinar a pergunta de investigação, a determinar o âmbito e a viabilidade do estudo, produzindo um resultado mais robusto e imparcial (Rethlefsen et al., 2014). A mesma objetividade do bibliotecário combinada com a experiência dos investigadores em saúde permite o desenvolvimento de um conjunto de critérios de inclusão e de exclusão que podem equilibrar o processo de recuperação dos artigos mais relevantes para a investigação.

Documentar a colaboração entre um bibliotecário e um membro da faculdade de enfermagem em contexto de investigação foi o objetivo principal do estudo desenvolvido por Janke e Rush (2014), que procuraram descrever a experiência do bibliotecário e dos membros do corpo docente de trabalhar em conjunto numa equipa de investigação interprofissional e avaliar o valor do papel do bibliotecário na equipa, do ponto de vista do bibliotecário e dos membros do corpo docente. Neste estudo de caso, que decorreu no Canadá e que procura testemunhar a experiência depois de quatro artigos publicados, o bibliotecário foi convidado a juntar-se à equipa como coinvestigador no início do processo, tendo participado na redação e revisão do pedido de financiamento antes de ter sido submetido. Num processo iterativo, o bibliotecário começou a testar estratégias de pesquisa, a fazer recomendações sobre a sua sensibilidade e especificidade e participou no desenvolvimento dos critérios de inclusão e exclusão. Sugeriu bases de dados para pesquisar e redigiu uma estratégia final de pesquisa, que circulou pela equipa para validação. Também esteve envolvido na redação do manuscrito e nas diversas versões do artigo após a revisão pelos pares. Contribuiu para a secção de métodos e assegurou o cumprimento da formatação do original antes da submissão final. A revisão pelos pares incluiu um pedido de identificação do nível de evidência dos artigos incluídos no documento final – tarefa desenvolvida pelo investigador principal e pelo bibliotecário. À medida que a análise de dados prosseguia foi repetidamente pedido ao bibliotecário que encontrasse literatura relevante para o desenvolvimento subsequente de outros manuscritos. Uma tarefa imprevista para o bibliotecário foi a recomendação de revistas para publicar. Critérios óbvios, como o fator de impacto, a indexação e o total de palavras, foram complementados com a necessidade de cumprir a política de acesso aberto estipulada pelo financiador que referia que os resultados da investigação fossem disponibilizados publicamente seis meses após a publicação. O estudo proporcionou ao bibliotecário uma oportunidade de fazer mais do que apenas facilitar a pesquisa da evidência – expô-lo ao processo que traduz a evidência em prática.

Este estudo de Janke e Rush (2014) permitiu identificar a figura do bibliotecário como uma mais-valia para a equipa de investigação, que funcionou como um membro central da equipa e não como um membro periférico. O trabalho deste bibliotecário,

incorporado na equipa de investigação, atravessou todo o processo de investigação desde a identificação da pergunta até à translação do conhecimento. Os autores concluem que o bibliotecário é uma porta de acesso às fontes do conhecimento devido à sua familiaridade com o universo da informação e do conhecimento. As aptidões deste profissional ajudaram a equipa a precisar e a focar-se. Especializado na análise e revisão de fontes diversificadas de informação, conseguiu trazer a sua perspectiva para as ideias e argumentos da equipa durante o desenvolvimento de quatro artigos. Sabia como mover-se pelas questões relacionadas com os direitos de autor e com as políticas de publicação de agências de financiamento, selecionando também revistas científicas que se encaixassem nos requisitos do financiamento. Finalmente, o bibliotecário foi um inestimável formador para os coordenadores da investigação e seus assistentes, muitos dos quais com uma formação limitada na realização de pesquisas de informação, na utilização das bases de dados da biblioteca e nos gestores de referências. Ter o bibliotecário na equipa como coinvestigador teve um impacto significativo na qualidade e no progresso do projeto. O seu contributo permitiu um ganho de tempo imensurável e facilitou o cumprimento de prazos e metas.

Neste processo, muitas vezes o bibliotecário tende a desempenhar um papel subordinado e a parceria pode ser resumida a «Nós (os investigadores) demos as palavras-chave, ele (o bibliotecário) fez-nos umas perguntas e, uma semana depois, entregou-nos uma lista de referências!» (Thomas et al., 2015). Este estudo, do Canadá, envolve quatro investigadores de oncologia, um membro de uma comissão de ética e um bibliotecário e compara a literatura recuperada por um investigador e por um bibliotecário da saúde sobre a mesma temática. O profissional da informação não só demorou menos tempo como usou bases de dados mais diversificadas na mesma área, aproveitou palavras-chave, sinónimos e operadores booleanos em proveito da pesquisa em análise e recuperou um total de artigos inferior ao do investigador e mais próximo do objetivo – sensibilidade e especificidade.

Conforme as revisões sistemáticas aumentaram em importância, também a ciência deste método se tornou mais sofisticada, exigindo maior colaboração entre o bibliotecário e os investigadores em saúde durante o processo de revisão, que se caracteriza em cinco grandes áreas: a seleção da literatura relevante, a avaliação da qualidade da informação, a extração de dados, a síntese de resultados e a classificação das evidências. Porém, apesar

das provas de que a participação do bibliotecário numa revisão sistemática melhora a sua qualidade (Koffel, 2015; L. Li et al., 2014), o seu envolvimento parece estar limitado às ciências da saúde.

O estudo de Foutch (2016) retrata a sua participação, enquanto bibliotecário académico da Vanderbilt University (EUA), numa equipa que estava a desenvolver uma revisão sistemática. Foi o próprio reitor associado do Peabody College que solicitou a sua orientação para o desenvolvimento de estratégias de pesquisa para uma revisão da literatura. Apercebeu-se que este pedido estava inserido num projeto mais amplo: o Nutrition and Behavioral Health Working Group que, por sua vez, integrava o Presidential's Council on Fitness, Sports, and Nutrition Science Board. O grupo de trabalho pretendia realizar uma revisão da literatura para um documento orientador destinado aos cidadãos, que descrevesse a associação entre a saúde mental e a nutrição, mas também uma revisão sistemática para o público académico. Neste projeto, o bibliotecário desenvolveu o protocolo de pesquisa para o tópico inicial e formulou estratégias de pesquisa baseadas nesse conceito e no *feedback* recebido dos outros membros da equipa. Fez pesquisas de teste, identificou as bases de dados de trabalho e os resultados foram validados pela equipa. Apesar de não ter formação em métodos de investigação ou na interpretação de resultados, os outros membros do corpo docente que integravam a equipa deram-lhe formação sobre como analisar um artigo. Finalizado o projeto, o bibliotecário foi incluído como coautor no artigo final e continuou a acompanhar as reuniões semanais da equipa.

Explorar a forma como os bibliotecários académicos do Canadá foram integrados na investigação do corpo docente, averiguar se tinham alguma formação sobre metodologias de investigação e se consideravam possuir as competências adequadas para desempenhar o papel de investigador foram os objetivos do estudo de Bedi e Walde (2017). Pretendia-se igualmente saber quais tinham sido as suas funções específicas no desenvolvimento dos projetos de investigação, quais eram os seus pontos fortes, o que tinham aprendido e, enquanto investigadores, como era o seu trabalho percebido pelos seus colegas e pela instituição. Os bibliotecários consideraram que o seu papel de ligação evoluiu em resultado do seu envolvimento profissional, o que lhes permitiu desenvolver meritariamente a sua ligação aos investigadores da faculdade, saber o que estão a fazer e entrar no espaço

daqueles sem representar uma ameaça. Genericamente, consideraram que agora compreendem melhor como funciona a investigação em diferentes disciplinas e que a exposição a diferentes ambientes, diferentes conteúdos e diferentes modelos de colaboração lhes permitiu a construção de novas competências. Os bibliotecários concluíram ser verdadeiramente multidisciplinares. Os resultados do estudo revelam que os bibliotecários estão em processo de transição em resultado da estreita colaboração com professores e investigadores estabelecida ao longo do seu percurso profissional. O grau de envolvimento dos bibliotecários nas várias etapas da investigação apoia a crença de Bedi e Walde (2017) de que os bibliotecários têm um contributo vital na redefinição do seu papel no ensino superior.

Por seu turno, o estudo desenvolvido por um bibliotecário, um informático e dois investigadores, no Irão (Safdari et al., 2018), teve como objetivo destacar o papel do bibliotecário como elemento essencial na investigação em saúde. Analisaram-se as perceções de investigadores e bibliotecários sobre o seu desempenho e a sua importância antes [do], durante [o] e depois do processo de investigação. Os resultados permitiram visualizar que os investigadores tinham pouca familiaridade com as novas funções dos bibliotecários e a sua perceção era compatível com o tradicional papel daqueles. No decorrer da investigação esta perceção alterou-se, assumindo os investigadores que algumas etapas poderiam ter sido destinadas exclusivamente aos bibliotecários (e.g., a definição da estratégia de pesquisa e a redação da revisão da literatura). Concluído o processo, os investigadores destacaram o importante papel dos bibliotecários na medicina baseada em evidências, enquanto aqueles evidenciaram desconhecer que algumas das suas intervenções tinham esta importância.

Utilizando uma abordagem qualitativa, o estudo de Borrego e Pinfield (2020) visou compreender a colaboração dos bibliotecários com os investigadores, a sua motivação, o benefício da parceria e o desafio enfrentado. A partir de uma pesquisa na Scopus e da identificação de trabalhos publicados em resultado da colaboração expressa entre bibliotecários e investigadores foi concebido um instrumento de inquérito sob a forma de um questionário *online* com perguntas abertas, com o objetivo de recolher dados de uma entrevista *online* assíncrona. As respostas identificaram que a atividade mais habitual entre

os bibliotecários coautores foi a escrita, especialmente a revisão e edição da publicação final. Mais de metade dos inquiridos tinha colaborado na conceptualização da investigação. Quase dois terços dos participantes tinham participado na condução da investigação ou na conceção da metodologia. Cerca de um terço tinha participado na curadoria de dados ou na preparação para a sua visualização. Os autores do estudo são de opinião que um autor deve dar um contributo intelectual original e inovador para a publicação, um contributo intelectual significativo que ajude efetivamente a moldar a investigação e a sua comunicação. No caso do bibliotecário, conceber e conduzir a pesquisa bibliográfica, gerir as referências e escrever a secção metodológica correspondente do artigo são contributos intelectuais significativos e substanciais para o trabalho. Mas, neste processo colaborativo, os bibliotecários acusaram as limitações de tempo e alguma dificuldade no cumprimento de prazos, até por que mantêm as suas outras responsabilidades. Manifestaram também alguma dificuldade em compreender claramente a questão da investigação, com algumas decisões tomadas pelos investigadores com as quais os bibliotecários não concordavam ou quando os investigadores mudavam de ideias a meio de uma pesquisa.

A pesquisa de informação pode ser um processo difícil para os investigadores. Quando se propõem realizar uma revisão sistemática ou meta-análise devem ser capazes de identificar toda a literatura relevante relacionada com um tópico específico, sem deixar para trás nenhum artigo relevante. No estudo de Nylander et al. (2021), uma equipa de dois bibliotecários e dois investigadores da área da ortoprotesia desenvolveram e validaram uma estratégia de pesquisa na MEDLINE altamente sensível para próteses de membros. Criaram uma lista padronizada de artigos revistos pelos pares sobre o tema, identificaram e incluíram revisões sistemáticas e meta-análises relevantes. Discutiram e testaram os termos mais adequados recorrendo ao *brainstorming* e exploração de cabeçalhos de assuntos médicos no MeSH Database, aplicaram operadores booleanos e truncaturas. O estudo acaba por fornecer uma estratégia de pesquisa altamente sensível (99,8%) que pode ser utilizada por investigadores na pesquisa de literatura relevante sobre próteses de membros, podendo igualmente apoiar outras pesquisas, noutras bases de dados, com um risco mínimo de perder artigos relevantes. Esta investigação, cuja autora principal é bibliotecária, é um significativo

exemplo da colaboração bem-sucedida entre a Ciência da Informação e as Ciências da Saúde (Nylander et al., 2021).

Mais recentemente, o estudo de Henshaw et al. (2024) analisou o impacto de atuação das associações profissionais canadianas, como a Canadian Health Libraries Association (CHLA), que procuram a promoção do bibliotecário enquanto parceiro na investigação em saúde, enaltecendo os seus conhecimentos especializados e os benefícios que pode trazer para projetos de investigação que envolvam a síntese do conhecimento. Analisaram o grau de inclusão do bibliotecário e sua representação ao nível dos financiamentos da investigação na área da saúde no Canadá. Escrutinaram as agências de financiamento, as autoridades governamentais no âmbito da saúde, as associações profissionais e as universidades orientadas para a investigação, na tentativa de identificar bolsas de investigação destinadas à investigação de sínteses do conhecimento e de verificar se essas bolsas mencionavam a inclusão do bibliotecário ou do profissional da informação nos seus critérios de elegibilidade. O resultado desta análise identificou apenas um financiamento que exigia um bibliotecário da saúde como membro da equipa de investigação nos critérios de elegibilidade. Mesmo que reconhecidas as suas competências ao nível da qualidade da pesquisa de informação, contribuindo substancialmente para a melhoria dos projetos de investigação, pode então assumir-se que, no caso dos estudos que envolvam sínteses do conhecimento, a maioria das agências de financiamento no Canadá não exige, recomenda ou menciona o bibliotecário como membro da equipa de investigação.

1.2 A MOTIVAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO DA SAÚDE

Um editorial do *Bulletin of the Medical Library Association*, datado de 1996, já referia que a colaboração em investigação era algo muito bom para o bibliotecário da saúde, que era uma atividade pouco dispendiosa para as organizações e que se metade dos membros da Medical Library Association (MLA) participassem, enquanto colaboradores ativos, num projeto de investigação de cinco em cinco anos, o impacto na profissão seria enorme; mesmo a colaboração num projeto de dez em dez anos já tinha efeitos positivos importantes (Humphreys, 1996).

A colaboração do bibliotecário numa equipa de investigação pode ter um grande impacto no seu desenvolvimento profissional, facilitando a aquisição de novas competências. Os inquiridos do estudo de Borrego e Pinfield (2020) referem que a parceria permitiu aos bibliotecários uma melhor compreensão das necessidades e do comportamento dos investigadores. Consideram também que as exigências dos investigadores foram um desafio constante face às suas tradicionais práticas de pesquisa, fazendo-os questionar o que fazem e porquê. Um dos bibliotecários assumiu que aproveita as novas competências e conhecimentos, que nem sabia ter, para as suas sessões de formação junto dos estudantes. Os inquiridos consideraram-se cada vez mais vistos como colaboradores, sentiam que os professores respeitavam e valorizavam o seu trabalho, que eram tratados em pé de igualdade; recebiam também diversos pedidos de colaboração de equipas de toda a universidade.

Numa vida profissional tão ocupada é provável que o bibliotecário da saúde não tenha tempo ou inclinação para desenvolver competências de investigação, ainda que algumas delas derivem da sua *expertise* profissional. Também é provável que muitos destes profissionais quando ponderam na sua formação contínua não considerem este nível de competências (Rossall et al., 2008). Mas, sempre que possível, para ajudar a desenvolver competências de investigação, encorajar e apoiar o seu envolvimento em atividades desta natureza, o bibliotecário da saúde deve procurar colaborar e envolver-se em redes de investigação, participar em fóruns de discussão, trabalhar em estreita colaboração com investigadores clínicos e académicos e procurar que o seu envolvimento ultrapasse a mera pesquisa de literatura científica.

Relativamente à questão da autoria, existe pouco consenso sobre se o bibliotecário deve ser coautor, se deve receber alguma forma de reconhecimento ou mesmo não obter qualquer crédito formal (Desmeules et al., 2016). Quando se trata de um artigo original, nem todas as revistas exigem que os autores identifiquem o contributo de cada um ou então a declaração é demasiado genérica, especialmente quando estão envolvidos poucos autores; o mesmo não acontece nos artigos de revisão, revisões sistemáticas e meta-análises.

Podem surgir dúvidas no bibliotecário que desenvolve investigação lado a lado com outros investigadores. Será também um investigador? Será um género de bibliotecário

ajudante? Será um colaborador? Lorenzetti e Rutherford (2012) creem que a negociação de uma coautoria legítima com os outros investigadores pode ser um desafio, mas que é justificável que os bibliotecários tenham uma legítima oportunidade de autoria, até por que a sua participação numa equipa multidisciplinar exigir-lhes-á um investimento significativo em tempo profissional.

Existem critérios diversos para o alinhamento e atribuição de autorias na academia, desde o uso da ordem alfabética, a prática usada na área científica, o revezamento na ordem de assinatura, mas também a política editorial das próprias revistas. Um dos inquiridos no estudo de Borrego e Pinfield (2020) confessou que esta questão não lhe dizia particularmente respeito, que até tinha contribuído como os outros autores para o artigo, mas que não tinha sido incluído como coautor; e ainda outro pediu para retirar o seu nome porque acreditava que o seu trabalho tinha sido alterado sem consentimento e não concordava com a interpretação dos dados. Por isso, a coautoria é um processo que deve ser estipulado desde o início do projeto.

Parece, no entanto, ser essencial o reconhecimento do bibliotecário enquanto autor na equipa de investigação. O International Committee of Medical Journals Editors (ICMJE, 2020)³ refere que são autores de um artigo todos aqueles que contribuíram, de forma substantiva e intelectual, para o manuscrito, assumindo a responsabilidade pelo que é publicado. São também identificados os critérios que definem a autoria e que, na ausência de um deles, se deixa de ser autor ou coautor, designadamente: a) contributos substanciais para a conceção ou *design* da obra, para a aquisição, análise ou interpretação dos dados; b) elaboração do trabalho e revisão crítica do seu conteúdo intelectual; c) aprovação final da versão a ser publicada; e d) concordância na responsabilidade por todos os aspetos do trabalho, garantindo que as questões relacionadas com a precisão ou integridade de qualquer parte do manuscrito sejam investigadas e resolvidas (ICMJE, 2020). Parece, assim, que o reconhecimento de autoria começa necessariamente na equipa de investigação, inserindo o bibliotecário, definindo a sua área de trabalho e responsabilizando-o como a qualquer outro

³ <http://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html>

coautor.

Para além do desafio de fazer algo novo e estimulante, a oportunidade de autoria pode ser um fator chave para se juntar a equipas de investigação, especialmente se o bibliotecário já tiver um estatuto académico. É uma oportunidade para aprendizagem profissional e crescimento, em vez de ser simplesmente uma ocasião para demonstrar as competências existentes. Demonstra também inovação e empreendedorismo. Os bibliotecários envolvidos em revisões sistemáticas podem manifestar satisfação pelo facto de a sua *expertise* contribuir para o desenvolvimento de um projeto dirigido por professores e investigadores, mas também aprendem e/ou melhoram as suas competências sobre as metodologias de investigação e inteiram-se sobre as tendências da investigação académica (Foutch, 2016).

A participação na equipa de investigação é um território verdadeiramente novo para os bibliotecários; os envolvidos nesta área podem de facto possuir um espírito aventureiro. Em algumas universidades pode representar um incentivo salarial baseado no mérito e associado à produtividade em investigação (Janke & Rush, 2014).

Apesar de o estudo de Zare-Farashbandi et al. (2019) visualizar algumas barreiras na colaboração entre bibliotecários e investigadores da saúde, devido à inadequação das competências dos bibliotecários, à insuficiência dos recursos humanos, à falta de apoio por parte das organizações, à atitude e à falta de compreensão das equipas de investigadores e de profissionais de saúde, bem como à falta de infraestruturas, ainda assim, crê-se que a colaboração em investigação beneficia a reputação da biblioteca e dos seus serviços. Os professores valorizarão provavelmente muito mais o bibliotecário se, para além da tarefa tradicional de gestão da informação, considerarem que a biblioteca desempenha um papel ativo na criação do conhecimento. A equipa de investigação pode beneficiar muito com a objetividade e a neutralidade do profissional de informação. Alguns dos inquiridos do estudo de Borrego e Pinfield (2020) assumiram que a sua reputação aumentou e que os investigadores os levam agora mais a sério, pedindo-lhes para rever manuscritos antes da submissão a uma revista ou o seu contributo para os materiais de uma conferência; receberam pedidos adicionais de investigadores para participar noutros projetos e publicações, convites para ensinar e dar conferências, em suma, outras oportunidades

profissionais.

O bibliotecário pode não ver sempre o seu valor apreciado, mas necessita de promover ativamente o seu valor junto das equipas de investigação. Uma sugestão de *marketing* será que o bibliotecário crie um perfil biográfico (e.g., ORCID, Publons, Mendeley e nas redes sociais académicas) que descreva as suas competências e o potencial que pode trazer para a equipa de investigação em saúde. Neste ponto, a literatura tem sido generosa na identificação de competências dominadas pelo bibliotecário da saúde, algumas destacadas nos estudos já citados e que Ketchum (2017), Rethlefsen et al. (2014) e Zare-Farashbandi et al. (2019) sistematizaram como benéficas para a investigação, a saber:

1. Define perguntas de pesquisa;
2. Perspetiva critérios de inclusão e de exclusão em revisões sistemáticas e meta-análises;
3. Realiza pesquisas preliminares de informação para uma melhor definição do âmbito de estudo;
4. Seleciona bases de dados em função de: a) conteúdos; b) plataforma/interface de pesquisa; c) termos de pesquisa; d) necessidade de literatura não indexada (literatura cinzenta);
5. Reduz a pergunta de investigação em conceitos principais e relacionados;
6. Desenvolve termos de pesquisa e sinónimos (vocabulário controlado e não controlado);
7. Executa a pesquisa;
8. Otimiza os resultados;
9. Documenta os procedimentos das pesquisas;
10. Documenta os resultados das pesquisas;
11. Gere referências;
12. Contribui para a redação do manuscrito final;
13. Executa os procedimentos relativos à curadoria dos dados de investigação;
14. Escrutina direitos de autor e de propriedade intelectual;
15. Investiga financiamentos para investigação e agências financiadoras;
16. Documenta a forma de publicação (acesso aberto, vias verde ou dourada);

17. Elucida sobre revistas e editoras predadoras;
18. Elenca revistas onde publicar em função do âmbito da investigação, dos critérios do financiamento e do fator de impacto;
19. Otimiza a divulgação do artigo publicado;
20. Demonstra conhecimentos, preferencialmente sólidos, da língua inglesa;
21. Demonstra competências de comunicação.

A colaboração de um bibliotecário da saúde nas equipas de investigação demonstra o valor da cultura de colaboração, envolve processos de tomada de decisão iterativa em que a experiência do bibliotecário se integra com a *expertise* clínica do investigador de saúde. Corroborando esta ideia, Thomas et al. (2015) são de opinião que para melhorar a qualidade dos resultados da investigação parece prudente e ético assegurar uma colaboração sinérgica entre investigadores e bibliotecários da saúde. De igual modo, Zare-Farashbandi et al. (2019) refletem sobre as vantagens de trabalhar estreitamente com um bibliotecário da saúde, o qual funcionaria como uma ponte entre as fontes de informação e os médicos e demais profissionais de saúde, investigadores, cientistas, estudantes de medicina e público em geral. Também Safdari et al. (2018) consideram que todas as equipas de investigação precisam de um bibliotecário como elemento integrante e não como um elemento secundário. Já dez anos antes, Rossall et al. (2008) afirmavam que, uma vez que o bibliotecário da saúde sedimente o seu lugar na investigação, este será seu – por inerência.

Relativamente aos artigos de revisão e às revisões sistemáticas, a literatura refere que quando um bibliotecário integra o processo, ou é um coautor especializado, as estratégias de pesquisa revelam uma qualidade significativamente mais elevada. Rethlefsen et al. (2015) afirmam ainda que os editores das revistas científicas, mas também os revisores dos manuscritos, podem encorajar as equipas de investigação a incluir um bibliotecário ou um especialista em informação numa equipa que esteja a desenvolver uma revisão sistemática ou uma meta-análise, a começar pela redação do protocolo de investigação. O viés e os erros que muitas vezes se encontram nesta tipologia de artigos prendem-se justamente porque as estratégias de pesquisa não são cuidadosamente revistas, reproduzidas e atualizadas até à publicação final. Mais recentemente, os mesmos autores voltam a afirmar que os revisores das revistas científicas não estão suficientemente familiarizados com o que

é necessário para descrever uma pesquisa de informação de forma transparente e completa, podendo introduzir o viés em revisões sistemáticas de forma inadvertida. É o bibliotecário que, com a sua experiência, pode ajudar a melhorar os pareceres nesta matéria, mas é um profissional subutilizado enquanto revisor metodológico (Rethlefsen et al., 2021). A revista *Ophthalmology* é uma das poucas que desenvolveu os seus esforços para incluir bibliotecários na equipa de avaliação por pares (T. Li & Bartley, 2014). A presença ou a ajuda de um bibliotecário da saúde nas revisões sistemáticas confere entendimento, sensibilidade, precisão, reprodutibilidade, credibilidade, validade e é um critério de qualidade (Koffel, 2015; Rethlefsen et al., 2014; Zhang et al., 2006).

Esta associação estreita no campo da saúde não parece ser ainda muito frequente – ou, pelo menos, não tem sido suficientemente descrita na literatura –, porque o bibliotecário pertence a uma profissão sem histórico de envolvimento direto na relação médico-doente. Mas do bibliotecário da saúde espera-se objetividade, imparcialidade, experiência profissional e uma abordagem interdisciplinar, características válidas para os investigadores.

2 COMPETÊNCIA

No capítulo do estado da arte referiu-se continuamente o termo “competência”. O que quer dizer o termo “competência”? Tratar-se-á de alguma característica mental, física ou comportamental do indivíduo? Ou de um produto, independente ou não da forma como se chegou a esse resultado? Procurou-se primeiramente descrever, de uma forma teórica, o significado de competência de acordo com a literatura e, seguidamente, o conceito foi alargado ao campo da saúde.

De acordo com o Dicionário Merriam-Webster, competência é a qualidade ou o estado de ser competente, de ter conhecimento, julgamento, habilidade ou capacidade suficiente para o cumprimento de uma tarefa em particular⁴. O editorial de Boyatzis (2008) afirmava que se podia definir uma competência como uma capacidade ou aptidão, como um conjunto de comportamentos relacionados, mas diferentes, organizados em torno de uma construção subjacente, que se designaria por intenção.

O Health and Safety Executive (n.d.), por sua vez, um órgão regulador nacional do Reino Unido, descreve a competência como a combinação de formação, aptidões, experiência e conhecimento possuídos pelo indivíduo e a sua capacidade de os aplicar na execução de uma tarefa. Fatores como a atitude e a capacidade física podem igualmente afetar a competência do indivíduo. Também o Conselho Europeu (2018) e a Comissão Europeia (European Commission, 2019) consideram a competência como uma combinação dinâmica de conhecimentos, aptidões e atitudes que devem ser desenvolvidas ao longo da vida, desde a mais tenra idade. Por seu turno, o CEDEFOP (2014, 2023) descreve a competência como a capacidade de mobilizar os resultados da aprendizagem adequadamente em contextos diversos e ainda a capacidade de utilizar o conhecimento, as aptidões e as capacidades pessoais e sociais também em diferentes contextos.

O Joint Research Centre, da Comissão Europeia, publicou em 2021 um relatório cujos autores afirmam que as aptidões e as competências são frequentemente invocadas pelos decisores no contexto do mercado de trabalho e dos objetivos em educação. Todavia,

⁴ <https://www.merriam-webster.com/dictionary/competence>

como estes conceitos têm significados diferentes em diferentes disciplinas, Rodrigues et al. (2021) propõem um quadro conceptual unificado para tarefas, aptidões e competências. Consideram a tarefa como a mais pequena unidade de trabalho envolvida num processo; definem a aptidão como a capacidade de realizar tarefas; e a competência é descrita como a capacidade de dominar aptidões em vários domínios.

Sendo um conceito relativo, a aptidão é um atributo do indivíduo e está necessariamente associada a uma atividade específica, em que aquele pode ser muito ou pouco hábil na execução de algo, capacidade que se pode adquirir e que pode ser melhorada por diferentes meios, principalmente através da aprendizagem e da prática (Rodrigues et al., 2021). No que se refere à competência, descrita como a capacidade de dominar aptidões em vários domínios, o estudo de Rodrigues et al. (2021) assinala uma estreita articulação entre competência, conhecimento e atitude. A construção da competência assenta em: 1) aptidões específicas e a propriedade de transferibilidade de aptidões para tarefas similares; 2) um conhecimento geral do campo de estudo que permita compreender o objeto e os processos de transformação das tarefas envolvidas, permitindo uma resposta a novas tarefas; e 3) um conjunto particular de atitudes que são benéficas para o desempenho. Constata-se, deste modo, que a competência é a capacidade manifestada pelo indivíduo para o desempenho de uma determinada tarefa e que o conhecimento é o resultado cognitivo de uma assimilação de factos, conceitos, ideias e teorias já estabelecidas sobre um objeto de estudo, podendo ser adquirido e desenvolvido em contexto formal de educação ou sob aprendizagem não formal, isto é, no local de trabalho. No que se refere às atitudes, que contribuem para um desempenho mais eficaz, não são inatas e, como qualquer traço de personalidade, podem ser aprendidas (Caspi et al., 2005). Não são de natureza cognitiva ou operacional; são de natureza psicológica, emocional, comportamental e podem evoluir ao longo da vida (Boyatzis, 2008). A este alinhamento de ideias, Weinert (2001) acrescentou a motivação, enquanto recurso pessoal de desempenho, e a capacidade cognitiva e estratégica de domínio de exigências e expectativas.

Transportando este raciocínio para o campo da saúde, Epstein e Hundert (2002) afirmam que a competência pode ser definida como a utilização habitual e criteriosa da comunicação, do conhecimento, das aptidões técnicas, do raciocínio, das emoções, dos

valores e da reflexão na prática quotidiana em benefício do indivíduo e da comunidade. O estudo de Calhoun et al. (2002) sistematiza a competência como uma aplicação efetiva do conhecimento, aptidões, atitudes e valores em situações complexas. Também Matillon et al. (2005) afirmam que a competência é uma característica individual, que agrega o conhecimento, a capacidade e a atitude que permite ao indivíduo desempenhar autonomamente uma atividade, melhorar continuamente a sua prática e de se adaptar a um ambiente em rápida mutação. Destaque-se, por fim, a revisão sistemática de Fernandez et al. (2012) que procurou descrever as diferentes concepções de “competência” na área da educação em ciências da saúde. O estudo conclui que a competência é composta pelo conhecimento, pelas aptidões e outros componentes, que os autores identificaram como sendo as atitudes e os valores, enfatizando a sinergia resultante desta combinação.

Assim, a competência é objetiva e transparente. Ter a competência “de” ou competências “para” significa que se tem a aptidão, o conhecimento e a atitude para o desempenho de algo. Na Ciência da Informação, a pesquisa de informação é uma competência relevante para o desempenho de muitas atividades. É uma capacidade cognitiva geral importante. Esta competência é uma categoria, que pode ser dividida numa lista mais refinada de itens de conhecimento e aptidões, como as estratégias de interrogação específicas utilizadas (Sieck, 2021).

2.1 COMPETÊNCIAS REQUERIDAS

Definido o termo “competência”, pretende-se seguidamente explorar a preocupação manifestada pelas principais associações profissionais nacionais e internacionais – sem esquecer algumas sociedades científicas – pelas competências que o profissional da informação em saúde deve demonstrar ou, na sua ausência, investir de modo a considerar que se trata efetivamente de um bibliotecário da saúde.

Os bibliotecários da área da saúde operam num ambiente em permanente mudança. Os avanços tecnológicos das últimas décadas e as mudanças sociais produziram um grande impacto tanto na prestação de cuidados de saúde como na gestão da informação. Esta transformação criou menos impacto no espaço físico da biblioteca de saúde, mas muito mais

sobre o bibliotecário da saúde. Durante este período de transição surgiram novos desempenhos para este profissional: o *embedded librarian*, que trabalha em equipas de cuidados de saúde, fora do contexto da biblioteca tradicional, num ambiente que permite uma estreita coordenação e colaboração com investigadores ou com o corpo docente (Carlson & Kneale, 2011); o bibliotecário clínico ou *informationist*, que trabalha em ambiente hospitalar e com as equipas de saúde; e o bibliotecário da saúde a trabalhar na área da gestão de dados (Lawton & Burns, 2015). A formação é, assim, essencial para o desenvolvimento de competências e saberes.

Na maioria das profissões da saúde, o desenvolvimento profissional contínuo é obrigatório, particularmente as que são regulamentadas. Contudo, no campo da biblioteconomia da saúde não é a norma. Sem um planeamento estruturado da formação especializada, o bibliotecário da saúde corre o risco de perder credibilidade e estatuto. A maioria das sociedades científicas e das associações profissionais de bibliotecas criou sistemas de incentivo ao desenvolvimento profissional contínuo.

2.2 A PERSPETIVA DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS

2.2.1 The Medical Library Association

A Medical Library Association (MLA) é uma organização educativa global sem fins lucrativos, com mais de 400 membros e cerca de 3.000 profissionais no campo da informação em saúde⁵. Foi criada em 1898, sendo provavelmente a mais antiga associação profissional desta área em todo o mundo. Promove a excelência na prática profissional e a liderança das bibliotecas de ciências da saúde, mas também dos bibliotecários da saúde na melhoria dos cuidados de saúde, na educação e na investigação em todo o mundo. A MLA apoia também a investigação em informação de saúde e o acesso global à informação em saúde.

Os princípios, crenças, ideais e normas da MLA são claros, de que se destacam: o uso da evidência científica na tomada de decisão em saúde; a sensibilização do grande

⁵ <https://www.mlanet.org/about-mla/> (updated 2024).

público no acesso e uso de informação de saúde credível; a aprendizagem ao longo da vida e o desenvolvimento profissional; e o desenvolvimento da investigação em informação de saúde e em medicina baseada em evidências. Na linha destes princípios, as competências destes profissionais são desenvolvidas sob diversos âmbitos de atuação⁶, designadamente: a) define competências e habilidades profissionais essenciais que podem ser observadas, medidas e ensinadas; b) disponibiliza, para a formação contínua, aulas presenciais e *online* sobre tópicos que estimulam o conhecimento de competências profissionais críticas para os bibliotecários da saúde; e c) destaca, no setor das especializações, áreas como a informação de saúde para o cidadão, centros de dados e informação sobre desastres naturais. Deste modo, o Research Training Institute da MLA proporciona aos bibliotecários da saúde oportunidades educacionais e formativas relacionadas com a investigação académica, a investigação no seu sentido mais lato e a publicação científica. Os bibliotecários são incentivados a construir a sua formação de desenvolvimento profissional, identificando competências específicas que desejem melhorar e criando o seu próprio plano de formação⁷.

De acordo com a MLA, o bibliotecário da saúde é a pedra angular da profissão porque é um profissional altamente qualificado e desenvolve uma grande variedade de papéis, designadamente: ensina os profissionais de saúde a aceder e a avaliar a informação; ajuda doentes e consumidores a encontrar informação de saúde fidedigna; relaciona recursos eletrónicos e ferramentas de decisão ao registo clínico digital dos doentes; realiza programas de sensibilização da comunidade sobre temas como a literacia da informação em saúde; concebe e gere *websites* de informação sobre saúde, blogues e bibliotecas digitais; e contribui para o desenvolvimento de novos tratamentos, produtos e serviços enquanto membro de equipas de investigação universitária e farmacêutica. Neste sentido, a MLA recomenda que seja o próprio bibliotecário a refletir sobre os critérios de desempenho para cada competência de modo a avaliar a sua *expertise* em prol da instituição que representa (Tabela 1).

⁶ <https://www.mlanet.org/professional-development/> (updated 2024)

⁷ <https://www.mlanet.org/professional-development/mla-competencies/> (updated 2024)

Tabela 1. Competências e indicadores de desempenho definidos pela MLA

Competência 1. Serviços de informação	
O bibliotecário da saúde localiza, avalia, sistematiza e fornece informação de autoridade em resposta a inquéritos biomédicos e de saúde	
Indicadores de desempenho	Avalia necessidades de informação; seleciona informação; pesquisa bases de dados e outros recursos eletrónicos; pesquisa estudos publicados ou não publicados para artigos de revisão; mantém-se atualizado face aos desenvolvimentos da informação em saúde e biociências.
Competência 2. Gestão da informação	
O bibliotecário da saúde faz a curadoria de dados e torna acessíveis os dados, a informação e o conhecimento em matéria de saúde e de biociências	
Indicadores de desempenho	Seleciona, adquire, gere, avalia e dissemina informação clínica, de saúde e de biociência; organiza recursos; conhece os direitos de autor e de propriedade intelectual; preserva e arquivia materiais impressos e digitais para registo histórico e académico; providencia o acesso a recursos vários, utilizando tecnologias adequadas; promove a comunicação de ciência em ambiente académico; implementa planos de gestão de dados.
Competência 3. Educação e formação	
O bibliotecário da saúde educa os outros em competências de literacia da informação em saúde e biociências	
Indicadores de desempenho	Desenvolve currículos utilizando metodologias formativas contemporâneas; utiliza abordagens educacionais centradas no estudante; utiliza tecnologias e métodos inovadores de educação e comunicação.
Competência 4. Liderança e gestão	
O bibliotecário da saúde gere pessoal, tempo, orçamento, instalações e tecnologia e incentiva outros a definir e cumprir objetivos institucionais	
Indicadores de desempenho	Organiza estrategicamente pessoas e recursos para servir as necessidades institucionais; cria e implementa planos estratégicos; inspira outrem num desempenho ao mais alto nível; promove a consciência multicultural, a inclusão e a igualdade na prática profissional; executa funções de responsabilidade orçamental e de administração; assegura e gere o financiamento; desenvolve e implementa melhorias para benefício do utilizador da biblioteca; identifica e defende a utilização de tecnologias emergentes; gere espaços e instalações; desenvolve e implementa estratégias eficazes de <i>advocacy</i> , <i>marketing</i> e comunicação.
Competência 5. Prática e investigação baseada em evidências	
O bibliotecário da saúde avalia estudos de investigação, utiliza a investigação para melhorar a prática, faz investigação e comunica resultados de investigação	
Indicadores de desempenho	Localiza e avalia a evidência no suporte à tomada de decisão; avalia atividades, programas, coleções e serviços utilizando metodologias baseadas em evidências; desenvolve investigação; interpreta dados e apresenta análises estatísticas de dados; comunica os resultados de investigação.
Competência 6. Profissionalismo na informação de saúde	
O bibliotecário da saúde promove o desenvolvimento das profissões de informação em saúde e colabora com outros profissionais para melhorar os cuidados de saúde e o acesso à informação sobre cuidados de saúde	
Indicadores de desempenho	Colabora com outros profissionais das ciências da saúde e promove o contributo do bibliotecário da saúde; providencia informação e aconselhamento especializado sobre questões atuais nos serviços de informação de saúde; aproveita o conhecimento que possui sobre o ambiente dos cuidados de saúde para responder às tendências em cuidados de saúde; advoga o acesso à informação em saúde; contribui para a profissão e partilha o seu conhecimento publicando, dando formação e investigando; participa e fomenta uma cultura de aprendizagem ao longo da vida.

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados da Medical Library Association⁸.

Em suma, a partir deste conjunto de competências, niveladas por um desempenho básico ou por um desempenho de *expertise*, a MLA convida o bibliotecário da saúde ao *empowerment* continuado. Localizar informação no momento certo, em resposta a questões

⁸ <https://www.mlanet.org/professional-development/mla-competencies/> (updated 2024)

de saúde ou biomédicas é o âmago do seu trabalho. É um especialista na avaliação das necessidades de informação, mas também na sua capacidade de desenvolver e organizar informação adaptada a audiências específicas. Catalogar, classificar e indexar, a que se juntou a atribuição de metadados, significa ordenar para melhorar e garantir o acesso. Os seus conhecimentos estão agora a ser aplicados também na organização dos dados de investigação, porque conhecem o valor e a forma de aplicar normas para assegurar a compreensão e a perenidade desses dados.

Mas o bibliotecário é também, por excelência, um educador. Ensina, ajuda e incentiva a que os outros sejam autossuficientes – é um pedagogo. Durante muitos anos promoveu as aptidões e ensinou as características da medicina baseada em evidências. Na atualidade precisa aplicar estas competências à sua prática profissional. Nem todos os bibliotecários da saúde são investigadores no sentido académico, mas todos têm acesso a uma variedade de dados publicados ou provenientes da sua própria organização. As novas metodologias de investigação – como a investigação baseada na comunidade, a investigação baseada em resultados e o *data mining* – podem ser muito vantajosas na avaliação do impacto das atividades do bibliotecário da saúde. E, à medida que se desenvolvem competências de investigação, poder-se-á usar, criar e partilhar evidências para melhorar a prática profissional.

A MLA não esqueceu ainda as responsabilidades pessoais de gestão do bibliotecário da saúde. As funções de gestão e a liderança institucional exigem competências para além das que são aprendidas através da educação formal. As competências de gestão e as capacidades de um líder afetam a cultura e o desempenho da restante equipa e a eficácia da instituição.

Para a divulgação da comunicação científica, a MLA edita uma revista desde 2002, o *Journal of the Medical Library Association*, uma publicação trimestral e em acesso aberto, indexada na Scopus, LISTA e Web of Science⁹. A revista é a continuação do *Bulletin of the Medical Library Association* que, por sua vez, começou a ser publicado em 1911, dando

⁹ <https://jmla.mlanet.org/ojs/jmla>

continuidade ao *Medical Library and Historical Journal*, ao *Journal of the Association of Medical Librarians* e ao *Medical Libraries*.

2.2.2 The Library and Information Association

A Library and Information Association descende do Chartered Institute of Library and Information Professionals (CILIP) desde 2017. A sua origem não é, porém, tão recente. Resulta da fusão da Library Association, fundada em 1877, com o Institute of Information Scientists, fundado em 1958. Refira-se ainda que a celebração do jubileu da Library Association, em 1927, é que, por sua vez, deu origem à IFLA.

A estratégia de desenvolvimento 2019-2024 do CILIP admite que a profissão do bibliotecário é cada vez mais identificada com um amplo leque de papéis e que as competências que lhe são exigidas estão constantemente a mudar e a desenvolver-se em resposta à evolução das necessidades dos utilizadores da informação, à evolução dos formatos e dos contextos em que a informação, o conhecimento e os dados são produzidos e utilizados. Parece então que a diversidade e a adaptabilidade das competências representam um pilar em que assenta o futuro do profissional da informação.

O CILIP está, assim, empenhado em ajudar profissionais da informação e *stakeholders* relativamente às competências e conhecimentos profissionais de que necessitam, uns e outros, agora e no futuro. Para um correto mapeamento e planeamento de carreiras criou uma ferramenta interativa que permite identificar os profissionais que trabalham em biblioteconomia, gestão da informação, dos dados e do conhecimento (Tabela 2).

Tabela 2. Diversificação das designações dos profissionais da informação (CILIP)

Information Professionals									
Librarians			Information Managers			Knowledge Managers		Data Professionals	
Public Librarians	Health Librarians	Academic & Research Librarians	Information Architects	Information Rights Managers	Analysts	Change Managers	Chief Knowledge Offices	Data Scientists	Data Analytics Managers
School Librarians	Govt Librarians	Subject Librarians	Information Governance Managers	Data Protection Officers	Cyber-security Managers	Knowledge Architects	KM Facilitators	Machine Learning Specialists	Artificial Intelligence Specialists
Library Managers & Assistants	Data Librarians	Other Librarians	Information Scientists	Taxonomy Specialists	Web Managers	Knowledge Advisers	Know-How Managers		

Fonte: CILIP¹⁰.

A estratégia de desenvolvimento do CILIP estabeleceu um conjunto de prioridades até 2024, de que se destacam: 1) posicionar a profissão como uma escolha de carreira atraente, acessível e inspiradora; 2) dotar os profissionais com competências digitais; 3) maximizar o valor do profissional intergeracional; 4) relacionar a oferta de competências à procura manifestada pelos empregadores; 5) trabalhar em parceria com *stakeholders* para assegurar o acesso a competências e ao desenvolvimento profissional contínuo; e 6) definir uma nova visão, inclusiva e progressista do “profissionalismo” do bibliotecário. Neste alinhamento, os critérios a usar para avaliação da implementação desta estratégia passam pelo profissional que demonstra competências diversificadas e representativas da sua comunidade, empregadores que criam mais oportunidades para os profissionais da informação, maior mobilidade dentro e fora da profissão e empregadores que são capazes de recrutar e reter profissionais com as competências e aptidões adequadas. Estes critérios permitem, de igual modo, demonstrar que o profissional da informação continua a melhorar as suas competências e a reciclar-se para responder às necessidades dos serviços e que as suas competências são reconhecidas e valorizadas. Todo este processo evidencia uma compreensão setorial do profissionalismo.

O CILIP aposta em diversas vias de entrada na profissão de modo a atrair e reter os talentos necessários que respondam às aptidões exigidas no futuro. Aposta também na

¹⁰ <https://www.cilip.org.uk/page/WorkforceDevelopment> (updated 2024)

articulação da aprendizagem formal com a experiência profissional, proporcionando ao bibliotecário oportunidades para adquirir competências à medida que se qualifica.

Para o profissional da informação que trabalha na área da saúde, o CILIP, por intermédio do Library and Information Research Group, desenvolveu uma parceria com a Health Education England, identificando as competências específicas exigidas ao bibliotecário que exerce neste contexto profissional. Estas competências articulam-se com as funções mais tradicionais do bibliotecário, com a gestão do conhecimento, mas também com a avaliação da informação no apoio à tomada de decisão com base em evidências. É igualmente sugerido algum conhecimento do setor da saúde e dos métodos estatísticos mais usados na área. A competência comunicacional é destacada; o CILIP refere que trabalhar a informação em saúde implica um trabalho de colaboração com outras disciplinas. Não ficaram esquecidas, por fim, as competências pedagógicas do bibliotecário da saúde que deve formar e assessorar os profissionais de saúde na utilização dos recursos e na pesquisa de informação.

2.2.3 Australian Library and Information Association

A Australian Library and Information Association (ALIA) introduziu *post-nominals* de especialização em saúde e, no âmbito de um Health Libraries Advisory Committee, foi criada uma subdivisão: a ALIA Health Libraries Australia, que representa bibliotecários e profissionais da informação que trabalham em setores diversos da saúde, incluindo hospitais, centros de investigação, agências reguladoras, empresas farmacêuticas e de biotecnologia, departamentos governamentais, serviços regionais de saúde, instituições do ensino superior, organizações comunitárias e até bibliotecas públicas¹¹.

A Health Libraries Australia define o bibliotecário da saúde como um profissional de informação do campo da saúde que trabalha dados oriundos da investigação, seja ela desenvolvida por profissionais de saúde, gestores, decisores políticos, educadores ou outros investigadores. Enfatiza que se trata de um bibliotecário especializado que contribui para o

¹¹ <https://hla.alia.org.au/history-and-archive/> (updated 2024)

desenvolvimento do conhecimento mercê da sua assessoria na consulta, pesquisa de informação e síntese de evidências; que gere o conhecimento resultante da investigação sob todos os formatos, incluindo a literatura cinzenta. A sua responsabilidade face à informação de saúde estende-se da medicina baseada em evidências até à literacia em saúde, ao ensino, à gestão do conhecimento e também à tradução de documentos, facilitando a ligação entre a tomada de decisão clínica, o desenvolvimento de políticas/diretrizes/protocolos e a investigação em saúde, ou seja, o percurso da evidência para a prática. De acordo com a Health Libraries Australia, o bibliotecário da saúde é responsável pela prestação de um serviço que é a única fonte exclusivamente dedicada, segura, permanente e fiável de informação autorizada, crítica e fundamental para as estruturas de governação de uma organização.

Neste âmbito, a formação contínua providenciada pela Health Libraries Australia compreende principalmente matérias como a pesquisa de informação para revisões sistemáticas, a metodologia *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), a comunicação académica em acesso aberto, a construção de pósteres e infográficos, entre outras¹².

Para a divulgação da comunicação científica edita uma revista, o *Journal of Health Information and Libraries Australasia*, uma publicação quadrimestral e em acesso aberto¹³.

2.2.4 Library Association of Ireland

A Library Association of Ireland foi criada em 1928 e, quatro anos mais tarde, adotou a atual designação: Cumann Leabharlann na hEireann. A sua intervenção desdobra-se em vários grupos e, entre eles, o Health Science Librarians Group (HSLG), o principal orientador de desenvolvimento profissional contínuo para bibliotecários da saúde¹⁴. Os objetivos deste grupo de trabalho passam por trabalhar em rede, colaborar e partilhar saberes, proporcionar oportunidades de desenvolvimento profissional contínuo aos seus

¹² <https://hla.alia.org.au/professional-development-education-and-training/> (updated 2024)

¹³ <https://www.johila.org/index.php/Johila>

¹⁴ <https://hslg.ie/about/membership/>

membros, desenvolver uma abordagem baseada em evidências para a prática profissional e promover e defender a profissão. Não existe qualquer certificação específica para o bibliotecário da saúde (Lawton & Burns, 2015). Porém, analisando as formações divulgadas nos anos mais recentes constatam-se algumas preocupações relacionadas com os cuidados de saúde assentes na evidência científica e com a qualidade das revisões sistemáticas.

Para a divulgação da comunicação científica, a Library Association of Ireland edita, conjuntamente com o CILIP, uma revista, a *An Leabharlann*, uma publicação semestral e em acesso aberto, indexada na LISTA¹⁵.

2.2.5 European Association for Health Information and Libraries

Depois de três anos de intenso trabalho para a viabilização de uma associação que, no plano europeu, assegurasse o que o International Congress of Medical Librarianship realizava a nível mundial, nasceu em Brighton, em 1987, a European Association for Health Information and Libraries (EAHIL). Esta é uma associação que reúne bibliotecários e profissionais de informação que trabalham em bibliotecas médicas e de ciências da saúde em toda a Europa, mas também dos Estados Unidos, Canadá, Irão, Austrália ou Índia. A sua missão destaca o apoio ao desenvolvimento profissional, a melhoria da cooperação e o intercâmbio de experiências entre os seus membros, em estreita cooperação com outras associações, organizações e instituições internacionais. Trata-se de uma associação particularmente ativa, gratuita para os seus membros (que anualmente devem validar a sua continuidade na profissão), que todos os anos realiza um *workshop* ou uma conferência que reúne mais de 500 bibliotecários da saúde e promove uma intensa comunicação através das listas de discussão dos seus membros. O estatuto da EAHIL é particularmente relevante pelo facto de, enquanto associação, integrar o conselho editorial da revista *Health Information and Libraries Journal*.

O desenvolvimento profissional na EAHIL é ativamente promovido pelos grupos de interesse (os Special Interest Groups – SIG), os quais em muito contribuem para o

¹⁵ <https://www.libraryassociation.ie/an-leabharlann/>

impacto da EAHIL junto dos profissionais da informação em saúde porque os encorajam a interessar-se por assuntos profissionais. Atualmente estão em funcionamento os grupos de interesse da formação e desenvolvimento profissional, avaliação e métricas, informação baseada na evidência, termos *Medical Subject Headings* (MeSH), informação de saúde pública, farmacologia e veterinária.

O grupo de interesse da formação e do desenvolvimento profissional é recente e designa-se por Training, Education and Development for Medical Information and Library Professionals (TrEDMIL). Criado em 2017, identifica e proporciona oportunidades de formação, tanto para os recém-chegados à profissão como para os profissionais que precisam de atualizar e desenvolver as suas competências e conhecimentos. Subdivide-se em três subgrupos: educação pós-graduada, desenvolvimento profissional contínuo e quadro de competências. A educação pós-graduada apoia instituições de ensino superior no desenvolvimento de um programa de qualificação formal em biblioteconomia médica ou similar. A identificação de padrões de formação e de competências profissionais nas vertentes da gestão de dados de investigação e da especialização em revisões sistemáticas refletem a formação agendada até 2023¹⁶. O desenvolvimento profissional contínuo concentra-se em módulos de atualização de conhecimentos, em formato de *webinar*, tendo sido privilegiados conteúdos da Cochrane Library, da importância dos artigos de revisão e de filtros nas pesquisas de informação. Relativamente ao quadro de competências, este é essencial para a prossecução das tendências e metas dos programas de pós-graduação e de desenvolvimento profissional contínuo. A inspiração para a construção do quadro de competências da EAHIL e dos bibliotecários europeus da saúde reside nos referenciais da MLA, da ALIA, do CILIP e da Association of Academic Health Sciences Libraries (AAHSL).

Assim, os *workshops* e as conferências anuais da EAHIL disponibilizam sempre, para além da disseminação de trabalhos de investigação realizados pelos participantes, um ou dois dias exclusivamente para a formação contínua. Em 2022, em Roterdão, discutiram-se conteúdos como: *guidelines* de pesquisa de informação; a eficiência em pesquisas para

¹⁶ <http://cahil.eu/sig-2/training-education-development-group/> (updated 2024)

revisões sistemáticas; *next-generation metrics*; o papel das bibliotecas da saúde e a COVID-19; recursos educacionais abertos; o papel das bibliotecas acadêmicas e hospitalares na gestão de um CRIS (*Current Research Information System*); a otimização de estratégias de pesquisa face a recursos em acesso aberto; a PubMed; a atualização das revisões (da literatura e de artigos); e os processos automatizados no desenvolvimento de revisões sistemáticas¹⁷. No Verão de 2024, em Riga, e sob o lema *Small Step and a Giant Leap: reorienting towards a new environment*, discutiu-se a modulação e gamificação no processo educacional assegurado pelo bibliotecário; as competências do bibliotecário na formação dos investigadores, no apoio à realização de revisões sistemáticas, na gestão e curadoria dos dados de investigação, nos modelos de publicação científica e acordos transformativos, na gestão de repositórios, programas de anonimização de dados e planos de gestão de dados; também o *big data* e os processos automatizados da inteligência artificial e do *machine learning* não foram esquecidos¹⁸. Por fim, destaque-se que a formação especializada que caracteriza o primeiro dia dos eventos científicos da EAHIL é dedicada ao investimento de competências na área das revisões sistemáticas¹⁹.

Para a divulgação da comunicação científica, a EAHIL edita uma revista, o *Journal of EAHIL*, uma publicação trimestral e em acesso aberto²⁰.

2.2.6 Canadian Health Libraries Association

Em 1976 nasce a Canadian Health Libraries Association/Association des Bibliothèques de la Santé du Canada, decorrente do esforço do Canadian Group of the Medical Library Association e da Canadian Association of Special Libraries and Information Services. Esta associação visa a construção de uma comunidade canadiana de profissionais da informação em saúde enquanto parceiros relevantes para a melhoria da saúde, dos cuidados de saúde, da investigação e da educação para a saúde.

¹⁷ <https://eahil2022.nl/program/> (updated 2022 June)

¹⁸ <https://eahil2024.rsu.lv/theme-subthemes> (updated 2024)

¹⁹ <https://eahil2024.exordo.com/programme/sessions/2024-06-11> (updated 2024)

²⁰ <https://ojs.eahil.eu/JEAHIL>

A CHLA pretende reforçar e alinhar as ofertas formativas com uma estratégia curricular abrangente. Por esse motivo, a formação contínua desde 2022 contempla *webinars* e *workshops*, acreditados por três anos, e envolve temáticas como os direitos de autor, revisões sistemáticas, editoras predadoras, ferramentas de *text mining* e escrita científica²¹.

Em 2020 foram publicados os *Standards* da CHLA (Fрати et al., 2020), documento que atualiza as recomendações de 2006 e cujos conteúdos pretendem minimizar o desfasamento temporal e estrutural das bibliotecas, dos profissionais da informação e das instituições de saúde. Este documento, que segue de perto as diretrizes da americana MLA, reforça a importância dos serviços prestados pelos bibliotecários da saúde na produção científica e na qualidade da investigação, particularmente na realização da síntese do conhecimento e na eliminação do ruído na informação de todas as disciplinas da saúde, incluindo a medicina, a enfermagem, a reabilitação, entre outras.

Entre outras recomendações, os *Standards* assinalam claramente a formação que o bibliotecário deve providenciar no campo da literacia da informação, em que se inclui a prática baseada em evidências, a formulação de perguntas de investigação, os níveis de evidência da informação recuperada em pesquisas, a literacia em saúde, a informação aos doentes, sem esquecer a sua presença permanente *online*, ou seja, uma total disponibilidade para quem dele precisa. Por essa razão, o bibliotecário é responsabilizado na identificação e prossecução de uma aprendizagem contínua, que melhore os seus conhecimentos e as suas competências; neste processo, a inspiração da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) é notória (Varleys, 2016).

Os *Standards* assumem que níveis de trabalho mais exigentes só podem ser prestados com as competências necessárias e que estas competências só são alcançadas com anos de experiência e certificações adicionais à formação académica. Se se pretender do bibliotecário um nível de prestação mais elevado (e.g., pesquisas de informação para revisões sistemáticas e sínteses do conhecimento) é necessário que tenha oportunidades de desenvolvimento profissional e de formação contínua. Assim, a CHLA advoga a

²¹ https://www.chla-absc.ca/continuing_education.php (updated 2022)

aprendizagem ao longo da vida não só para a obtenção de competências especializadas, mas também para acompanhar as atualizações na gestão dos cuidados de saúde e da informação de saúde.

Para a divulgação da comunicação científica, a CHLA edita uma revista, o *Journal of the Canadian Health Libraries Association*, desde 2004, uma publicação quadrimestral e em acesso aberto, a qual está indexada na Scopus, CINAHL, LISTA e na Web of Science (via Emerging Sources Citation Index)²².

2.2.7 Association of Academic Health Sciences Libraries

A Association of Academic Health Sciences Libraries (AAHSL) apoia as bibliotecas e os diretores de bibliotecas académicas das ciências da saúde na promoção da missão de cuidados aos doentes, investigação, educação e serviços à comunidade dos centros de saúde académicos, mediante o conhecimento especializado em informação de saúde, comunicação académica e gestão do conhecimento. Inclui as bibliotecas das escolas de medicina acreditadas nos Estados Unidos e no Canadá, bem como outras bibliotecas e organizações cujo âmbito de atuação é o da gestão da informação e do conhecimento no contexto dos cuidados de saúde.

Sediada em Seattle, a AAHSL foi fundada em 1977 enquanto Association of Academic Health Sciences Library Directors, tendo como missão, e em cooperação com instituições de ensino, agências governamentais e organizações sem fins lucrativos, a promoção das bibliotecas académicas de ciências da saúde localizadas nos Estados Unidos e além fronteiras, através de publicações, da investigação e da discussão de problemas e preocupações mútuas para benefício das suas comunidades académicas (Jacobson, 2003).

Em 2014, a análise das competências em que se espera que os médicos internos manifestem proficiência levou as escolas de medicina a questionar se os seus currículos preparavam eficazmente os estudantes de medicina, principalmente as competências associadas à formulação de questões clínicas, à recolha de evidências e à avaliação da

²² <https://journals.library.ualberta.ca/jchla/index.php/jchla/index>

relevância da informação de saúde. Era claramente uma oportunidade para o bibliotecário da saúde se envolver no currículo da educação médica, ainda que algumas bibliotecas já tivessem essa experiência tanto ao nível da formação graduada como da pós-graduada. Enquanto defensora das bibliotecas acadêmicas das ciências da saúde, esta foi a oportunidade de a AAHSL emitir oficialmente uma declaração para apresentar à Association of American Medical Colleges e ao Accreditation Council for Graduate Medical Education, descrevendo o contributo do bibliotecário da saúde para a educação médica baseada em evidências. Permitiu também à AAHSL reforçar o seu papel como parceiro educacional neste esforço transformacional e acrescentar valor ao conhecimento da educação médica baseada em competências junto das escolas médicas empenhadas na reforma e na renovação curriculares. Este processo, inspirado na *Framework for Health Information for Higher Education*, da Association of College and Research Libraries (ACRL) (ACRL Board, 2016), consubstanciou-se num documento inspirador – o *Health Information Literacy Competencies Map*, editado em 2018 (Brennan et al., 2020). Para além de servir de vocabulário, o mapa de competências identifica lacunas e oportunidades para aperfeiçoar as expectativas académicas dos *standards* do ensino médico graduado e pós-graduado com os elementos constitutivos do ensino da literacia da informação.

2.2.8 Association for Health Information and Libraries in Africa

Em 1984 nasce a Association for Health Information and Libraries in Africa (AHILA) com o objetivo de liderar a promoção do acesso e uso da informação de saúde em África. Para tanto, encorajar o desenvolvimento profissional do bibliotecário da saúde tornou-se uma prioridade de modo a garantir o acesso a informação atualizada e relevante, promover a partilha de recursos e o desenvolvimento e normalização de bases de dados de saúde no continente africano.

Data de 2011 a formalização do curso *Finding, Organizing, and Using Medical Information*, em resultado do compromisso assumido com a National Library of Medicine (NLM), dos Estados Unidos, para o reforço da formação e divulgação da informação de saúde em África. O objetivo foi desenvolver um conjunto de competências entre os

bibliotecários do Mali, Moçambique, Nigéria, Quénia, Uganda, Zâmbia e Zimbabué, no formato de um curso a integrar na estrutura curricular das escolas médicas destes países. Os módulos de formação incluíram as fontes de informação, as ferramentas de pesquisa, as técnicas de pesquisa de informação eletrónica, os direitos de propriedade intelectual, a gestão de informação, a avaliação da informação e as competências na comunicação académica. Cada um dos módulos é devidamente fundamentado; os objetivos e os resultados de aprendizagem são claros; os conteúdos por módulo destacam o método a seguir e a avaliação expectável; identificam-se os produtores de informação; finalmente, são exaustivos os exemplos de exercícios. Apesar de não serem conhecidos outros exemplos tão completos junto dos bibliotecários africanos, este é um projeto de destaque pelo rigor e pela abrangência de conteúdos.

2.3 A PERSPETIVA DAS SOCIEDADES CIENTÍFICAS

2.3.1 International Federation of Library Associations and Institutions

A International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) é uma organização independente, internacional, não governamental e sem fins lucrativos, que promove os interesses das associações de bibliotecas e de informação, das bibliotecas, dos serviços de informação e dos bibliotecários de todo o mundo. Nasceu em 1927 na Escócia, durante uma conferência internacional. Promove elevados padrões de prestação de serviços na área das bibliotecas, da informação e da prática profissional, bem como o acesso, a proteção e a preservação do património cultural documental. Para a concretização deste objetivo, a IFLA investe na melhoria da educação profissional, no desenvolvimento de normas profissionais, na divulgação das melhores práticas e no avanço do conhecimento científico e profissional. Destaca-se o núcleo associado à informação em saúde – a Health and Biosciences Section²³. Em tempos de pandemia, esta secção desenvolveu uma colaboração estreita com a equipa de gestão infodémica da Organização Mundial da Saúde, estando prevista a elaboração conjunta de um livro branco sobre a natureza mutável da

²³ <https://www.ifla.org/news/looking-ahead-on-health/> (updated 2022 January 12).

literatura em saúde. Encoraja, por conseguinte, o bibliotecário da área da saúde a participar ativamente nesta iniciativa dada a sua *expertise*.

Sob o patrocínio da Health and Biosciences Section foi criado um grupo de trabalho, o IFLA Evidence for Global and Disaster Health (E4GDH) Special Interest Group²⁴, que promove e reforça o papel desempenhado pelos bibliotecários em tempos de catástrofe e em resposta aos desafios da saúde global e que, em março de 2020, criou uma rede de profissionais da informação voluntários para responder a pedidos de informação sobre saúde pública durante os primeiros dias da pandemia COVID-19. Um dos principais parceiros neste trabalho é a HIFA (*Healthcare Information for All*), cujos membros incluem profissionais de saúde, editoras e decisores políticos.

Para a divulgação da comunicação científica, a IFLA edita uma revista, o *IFLA Journal*, desde 1975, uma publicação trimestral subscrita e alojada na plataforma da Sage, a qual está indexada na Scopus, LISTA e Web of Science²⁵.

2.3.2 Workforce, Training and Education Directorate

A Workforce, Training and Education Directorate nasceu da experiência do Health Education England, que era um organismo público executivo não departamental, criado em 2012, no Reino Unido, dentro do Department of Health and Social Care. Em fevereiro de 2023, o Health Education England foi agregado ao National Health Service (NHS), tendo adotado a designação de Workforce, Training and Education Directorate.

A Workforce, Training and Education Directorate apoia a prestação de cuidados de saúde de qualidade, assegurando que a força de trabalho tenha as competências, os valores e os comportamentos adequados, no momento e lugar certos. Neste âmbito, propôs-se implementar uma academia de aprendizagem como um centro de excelência para todos os profissionais de informação e para aqueles que dominam o conhecimento em saúde (Health Education England, 2021). Entre outras competências, esta academia explora a

²⁴ <https://www.ifla.org/units/health-and-biosciences-libraries/> (updated 2022)

²⁵ <https://journals.sagepub.com/toc/IFL/current>

oferta de competências e qualificações acreditadas, promovendo o desenvolvimento de competências digitais e procurando colmatar as carências e as lacunas de competências dos profissionais da informação.

A Workforce, Training and Education Directorate considera o bibliotecário da saúde um especialista do conhecimento, porque viabiliza o acesso à evidência científica, mas também ajuda os investigadores na translação do conhecimento para a difusão e adoção da inovação. Ao assistir e ao providenciar as pesquisas de informação aos investigadores, o bibliotecário poupa-lhes tempo e contribui para a melhoria dos resultados. As suas competências profissionais permitem-lhe identificar a evidência científica, as boas práticas e a inovação; realiza pesquisas de informação e prepara a revisão da literatura; promove e gere recursos digitais de informação; aconselha e oferece consultoria; promove competências para a partilha de boas práticas e da literacia em saúde; entre todas as outras habilidades, como a gestão de coleções, de repositórios e recursos da intranet. Este apoio tão específico permite aos profissionais de saúde e aos investigadores o cumprimento do dever estatutário de integrar a evidência científica na investigação (NHS, 2012). Deste modo, a Workforce, Training and Education Directorate trabalha estreitamente com a comunidade de investigadores do NHS, promovendo as competências e os conhecimentos do bibliotecário da saúde na realização de revisões da literatura e trabalhando conjuntamente com equipas de investigação (Health Education England, 2021).

Programas como o do curso *online How to search the literature effectively* têm primado por uma grande procura. É uma formação desenvolvida pelos bibliotecários da saúde, concebida num formato de módulos curtos para ajudar investigadores e profissionais de saúde a adquirir competências e confiança na pesquisa da literatura publicada, artigos relevantes para o seu trabalho e investigação. Cada módulo não ultrapassa os vinte minutos, duração que permite a profissionais assoborbados atualizar os seus conhecimentos, ajudando-os a identificar fontes de informação, construir estratégias de pesquisa, desenvolver e aplicar competências de pesquisa²⁶.

²⁶ <https://www.e-lfh.org.uk/programmes/literature-searching/> (updated 2024)

3 MÉTODO

Os estudos quantitativos são ótimos para responder ao quanto, mas não ao como dos fenômenos. (...) [Os estudos qualitativos] são fundamentais para conhecer o impacto do que dizemos e do como dizemos.

Nunes, J. M. (2024, pp. 186-187)

O estudo segue uma metodologia mista para uma resposta mais ampla ao problema e porque as abordagens quantitativa e qualitativa podem ser complementares. A combinação de métodos qualitativos e quantitativos pode ser uma conceção útil para um projeto de investigação porque os conhecimentos obtidos com cada método são diferentes (Connaway & Radford, 2017; Denzin & Lincoln, 2017). A investigação com métodos mistos, integrando métodos qualitativos e quantitativos num só estudo, não é comum na Ciência da Informação e, de acordo com Fidel (2008), não tem sido muito discutida na literatura desta área de estudos. Embora se trate de uma metodologia em permanente evolução, é muito utilizada nas ciências sociais e comportamentais há mais de quatro décadas, sendo considerada a terceira abordagem de pesquisa, juntamente com as abordagens quantitativa e qualitativa (Chu, 2015).

Os métodos quantitativos baseados em questionários ou inquéritos são sempre abrangentes, mas podem ser mais superficiais no que se refere a experiências. Porém, a recolha de dados quantitativos pode fornecer um interessante ponto de partida para a formulação de entrevistas assentes em contributos mais profundos e pessoais.

Os métodos qualitativos são escolhidos quando um projeto é definido para explorar uma questão em profundidade e para saber mais sobre significados e entendimentos de um assunto. Incluem entrevistas, grupos focais, observações, a participação de observadores, entre outros. A entrevista semiestruturada, em que o investigador utiliza um guião durante a entrevista, é um dos processos mais usados (Brown, 2018; Connaway & Radford, 2017). O guião é frequentemente dividido nos temas que o investigador está interessado em cobrir durante a entrevista, mas a sequência quer das perguntas quer dos temas não é fixa. A

entrevista desenvolve-se como uma conversa e, no seu desenrolar, podem ser introduzidos novos temas. Na atualidade, as entrevistas são gravadas e, posteriormente, são transcritas e validadas pelo entrevistado. Denzin e Lincoln (2017) definem o próprio ato de transcrição como uma interpretação, ou seja, um ato analítico. A transcrição da entrevista permite ao investigador acompanhar a forma como o entendimento evoluiu durante a entrevista realizada. Da mesma forma que o investigador tem o poder de conduzir a conversa, também tem o poder de decidir posteriormente sobre a análise dos conteúdos discutidos. Criada a transcrição, validada a transcrição, a análise das entrevistas continua.

3.1 ABORDAGEM QUANTITATIVA

3.1.1 Procedimentos

Desenvolveu-se, em primeiro lugar, a abordagem quantitativa.

Identificaram-se as bibliotecas académicas e hospitalares/clínicas, a partir do Diretório disponibilizado pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas, Profissionais da Informação e Documentação (BAD)²⁷ e do Repertório disponibilizado pela Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde (APDIS)²⁸. As bibliotecas foram contactadas por correio eletrónico em junho/2022, convidando os seus coordenadores a responder a um questionário sobre a auto percepção dos bibliotecários das suas competências quando convidados a participar em equipas de investigação em saúde. O convite foi renovado em setembro/2022, também por correio eletrónico e telefonicamente (*cf.* Apêndice I).

Relativamente aos investigadores, procurou-se que a amostra seletiva e não-probabilística fosse composta por um conjunto de investigadores que representam o universo multidisciplinar das ciências da saúde – as especialidades médicas e as ciências afins, como a sociologia da saúde, bioestatística, bioquímica, biologia, etc. Para este grupo, os conteúdos do questionário sofreram pequenas adaptações sobre as que consideravam ser

²⁷ <https://diretorio.bad.pt/>

²⁸ <https://apdis.pt/recursos/rbas/>

as competências que os bibliotecários deviam possuir para uma eficaz colaboração em equipas de investigação em saúde. Os investigadores foram também contactados por correio eletrónico e nos mesmos períodos (junho e setembro de 2022).

3.1.2 Etapas de desenvolvimento do Questionário

O questionário resulta da adaptação de instrumentos previamente construídos por Bedi e Walde (2017) e Borrego e Pinfield (2020). Beneficiou dos contributos da literatura científica sobre as competências manifestadas pelos bibliotecários que colaboram na investigação da área da saúde (Esmailzadeh et al., 2020; Rethlefsen et al., 2014). Também as associações profissionais e sociedades científicas internacionais refletiram sobre estas competências, as quais traduziram em formações específicas e em padrões de desenvolvimento da profissão, a saber: MLA, EAHIL, CHLA, CILIP, ALIA, IFLA, AAHSL, Library Association of Ireland e AHILA.

A construção do questionário considerou um conjunto de afirmações, de modo a aferir o grau de concordância dos dois grupos em estudo: o dos bibliotecários e o dos investigadores. O objetivo foi, a partir do posicionamento de cada grupo, segmentar os dados recolhidos e refletir sobre a temática.

O questionário foi desenvolvido em três etapas sequenciais: o estudo-piloto, o pré-teste e a estabilização do instrumento.

Na primeira etapa, a do estudo-piloto, foi trabalhada uma versão provisória resultante da revisão da literatura e dos estudos citados, adequada ao objetivo principal do projeto e assente num conjunto de afirmações (itens), avaliadas numa escala *Likert* com oito níveis de resposta (1. *Discordo completamente*; 2. *Discordo*; 3. *Discordo parcialmente*; 4. *Não concordo nem discordo*; 5. *Concordo parcialmente*; 6. *Concordo*; 7. *Concordo completamente*; 8. *Não sabe/Sem opinião*), que resultam da identificação de um conjunto de dimensões e subdimensões relevantes de competências no âmbito da formação de bibliotecários.

O estudo-piloto foi testado numa amostra de três investigadores (especialistas em

métodos, estatística e farmácia) e três bibliotecários da área da saúde.

Na sequência do estudo-piloto foram eliminados itens considerados redundantes, melhorada a escrita e definido o tempo médio de resposta. A análise dos peritos destacou os seguintes aspetos:

- 1) Adequação da escala. A escala *Likert* terá sete níveis de resposta, tendo sido eliminado o nível NS/SO (Não sabe/Sem opinião).
- 2) Adequação de conteúdos. Sugestões:
 - a) Corrigir o vocabulário usado na Introdução do questionário e no Consentimento Informado;
 - b) Eliminar a expressão *thesauri* da pergunta 4.7, porque integra o vocabulário biblioteconómico e poucos investigadores da saúde conhecem o seu significado;
 - c) Corrigir, na pergunta 5.6, a expressão «medicina baseada em evidências» para «prática baseada em evidências», porque muitos dos investigadores questionados não serão necessariamente médicos;
 - d) Usar de coerência na apresentação dos formatos de salvaguarda de dados (pergunta 6.1): ris, bibtex, csv, etc.;
 - e) Inserir no item 7.3 (Saber traduzir o PICO numa estratégia de pesquisa) a descrição do acrónimo;
 - f) Sugerir, na pergunta 7.5, em vez da metodologia PRISMA-S enquanto *guideline* de reporte de revisões sistemáticas, a utilização do AMSTAR como *guideline* de avaliação metodológica ou mesmo o ROBIS;
 - g) Eliminar a pergunta 7.6 (Conhecer taxonomias de níveis de evidência científica – STROBE) pelo seu uso em estudos observacionais;
 - h) Inverter a ordem das perguntas 8.1 (Conhecer e aplicar diferentes estilos de citação) e 8.2 (Saber citar e referenciar);
 - i) Incluir o CiteScore na pergunta 9.2 (Saber ler o fator de impacto das revistas científicas);
 - j) Eliminar o item 9.4 (Saber apurar o índice *h* das revistas científicas) pela possibilidade de ser confundido com o item 10.4 (Saber apurar o índice *h*

- de autores);
- k) Aglutinar as perguntas 9.5 (Ter conhecimentos sobre as vias dourada e verde nas publicações científicas) e 9.6 (Ter conhecimentos sobre revistas híbridas);
 - l) Apresentar exemplos na pergunta 10.2 (Saber criar perfis de investigador em redes sociais para investigador);
 - m) Eliminar a pergunta 10.3 (Saber apurar o fator de impacto das revistas científicas) pela associação com a pergunta 9.2 (Saber ler o fator de impacto das revistas científicas);
 - n) Enquadrar a introdução das questões com «Fazem parte das competências do bibliotecário...», como uma medida mais sensível a estas diferentes/semelhantes perceções. Na medida em que parece registar-se alguma desejabilidade de que o bibliotecário possua tantas competências quanto possível, a maioria das respostas pode inclinar-se para os níveis 6 e 7.
- 3) Adequação ao objeto de estudo. Inserir um item relacionado com o objeto de estudo e dirigi-lo aos dois grupos em análise. Sugestão:
- a) Da sua perceção, enquanto investigador/bibliotecário, concorda com a colaboração dos bibliotecários em equipas de investigação em saúde?
- 4) Adequação gráfica *online*. Sugestões:
- a) Apresentar, em cada nível de resposta, o descritor de cada nível de resposta (1. *Discordo completamente*; 2. *Discordo*; 3. *Discordo parcialmente*; 4. *Não concordo nem discordo*; 5. *Concordo parcialmente*; 6. *Concordo*; 7. *Concordo completamente*);
 - b) Enumerar todas as perguntas;
 - c) Distribuir os conteúdos em mais páginas, de modo a evitar uma visualização pesada do questionário.

A segunda etapa de construção do questionário, o pré-teste, operacionalizou e confirmou o trabalho resultante da primeira etapa. O pré-teste foi dirigido a quatro investigadores e a dois bibliotecários. Dois dos investigadores e um dos bibliotecários já

tinham participado no estudo-piloto. Também, dos seis respondentes, dois não pertenciam ao campo da saúde; o objetivo foi alargar a perspetiva e obter, externamente, a visão e o contributo de um investigador e de um bibliotecário de outras áreas do conhecimento.

O principal contributo resultante do pré-teste está associado à perceção dos respondentes de que os itens demonstram uma desejabilidade de competências que conduzirá a uma maioria de respostas entre o 5 (*Concordo parcialmente*) e o 7 (*Concordo completamente*), o que pode gerar um viés. Ponderou-se, deste modo, a conversão de alguns dos itens recorrendo à técnica do *reverse question*. A literatura, porém, não é homogénea na aplicação desta técnica.

Existem quatro razões fundamentais para desencorajar a combinação de itens regulares e invertidos no mesmo teste (Suárez-Alvarez et al., 2018). A primeira razão é que o processo cognitivo utilizado pelos respondentes para cada tipo de item não é necessariamente o mesmo. Do ponto de vista psicológico, a compreensão de um item invertido necessita de sólidas competências linguísticas. Ora, o viés desaparece quando a compreensão verbal é controlada. Por conseguinte, a combinação de itens regulares e invertidos deve ser acompanhada de uma justificação para as possíveis diferenças verificadas nos processos cognitivos dos participantes. A segunda razão é que a combinação de itens regulares e invertidos no mesmo teste diminui a variabilidade das respostas e beneficia quem usufrui de melhores capacidades verbais, porque a construção do instrumento pode ser contaminada por variáveis com pouca relação para o objeto de avaliação. A terceira razão é que as propriedades psicométricas do teste são substancialmente piores quando itens regulares e invertidos são combinados no mesmo teste; neste caso, a precisão do teste e o poder discriminatório dos itens diminuem (Chiavaroli, 2017; Józsa & Morgan, 2017; Salazar, 2015). A quarta razão é que se registam diferenças estatisticamente significativas nas pontuações médias quando os itens são regulares, invertidos ou combinados. Por exemplo, as pontuações mais elevadas podem ser vistas nos itens invertidos, seguidos dos combinados e só então dos regulares. Estes resultados podem estar relacionados com o viés de confirmação, o que é consistente com a forma como o item foi redigido (Davies, 2003).

Em suma, e de acordo com Suárez-Alvarez et al. (2018), a estratégia de utilizar

itens regulares e invertidos combinados num único teste pode ter significativas consequências negativas, como: a) a precisão deficiente da medição do instrumento; b) a unidimensionalidade na interpretação do instrumento pode ser comprometida por fontes secundárias de variação; c) a variação da forma combinada é reduzida; d) a pontuação dos respondentes difere significativamente da obtida em testes em que os itens são redigidos de forma semelhante; e e) as respostas são influenciadas pelas competências verbais dos respondentes.

Deste modo, da análise e reflexão do estudo-piloto e do pré-teste resultou a terceira etapa: a estabilização do instrumento. Este foi desenvolvido e consolidado num formulário *forms* da Microsoft™, com respostas possíveis quer através do computador quer de dispositivos móveis (*cf.* Apêndice II).

3.1.3 Análise estatística

Foi realizada uma análise de estatística descritiva. Para caracterização da amostra recorreu-se à análise de frequências (n , %) e foram definidos: média; desvio-padrão; mediana; mínimo e máximo; percentagem de respostas positivas; cálculo de *score* por dimensão e subdimensão; e coeficiente de variação entre bibliotecários e investigadores. Para a análise dos dados, as informações obtidas foram armazenadas num ficheiro Excel e analisadas posteriormente de forma descritiva no *software* estatístico SPSS, v. 27.0, para *Windows*.

3.1.4 Caracterização geral do Questionário

O questionário é constituído por cinco grandes blocos. O primeiro bloco compreende as competências gerais, que consideram as dimensões das competências de comunicação e da ética profissional. O segundo bloco compreende as competências básicas, que formam uma dimensão única. O terceiro bloco compreende as competências especializadas, em que foram consideradas seis dimensões (recuperação e avaliação de

recursos de informação; uso de *software* de investigação; apoio à investigação; literacia em matéria de propriedade intelectual; literacia das publicações científicas; e métricas e métricas alternativas). O quarto bloco analisa as perceções do investigador e do bibliotecário. O quinto bloco descreve a mostra numa caracterização sociodemográfica, que contempla informação pessoal e profissional.

O questionário é iniciado com uma nota introdutória, em que se apresenta o projeto (*cf.* Apêndice II).

A página seguinte apresenta uma declaração de consentimento informado (*cf.* Apêndice III), em que se apela à participação voluntária dos participantes, podendo estes desistir em qualquer momento, sem consequências ou explicações necessárias. É assegurado que os dados recolhidos são do participante, que a eles pode aceder em qualquer momento do estudo, pedir para serem retificados ou mesmo apagados. Garante-se ao participante que tem o direito de solicitar a limitação ou opor-se ao tratamento dos seus dados e ainda à sua portabilidade. É expressa a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes.

A declaração de consentimento informado finaliza com a garantia de que os participantes têm o direito de apresentar uma reclamação junto da investigadora principal ou dos seus orientadores (apresentam-se nomes, endereços de correio eletrónico e um contacto móvel) e com a identificação do parecer favorável da Comissão de Ética (CE-ESTeSL-n.º 97-2021).

A introdução finaliza com a oportunidade oferecida ao participante de deixar o seu endereço eletrónico para receber posteriormente o relatório final do estudo.

O questionário inicia-se com o Bloco I (Competências Gerais), que compreende duas dimensões, incluindo competências de comunicação e ética profissional.

As Competências de Comunicação é uma dimensão que contempla um importante conjunto de competências, na medida em que o bibliotecário deve saber comunicar com os investigadores, ter capacidade de comunicação pessoal e social, saber usar ferramentas de comunicação eletrónica, possuir competências verbais e não verbais. Nesta dimensão pretende-se explorar: a comunicação verbal e não-verbal e a habilidade de usar ferramentas

de comunicação eletrónica. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber comunicar de maneira formal e culta;
- b) Saber criar informação/diapositivos (*powerpoints*, etc.) para apresentações públicas;
- c) Saber criar gráficos e infográficos.

A Ética Profissional é uma dimensão que analisa as competências de saber ouvir, ser confiável, paciente, organizado, mas também motivador. A forma do bibliotecário estar na profissão é uma competência que inspirará outrem. Nesta dimensão pretende-se explorar: a fiabilidade do profissional, a motivação implícita no exercício e a disciplina no trabalho. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento da pesquisa de informação;
- b) Preservar a pesquisa de informação, impedindo a identificação do projeto e seus investigadores;
- c) Conservar o entusiasmo na continuidade do trabalho, face às dificuldades que a pesquisa apresenta, motivando-se e motivando o investigador;
- d) Ser organizado no seu trabalho.

O Bloco II (Competências Básicas) contempla competências que incluem o interesse pela profissão, o domínio da língua inglesa, das tecnologias da informação e comunicação (TIC), a capacidade de raciocínio, análise e pensamento crítico, a necessidade de manter atualizados os seus conhecimentos e de possuir conhecimentos temáticos sobre a área de trabalho. Nesta dimensão pretende-se explorar: o interesse na profissão, o domínio de línguas estrangeiras (principalmente do inglês), as competências em TIC, o domínio da área temática em exercício, a capacidade de raciocínio, análise e pensamento crítico e a atualização de conhecimentos. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Conhecer e dominar a língua inglesa;
- b) Conhecer um terceiro idioma, para além do materno e do inglês;

- c) Manifestar interesse em manter-se atualizado na profissão;
- d) Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais;
- e) Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais para investigadores (e.g., ResearchGate, Academia, etc.);
- f) Dominar as tecnologias da informação no âmbito das bases de dados e sua compatibilidade com o campo da saúde;
- g) Conhecer a área científica em que colabora (e.g., terminologia, especialidades, patologias, síndromas, etc.);
- h) Conhecer as diferentes profissões das ciências da saúde;
- i) Conhecer os diferentes ambientes das ciências da saúde (e.g., hospital, centro de saúde, Unidades de Saúde Familiar [USF], Unidades de Cuidados de Saúde Personalizados [UCSP], académico, etc.);
- j) Compreender as políticas e tendências que afetam o ambiente de saúde (e.g., diferentes adaptações das políticas de combate ao COVID-19, atualizações do plano nacional de vacinação, etc.).

O Bloco III (Competências Especializadas) compreende seis dimensões: recuperação e avaliação de recursos de informação; uso de *software* de investigação; apoio à investigação; literacia em matéria de propriedade intelectual; literacia das publicações científicas; métricas e métricas alternativas.

A Recuperação e Avaliação de Recursos de Informação é uma dimensão que analisa a competência do bibliotecário da saúde no domínio e na familiaridade com as bases de dados, desenvolvendo pesquisas com recurso a palavras-chave controladas, avaliando a informação recuperada, reconhecendo as vantagens de selecionar uma base de dados em detrimento de outra em função da pesquisa em curso. O bibliotecário deve conhecer as técnicas de pesquisa em bases de dados, a tipologia de pesquisa, os operadores booleanos, as estratégias de pesquisa, etc. Nesta dimensão pretende-se explorar: a familiaridade com os recursos de informação eletrónica e as fontes de informação impressa, a capacidade de utilizar bases de dados, *thesauri*, de desenvolver estratégias de pesquisa, de avaliar criticamente os recursos de informação e a informação recuperada. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber seleccionar fontes e recursos de informação;
- b) Ser um assessor na pesquisa de informação;
- c) Saber identificar o vocabulário de cobertura do tema em estudo e traduzi-lo na estratégia de pesquisa;
- d) Saber transpor uma estratégia de pesquisa para as bases de dados previamente selecionadas;
- e) Saber usar operadores booleanos e truncaturas para benefício da equação de pesquisa;
- f) Ter conhecimentos sobre a metodologia da prática baseada em evidências;
- g) Compreender métodos de investigação científica;
- h) Ter a capacidade de examinar criticamente e filtrar a literatura científica de disciplinas relacionadas.

O Uso de *Software* de Investigação é uma dimensão associada às tecnologias e ao *software* enquanto facilitadores do processo de investigação. O bibliotecário deve estar familiarizado com *software* de investigação, utilizando gestores de referências, como o Endnote ou o Mendeley, mas também *software* de análise de dados, como Excel, SPSS, Qualtrics, etc. Nesta dimensão pretende-se explorar: a capacidade de utilizar gestores de referências e a familiaridade com *software* de análise de dados. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber salvar os resultados das pesquisas em diferentes formatos (e.g., csv, ris, bibtex, etc.);
- b) Saber migrar os dados das pesquisas para gestores de referências;
- c) Saber usar gestores de referências (e.g., Mendeley, Zotero, EndNote, Reference Manager, etc.);
- d) Saber usar/ter conhecimentos de *software* de análise de dados (e.g., Excel, SPSS, Qualtrics, etc.);
- e) Saber migrar dados para *software* de análise de dados.

A Apoio à Investigação é uma dimensão que analisa a familiaridade do bibliotecário com os procedimentos em investigação, especialmente na concepção da proposta, na execução da replicação de estudos e na redação de diferentes tipos de artigos

científicos. Estas competências podem ajudar os investigadores a reconhecer diferentes abordagens em investigação, métodos de investigação, ferramentas de recolha de dados, divulgação do conhecimento em saúde e eventualmente em traduções. Também o bibliotecário com experiência na realização de revisões sistemáticas e meta-análises, enquanto especialista em pesquisa de informação, pode ajudar na redação de métodos desses trabalhos. Nesta dimensão pretende-se explorar: as habilidades na conceção da investigação, a capacidade de realizar estudos paralelos ou de replicar os existentes, de redação de artigos, de sistematização de ideias em formato de resumo científico, as habilidades de escrita científica e de tradução. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Ter competências na extração da evidência científica (a partir do desenho dos estudos e dos instrumentos de avaliação);
- b) Ter competências de pesquisa de informação para inclusão em estudos de revisão e outros estudos de sínteses de evidência;
- c) Saber traduzir o PICO (*patient, intervention, comparison, outcome*) numa estratégia de pesquisa;
- d) Conhecer o fluxo de trabalho de revisões sistemáticas e meta-análises;
- e) Conhecer o fluxo de desenvolvimento da metodologia PRISMA-S (*searching*);
- f) Conhecer a estrutura do artigo científico e seus conteúdos;
- g) Saber sistematizar os conteúdos de um artigo num resumo científico estruturado;
- h) Conhecer a estrutura de um protocolo de investigação;
- i) Ter conhecimentos de escrita científica;
- j) Saber traduzir um texto científico num idioma que não o materno.

A Literacia em matéria de Propriedade Intelectual é uma dimensão que analisa a familiaridade do bibliotecário com diferentes estilos de referência e a sua capacidade de orientar os investigadores no uso de diferentes gestores de referências. O bibliotecário deve ser um especialista em áreas como o plágio e os direitos de autor; também deve ser capaz de utilizar *software* de deteção de plágio. Nesta dimensão pretende-se explorar: a familiaridade com diferentes estilos de citação, com a deteção de plágio, a capacidade de

usar *software* de detecção de plágio e a familiaridade com a ética da investigação. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber citar e referenciar;
- b) Conhecer e aplicar diferentes estilos de citação;
- c) Conhecer os contornos do plágio e do autoplágio;
- d) Conhecer e aplicar *software* de detecção de plágio;
- e) Conhecer a legislação associada aos direitos de autor;
- f) Conhecer a dinâmica de funcionamento das comissões de ética.

A Literacia das Publicações Científicas é uma dimensão de orientação para os investigadores na publicação dos seus resultados em revistas de destaque. O bibliotecário pode orientar os investigadores na escolha de uma revista científica, o seu âmbito, obter informações sobre o fator de impacto da revista, as condições de acesso, ou seja, gratuita ou subscrita, etc. Nesta dimensão pretende-se explorar: a capacidade de selecionar revistas adequadas à publicação de artigos, a validação do impacto da revista e a capacidade de submissão de artigos. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento;
- b) Saber ler o fator de impacto e o CiteScore das revistas científicas;
- c) Saber ler o quartil das revistas científicas;
- d) Ter conhecimentos sobre revistas científicas em acesso aberto;
- e) Ter conhecimentos sobre *preprints* e sua dinâmica na divulgação de ciência;
- f) Saber identificar revistas e editoras predadoras;
- g) Saber ler as instruções aos autores das revistas científicas;
- h) Saber submeter manuscritos nos *websites* das revistas científicas.

As Métricas e Métricas Alternativas é uma dimensão que analisa o conhecimento do bibliotecário acerca de citações em bases de dados, métricas alternativas e outros índices, mas também a forma como os investigadores podem promover os seus próprios índices e perfis. O bibliotecário deve também familiarizar-se com redes sociais para investigadores, como o ResearchGate, o Academia, o LinkedIn ou o Mendeley, ferramentas de grande

eficácia para observação da investigação realizada pelos pares. Nesta dimensão pretende-se explorar: a familiaridade com citações em bases de dados, perfis de investigador, indicadores bibliométricos, métricas alternativas, *software* de avaliação bibliométrica, redes sociais para investigadores e a capacidade de divulgação do conhecimento em saúde. As afirmações em análise nesta dimensão associam as competências do bibliotecário a:

- a) Saber criar perfis de investigador (e.g., ORCID, Publons, Ciência ID, Ciência Vitae, etc.);
- b) Saber criar perfis de investigador em redes sociais para investigadores (e.g., Academia, ResearchGate, Mendeley, etc.);
- c) Saber apurar o índice *h* de autores;
- d) Saber ler os indicadores bibliométricos de autores e estudos;
- e) Saber ler as métricas alternativas (a partir das bases de dados e dos *websites* dos editores, etc.);
- f) Conhecer os canais formais de divulgação da ciência (bases de dados, repositórios, *websites*, etc.);
- g) Conhecer os canais informais de divulgação da ciência (blogues, redes sociais, etc.).

O Bloco IV (Perceções do Investigador e do Bibliotecário) compreende uma única pergunta redigida de acordo com o destinatário do questionário. Recorrendo à mesma escala *Likert* de sete níveis, pretende-se auscultar, a partir dos dois perfis de respondentes, a sua perceção e concordância face à colaboração do bibliotecário em equipas de investigação em saúde.

O Bloco V (Caracterização Sociodemográfica) compreende variáveis pessoais e profissionais – sexo, idade, categoria profissional, número de anos na profissão e local de trabalho.

- a) Sexo: masculino / feminino / não refere (marcar apenas uma opção);
- b) Idade: xx anos (em algarismos);
- c) Categoria profissional. Deve ser identificada a categoria atual na carreira docente, carreira médica, carreira de investigação ou categoria profissional

(para os bibliotecários). Devem ser assinaladas todas as opções que se adequam a cada participante.

- i. Carreira docente: professor catedrático, professor associado c/ agregação, professor associado, professor auxiliar c/ agregação, professor auxiliar, professor coordenador c/ agregação, professor coordenador, professor adjunto, especialista, outra.
 - ii. Carreira médica: assistente graduado sénior, assistente graduado, assistente, outra.
 - iii. Carreira de investigação: investigador coordenador, investigador principal c/ habilitação/agregação, investigador principal, investigador auxiliar c/ habilitação/agregação, investigador auxiliar, assistente de investigação, bolsheiro de investigação, outra.
 - iv. Categoria profissional (p/ bibliotecários): diretor de serviços, chefe de divisão, dirigente intermédio, técnico superior, outra;
- d) Número de anos na profissão: xx anos (em algarismos);
- e) Local de trabalho: ambiente académico / ambiente hospitalar / outro. Devem ser assinaladas todas as opções que se adequam a cada participante.

Por fim, apresenta-se a opção de apresentar comentários e sugestões. A resposta é facultativa e deixada em aberto. Todas as outras questões são de resposta obrigatória.

3.2 ABORDAGEM QUALITATIVA

3.2.1 Procedimentos

Seguiu-se a abordagem qualitativa do estudo.

A partir de uma entrevista semiestruturada sobre as perceções do bibliotecário aquando da colaboração em equipas de investigação entrevistaram-se os bibliotecários nacionais que trabalham na área da saúde e que desenvolveram investigação na última década, bem como uma amostra seletiva e não-probabilística de investigadores em saúde, que pudessem retratar a estrutura multidisciplinar da saúde.

O guião da entrevista semiestruturada foi inspirado nas entrevistas desenvolvidas nos estudos de Borrego e Pinfield (2020) e de Bedi e Walde (2017). Ao usar a entrevista na abordagem metodológica pretendeu-se dar a possibilidade aos entrevistados de emitir as suas observações e comentários sem reservas.

Para o grupo dos bibliotecários da saúde o objetivo da entrevista foi avaliar a sua auto perceção e identificar as competências que consideram que devem possuir quando colaboram com equipas de investigação em saúde. Estes profissionais foram selecionados a partir do Diretório *online* das Bibliotecas do Ensino Superior (já referido), da responsabilidade da BAD, e também da APDIS, tendo sido identificados os bibliotecários nacionais que trabalham no campo da saúde, vertente académica ou hospitalar, e que desenvolveram investigação na última década.

Para o grupo de investigadores, o objetivo da entrevista foi identificar as competências que consideram que o bibliotecário deve possuir para uma efetiva colaboração em equipas de investigação em saúde. Os investigadores foram selecionados a partir de uma amostra seletiva e não-probabilística, representando as várias especialidades médicas (e.g., imagem médica, nutrição, pediatria, neurologia, etc.) e as disciplinas enquadradas na saúde (e.g., epidemiologia, bioestatística, psicologia, sociologia, matemática, bioquímica, microbiologia, etc.).

O consentimento informado foi enviado previamente aos entrevistados (*cf.* Apêndices III e IV). Quando autorizado, agendou-se dia e hora de reunião (presencial ou à distância, via Zoom Colibri) e foi enviado, previamente à reunião, o guião da entrevista semiestruturada. A entrevista foi gravada com autorização (protocolo de consentimento informado). Em média, a entrevista durou cerca de 20 a 25 minutos; a mais curta decorreu em nove minutos e a mais longa prolongou-se por 50 minutos. Considerou-se da maior importância dar liberdade de expressão aos entrevistados para benefício da investigação. A transcrição das entrevistas consumiu um total de 123 horas. Posteriormente foram disponibilizados o áudio e a transcrição aos entrevistados para validação. As entrevistas foram anonimizadas, codificadas alfanumericamente [BIB00 para os bibliotecários e INV00 para os investigadores] e salvaguardadas numa pasta comum aos investigadores do presente estudo. Assegurou-se, aos entrevistados, que a informação resultante das entrevistas estará

ativa até final do estudo, sendo destruída após a sua conclusão, preservando o anonimato e a confidencialidade dos participantes no estudo. Desta forma, não pode divulgar-se a transcrição das entrevistas em documentos anexos. Salva-se, todavia, a possibilidade de citações pontuais em texto para benefício da investigação.

3.2.2 Etapas de desenvolvimento da Entrevista

A redação das perguntas é muito próxima nos conteúdos, mas nivelou-se de acordo com a especificidade dos dois perfis de entrevistados. Também se procurou adequar as questões quando a resposta era negativa à pergunta de como o bibliotecário se envolvera numa equipa de investigação ou se alguma vez o investigador contara com a colaboração de um bibliotecário na sua equipa. Neste caso, os tempos verbais das perguntas seguintes eram alterados, procedendo-se à necessária adaptação (Tabela 3).

Tabela 3. Adequação da entrevista em função das respostas positivas/negativas

Resposta Positiva	Resposta Negativa
Como foi selecionado o bibliotecário para o projeto/equipa de investigação?	Se tivesse oportunidade de contar com um bibliotecário no projeto/equipa de investigação como o selecionaria?
Sentiu que o bibliotecário tinha competências de investigação adequadas para desempenhar o papel que lhe foi atribuído no projeto/equipa ou identificou lacunas? Quais, neste caso?	Que competências de investigação consideraria adequadas para o bibliotecário colaborar no projeto/equipa de investigação?

As variáveis sociodemográficas analisadas contemplaram: idade, sexo, categoria profissional, número de anos na profissão e local de trabalho (academia ou hospital). Seguiu-se uma combinação de perguntas abertas sobre as competências do bibliotecário da área da saúde enquanto colaborador num projeto ou numa equipa de investigação.

A entrevista foi previamente testada com um investigador do campo da Educação/Saúde e com um bibliotecário da área da Economia/Gestão.

3.2.3 Caracterização geral da Entrevista

A entrevista semiestruturada foi suportada por um guião (Tabelas 4 e 5).

Tabela 4. Guião da entrevista semiestruturada (para investigadores)

INVESTIGADORES	
Idade, sexo, categoria profissional, número de anos na profissão, local de trabalho (academia ou hospital)	
1. Há quantos anos trabalha como investigador? 2. No seu percurso de investigador alguma vez contou com a colaboração de um bibliotecário no projeto/equipa de investigação?	
Resposta Positiva	Resposta Negativa
3. Como foi selecionado o bibliotecário para o projeto/equipa de investigação? 4. Sentiu que o bibliotecário tinha competências de investigação adequadas para desempenhar o papel que lhe foi atribuído no projeto/equipa ou identificou lacunas? Quais, neste caso? 5. Qual foi o seu papel nos projetos de investigação? 6. Como foi definida a sequência e a identificação dos autores nas publicações? 7. Identifique os pontos fortes da participação do bibliotecário no projeto/equipa de investigação. 8. Partilhe algo de significativo desta experiência.	3. Se tivesse oportunidade de contar com um bibliotecário no projeto/equipa de investigação como o selecionaria? 4. Que competências de investigação consideraria adequadas para o bibliotecário no projeto/equipa de investigação? 5. Qual seria o papel do bibliotecário nos projetos de investigação? 6. Como seria definida a sequência e a identificação dos autores nas publicações? 7. Identifique os pontos fortes para a participação de um bibliotecário no projeto/equipa de investigação.

Tabela 5. Guião da entrevista semiestruturada (para bibliotecários)

BIBLIOTECÁRIOS	
Idade, sexo, categoria profissional, número de anos na profissão, local de trabalho (academia ou hospital)	
1. Há quantos anos trabalha como bibliotecário? 2. As metodologias de investigação integraram o currículo da sua formação graduada ou pós-graduada? 3. Como se envolveu em projetos de investigação?	
Resposta Positiva	Resposta Negativa

<p>4. Já tinha trabalhado com algum dos investigadores, mesmo sem publicações envolvidas?</p> <p>5. Qual foi o seu papel nos projetos de investigação?</p> <p>6. Sentiu que tinha competências de investigação adequadas para desempenhar o papel que lhe foi atribuído no projeto ou identificou lacunas?</p> <p>7. Como foi definida a sequência e a identificação dos autores nas publicações?</p> <p>8. Identifique os pontos fortes da sua participação no projeto de investigação.</p> <p>9. Que competências e capacidades sentiu que foram aprendidas ou melhoradas em resultado do seu envolvimento no projeto de investigação?</p> <p>10. Enquanto bibliotecário e profissional da informação, que contributo pensa ter trazido para o projeto de investigação que nenhum outro investigador poderia cumprir?</p> <p>11. Como foi o seu papel enquanto investigador entendido pelos seus pares, professores, outros investigadores e pela sua instituição?</p> <p>12. Considera que valeu a pena participar num projeto de investigação? Partilhe algo de significativo da sua experiência (autoconfiança, dificuldades, etc.).</p>	<p>4. Se tivesse oportunidade de trabalhar num projeto/equipa de investigação qual seria o seu papel?</p> <p>5. Sente que tem competências de investigação adequadas para trabalhar num projeto/equipa de investigação ou identifica lacunas?</p> <p>6. Se trabalhasse num projeto/equipa de investigação de que resultassem publicações, como seria definida a sequência e a identificação dos autores nas publicações?</p> <p>7. Se trabalhasse num projeto/equipa de investigação, quais seriam os pontos fortes da sua participação enquanto bibliotecário?</p> <p>8. Que competências e capacidades acredita que deveria aprender ou melhorar para trabalhar num projeto/equipa de investigação?</p> <p>9. Se trabalhasse num projeto/equipa de investigação, como seria o seu papel enquanto investigador entendido pelos seus pares, professores, outros investigadores e pela sua instituição?</p> <p>10. Considera que valeria a pena participar num projeto/equipa de investigação? Partilhe algo de significativo (autoconfiança, dificuldades, etc.).</p>
---	---

3.3 QUESTÕES ÉTICAS

O protocolo de investigação foi submetido à Comissão de Ética da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (unidade orgânica do Instituto Politécnico de Lisboa). As comissões de ética são órgãos consultivos em qualquer instituição da área da saúde, académica ou clínica e visam zelar pela observância e promoção de padrões de integridade, honestidade e qualidade ética em contextos que incluem os cuidados clínicos, os serviços e sistemas de saúde, a saúde pública, a epidemiologia, o ambiente social, a manipulação de fatores ambientais, as tecnologias da informação e o uso de animais em investigação. De acordo com a Organização Mundial da Saúde e o Council for International Organizations of Medical Sciences (CIOMS, 2016), a investigação que envolve pessoas deve ser conduzida de acordo com três princípios éticos básicos: o respeito pela pessoa, a beneficência e a justiça. No abstrato, estes princípios têm igual força moral, guiam a preparação conscienciosa de projetos científicos, mas podem expressar-se diferencialmente em várias circunstâncias, podendo a sua aplicação conduzir a decisões distintas. No presente

estudo pretendeu-se minimizar eventuais dúvidas, considerando o envolvimento de investigadores da área da saúde.

O protocolo de investigação foi submetido à Comissão de Ética em outubro de 2021. O parecer positivo – CE-ESTeSL-Nº. 97-2001 – data de dezembro de 2021 e considera a pertinência da investigação, a clareza dos objetivos, das opções metodológicas e dos procedimentos relativos à recolha dos dados. Recomendava que, logo que o questionário e o guião de entrevista estivessem construídos, fossem disponibilizados à Comissão de Ética para complemento da proposta do ponto de vista documental. Ainda, lembrava o cumprimento do estabelecido no Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados, de 27 de abril de 2016, para os estudos que envolvessem a autorização dos participantes e a recolha de amostras e dados anonimizados e/ou codificados. Por último, a Comissão de Ética solicitava, ao abrigo do art.º 19.º da Lei n.º 21/2014, de 16 de abril, e do disposto no n.º 23 da recente versão da Declaração de Helsínquia, o relatório final, com as conclusões do estudo, bem como eventuais alterações ao protocolo de investigação.

4 RESULTADOS SOBRE O PROCESSO DE COLABORAÇÃO: PERCEÇÕES

4.1 ABORDAGEM QUANTITATIVA – Análise dos Questionários

O questionário foi encaminhado a bibliotecas nacionais da área da saúde (acadêmicas e hospitalares) e a investigadores das ciências da saúde.

4.1.1 Caracterização sociodemográfica

Do total de 98 bibliotecas contactadas responderam 44 (44,9%) e do total de investigadores responderam 59 (55,6%). A amostra foi composta por 103 participantes: 44 (42,7%) bibliotecários e 59 (57,3%) investigadores, sendo 25 (24,3%) do sexo masculino e 78 (75,7%) do sexo feminino. No conjunto de bibliotecários prevaleceu o sexo feminino com 91% de respostas. Entre os investigadores foram também as respostas do sexo feminino (64,4%) que se destacaram (Tabela 6).

Tabela 6. Caracterização sociodemográfica dos respondentes do questionário

Respondentes (n=103)		
	Bibliotecários (n=44)	Investigadores (n=59)
Sexo		
<i>Masculino</i>	4	21
<i>Feminino</i>	40	38
Idade M [Q1, Q3]	50,2 [26, 64]	49,8 [26, 67]
Faixa etária (%)		
<30	2 (4,5)	2 (3,4)
31-40	5 (11,4)	8 (13,5)
41-50	14 (31,8)	19 (32,2)
51-60	19 (43,2)	26 (44,1)
>61	4 (9,1)	4 (6,8)
Local de trabalho		
<i>Academia</i>	34	56
<i>Hospital</i>	9	8
<i>Outro</i>	1	3
Carreira Profissional		
<i>Diretor de Serviços</i>	2	-
<i>Chefe de Divisão</i>	3	-
<i>Dirigente Intermédio</i>	6	-
<i>Técnico Superior</i>	30	-
<i>Outro</i>	3	-
<i>Carreira Docente</i>	-	47
<i>Carreira Médica</i>	-	4
<i>Carreira de Investigação</i>	-	8
<i>Outro</i>	-	0

Legenda: M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

A média de idades entre os bibliotecários foi de 50,2 anos, tendo o mais jovem 26 anos e 64 anos o mais velho. Entre os investigadores, a média de idades foi de 49,8 anos; o mais jovem também tinha 26 anos e o mais velho 67 anos.

A amostra dos bibliotecários é caracterizada por 95% de técnicos superiores, sendo que 26% ocupam posições de dirigente na administração pública; são diretores de serviços, chefes de divisão e dirigentes intermédios.

A amostra dos investigadores é composta pela atividade profissional dupla ou tripla: 44 identificam-se como docentes; três são professores e médicos; três são professores e investigadores; cinco são investigadores em exclusivo; três são exclusivamente profissionais de saúde; e um é professor, investigador e profissional de saúde. Na Tabela 6, na menção da atividade profissional privilegiou-se a carreira principal que os respondentes identificaram nos casos de atividade dupla e tripla.

4.1.2 Competências de Comunicação

Na dimensão «Competências de Comunicação», as habilidades descritas nas subdimensões são maioritariamente valorizadas pelos dois grupos entre os níveis 6 e 7, o que equivale a mais de 75% das respostas (Tabela 7).

Em média, saber comunicar de maneira formal e culta é a subdimensão que os dois grupos valorizam de forma mais equilibrada: bibliotecários ($M=6,14$; $DP=1,231$) e investigadores ($M=6,17$; $DP=0,950$), embora estes a avaliem a partir de um nível mais elevado face à valorização dada pelos primeiros – 4 versus 2. É também esta subdimensão que apresenta a percentagem média mais elevada de respostas de concordância absoluta em todas as competências de comunicação.

Tabela 7. Dimensão «Competências de Comunicação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Competências de Comunicação										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber comunicar de maneira formal e culta	BIB	0,0	2,3	2,3	9,1	4,5	29,5	52,3	6,14 (1,231)	7 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	6,8	16,9	28,8	47,5	6,17 (0,950)	6 [4, 7]
Saber criar informação / diapositivos (ppts, etc.) para apresentações públicas	BIB	0,0	0,0	0,0	2,3	13,6	36,4	47,7	6,30 (0,795)	6 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	10,2	16,9	35,6	37,3	6,00 (0,983)	6 [4, 7]
Saber criar gráficos e infográficos	BIB	0,0	2,3	2,3	4,5	13,6	47,7	29,6	5,91 (1,096)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	1,7	17,0	15,2	37,3	28,8	5,75 (1,108)	6 [3, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,0	0,8	1,1	8,3	13,4	35,9	40,5		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

Para além da oralidade, a capacidade de comunicar e de transmitir informação por escrito e de forma versátil é também avaliada positivamente pelos respondentes. O valor mínimo de respostas nos dois grupos foi de nível 4. Os bibliotecários consideram que devem saber criar diapositivos para apresentações públicas (47,7% concordam completamente; M=6,30; DP=0,795). Entre os investigadores, os parâmetros da concordância e da concordância absoluta aproximam-se (35,6% e 37,3%; M=6,00; DP=0,983).

Saber criar gráficos e infográficos é a subdimensão em que os dois grupos distribuem as respostas entre os níveis 2 e 7, sendo o nível 6 a evidenciar a maior percentagem de respostas. Entre os investigadores, 37,3% concordam que os bibliotecários devem possuir esta competência (M=5,75; DP=1,108); a percentagem sobe quando são estes os questionados (M=5,91; DP=1,096).

Analisadas todas as habilidades da dimensão «Competências de Comunicação» constata-se que 40,5% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências nesta matéria, 8,3% não concorda nem discorda e 1,9% discorda.

4.1.3 Ética Profissional

A dimensão «Ética Profissional» é valorizada na sua capacidade máxima pelos dois grupos que, com 64,4%, concordam totalmente com a importância desta dimensão (Tabela 8).

Do conjunto de competências em análise na dimensão da Ética Profissional, os investigadores destacam a capacidade de organização dos bibliotecários (79,7%) como a competência mais importante – e que só valorizam nos níveis mais elevados («concordo» e «concordo totalmente») (M=6,80; DP=0,406) –, enquanto os bibliotecários destacam a capacidade de manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento das pesquisas de informação (81,8%; M=6,75; DP=0,615).

Tabela 8. Dimensão «Ética Profissional»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Ética Profissional										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento da pesquisa de informação	BIB	0,0	0,0	0,0	2,3	2,3	13,6	81,8	6,75 (0,615)	7 [4, 7]
	INV	0,0	1,7	5,1	1,7	13,6	16,9	61,0	6,22 (1,233)	7 [2, 7]
Preservar a pesquisa de informação, impedindo a identificação do projeto e seus investigadores	BIB	0,0	0,0	4,6	4,6	13,6	25,0	52,2	6,16 (1,119)	7 [3, 7]
	INV	5,1	1,7	1,7	6,8	6,8	18,6	59,3	6,02 (1,635)	7 [1, 7]
Conservar o entusiasmo na continuidade do trabalho, face às dificuldades que a pesquisa apresenta, motivando-se e motivando o investigador	BIB	0,0	0,0	0,0	9,1	4,6	29,5	56,8	6,34 (0,939)	7 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	5,1	8,5	30,5	55,9	6,37 (0,849)	7 [4, 7]
Ser organizado no seu trabalho	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	4,5	27,3	68,2	6,64 (0,574)	7 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,3	79,7	6,80 (0,406)	7 [6, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,7	0,4	1,4	3,7	6,7	22,7	64,4		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

Preservar a pesquisa de informação, impedindo a identificação do projeto e dos seus investigadores, é uma competência em que investigadores (59,3%; DP=1,635) e bibliotecários (52,2%; DP=1,119) concordam totalmente.

Também os dois grupos concordam completamente na competência de, perante as dificuldades que a pesquisa possa apresentar, conservar o entusiasmo na continuidade do trabalho, motivando-se o profissional da informação (M=6,34; DP=0,939), mas também o investigador (M=6,37; DP=0,849), assegurando a iteratividade no processo de investigação.

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Ética Profissional» constata-se que 64,4% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências neste assunto, 3,7% não concorda nem discorda e 2,5% discorda.

4.1.4 Competências básicas

Do conjunto de habilidades elencadas na dimensão «Competências básicas», os dois grupos destacam o parâmetro «Manifestar interesse em manter-se atualizado na profissão» com as percentagens mais elevadas – qualquer um dos grupos apresenta valores superiores a 75% (M=6,70 para os bibliotecários e M=6,73 para os investigadores) –, logo seguida do conhecimento das bases de dados em ciências da saúde (Tabela 9).

Os investigadores consideram muito importante que os bibliotecários conheçam e dominem a língua inglesa (M=6,54; DP=0,567). Porém, conhecer um terceiro idioma, para além do materno e do inglês, não parece ser uma competência muito valorizada nem pelos bibliotecários (M=5,00; DP=1,657) nem pelos investigadores (M=4,34; DP=1,385). Aliás, a média dos investigadores foi a mais baixa, não só desta dimensão, mas de todo o questionário.

Tabela 9. Dimensão «Competências básicas»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Competências básicas										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Conhecer e dominar a língua inglesa	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	18,2	50,0	31,8	6,14 (0,702)	6 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	3,4	39,0	57,6	6,54 (0,567)	7 [5, 7]
Conhecer um terceiro idioma, para além do materno e do inglês	BIB	4,6	6,8	6,8	11,4	22,7	31,8	15,9	5,00 (1,657)	5 [1, 7]
	INV	3,4	6,8	10,2	37,3	23,7	11,8	6,8	4,34 (1,385)	4 [1, 7]
Manifestar interesse em manter-se atualizado na profissão	BIB	0,0	0,0	0,0	2,3	2,3	18,2	77,2	6,70 (0,632)	7 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	3,4	20,3	76,3	6,73 (0,520)	7 [5, 7]
Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais	BIB	4,5	2,3	2,3	0,0	20,5	54,5	15,9	5,57 (1,388)	6 [1, 7]
	INV	0,0	1,7	0,0	11,9	33,9	23,7	28,8	5,64 (1,126)	6 [2, 7]
Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais para investigadores (ResearchGate, Academia, etc.)	BIB	2,3	0,0	2,3	4,5	13,6	40,9	36,4	5,95 (1,219)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	3,4	0,0	32,2	64,4	6,58 (0,675)	7 [4, 7]
Dominar as tecnologias da informação no âmbito das bases de dados e sua compatibilidade com o campo da saúde	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	11,4	22,7	65,9	6,55 (0,697)	7 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	3,4	23,7	72,9	6,69 (0,534)	7 [5, 7]
Conhecer a área científica em que colabora (terminologia, especialidades, patologias, síndromas, etc.)	BIB	0,0	2,3	2,3	0,0	18,2	36,3	40,9	6,07 (1,087)	7 [2, 7]
	INV	0,0	1,7	6,8	11,9	32,2	15,2	32,2	5,49 (1,331)	5 [2, 7]
Conhecer as diferentes profissões das ciências da saúde	BIB	2,3	0,0	2,3	4,5	22,7	34,1	34,1	5,84 (1,238)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	13,6	28,8	32,2	25,4	5,69 (1,004)	6 [4, 7]
Conhecer os diferentes ambientes das ciências da saúde (hospital, centro de saúde, USF, UCSP, académico, etc.)	BIB	2,3	0,0	4,6	13,6	22,7	34,1	22,7	5,48 (1,320)	6 [1, 7]
	INV	0,0	1,7	5,1	17,0	28,8	32,2	15,2	5,31 (1,178)	5 [2, 7]
Compreender as políticas e tendências que afetam o ambiente de saúde (e.g., diferentes adaptações das políticas de combate ao COVID-19, atualizações do plano nacional de vacinação, etc.)	BIB	0,0	4,5	4,5	18,2	18,2	34,1	20,5	5,34 (1,363)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	3,4	18,6	35,6	25,4	17,0	5,34 (1,077)	5 [3, 7]
Percentagem média da Dimensão		1,0	1,4	2,5	8,4	18,2	30,6	37,9		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

Dominar as TIC no âmbito das redes sociais é uma competência valorizada pelos bibliotecários (54,5% concordam). Os investigadores concordam parcialmente com esta competência (33,9%). Contudo, quando analisada a competência de domínio das tecnologias da informação no âmbito das redes sociais para investigadores (e.g., ResearchGate, Academia, etc.), 64,4% dos investigadores já concordam completamente que os bibliotecários a devam possuir (M=6,58; DP=0,675), sendo que a sua avaliação desta competência é valorizada a partir do nível 4 face ao nível 1 evidenciado pelos profissionais da informação.

Ainda ao nível das TIC, os investigadores também valorizam a competência dos bibliotecários em trabalhar com as bases de dados mais frequentemente usadas no campo da saúde – 72,9% (M=6,69; DP=0,534) concordam completamente face à percentagem de 65,9% (M=6,55; DP=0,697) manifestada pelos profissionais da informação.

Se dominar a tecnologia é uma competência relevante para os investigadores, no que se refere ao conhecimento sobre a área científica em que o bibliotecário colabora, isto é, conhecer a terminologia, as especialidades médicas, as patologias, as síndromas, entre outros elementos, 32,2% dos investigadores divide-se entre o concordo parcialmente e o concordo completamente (M=5,49; DP=1,331). Nesta subdimensão, 40,9% dos bibliotecários concordam completamente; conhecendo a área científica em que trabalham estarão porventura mais sensibilizados para a especificidade e aprofundamento das pesquisas de informação e para novas políticas ou orientações clínicas. Neste sentido, equacionou-se o conhecimento que os bibliotecários deveriam ter sobre as diferentes profissões integradas, por sua vez, nos diferentes ambientes das ciências da saúde. Acerca deste último parâmetro, 32,2% dos investigadores concorda e 28,8% concorda parcialmente. Entre os bibliotecários, 34,1% concorda relativamente à competência de conhecer os diferentes ambientes das ciências da saúde (os hospitais, os centros de saúde, as USF, as UCSP, o meio académico, etc.) (M=5,48; DP=1,320). Relativamente ao conhecimento sobre as diferentes profissões da saúde, 34,1% dos bibliotecários concorda e concorda completamente que as devem conhecer para melhor compreender a natureza dos pedidos que recebem. Destaque-se, todavia, que o conhecimento das diferentes profissões de saúde é uma competência com a qual os 32,2% dos investigadores concordam e que

valorizam a partir do nível 4 em oposição ao nível 1 dos bibliotecários.

Quanto ao conhecimento que o bibliotecário deve manifestar na compreensão de políticas e tendências que afetam o ambiente de saúde (e.g., diferentes adaptações das políticas de combate ao COVID-19, atualizações do plano nacional de vacinação, etc.), os investigadores concordam parcialmente com esta competência (35,6%; M=5,34; DP=1,077) e os bibliotecários concordam (34,1%; M=5,34; DP=1,363).

Analisados todos os parâmetros da dimensão «Competências básicas» constata-se que 37,9% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências neste assunto, 8,4% não concorda nem discorda e 4,9% discorda.

4.1.5 Recuperação e Avaliação de Recursos de Informação

Do conjunto de competências associadas à dimensão «Recuperação e Avaliação dos Recursos de Informação», os dois grupos destacam duas subdimensões que integram o designado *core* da profissão, ou seja, o saber selecionar as fontes e os recursos de informação [concordam completamente 81,8% dos bibliotecários (M=6,82; DP=0,390) e 91,5% dos investigadores (M=6,92; DP=0,281)] e o saber usar operadores booleanos e truncaturas para benefício das equações de pesquisa [também concordam completamente 81,8% dos bibliotecários (M=6,70; DP=0,851) e 71,2% dos investigadores (M=6,59; DP=0,746)] (Tabela 10). De destacar que a capacidade de selecionar as fontes e os recursos de informação é uma competência exclusivamente valorizada em «concordo» e «concordo completamente» pelos dois grupos em análise.

Tabela 10. Dimensão «Recuperação e Avaliação de Recursos de Informação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Recuperação e Avaliação de Recursos de Informação										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber selecionar fontes e recursos de informação	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	18,2	81,8	6,82 (0,390)	7 [6, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,5	91,5	6,92 (0,281)	7 [6, 7]
Ser um assessor na pesquisa de informação	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	2,3	36,3	61,4	6,59 (0,542)	7 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	6,8	30,5	61,0	6,51 (0,704)	7 [4, 7]
Saber identificar o vocabulário de cobertura do tema em estudo e traduzi-lo na estratégia de pesquisa	BIB	0,0	2,3	2,3	0,0	4,5	34,1	56,8	6,36 (1,036)	7 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	8,5	13,5	32,2	45,8	6,15 (0,962)	6 [4, 7]
Saber transpor uma estratégia de pesquisa para as bases de dados previamente selecionadas	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	6,8	25,0	68,2	6,61 (0,618)	7 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	3,4	6,8	28,8	61,0	6,47 (0,774)	7 [4, 7]
Saber usar operadores booleanos e truncaturas para benefício da equação de pesquisa	BIB	0,0	2,3	0,0	0,0	2,3	13,6	81,8	6,70 (0,851)	7 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	3,4	5,1	20,3	71,2	6,59 (0,746)	7 [4, 7]
Ter conhecimentos sobre a metodologia da prática baseada em evidências	BIB	0,0	4,5	0,0	4,5	11,4	36,4	43,2	6,05 (1,219)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	1,7	3,4	15,2	32,2	47,5	6,20 (0,943)	6 [3, 7]
Compreender métodos de investigação científica	BIB	2,3	0,0	2,3	4,5	13,6	36,4	40,9	6,00 (1,239)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	6,8	8,5	30,5	54,2	6,32 (0,899)	7 [4, 7]
Ter a capacidade de examinar criticamente e filtrar a literatura científica de disciplinas relacionadas	BIB	0,0	4,5	0,0	2,3	6,8	40,9	45,5	6,16 (1,160)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	1,7	8,5	23,7	23,7	42,4	5,97 (1,084)	6 [3, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,1	0,9	0,5	2,9	8,0	28,0	59,6		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

A possibilidade de o bibliotecário assumir uma posição de assessoria na pesquisa de informação é também uma competência valorizada pelos dois grupos com uma percentagem superior a 60%. Neste entendimento, os dados revelam que quase metade dos investigadores concordam completamente (45,8%) que o profissional da informação deva conhecer o vocabulário do tema em estudo, traduzindo-o na estratégia de pesquisa, e que deva igualmente saber transpor uma estratégia de pesquisa para as bases de dados previamente selecionadas (61,0%). Face a estas duas competências, os bibliotecários apontam para valores superiores – 56,8% no primeiro caso e 68,2% no segundo. De referir que as duas competências são valorizadas pelos investigadores a partir do nível 4; os bibliotecários destacam mais a transposição da estratégia de pesquisa, que valorizam a partir do nível 5 (M=6,61; DP=0,618).

Quando questionados sobre a possibilidade de o bibliotecário possuir competências adicionais de investigação que mais facilmente o ajudem a integrar equipas multidisciplinares, os bibliotecários apresentam uma média de 6,05 (DP=1,219) relativamente à possibilidade de ter conhecimentos sobre a metodologia da prática baseada em evidências e uma média de 6,00 (DP=1,239) na compreensão de métodos de investigação científica. Nestas duas subdimensões, os investigadores apresentam médias muito próximas [(M=6,20; DP=0,943) e (M=6,32; DP=0,899)]. Refira-se também que a possibilidade de o profissional da informação compreender métodos de investigação científica é uma competência que os investigadores avaliam superiormente: a sua valorização inicia-se no nível 4 face ao nível 1 atribuído pelos bibliotecários. Mas deverá o bibliotecário ter a capacidade de examinar criticamente e de filtrar a literatura científica de disciplinas relacionadas com as ciências da saúde? Dos investigadores, 42,4% concordam completamente e 23,7% concordam parcialmente (M=5,97; DP=1,084). Por seu turno, uma média de 6,16 (DP=1,160) dos bibliotecários concorda com esta competência. Apesar de ambos os grupos atribuírem uma concordância positiva a estas competências, a sua valoração está aquém das competências associadas à seleção de recursos, pesquisa de informação e destreza no uso de bases de dados.

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Recuperação e Avaliação dos Recursos de Informação» constata-se que 59,6% do total de respondentes

concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências nesta dimensão, 2,9% não concorda nem discorda e 1,5% discorda.

4.1.6 Uso de *Software* de Investigação

Do conjunto de competências associadas à dimensão «Uso de *Software* de Investigação», saber usar gestores de referências e saber salvar os resultados das pesquisas em diferentes formatos (e.g., csv, ris, bibtex, etc.) são as duas competências mais bem valorizadas – e justamente pelo grupo de investigadores (Tabela 11).

Tabela 11. Dimensão «Uso de *Software* de Investigação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Uso de <i>Software</i> de Investigação										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber salvar os resultados das pesquisas em diferentes formatos (csv, ris, bibtex, etc.)	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	18,2	38,6	43,2	6,25 (0,751)	6 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	5,1	1,7	25,4	67,8	6,56 (0,772)	7 [4, 7]
Saber migrar os dados das pesquisas para gestores de referências	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	11,4	34,1	54,5	6,43 (0,695)	7 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	5,1	28,8	64,4	6,56 (0,676)	7 [4, 7]
Saber usar gestores de referências (Mendeley, Zotero, EndNote, Reference Manager, etc.)	BIB	0,0	0,0	2,3	0,0	6,8	34,1	56,8	6,43 (0,818)	7 [3, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	3,4	16,9	79,7	6,76 (0,503)	7 [5, 7]
Saber usar/ter conhecimentos de <i>software</i> de análise de dados (Excel, SPSS, Qualtrics, etc.)	BIB	2,3	2,3	0,0	4,5	27,3	45,4	18,2	5,61 (1,205)	6 [1, 7]
	INV	0,0	1,7	5,1	13,6	44,1	20,3	15,2	5,22 (1,131)	5 [2, 7]
Saber migrar dados para <i>software</i> de análise de dados	BIB	2,3	2,3	6,8	4,6	22,7	38,6	22,7	5,50 (1,406)	6 [1, 7]
	INV	0,0	1,7	5,1	5,1	37,3	22,0	28,8	5,59 (1,205)	6 [2, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,5	0,8	1,9	3,5	17,8	30,4	45,1		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

Os investigadores concordam completamente que, nesta dimensão, as habilidades a destacar pelo bibliotecário devem incluir, por ordem de relevância dos resultados, saber trabalhar com o Mendeley, Zotero, EndNote ou o Reference Manager (M=6,76; DP=0,503), saber salvaguardar os resultados das pesquisas em formatos legíveis por outros *software* (ris, bibtex ou csv, por exemplo) (M=6,56; DP=0,772) e saber migrar os dados das pesquisas para gestores de referências (M=6,56; DP=0,676). Os resultados apontam para competências tradicionalmente expectáveis num profissional da informação e para alguém que trabalha numa biblioteca. Neste entendimento, e com estas subdimensões, dever-se-á destacar que os investigadores iniciaram a sua valorização sempre entre os níveis 4 e 5. Mas, quando analisadas as competências associadas ao *software* de análise de dados, os resultados dos investigadores alteram-se: 44,1% (M=5,22; DP=1,131) concordam parcialmente que o bibliotecário deva ter conhecimento ou deva saber usar o SPSS ou o Qualtrics, por exemplo, e também 37,3% (M=5,59; DP=1,205) concordam parcialmente que ele deva saber migrar dados para um *software* de análise de dados. No grupo dos bibliotecários, 45,4% (M=5,61; DP=1,205) concordam com a primeira competência e 38,6% (M=5,50; DP=1,406) com a segunda. Refira-se que, nestas subdimensões, a valorização dos bibliotecários iniciou-se sempre no nível 1, o que não aconteceu com o grupo de investigadores. Os resultados apontam para o entendimento de que estas são competências de utilização ou da responsabilidade quase exclusiva dos investigadores, porque envolvem um momento de grande tensão: a compilação de dados em bruto de que dependerão todos os processos seguintes na investigação.

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Uso de *Software* de Investigação» constata-se que 45,1% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências nesta matéria, 3,5% não concorda nem discorda e 3,2% discorda.

4.1.7 Apoio à Investigação

Do conjunto de competências associadas à dimensão «Apoio à Investigação», a valorização máxima atribuída pelos dois grupos em análise difere de subdimensão: 57,6%

(M=6,39; DP=0,851) dos investigadores concordam completamente com a competência associada ao conhecimento que o bibliotecário possa demonstrar sobre a estrutura de um artigo científico e seus conteúdos; 50,0% dos bibliotecários concordam que devem ter competências na extração da evidência científica (a partir do desenho dos estudos e dos instrumentos de avaliação) –, parâmetro em que 32,2% dos investigadores são da mesma opinião (Tabela 12).

Investigadores e bibliotecários voltaram a destacar as habilidades do profissional da informação relativamente à sua destreza na utilização de bases de dados: 47,7% dos bibliotecários concordam e 42,4% dos investigadores concordam completamente com as competências daquele na pesquisa de informação para inclusão em estudos de revisão e outros estudos de sínteses de evidência. E, neste entendimento, constata-se que saber converter a metodologia PICO numa estratégia de pesquisa de modo a assegurar a sua posterior otimização na pesquisa é uma competência que divide os dois grupos: concordam completamente só 38,6% dos bibliotecários (M=5,93; DP=1,149) e 32,2% dos investigadores (M=5,69; DP=1,221).

Da mesma forma, e considerando a metodologia de trabalho decorrente dos artigos de revisão, os investigadores concordam completamente (44,1%) com o facto de que se o bibliotecário conhecer o fluxo de trabalho inerente ao desenvolvimento de revisões sistemáticas e meta-análises será benéfico para o seu trabalho (DP=0,925), bem como conhecer o fluxo da metodologia PRISMA-S (*searching*) (também concordam completamente 47,4%). Nesta última subdimensão, os bibliotecários só concordam (36,4%; DP=1,302). Estas duas subdimensões, genericamente associadas aos estudos de revisão, foram avaliadas superiormente pelos investigadores [(M=6,15; DP=0,925) e (M=6,17; DP=1,003)]. Ainda em articulação com a investigação, 49,2% (DP=0,785) dos investigadores concordam que o bibliotecário deva conhecer a estrutura de um protocolo de investigação, sendo que a opinião dos bibliotecários se divide entre a concordância e a concordância absoluta (31,8%; DP=1,322).

Tabela 12. Dimensão «Apoio à Investigação»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Apoio à Investigação										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Ter competências na extração da evidência científica (a partir do desenho dos estudos e dos instrumentos de avaliação)	BIB	2,3	2,3	4,5	4,5	22,7	50,0	13,7	5,48 (1,285)	6 [1, 7]
	INV	0,0	3,4	3,4	13,6	25,4	32,2	22,0	5,46 (1,264)	6 [2, 7]
Ter competências de pesquisa de informação para inclusão em estudos de revisão e outros estudos de sínteses de evidência	BIB	2,3	0,0	0,0	2,3	15,9	47,7	31,8	6,00 (1,078)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	5,1	15,2	37,3	42,4	6,17 (0,874)	6 [4, 7]
Saber traduzir o PICO (<i>patient-intervention-comparison-outcome</i>) numa estratégia de pesquisa	BIB	0,0	2,3	0,0	9,1	18,2	31,8	38,6	5,93 (1,149)	6 [2, 7]
	INV	0,0	1,7	1,7	15,3	20,3	28,8	32,2	5,69 (1,221)	6 [2, 7]
Conhecer o fluxo de trabalho de revisões sistemáticas e meta-análises	BIB	0,0	2,3	2,3	13,6	18,2	29,5	34,1	5,73 (1,264)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	6,8	15,2	33,9	44,1	6,15 (0,925)	6 [4, 7]
Conhecer o fluxo de desenvolvimento da metodologia PRISMA-S (<i>searching</i>)	BIB	0,0	2,3	6,8	11,3	18,2	36,4	25,0	5,55 (1,302)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	1,7	6,8	11,9	32,2	47,4	6,17 (1,003)	6 [3, 7]
Conhecer a estrutura do artigo científico e seus conteúdos	BIB	0,0	4,5	4,5	2,3	11,4	36,4	40,9	5,93 (1,336)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	5,1	8,5	28,8	57,6	6,39 (0,851)	7 [4, 7]
Saber sistematizar os conteúdos de um artigo num resumo científico estruturado	BIB	0,0	6,8	4,5	4,6	11,4	47,7	25,0	5,64 (1,399)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	8,5	16,9	45,8	28,8	5,95 (0,899)	6 [4, 7]
Conhecer a estrutura de um protocolo de investigação	BIB	2,3	0,0	4,6	6,8	22,7	31,8	31,8	5,70 (1,322)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	3,4	16,9	49,2	30,5	6,07 (0,785)	6 [4, 7]
Ter conhecimentos de escrita científica	BIB	2,3	6,8	2,3	9,1	6,8	43,2	29,5	5,59 (1,575)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	16,9	40,7	42,4	6,25 (0,733)	6 [5, 7]
Saber traduzir um texto científico num idioma que não o materno	BIB	6,8	4,5	4,6	15,9	34,1	18,2	15,9	4,84 (1,642)	6 [1, 7]
	INV	0,0	3,4	6,8	20,4	27,1	22,0	20,3	5,19 (1,345)	6 [2, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,8	2,0	2,4	8,2	17,7	36,2	32,7		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

Quanto aos conhecimentos de escrita científica que o profissional da informação deva possuir, 42,4% dos investigadores concordam completamente com esta competência e 43,2% dos bibliotecários concordam [investigadores (M=6,25; DP=0,733) *versus* bibliotecários (M=5,59; DP=1,575)]. Para assegurar esta competência é importante que a subdimensão associada ao conhecimento da estrutura do artigo científico e seus conteúdos esteja assegurada, sendo que 40,9% (DP=1,336) dos bibliotecários concordam completamente. No que se refere à capacidade de saber sistematizar os conteúdos de um artigo num resumo científico estruturado refira-se a proximidade de opiniões em percentagem (concordam 47,7% dos bibliotecários e 45,8% dos investigadores), mas não no desvio-padrão (DP=1,399 para os bibliotecários e DP=0,899 para os investigadores).

No que se refere à possibilidade de o profissional da informação saber traduzir um texto científico num idioma que não o materno parte-se do princípio que domina minimamente o vocabulário e a terminologia das ciências da saúde. Nesta subdimensão concordam parcialmente 27,1% (M=5,19; DP=1,345) dos investigadores e 34,1% (M=4,84; DP=1,642) dos bibliotecários, valores que não se adequam à competência analisada na dimensão das competências básicas sobre a necessidade de conhecer a área científica em que se colabora (e.g., terminologia, especialidades, patologias, síndromas, etc.). Aliás, refira-se que a média resultante da avaliação dos bibliotecários é a mais baixa de todo o questionário.

Nesta dimensão destaque-se a avaliação que os investigadores atribuem a um conjunto de três subdimensões, cuja valoração se inicia nos níveis 4 (Ter competências de pesquisa de informação para inclusão em estudos de revisão e outros estudos de sínteses de evidência; Conhecer a estrutura de um protocolo de investigação) e 5 (Ter conhecimentos de escrita científica) por oposição ao nível 1 atribuído pelos bibliotecários às mesmas subdimensões.

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Apoio à Investigação» constata-se que 32,7% do total de respondentes concordam completamente que o bibliotecário deve possuir competências nesta matéria, 8,2% não concorda nem discorda e 5,2% discorda.

4.1.8 Literacia em matéria de Propriedade Intelectual

Do conjunto de competências associadas à dimensão «Literacia em matéria de Propriedade Intelectual», os dois grupos concordam totalmente que o profissional da informação deva saber citar e referenciar e conhecer e aplicar diferentes estilos de citação: concordam completamente 88,1% (M=6,88; DP=0,326) dos investigadores na primeira subdimensão e 86,4% (M=6,86; DP=0,345) na segunda; os bibliotecários apresentam a mesma percentagem para as duas subdimensões (68,2%). Aliás, entre os investigadores estas duas competências só são valorizadas em «concordo» e «concordo completamente» (Tabela 13).

Os dois grupos também destacam o conhecimento que o bibliotecário deve possuir sobre as questões do plágio, ainda que a valorização atribuída pelos investigadores seja superior à dos bibliotecários. No que se refere ao conhecimento a possuir sobre o plágio e o autoplágio, 76,3% (M=6,71; DP=0,559) dos investigadores concordam completamente que os bibliotecários devam dominar estas matérias, incluindo a aplicação de *software* de deteção de plágio (69,5% também concordam completamente). Aliás, os investigadores avaliam superiormente esta competência, tendo-a valorado a partir do nível 4 por oposição ao nível 1 atribuído pelos bibliotecários [investigadores (M=6,56; DP=0,749) *versus* bibliotecários (M=5,89; DP=1,333)].

Na análise da subdimensão da legislação associada aos direitos de autor continuam a ser os investigadores que concordam completamente (76,3%; M=6,68; DP=0,655) que esta deve ser uma competência dominada pelos bibliotecários. Estes são da mesma opinião, ainda que o manifestem de forma menos significativa (59,1%; DP=1,073).

Os dois grupos voltam a manifestar-se de forma muito próxima quando analisada a dinâmica de funcionamento das comissões de ética. As respostas mais significativas distribuem-se entre o concordo (que prevalece entre os bibliotecários; M=5,64; DP=1,658) e o concordo completamente (este mais expressivo entre os investigadores; M=6,10; DP=1,029). Esta é também uma das competências superiormente avaliadas pelos investigadores, os quais a valorizam a partir do nível 4 por oposição ao nível 1 atribuído

pelos bibliotecários.

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Literacia em matéria de Propriedade Intelectual» constata-se que 64,0% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências nesta matéria, 3,5% não concorda nem discorda e 1,3% discorda.

Tabela 13. Dimensão «Literacia em matéria de Propriedade Intelectual»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Literacia em matéria de Propriedade Intelectual										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber citar e referenciar	BIB	0,0	0,0	0,0	2,3	4,5	25,0	68,2	6,59 (0,693)	7 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11,9	88,1	6,88 (0,326)	7 [6, 7]
Conhecer e aplicar diferentes estilos de citação	BIB	0,0	0,0	0,0	2,3	9,1	20,4	68,2	6,55 (0,761)	7 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	13,6	86,4	6,86 (0,345)	7 [6, 7]
Conhecer os contornos do plágio e do autoplágio	BIB	0,0	0,0	0,0	4,6	6,8	31,8	56,8	6,41 (0,816)	7 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	5,1	18,6	76,3	6,71 (0,559)	7 [5, 7]
Conhecer e aplicar <i>software</i> de deteção de plágio	BIB	2,3	2,3	0,0	6,8	15,9	34,1	38,6	5,89 (1,333)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	10,2	18,6	69,5	6,56 (0,749)	7 [4, 7]
Conhecer a legislação associada aos direitos de autor	BIB	0,0	2,3	0,0	4,5	9,1	25,0	59,1	6,32 (1,073)	7 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	5,1	16,9	76,3	6,68 (0,655)	7 [4, 7]
Conhecer a dinâmica de funcionamento das comissões de ética	BIB	6,8	2,3	0,0	6,8	13,6	36,4	34,1	5,64 (1,658)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	11,9	11,9	30,5	45,7	6,10 (1,029)	6 [4, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,7	0,6	0,0	3,5	7,6	23,6	64,0		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G - Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

4.1.9 Literacia das Publicações Científicas

Do conjunto de competências associadas à dimensão «Literacia das Publicações Científicas», saber ler o fator de impacto e o CiteScore das revistas científicas é a subdimensão mais significativamente valorizada pelos investigadores (83,0% concordam completamente; M=6,78; DP=0,559), enquanto a capacidade de saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento é a subdimensão mais destacada pelos bibliotecários (concordam completamente 68,2%; M=6,64; DP=0,574). Destaque-se que esta última competência é, ainda assim, mais valorizada entre os investigadores, com a qual concordam completamente 69,5% (DP=0,580) (Tabela 14). Esta competência é também a que melhor expressa a sintonia de ideias entre todos os respondentes, que a valorizam a partir do nível 5.

As respostas dos investigadores às subdimensões em análise apontam para competências associadas à identificação de revistas de maior impacto por área do conhecimento, à identificação dos indicadores de avaliação na comunidade científica, como sendo o fator de impacto, o CiteScore e o seu quartil, mas também à divulgação da ciência em revistas publicadas em acesso aberto ou em servidores de *preprints*, competências estas que creem que o bibliotecário deve absolutamente dominar. Se se analisar a ordem de importância atribuída pelos investigadores constata-se que esta dimensão é, na sua globalidade, aquela que apresenta valores percentuais mais elevados atribuídos por parte dos investigadores ao nível de resposta «concordo completamente». Uma análise decrescente da importância atribuída permite identificar que concordam completamente 76,3% com o conhecimento sobre revistas científicas em acesso aberto, mas também com o saber identificar revistas e editoras predadoras (M=6,76; DP=0,429), 74,6% com o saber ler o quartil das revistas científicas (M=6,66; DP=0,685) e 71,2% com a dinâmica dos *preprints* na divulgação de ciência (M=6,64; DP=0,609).

Tabela 14. Dimensão «Literacia das Publicações Científicas»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Literacia das Publicações Científicas										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento	BIB	0,0	0,0	0,0	0,0	4,5	27,3	68,2	6,64 (0,574)	7 [5, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	5,1	25,4	69,5	6,64 (0,580)	7 [5, 7]
Saber ler o fator de impacto e o CiteScore das revistas científicas	BIB	0,0	2,3	0,0	2,3	4,5	27,3	63,6	6,45 (0,975)	7 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	1,7	13,6	83,0	6,78 (0,559)	7 [4, 7]
Saber ler o quartil das revistas científicas	BIB	0,0	2,3	0,0	2,3	9,1	22,7	63,6	6,41 (1,019)	7 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	3,4	1,7	20,3	74,6	6,66 (0,685)	7 [4, 7]
Ter conhecimentos sobre revistas científicas em acesso aberto	BIB	0,0	0,0	2,3	0,0	4,5	36,4	56,8	6,45 (0,794)	7 [3, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	5,1	16,9	76,3	6,68 (0,655)	7 [4, 7]
Ter conhecimentos sobre <i>preprints</i> e sua dinâmica na divulgação de ciência	BIB	0,0	0,0	2,3	2,3	4,6	45,4	45,4	6,30 (0,851)	6 [3, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	6,8	22,0	71,2	6,64 (0,609)	7 [5, 7]
Saber identificar revistas e editoras predadoras	BIB	2,3	0,0	2,3	2,3	2,3	36,3	54,5	6,30 (1,173)	7 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	23,7	76,3	6,76 (0,429)	7 [6, 7]
Saber ler as instruções aos autores das revistas científicas	BIB	2,3	4,5	2,3	4,5	2,3	31,8	52,3	6,05 (1,509)	7 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	1,7	1,7	3,4	32,2	61,0	6,49 (0,796)	7 [3, 7]
Saber submeter manuscritos nos <i>websites</i> das revistas científicas	BIB	4,5	4,5	2,3	4,5	13,7	38,7	31,8	5,61 (1,617)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	1,7	10,2	6,8	30,5	50,8	6,19 (1,058)	7 [3, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,6	0,8	0,9	2,3	4,8	28,2	62,4		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

No grupo dos bibliotecários, as respostas são menos expressivas e dividem-se entre o «concordo» e o «concordo completamente», sobretudo no que se refere às competências associadas aos *preprints* (M=6,30; DP=0,851) e à identificação de revistas e editoras predadoras (M=6,30; DP=1,173). Justamente esta última subdimensão é aquela que os investigadores mais destacam em todo o questionário, valorizando-a a partir do nível 6 em oposição ao nível 1 dos bibliotecários.

Relativamente às competências associadas ao saber ler as instruções aos autores disponibilizadas pelas revistas para efeitos de publicação e saber submeter manuscritos nas plataformas *online* das revistas, as respostas dos investigadores continuam a apontar para uma valorização muito positiva destes conhecimentos, ainda que apresentando valores menos expressivos: 50,8% (M=6,19; DP=1,058) dos investigadores concordam completamente que o bibliotecário deve saber submeter manuscritos nas plataformas das revistas, sendo que 61% (M=6,49; DP=0,796) também concorda em absoluto que, por essa razão, deve saber descodificar as instruções aos autores. Quanto aos profissionais da informação, os respondentes parecem sugerir o entendimento de que algumas competências devem ser destinadas aos investigadores, como sendo: saber ler as instruções aos autores (M=6,05; DP=1,509) e saber submeter manuscritos nos *websites* das revistas científicas (M=5,61; DP=1,617).

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Literacia das Publicações Científicas» constata-se que 62,4% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências nesta matéria, 2,3% não concorda nem discorda e igualmente 2,3% discorda.

4.1.10 Métricas e Métricas Alternativas

Do conjunto de competências associadas à dimensão «Métricas e Métricas Alternativas», conhecer os canais formais de divulgação da ciência (repositórios e *websites*, entre outros) é a competência mais valorizada pelos dois grupos de respondentes [76,3% (M=6,71; DP=0,589) dos investigadores e 54,6% (M=6,45; DP=0,697) dos bibliotecários

concordam completamente que o profissional da informação a deve possuir) (Tabela 15).

As competências associadas a esta dimensão descrevem a importância do perfil digital do investigador e da divulgação dos *outputs* da investigação em canais diversos, bem como a leitura dos impactos dessa divulgação. As respostas apontam para domínios em que os investigadores desejam provavelmente controlar melhor o circuito, como sendo a criação de perfis de investigador no ORCID ou no Ciência Vitae (M=6,08; DP=0,934), mas também nas redes sociais para investigadores (como o Academia ou o ResearchGate) (M=6,03; DP=0,928) e ainda saber ler o seu índice *h* (M=6,15; DP=0,979). Será provavelmente por essa razão que as respostas atribuídas ao nível máximo sejam mais modestas comparativamente a todo o questionário: concordam completamente 45,7% dos investigadores que o bibliotecário deve saber apurar o índice *h* de autores, 40,7% que deve saber criar perfis digitais nas plataformas oficiais (como o ORCID, Ciência ID, etc.) e 37,3% que deve igualmente saber criar perfis digitais nas redes sociais para investigadores mais conhecidas mundialmente (e.g., Academia, LinkedIn ou o ResearchGate). As respostas dos bibliotecários seguem o mesmo entendimento, sendo que valorizam estas três subdimensões somente ao nível da resposta «concordo» com um elevado diferencial no desvio-padrão.

De todas as dimensões avaliadas no questionário, esta é aquela que apresenta maior diferencial nas respostas entre bibliotecários e investigadores. Estes últimos avaliam superiormente algumas subdimensões valorizando-as com o nível mínimo de 4 (Saber criar perfis de investigador; Saber criar perfis de investigador nas redes sociais para investigadores; Saber apurar o índice *h*; e Saber ler as métricas alternativas) por oposição à valoração atribuída pelos bibliotecários e que se inicia nos níveis 1 ou 2.

São ainda apresentadas duas subdimensões cujas respostas apontam para um entendimento comum entre os dois grupos em análise. Associam-se à disseminação da produção científica através de canais formais e informais de divulgação da ciência. Relativamente aos repositórios, bibliotecários e investigadores avaliam superiormente o domínio de competências, atribuindo uma valorização mínima de 4. A mesma concordância está presente, ainda que com outra expressividade, no que se refere à divulgação em blogues e redes sociais [bibliotecários (M=6,00; DP=1,161) e investigadores (M=6,02; DP=1,252)].

Tabela 15. Dimensão «Métricas e Métricas Alternativas»: frequências percentuais, média, mediana, desvio-padrão, quartis

Métricas e Métricas Alternativas										
Subdimensões	G	%							M (DP)	Mediana [Q1, Q3]
		1	2	3	4	5	6	7		
Saber criar perfis de investigador (ORCID, Publons, Ciência ID, Ciência Vitae, etc.)	BIB	4,5	2,3	2,3	2,3	13,6	45,5	29,5	5,73 (1,484)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	6,8	18,6	33,9	40,7	6,08 (0,934)	6 [4, 7]
Saber criar perfis de investigador em redes sociais para investigadores (Academia, Mendeley, ResearchGate, etc.)	BIB	4,5	2,3	4,5	6,8	15,9	45,5	20,5	5,45 (1,517)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	6,8	20,3	35,6	37,3	6,03 (0,928)	6 [4, 7]
Saber apurar o índice <i>h</i> de autores	BIB	0,0	2,3	2,3	4,5	13,6	43,2	34,1	5,95 (1,120)	6 [2, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	10,2	10,2	33,9	45,7	6,15 (0,979)	6 [4, 7]
Saber ler os indicadores bibliométricos de autores e estudos	BIB	0,0	0,0	0,0	4,6	13,6	40,9	40,9	6,18 (0,843)	6 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	5,1	25,4	67,8	6,59 (0,673)	7 [4, 7]
Saber ler as métricas alternativas (a partir das bases de dados e dos websites dos editores, etc.)	BIB	2,3	0,0	0,0	4,5	15,9	45,5	31,8	5,95 (1,120)	6 [1, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	3,4	8,5	33,9	54,2	6,39 (0,788)	7 [4, 7]
Conhecer os canais formais de divulgação da ciência (repositórios, websites, etc.)	BIB	0,0	0,0	0,0	2,3	4,5	38,6	54,6	6,45 (0,697)	7 [4, 7]
	INV	0,0	0,0	0,0	1,7	1,7	20,3	76,3	6,71 (0,589)	7 [4, 7]
Conhecer os canais informais de divulgação da ciência (blogues, redes sociais, etc.)	BIB	0,0	2,3	4,5	2,3	9,1	45,5	36,3	6,00 (1,161)	6 [2, 7]
	INV	0,0	1,7	5,1	6,8	8,4	32,2	45,8	6,02 (1,252)	6 [2, 7]
Percentagem média da Dimensão		0,8	0,8	1,3	4,6	11,4	37,1	44,0		

Discordo completamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo completamente

Legenda: BIB – Bibliotecários; G – Grupo; INV – Investigadores; M – Média; Q1 – Quartil 1; Q3 – Quartil 3.

A mesma concordância não está patente na competência associada à leitura dos indicadores bibliométricos de autores e estudos, que os investigadores destinam ao bibliotecário (67,8% concordam completamente; M=6,59; DP=0,673), mas em que a opinião dos bibliotecários se divide igualmente entre dois níveis de resposta (40,9% nos níveis 6 e 7; M=6,18; DP=0,843).

Também não existe concordância de opiniões no que se refere à subdimensão das métricas alternativas, competência trabalhada a partir da informação disponibilizada nas bases de dados ou nos *websites* dos editores. Entre os investigadores, 54,2% (M=6,39; DP=0,788) concordam completamente que o profissional da informação deve dominar esta matéria, enquanto 45,5% (M=5,95; DP=1,120) dos bibliotecários concordam. Esta é ainda, como referido, uma competência que os investigadores avaliam superiormente a partir do nível 4 em oposição ao nível 1 dos bibliotecários.

Analisadas todas as competências associadas à dimensão «Métricas e Métricas Alternativas» constata-se que 44,0% do total de respondentes concorda em absoluto que o bibliotecário deve possuir competências nesta matéria, 4,6% não concorda nem discorda e 2,9% discorda.

4.1.11 Análise global das subdimensões

Para uma análise global das subdimensões construiu-se um gráfico (em que se incluem unicamente os valores das médias) que permita traçar pontos de convergência e de divergência entre os grupos dos bibliotecários e dos investigadores acerca das competências que o bibliotecário deve possuir para colaborar com equipas de investigação em saúde (Figura 1).

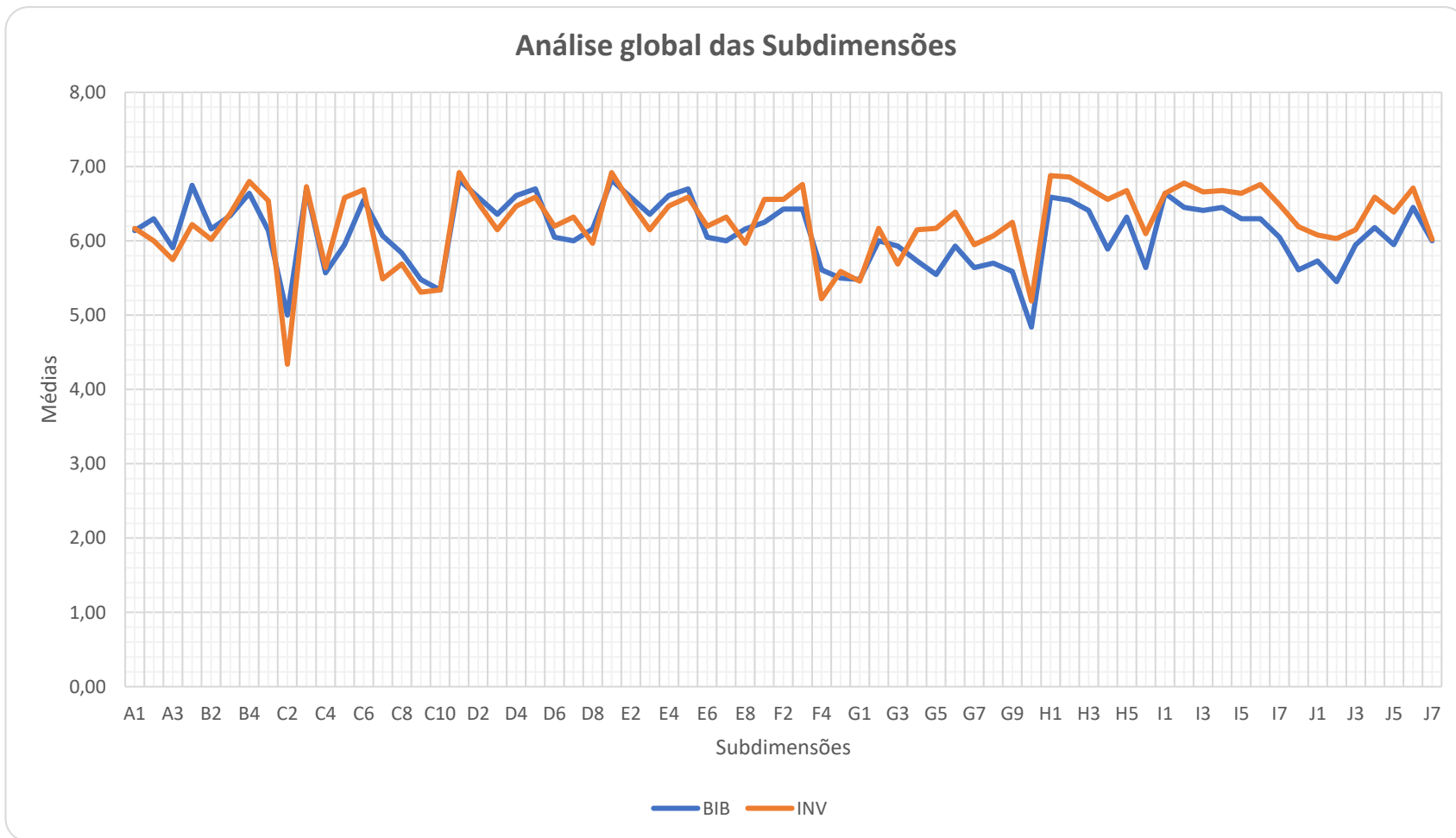


Figura 1. Análise global das subdimensões, traduzidas em códigos (valores das médias).

A análise permite identificar as médias mais elevadas e que correspondem à importância atribuída por investigadores e bibliotecários a subdimensões específicas (Tabela 16). No conjunto das dez subdimensões com valores de média mais elevados²⁹, constata-se que os valores das médias dos investigadores são claramente superiores, que destacam competências que integram o *core* profissional do bibliotecário e maioritariamente divergem da importância atribuída pelos próprios bibliotecários. Aliás, mesmo nas duas subdimensões em que convergem na opinião, são os investigadores que se destacam nas médias apuradas.

Tabela 16. Subdimensões com as médias mais elevadas (análise grupal)

Código	Subdimensão	BIB	INV
E1	Saber seleccionar fontes e recursos de informação	6,82	6,92
H1	Saber citar e referenciar	-	6,88
H2	Conhecer e aplicar diferentes estilos de citação	-	6,86
B4	Ser organizado no seu trabalho	6,64	6,80
I2	Saber ler o fator de impacto e o CiteScore das revistas científicas	-	6,78
F3	Saber usar gestores de referências	-	6,76
I6	Saber identificar revistas e editoras predadoras	-	6,76
B1	Saber manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento da pesquisa de informação	6,75	-
C3	Manifestar interesse em manter-se atualizado na profissão	6,70	-
E5	Saber usar operadores booleanos e truncaturas para benefício da equação de pesquisa	6,70	-
I1	Saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento	6,64	-

Nota: O código corresponde ao eixo das abcissas da Figura 1.

No mesmo entendimento procurou-se identificar as médias mais baixas e estabeleceu-se um valor mínimo de 5,00 – acima deste valor figuram os valores médios positivos na escala de sete níveis usada. Os investigadores destacam uma única subdimensão (Conhecer um terceiro idioma, para além do materno e do inglês) com uma média de 4,34. No grupo dos bibliotecários esta competência é igualmente assinalada com uma média de 5,00. Estes destacam ainda outra subdimensão com uma média de 4,84 (Saber traduzir um texto científico num idioma que não o materno). Na análise integral do questionário, no conjunto das suas 69 subdimensões, as duas que se assinalam são as únicas que apresentam valores médios não positivos.

²⁹ Acabaram por ser onze subdimensões pelo empate de valores registado numa delas.

Procurou-se seguidamente calcular o coeficiente de variação (divisão do desvio-padrão pela média, multiplicando o resultado por 100 para obter uma percentagem). A sua análise é particularmente útil quando se deseja comparar a variabilidade de diferentes conjuntos de dados com graus de grandeza diferentes. Quanto maior for o valor do coeficiente de variação, maior a variabilidade relativa dos dados em relação à média, permitindo avaliar se a dispersão do *score* é mais ou menos homogénea. Uma regra empírica define que em valores do coeficiente inferiores a 15% os dados são homogéneos, entre 15 a 30% são moderadamente homogéneos e superiores a 30% são heterogéneos, mostrando uma grande dispersão em relação à média.

Na análise do coeficiente de variação procurou-se identificar as subdimensões onde se identificaram maiores diferenças entre os dois grupos e que evidenciam a dispersão de opiniões e a correspondente variabilidade dos dados.

Para a identificação das maiores diferenças entre os dois grupos estabeleceu-se um valor mínimo de 10 pontos percentuais (Tabela 17). Na análise grupal constata-se que a subdimensão associada aos conhecimentos de escrita científica é aquela que se destaca e a que suscita maior variabilidade de opiniões entre bibliotecários e investigadores. As restantes competências estão associadas quer aos processos iniciais da investigação (protocolo e comissões de ética) quer à divulgação dos seus *outputs* (instruções aos autores e submissão de manuscritos, a preocupação com as revistas e editoras predadoras, a deteção de plágio, mas também a disseminação do trabalho nas redes sociais e a criação de perfis de investigador). A única competência que, de facto, integra o conjunto de competências básicas do bibliotecário é aquela que procura manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento das pesquisas de informação.

Tabela 17. Comparação do coeficiente de variação entre os grupos (subdimensões onde se identificaram as maiores dispersões)

Subdimensões	BIB	INV	CV
Ter conhecimentos de escrita científica	28,17	11,72	16,45
Saber ler as instruções aos autores das revistas científicas	24,94	12,26	12,68
Conhecer a dinâmica de funcionamento das comissões de ética	29,40	16,86	12,54
Saber criar perfis de investigador em redes sociais para investigadores (Academia, Mendeley, ResearchGate, etc.)	27,83	15,35	12,45
Saber identificar revistas e editoras predadoras	18,61	6,34	12,27

Saber submeter manuscritos nos <i>websites</i> das revistas científicas	28,82	17,09	11,73
Conhecer e aplicar <i>software</i> de detecção de plágio	22,63	11,41	11,22
Saber manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento da pesquisa de informação	9,11	19,82	10,71
Saber criar perfis de investigador (ORCID, Publons, Ciência ID, Ciência Vitae, etc.)	25,89	15,36	10,53
Conhecer a estrutura de um protocolo de investigação	23,19	12,93	10,26
Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais para investigadores (ResearchGate, Academia, etc.)	20,48	10,25	10,23

Legenda: BIB – Bibliotecários; CV – Coeficiente de variação; INV – Investigadores.

Também se pretendeu identificar as subdimensões em que os dois grupos tinham um comportamento que revelava menor diferença do coeficiente de variação, tendo-se estabelecido um valor máximo de dois pontos percentuais (Tabela 18).

Tabela 18. Comparação do coeficiente de variação entre os grupos (subdimensões onde se identificaram as menores dispersões)

Subdimensões	BIB	INV	CV
Saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento	8,64	8,73	0,09
Saber usar/ter conhecimentos de software de análise de dados (Excel, SPSS, Qualtrics, etc.)	21,47	21,66	0,19
Saber salvaguardar os resultados das pesquisas em diferentes formatos (csv, ris, bibtex, etc.)	12,01	11,76	0,25
Ter competências na extração da evidência científica (a partir do desenho dos estudos e dos instrumentos de avaliação)	23,44	23,15	0,29
Saber migrar os dados das pesquisas para gestores de referências	10,80	10,30	0,50
Saber identificar o vocabulário de cobertura do tema em estudo e traduzi-lo na estratégia de pesquisa	16,28	15,64	0,64
Ter a capacidade de examinar criticamente e filtrar a literatura científica de disciplinas relacionadas	18,83	18,15	0,68
Saber criar gráficos e infográficos	18,54	19,26	0,72
Conhecer um terceiro idioma, para além do materno e do inglês	33,14	31,91	1,23
Saber usar operadores booleanos e truncaturas para benefício da equação de pesquisa	12,70	11,32	1,38
Conhecer os canais informais de divulgação da ciência (blogues, redes sociais, etc.)	19,35	20,79	1,44
Conservar o entusiasmo na continuidade do trabalho, face às dificuldades que a pesquisa apresenta, motivando-se e motivando o investigador	14,81	13,32	1,49
Saber seleccionar fontes e recursos de informação	5,71	4,06	1,65
Manifestar interesse em manter-se atualizado na profissão	9,43	7,72	1,71
Conhecer os diferentes ambientes das ciências da saúde (hospital, centro de saúde, USF, UCSP, académico, etc.)	24,08	22,18	1,90

Legenda: BIB – Bibliotecários; CV – Coeficiente de variação; INV – Investigadores.

A menor dispersão de opiniões e a homogeneidade nas respostas apontam para o facto de bibliotecários e investigadores acordarem acerca da possibilidade de o profissional da informação ser possuidor (ou não) de algumas competências. Com efeito, conhecer um terceiro idioma para além do materno e do inglês foi a competência que os dois grupos

destacaram com a média mais baixa em todo o questionário. Inversamente, saber identificar as revistas com maior impacto por disciplina é das competências mais valorizadas pelos dois grupos.

A homogeneidade nas respostas apurada pelo coeficiente de variação aponta ainda para competências associadas à maioria das dimensões estudadas. Quatro das competências inserem-se na dimensão da recuperação e avaliação dos recursos de informação (seleção de fontes de informação, identificação de vocabulário controlado, análise crítica da literatura e uso de operadores booleanos e truncaturas no processo de pesquisa). Também quatro das competências integram as dimensões associadas ao apoio à investigação e ao uso de *software* de investigação; mas enquanto a extração da evidência científica e o uso de *software* de análise de dados obtiveram médias baixas, especialmente por parte dos investigadores (5,46 e 5,22), saber migrar os dados em formatos diversos e migrá-los diretamente para gestores de referências são competências valorizadas superiormente por bibliotecários e investigadores, registando-se, assim, a uniformidade de opiniões.

4.1.12 Perceções

Bibliotecários e investigadores foram questionados, de acordo com as suas perceções, se concordavam com a colaboração de bibliotecários em equipas de investigação em saúde (Figura 2).

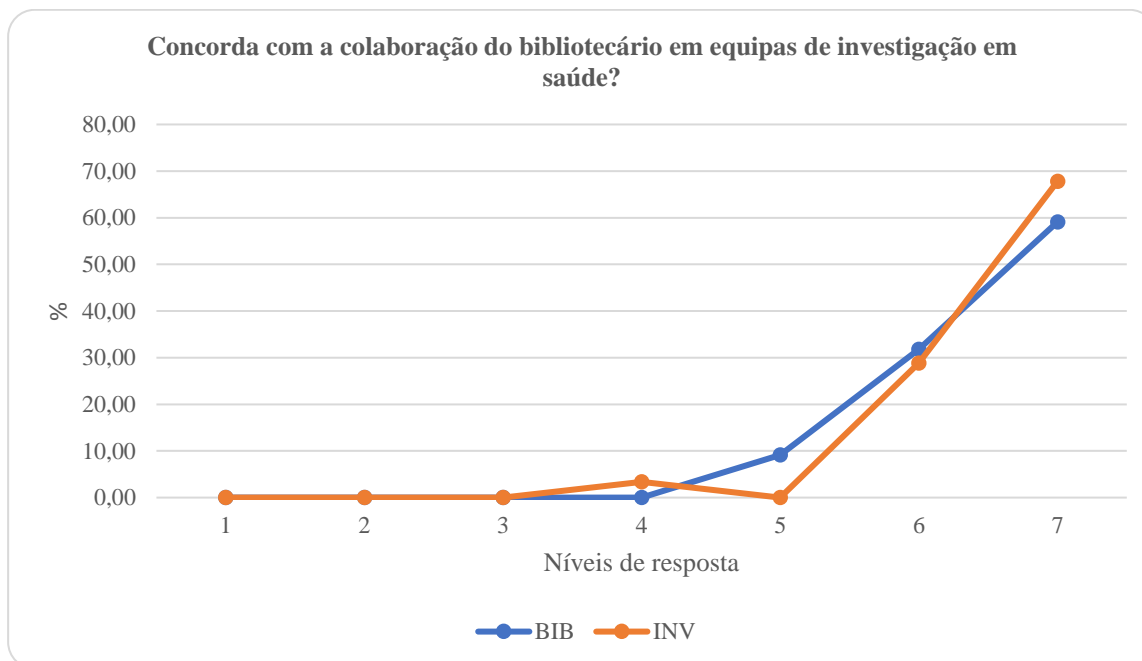


Figura 2. Perceção de bibliotecários e investigadores sobre a colaboração do bibliotecário nas equipas de investigação em saúde.

Apesar das respostas dos investigadores se iniciarem num nível intermédio adquirem uma concordância absoluta mais expressiva do que as respostas dadas pelos bibliotecários.

Esta pergunta direta, apresentada na fase final do questionário, pretendia sumarizar as perceções demonstradas pelos respondentes ao longo de todo o questionário. A resposta acompanha os resultados apresentados nas Tabelas 16, 17 e 18 (em resultado da análise final das subdimensões), ficando expresso que os investigadores avaliam muito positivamente a colaboração do bibliotecário nas equipas de investigação em saúde e que conseguem identificar as áreas de trabalho em que essa colaboração ser-lhes-á mais valiosa.

4.2 ABORDAGEM QUALITATIVA – Análise das Entrevistas

O convite para as entrevistas foi encaminhado a bibliotecários da área da saúde (preferencialmente no ativo) em bibliotecas acadêmicas ou hospitalares e com produção científica publicada na última década. O mesmo convite foi endereçado a investigadores das ciências da saúde que representassem a multidisciplinaridade da área.

4.2.1 Os entrevistados

Entre bibliotecários e investigadores do campo da saúde foram entrevistados 34 indivíduos, sendo 22 (64,7%) do sexo feminino e 12 (35,3%) do sexo masculino. A média de idades dos entrevistados é de 48,8 anos; o mais jovem tem 28 anos e o mais velho tem 64 anos. Relativamente ao número de anos na profissão, a média é de 23 anos de profissão, sendo o mínimo de cinco anos e o máximo de 43 anos no exercício.

Nem todos os entrevistados integraram equipas de investigação (os bibliotecários) ou contaram com profissionais da informação nas equipas de investigação (os investigadores): dos 34 entrevistados, 15 (44,1%) não passaram por esta experiência.

Quanto à docência, exercida quer por bibliotecários quer por investigadores, 26 (76,4%) em 34 entrevistados têm esta experiência.

4.2.1.1 Bibliotecários

Foi entrevistado um total de 13 bibliotecários que trabalham na área da saúde e têm produção científica publicada na última década (Tabela 19).

Doze bibliotecários (92,3%) são do sexo feminino e um do sexo masculino. A média de idades é de 52,6 anos; o mais jovem tem 36 anos e o mais velho tem 64 anos.

Dos 13 entrevistados, nove (69,2%) são bibliotecários em instituições do ensino superior, três em hospitais e um exerce numa biblioteca que é simultaneamente académica e hospitalar mercê das características muito próprias da sua organização. Relativamente ao

número de anos na profissão, a média é de 26,6 anos de profissão, sendo o mínimo de 12 anos e o máximo de 34 anos no exercício.

Do conjunto dos bibliotecários entrevistados, dois (15,3%) não têm experiência de investigação em estreita colaboração com investigadores. No que se refere à experiência da docência, cinco bibliotecários (38,4%) não conhecem esta experiência e, destes, três trabalham em bibliotecas do ensino superior.

Tabela 19. Caracterização sociodemográfica dos bibliotecários (ordenação pelo número de entrevista)

ID	Género	Idade	Local de trabalho	Anos na Profissão	Parceria Bibliotecário/ Investigação	Docência (S/N)
BIB01	F	62	Academia	32	Sim	Sim
BIB02	F	51	Academia	23	Sim	Sim
BIB03	F	56	Hospital	33	Sim	Sim
BIB04	F	47	Hospital	21	Não	Não
BIB05	M	61	Academia	34	Sim	Não
BIB06	F	36	Academia	12	Sim	Sim
BIB07	F	48	Academia	21	Sim	Sim
BIB08	F	48	Academia/Hospital	25	Sim	Sim
BIB09	F	59	Academia	32	Sim	Sim
BIB10	F	64	Academia	34	Não	Não
BIB11	F	55	Hospital	22	Sim	Não
BIB12	F	46	Academia	29	Sim	Sim
BIB13	F	52	Academia	29	Sim	Não

4.2.1.2 Investigadores

Foi entrevistado um total de 21 investigadores que trabalham na área da saúde, uns enquanto profissionais de saúde e outros provenientes de áreas conexas diferenciadas, designadamente: sociologia da saúde, farmácia, ciências farmacêuticas, genética, engenharia biomédica, química e saúde ambiental. Os profissionais de saúde entrevistados são das especialidades de medicina geral e familiar, ciências da visão, imagiologia médica, saúde pública e ciências da nutrição (Tabela 20).

Onze investigadores (52,3%) são do sexo masculino e dez do sexo feminino. A média de idades é de 48 anos; o mais jovem tem 28 anos e o mais velho tem 64 anos.

Dos 21 entrevistados, dezanove (90,4%) são investigadores em instituições do

ensino superior e dois em hospitais. Relativamente ao número de anos na profissão, a média é de 20,7 anos de profissão, sendo o mínimo de cinco anos e o máximo de 43 anos no exercício.

Do conjunto dos investigadores entrevistados, oito (38%) têm experiência de investigação em estreita colaboração com bibliotecários. No que se refere à experiência da docência, três investigadores (14,2%) não conhecem esta experiência e, destes, dois trabalham em ambiente hospitalar.

Tabela 20. Caracterização sociodemográfica dos investigadores (ordenação pelo número de entrevista)

ID	Género	Idade	Local de Trabalho	Área	Anos na Profissão	Parceria Bibliotecário/ Investigador	Docência (S/N)
INV01	M	49	Academia	Sociologia da Saúde	24	Não	Sim
INV02	M	38	Hospital	Medicina Geral e Familiar	15	Não	Não
INV03	M	61	Academia	Sociologia da Saúde	32	Não	Sim
INV04	F	32	Academia	Ciências Farmacêuticas	7	Não	Sim
INV05	M	46	Academia	Sociologia da Saúde	18	Não	Sim
INV06	F	40	Academia	Farmácia	16	Não	Sim
INV07	M	53	Academia	Genética	30	Não	Sim
INV08	M	60	Academia	Engenharia Biomédica	37	Sim	Sim
INV09	F	37	Academia	Ciências da Visão	15	Não	Sim
INV10	F	51	Academia	Ciência da Informação	29	Sim	Sim
INV11	F	43	Academia	Imagiologia Médica	14	Sim	Sim
INV12	F	28	Academia	Saúde Pública	5	Sim	Não
INV13	M	41	Academia	Medicina Geral e Familiar	10	Sim	Sim
INV14	F	56	Academia	Nutrição	16	Sim	Sim
INV15	F	52	Academia	Ciência da Informação	17	Não	Sim
INV16	M	46	Academia	Química	23	Não	Sim
INV17	M	56	Academia	Química	32	Não	Sim
INV18	M	64	Hospital	Medicina Geral e Familiar	43	Não	Não
INV19	F	46	Academia	Saúde Ambiental	16	Sim	Sim
INV20	M	54	Academia	Imagiologia Médica	19	Não	Sim
INV21	F	56	Academia	Ciência da Informação	18	Sim	Sim

4.2.2 Classificação e categorias de conteúdo

A análise das entrevistas permitiu classificar e categorizar o seu conteúdo.

As categorias criadas não têm elementos que se sobreponham ou que sejam

redundantes, na medida em que o contrário demonstraria ausência de confiabilidade. Procurou-se assegurar a sua aplicabilidade prática, pelo que as categorias são estritas, homogêneas e exaustivas; não são amplas nem abarcam conteúdos diversos. Assim, os conteúdos das entrevistas foram analisados objetivamente de modo a inviabilizar a classificação em mais do que uma categoria.

De acordo com as entrevistas realizadas foi possível, em primeiro lugar, identificar temáticas e subtemáticas abordadas pelos entrevistados, o que permitiu a criação de uma grelha de categorização dos conteúdos das entrevistas (Tabela 21). A grelha contempla conteúdos major, isto é, os grandes temas em debate, os quais, numa abordagem posterior, exaustiva e descritiva, permitem visualizar outros conjuntos de subtemas – as categorias minor.

Tabela 21. Grelha de categorização do conteúdo das entrevistas

Categories major	Categories minor
I. Competências do bibliotecário	I.1) Estratégias de pesquisa I.2) Seleção de bases de dados I.3) Métodos de investigação I.4) Gestores de referências I.5) Artigos de revisão I.6) Revisões sistemáticas e meta-análises I.7) Protocolos de investigação I.8) Identificação de revistas p/ publicação I.9) Disseminação de resultados I.10) Gestão da informação I.11) Bibliometria I.12) Diálogo/Comunicação I.13) Ética profissional
II. Autoconfiança	II.1) Limitações II.2) Formação II.3) Experiência II.4) Descoberta II.5) Motivação
III. Autorias	III.1) Elegibilidade para autoria III.2) Identificação de autores III.3) Sequenciação das autorias III.4) Secção de agradecimentos
IV. Reconhecimento	IV.1) Reconhecimento de Competências IV.2) Reconhecimento de Redes IV.3) Reconhecimento pelos Colegas IV.4) Reconhecimento pelos Docentes IV.5) Reconhecimento pelos Investigadores

	IV.6) Reconhecimento pela Organização VI.7) Sem reconhecimento
V. Competências que o bibliotecário deve explorar	IV.1) Metodologias de investigação IV.2) Gestão de dados IV.3) Análise de dados IV.4) Conhecimento da área científica IV.5) Participação em investigação IV.6) Marketing de competências IV.7) Domínio do inglês IV.8) Prática de <i>peer review</i> IV.9) Prática de edição científica IV.10) Formação académica

A primeira categoria major identifica as competências que os dois grupos de entrevistados consideram que integram o *core* de competências profissionais do bibliotecário, a saber:

- Domínio das estratégias de pesquisa de informação
- Metodologia de trabalho em artigos de revisão
- Metodologia de trabalho em revisões sistemáticas e meta-análises
- Competências na seleção de bases de dados
- Redação de protocolos de investigação
- Uso de gestores de referências bibliográficas
- Identificação das melhores revistas tendo em vista a publicação
- Competências de diálogo/comunicação na equipa
- Métodos na gestão da informação
- Noção de ética profissional
- Conhecimento de métodos em investigação
- Competências de disseminação dos resultados de investigação
- Noções de bibliometria

De referir que a identificação de competências é variável nos entrevistados, pelo que estas são assinaladas de acordo com cada entrevista (Tabela 22).

Tabela 22. Classificação dos conteúdos de acordo com as competências consideradas o *core* da profissão pelos entrevistados

	Estratégia de pesquisa	Artigos de revisão	Revisões sistemáticas + Meta-análises	Seleção de BD	Protocolos de investigação	Gestores de referências bibliográficas	Identificação de revistas p/ publicação	Diálogo/ Comunicação	Gestão da informação	Ética profissional	Métodos	Disseminação de resultados	Bibliometria
BIB01	X	X	X	X	X								
BIB02	X					X	X						
BIB03	X	X	X	X	X		X				X	X	
BIB04	X				X			X	X	X	X		
BIB05									X		X		X
BIB06	X					X	X	X					
BIB07	X	X	X		X			X			X		X
BIB08	X		X	X			X						X
BIB09	X			X			X		X				X
BIB10	X		X										
BIB11					X		X		X			X	X
BIB12	X			X		X	X		X		X	X	
BIB13	X			X		X	X		X		X		
INV01	X							X	X	X	X	X	
INV02	X	X	X					X	X		X		
INV03	X					X				X	X		
INV04	X	X	X	X	X		X	X	X		X	X	
INV05	X			X			X		X			X	
INV06	X		X						X				
INV07	X		X	X			X	X	X			X	
INV08	X			X		X		X		X			
INV09	X		X				X		X		X		X
INV10	X		X	X		X		X		X	X		
INV11	X	X	X	X					X				
INV12	X	X	X	X					X		X		
INV13	X	X	X	X	X			X			X		
INV14	X	X	X	X		X	X		X		X		
INV15	X			X	X		X		X		X	X	
INV16	X	X		X					X				
INV17	X	X		X		X			X		X	X	
INV18	X	X		X					X		X		
INV19	X	X		X		X			X				
INV20	X	X		X		X			X	X	X		
INV21	X								X	X			

A Tabela 23 subdivide a mesma categoria major («Competências do bibliotecário») em categorias minor, ilustrando-as com excertos das entrevistas de bibliotecários e investigadores.

Tabela 23. Categoria major «Competências do bibliotecário»: categorias minor e excertos

I. Competências do bibliotecário	
Categorias minor	Excertos “(…)”
I.1) Estratégias de pesquisa	<p>“Os pontos fortes do bibliotecário (...) ajudar na robustez científica das nossas afirmações.” [INV19]</p> <p>“Todos os trabalhos científicos começam nos enquadramentos teóricos. (...) Não existe nenhum trabalho de investigação em que antes de se fazer o trabalho de campo (...) não se questione o que é que eu quero saber. E o que é que eu quero saber é tão mais sólido quanto mais sólido for o quadro teórico. (...) e a alimentação do quadro teórico vem precisamente da recolha e análise bibliográfica (...). Considero o coração de uma investigação, ou seja, sem isso não há investigação.” [INV03]</p> <p>“Pontos fortes: os especialistas da informação sabem muito mais do que um investigador médico sobre onde localizar e confirmar a pesquisa eficiente. (...) Portanto, eu sou muito apologista que cada especialista tem um papel forte.” [INV13]</p>
I.2) Seleção de bases de dados	<p>“Eu vejo o papel do bibliotecário, numa investigação, num artigo, como sendo um processo que se inicia já no delineamento da pesquisa (...) estar junto com os investigadores num primeiro momento para auxiliar, validar uma pergunta de pesquisa na área de síntese de evidência, de revisão sistemática (...) para auxiliar a validar quais seriam as fontes de informação, quais seriam as bases de dados mais adequadas (...) validar as estratégias de busca (...), auxiliar também na extração, na exportação dos ficheiros, dos arquivos das bases de dados para um outro formato...” [INV04]</p> <p>“Pontos fortes são (...) o <i>know-how</i> sobre as fontes de informação, o acesso às fontes de informação e a possibilidade de ter uma visão muito mais ampla às vezes sobre o tema.” [INV16]</p>
I.3) Métodos de investigação	<p>“Quando duas revisões sistemáticas vão para revistas de primeiro quartil e são aceites à primeira é porque a metodologia está muito robusta. E, uma parte boa da metodologia muito robusta é, sem dúvida, a seleção das bases de dados e das palavras. Não se pode negar o impacto disto numa revisão sistemática.” [INV14]</p>
I.4) Gestores de referências	<p>“O meu papel nos projetos de investigação foi essencialmente o de pesquisa bibliográfica, também apoiar na aplicação de gestores de referências bibliográficas: o Mendeley, o Endnote... Nota-se ainda que os investigadores não estão muito à vontade na aplicação destas ferramentas.” [BIB02]</p>
I.5) Artigos de revisão	<p>“Atualmente estou muito envolvida em projetos de investigação como <i>bibliographic fellow</i> e na parte de investigação secundária, porque é muito importante haver alguém que domina a metodologia de pesquisa bibliográfica e de avaliação da produção científica para integrar projetos de investigação secundária, de revisões sistemáticas, meta-análises e outros tipos de artigos de revisão, as <i>umbrella</i> e as <i>scoping</i>...” [BIB03]</p> <p>“No caso de fazermos uma revisão, uma revisão sistemática, uma <i>scoping review</i> (...), se nós não tivermos uma base de pesquisa suficientemente sólida, todo o trabalho acaba por não ter o mesmo impacto, não ser tão sólido. (...) aí está uma parceria entre a parte da academia e a parte mais bibliotecária é muito importante porque essas competências nós, como investigadores, não temos.” [INV12]</p>
I.6) Revisões sistemáticas e meta-análises	<p>“É raro o projeto [de doutoramento] que não comece por uma <i>systematic</i> ou uma <i>scoping review</i>, no mínimo. Portanto, ter ajuda de um bibliotecário a afinar as equações e a selecionar as bases de dados e a partilhar todas aquelas artimanhas (...). Desde que temos o trabalho de fim de curso como uma <i>scoping</i></p>

	<i>review</i> , eu acho fundamental a contribuição do bibliotecário, sem dúvida! Aumenta bastante a qualidade da equação.” [INV11]
I.7) Protocolos de investigação	“O meu papel é sempre da bibliotecária, da técnica que dá apoio, sobretudo nas revisões sistemáticas, todos os artigos que são publicados, os docentes e investigadores quase todos levam depois a minha visão na parte da estratégia de pesquisa e na parte da identificação, muitas vezes da forma como está sistematizada a informação antes de ser tudo colocado, por exemplo, no PROSPERO no caso das revisões sistemáticas, etc.” [BIB01]
I.8) Identificação de revistas p/ publicação	“... depois até recomendo onde publicar...” [BIB01] “... também na identificação das revistas científicas mais adequadas para a publicação...” [BIB02]
I.9) Disseminação de resultados	“Outros pontos fortes eu acrescento a parte de poder fazer revisões de textos científicos, auxiliar a dar essa opinião, um outro olhar sobre um material que está sendo produzido, o artigo científico, por exemplo. E acredito que também tem uma mais-valia do ponto de gestão de dados, de disseminação. O bibliotecário também é um profissional que consegue disseminar a ciência, ou seja, fazer essa interface em que às vezes nós investigadores não fazemos. Então seria para fechar esse ciclo, disseminar a ciência depois de ter sido produzido o projeto, o artigo científico; o bibliotecário acho que tem, como ponto forte, saber fazer essas atividades muito bem.” [INV04]
I.10) Gestão da informação	“Esta capacidade que nós temos e este conhecimento que nós temos de gestão de bases de dados, da capacidade de fazermos pesquisas com qualidade, da capacidade que nós temos de utilizar esses recursos. Acho que é uma mais-valia e nas quais nós nos sentimos sempre muito seguros.” [BIB01] “É a nossa metodologia (...), a nossa capacidade de análise, a nossa capacidade de síntese. A forma como nós discutimos os resultados, o apoio à organização, que lógica mental, a forma como nós contribuimos para a organização dos documentos, como nós podemos dar a nossa opinião relativamente à estruturação, o que é que é a estruturação de um documento, como é que estruturamos os artigos da referência bibliográfica. Tudo isto que faz parte da nossa profissão... Também acho que é uma mais-valia que nós possuímos. A nossa versatilidade, flexibilidade e acho que nós somos aqui um mediador.” [BIB13]
I.11) Bibliometria	“Num projeto de análise bibliométrica acho que é fundamental termos um bibliotecário e eu própria não me sinto à vontade para iniciar esse projeto sem ter esse elemento na equipa.” [INV09] “As competências relacionadas com a área da bibliometria, exatamente de percebermos o que é que é isto da bibliometria, das citações, o que é que significam, como analisar, etc. Foram competências que foram bastante úteis, que outras pessoas não tinham e, portanto, e que nós trouxemos e penso que esse papel foi valorizado.” [BIB05]
I.12) Diálogo/ Comunicação	“O principal aprendizado que eu tive em trabalhar com um bibliotecário (...) alguém que conseguia fazer esse papel de intermediário de conseguir conectar várias áreas de pesquisa e principalmente saber ouvir, saber dialogar e não tentar impor uma visão pré-fabricada de uma linha de pesquisa.” [INV08] “A versatilidade acerca dos temas que o bibliotecário muitas das vezes evidencia.” [INV16]
I.13) Ética profissional	“... um desafio, nomeadamente estas questões da ética, ultimamente passei a fazer mais formação, a ler mais coisas sobre estas questões...” [BIB08] “... a pessoa em causa era uma pessoa com muita experiência, com uma ética de trabalho muito profunda e com um conhecimento de causa técnico, mas também das idiossincrasias dos processos de pesquisa e dos seus agentes...” [INV01]

A Tabela 24 subdivide a categoria major («Autoconfiança») em categorias minor, ilustrando-as com excertos das entrevistas de bibliotecários e investigadores. Esta categoria

identificou um conjunto de limitações que podem interferir com a autoconfiança do bibliotecário no seu exercício. A formação académica e a formação contínua, pelo contrário, têm um efeito curativo e construtivo da sua autoconfiança, bem como a experiência profissional. As entrevistas assinalam também que o exercício profissional permite a descoberta de novas competências e o encontro com novos estímulos pessoais que, por sua vez, ajudarão a construir a motivação necessária para o desempenho profissional de excelência e para assegurar a satisfação profissional do bibliotecário.

Tabela 24. Categoria major «Autoconfiança»: categorias minor e excertos

II. Autoconfiança	
Categorias minor	Excertos “(…)”
II.1) Limitações	<p>“Onde eu acho que nós não nos sentimos tão seguros... é mesmo nas metodologias de investigação, porque eu acho que não é o que nós temos no nosso <i>background</i> de formação, não é? Nós devíamos ter desde o início as metodologias de investigação como uma das coisas mais importantes na nossa formação académica.” [BIB01]</p> <p>“Nós às vezes achamos que não temos determinadas competências... estas pessoas são todas médicas e agora está aqui uma pessoa que não tem as competências que eles têm... Pois não, não tenho, mas tenho outras que eles não têm. E isso ficou-me muito claro e deu-me uma segurança que eu se calhar não tinha.” [BIB07]</p> <p>“Nunca fui eu a ter uma ideia original e a dizer, olha, vamos fazer isto e submeter. (...) Não considero ter experiência suficiente para fazer uma proposta e para liderar uma equipa.” [BIB12]</p>
II.2) Formação	<p>“Outra área em que eu me tenho envolvido muito é com as revistas científicas, na parte de não só de avaliação dos artigos, a parte de plágio, a parte da originalidade, mas também em toda a parte editorial e aí também tive que ir adquirir competências... já fiz dois cursos em Oxford de <i>medical editing</i>...” [BIB03]</p> <p>“... fiz formação nalgumas áreas, provavelmente não teria feito se não estivesse integrada numa determinada área (...), nomeadamente estas questões da ética, ultimamente passei a fazer mais formação, a ler mais coisas sobre estas questões (...). A investigação biomédica é um mundo, aprendo muito, tenho consciência que também partilho muito daquilo que é o meu <i>know-how</i>, quer do dia-a-dia da biblioteca quer de outras competências em que fui investindo...” [BIB08]</p> <p>“Todas as competências e capacidades e o que lhe queiram chamar têm sido desenvolvidos consoante a necessidade, a necessidade que nós sentimos no desenvolvimento da nossa atividade, no nosso dia a dia. Não há uma formação formal, uma formação académica que confirmem estatuto daquilo que nós fazemos neste momento. (...) Vamos fazendo formação avulsa, conforme as necessidades, conforme o que vai aparecendo. (...) A única forma que nós conseguimos trabalhar é formarmo-nos.” [BIB11]</p>
II.3) Experiência	<p>“Eu acho que o facto de eu estar, de eu ter feito mestrado, estar a fazer doutoramento, estar ligada às áreas de CI me dá algum arcaboço para articular com as equipas de investigação e as necessidades que eles têm.” [BIB04]</p> <p>“Envolvi-me em projetos de investigação porque sou simultaneamente professora universitária e faz parte da minha outra faceta profissional.” [BIB09]</p> <p>“Na prótese existe também a área dos materiais e a minha formação base também, o que poderia de algum modo facilitar a investigação. Claro que eu teria também de adquirir mais competências, mas</p>

	<p>passa por isso, por a minha formação académica ser da área, de uma área que lhes é cara nos projetos.” [BIB10]</p> <p>“O meu envolvimento ao nível da investigação tem sido muito ao nível não de desenvolver investigação propriamente dita, mas sim de coordenar a investigação de outros, de pares...” [BIB11]</p>
II.4) Descoberta	<p>“Aprendi muito e melhorei muito as minhas capacidades de gestão de projetos... aprendi muito sobre como é que se organiza, como é que se estrutura um projeto, como é que se gere, como é que se vai acompanhando, como é que se vai monitorizando, como é que se fazem reuniões, como é que se preparam documentos, etc.” [BIB05]</p> <p>“Eu acho que ganhei maior ponderação, particularmente nas opções metodológicas. Porque quando uma pessoa faz um determinado artigo ou trabalha para uma determinada publicação e as coisas correm bem, são aprovadas e são publicadas, de certa forma, há uma tendência para reproduzir aquele modelo. Só que quando trabalhas com outras pessoas e outras pessoas têm modelos diferentes, metodologias que já experimentaram e que também resultaram, isso vai-te abrindo horizontes...” [BIB12]</p> <p>“Em resumo, competências e capacidades, observar, aprender, adquirir maior manancial de possibilidades em termos de metodológicos e apurar o rigor científico. E a capacidade de observar o detalhe em maneiras diferentes e eu acho que isso é muito bom.” [BIB12]</p> <p>“Vale sempre a pena se nós tivermos a tal atitude de humildade, persistência, de querer aprender verdadeiramente.” [BIB12]</p>
II.5) Motivação	<p>“... às vezes acabo de ajudar e vou ler mais qualquer coisa sobre aquilo, porque percebi que afinal aquele grupo de pessoas me ensinou ou me falou mais este ou aquele artigo poderia ser interessante e eu vou ler. Vai-me dar mais confiança naquilo que eu já sei fazer, mas também me ajudou a perceber até onde é que eu consigo ir e até onde é que eu preciso mesmo de uma formação mais sistematizada para poder ir mais longe.” [BIB01]</p> <p>“Estou sempre a dizer: ‘Eu sou doída, estou sempre a meter-me em mais...’ Mas eu acho que nos vai sempre enriquecendo. Sem dúvida a nossa autoconfiança aumenta, porque nos vemos envolvidos em novos projetos (...). Acho que tem sido muito bom, investir tanto de mim e do meu tempo nestas áreas.” [BIB03]</p> <p>“Valeu muito a pena, sobretudo pelas competências e conhecimento que eu ganhei, porque aprende-se muito, aprende-se muito quando se está a trabalhar nestes projetos. E depois é sentirmo-nos valorizados no nosso trabalho e parte integrante numa equipa. (...) Aprendi muito e fiquei com vontade de aprender mais.” [BIB07]</p> <p>“A colaboração é sempre muito importante (...) aprender com outras pessoas de outras áreas multidisciplinares. Ganha-se sempre, porque aprendemos outras formas de saber fazer e outras aprendizagens que não as nossas. (...) Quando nós estamos em áreas estanques só podemos fazer de uma maneira e, quando aprendemos com outras pessoas, o nosso leque de conhecimentos abre.” [BIB13]</p>

A Tabela 25 subdivide a categoria major («Autorias») em categorias minor, ilustrando-as com excertos das entrevistas de bibliotecários e investigadores. Esta categoria identificou os critérios/contributos que os entrevistados consideram para garantir a elegibilidade dos autores, como é realizada a identificação dos autores nas suas publicações e nos seus projetos de investigação, qual é a sequência/alinhamento das autorias seguida e, por fim, quem são aqueles que devem figurar na secção dos agradecimentos.

Tabela 25. Categoria major «Autorias»: categorias minor e excertos

III. Competências do bibliotecário	
Categorias minor	Excertos “(…)”
III.1) Elegibilidade para autoria	<p>“Qualquer pessoa que participe no processo, seja em que etapa for, deve constar e eu acho que, não sei se é possível ou se é fácil ter um critério ou uma métrica que estipule de uma forma bastante arrumada qual é a percentagem de importância e como é que isso se traduz na sequência dos nomes, acho que isso (...) dependerá sempre um bocadinho do bom senso das pessoas, mas eu creio que a sequência dos nomes, para sermos corretos e justos para com todas as pessoas que participam, deve refletir com o máximo de fidelidade aquilo que foi...” [INV05]</p> <p>“Sendo um trabalho de revisão fazia-me todo o sentido que o bibliotecário fosse incluído – por exemplo, um trabalho, uma revisão narrativa, uma revisão sistemática, uma meta-análise, acho que seriam muito importantes.” [INV02]</p> <p>“Depende do papel que estas pessoas tiveram e depende se cumpriram de facto os critérios de autoria. Portanto, diria que as pessoas que fizeram mais prestação de serviços aparecem nos agradecimentos, não nas autorias. Muitas pessoas têm a ver com o volume do trabalho dentro do volume do projeto. Até agora, nunca trabalhei com um bibliotecário que tivesse relações de primeiro ou de último autor. Portanto, sempre coautores...” [INV13]</p> <p>“Se o bibliotecário participa desde a validação da estratégia, no meu entendimento, ele já entra como autor. Porque ele já está desde as primeiras fases do projeto. Não é necessário que ele saiba fazer, por exemplo, uma análise estatística, uma meta-análise. Mas ele contribuiu para esse desenho, para essas buscas, então para mim ele entra com certeza.” [INV04]</p> <p>“Combinei com eles que, na fase de publicação dos resultados de investigação, se quiserem serão coautores de uma parte. Mas é preciso que eles estejam disponíveis...” [INV21]</p>
III.2) Identificação de autores	<p>“Eu acabo por colaborar, mas nunca integro o projeto. Na prática, eu trabalho no projeto; na teoria, o meu nome nunca aparece em lado nenhum. Eu sou uma mera ajudante que dá jeito para corrigir referências bibliográficas, para ajudar nas pesquisas...” [BIB06]</p> <p>“Eu não tenho que ser primeira autora nem última de uma coisa biomédica, portanto, nem há discussão sequer... Já fico muito feliz que o meu nome vir lá no meio. Há o reconhecimento porque também, conforme tenho situações em que eu dou uma colaboração que eu acho que não é de coautoria e que me convidam para ser coautora e eu não aceito, também já aconteceu eu ter muito trabalho e depois o meu nome não aparecer em lado nenhum, nem nos agradecimentos nem como coautora.” [BIB08]</p> <p>“Normalmente eu fico sempre para o fim (...) nós decidimos entre nós que quem fosse apresentar o trabalho era quem ficava à frente, como primeiro autor. (...) Mas se é outra pessoa a ir apresentar, essa pessoa (...) só tem financiamento para se inscrever na conferência se for primeira autora.” [BIB12]</p> <p>“Seria identificado como qualquer outro membro da equipa, eu penso que não haveria diferença nenhuma (...) seria igual a qualquer outro elemento da equipa de investigação.” [INV03]</p> <p>“... desde o início que nós decidimos que íamos funcionar todos como equipa, portanto, quem estava a fazer a extração dos dados e a pesquisa bibliográfica, claro que fazia parte da equipa, claro que ia ser coautora da publicação que iria ser originada dessa pesquisa.” [INV12]</p>
III.3) Sequenciação das autorias	<p>“No tipo de projetos em que eu participo (...) o mais importante para nós e o mais significativo não são as publicações, são os serviços que nós criamos, são as infraestruturas que pomos a funcionar, são as recomendações (...) A questão da ordem (...) que fica em segundo, em terceiro ou em quarto ou em último já não é tão importante. Geralmente o primeiro é sempre quem é mais responsável, quem contribuiu mais para aquela tarefa...” [BIB05]</p> <p>“Nunca incluí nenhum bibliotecário como efetivo. Se o passar a fazer (...) será um autor do artigo e a sua posição vai obedecer às outras regras, ou seja, qual foi o papel que ele teve... estive sempre desde o início ou não, ajudou a escrever ou não, ou limitou-se a ser autor dos palpites...” [INV07]</p> <p>“Em alguns casos, nós já definimos no início do projeto. Mas, na maior parte dos casos, a definição final é ajustada no momento da publicação, em função das atribuições que cada autor deu para a publicação, para aquele artigo.” [INV08]</p>

	<p>“... foi definida a ordem de autoria de acordo com a quantidade de trabalho que eles exerceram no projeto.” [INV10]</p> <p>“... se estivéssemos a falar de um bibliotecário que levasse a cabo um estudo que fosse muito importante e que, inclusive, pudesse mesmo essa sistematização ser publicada, para mim seria o bibliotecário a pessoa que teria o nome em primeiro lugar. Ou seja, se eu quisesse publicar um artigo sistematizando todo o estudo, feito com base em análise de artigos, etc. Para mim, esse é um trabalho a incluir o bibliotecário, que seria do bibliotecário e esse artigo devia ter o bibliotecário como primeiro autor.” [INV16]</p>
III.4) Secção de agradecimentos	<p>“Faço, no fundo, uma mediação e, portanto, nunca publico verdadeiramente. O meu nome nunca está propriamente associado à publicação.” [BIB01]</p> <p>“É uma nota assim um bocadinho mais negra. Eu não fui identificada. Apenas nomeada nos agradecimentos em alguns casos... Haverá trabalhos que estão publicados e em que com certeza sei que dei algum contributo... Eu acho que não fazem por mal, eu acho que é um bocado a ideia que é uma espécie de um serviço dos bibliotecários, que nós temos obrigação de prestar e se calhar não entendem como uma participação num projeto de investigação.” [BIB02]</p> <p>“Os investigadores têm muitas das vezes, e felizmente, a sensibilidade e a gentileza de me colocarem lá num agradecimento ou, às vezes, até colocarem o meu nome.” [BIB07]</p>

A Tabela 26 subdivide a categoria major («Reconhecimento») em categorias minor, ilustrando-as com excertos das entrevistas de bibliotecários e investigadores. Esta categoria permitiu identificar que o fator reconhecimento é superiormente apreciado e valorizado pelo bibliotecário. Assim, é importante que as suas competências profissionais sejam reconhecidas, que a rede de profissionais da informação em que se insere também reconheça a sua *expertise*, que o seu valor seja reconhecido pelos seus pares (os seus colegas na biblioteca e noutros departamentos), pelos professores, investigadores e também pela sua organização. Esta categoria permitiu igualmente identificar a existência de bibliotecários que não são reconhecidos pelo trabalho desenvolvido.

Tabela 26. Categoria major «Reconhecimento»: excertos

IV. Reconhecimento	
Categorias minor	Excertos “(…)”
IV.1) Reconhecimento de Competências	<p>“No início, ninguém achava que o meu papel a fazer isto era relevante. (...) Isto é um processo. E a partir de uma certa altura passou a ser reconhecido pelos investigadores e pelos docentes que este papel era essencial porque os ajudava a separar o trigo do joio, porque era demasiada informação.” [BIB01]</p> <p>“Criei na biblioteca diversos serviços ligados à investigação científica: serviços de bibliometria, serviços de apoio à edição científica, de apoio à edição de revistas, serviços de literacia da informação científica, <i>workshops</i> de escrita científica... estes serviços acabaram por ser integrados no centro de investigação e funcionar como apoio ao desenvolvimento do trabalho investigativo das pessoas envolvidas no centro.” [BIB09]</p>

	<p>“Cada vez mais temos equipas multidisciplinares... Por muito que nós queiramos, não podemos saber de tudo. Eu não posso saber de clínica, de genética, de biblioteca, de análise estatística, de análise... Não posso, é impossível.” [INV07]</p> <p>“Vemos sobretudo os jovens médicos e internos (...) a fazer investigação. (...) Uma coisa é ter linguagem técnica [de] como se faz a pesquisa e outra coisa é ter realmente <i>know-how</i>, o acesso, a <i>souplesse</i>, digamos, que vem com a prática do documentalista... Por mais ferramentas conceptuais que o investigador tenha...” [INV18]</p>
IV.2) Reconhecimento de Redes	<p>“E depois há uma questão de transparência (...) vou muitas vezes bater à porta de colegas... há aqui uma rede que quando eu não sei a questão, alguém há de saber, não sei a resposta à questão, alguém há de saber, e esta rede de contactos também é muito valorizada internamente. [BIB08]</p> <p>“O bibliotecário é um profissional multidisciplinar e interdisciplinar, que está muito bem posicionado dentro das instituições de ensino e que faz essa correlação (...) com os investigadores com a parte da academia e com outras instituições, por exemplo, os hospitais, instituições de saúde (...) acho que é essencial que tenhamos outras competências dentro de um projeto para além das nossas <i>expertises</i> da área da saúde.” [INV04]</p>
IV.3) Reconhecimento pelos Colegas	<p>“... as pessoas ficam contentes por verem um colega não docente envolvido nestas tarefas mais docentes e de investigação. Reagem positivamente, não tenho sentido nenhuma energias negativas a esse nível...” [BIB07]</p> <p>“... eu estou integrada nestes grupos de investigação, mas eu sou não-docente, eu não estou na carreira de investigadora, não estou na carreira docente, eu estou na carreira do staff, portanto, não-docente. Onde é que às vezes há alguma resistência? Nos colegas não-docentes...” [BIB08]</p>
IV.4) Reconhecimento pelos Professores	<p>“Os professores olhavam para mim como um par. (...) Eu não era a bibliotecária geral, mas era também professora... eu própria é que acrescentava valor à minha colaboração.” [BIB09]</p>
IV.5) Reconhecimento pelos Investigadores	<p>“Há todo um (...) contributo, quer no momento investigativo ou da preparação até da investigação (...) que alguém com formação em biblioteconomia (...) nos possa conferir nos processos até pós-investigativos, quer nos processos de disseminação da publicação, quer nos processos da forma como essa investigação depois pode tocar públicos diversos.” [INV01]</p> <p>“A maneira como eu entendo o papel do bibliotecário (...) é sobretudo ter um maior à vontade, uma maior preparação em ajudar em algumas tarefas que não são menores, isto é, são tarefas que podem ser vistas como um bocadinho paralelas ao aspeto mais científico que está subjacente ao projeto, mas que acabam por na verdade dar-lhes um bom suporte e alimentá-las, porque para fazermos também boa ciência é necessário também ter acesso a boa informação, ter acesso a ferramentas que facilitem a sistematização dessa informação, permitem também integrar os resultados do trabalho nas redes certas, divulgá-la da forma que possa conferir uma maior visibilidade junto dos pares (...) num olhar mais rápido pode parecer que o bibliotecário é (...) ‘apenas’ um facilitador de aspetos que correm lateralmente à ciência propriamente dita...” [INV05]</p> <p>“O bibliotecário é uma pessoa com formação elevada, nos dias de hoje, até nalguns casos muito elevada (...) que não são devidamente considerados ou valorizados e que podem contribuir, dependendo naturalmente da área em que está a investigar.” [INV15]</p> <p>“O tempo é precioso para todos os profissionais. E é óbvio que a participação do documentalista permite dar tempo que é precioso ao investigador e com um resultado final incomparavelmente superior em termos de eficiência.” [INV18]</p> <p>“O profissional da informação tem cabimento em qualquer área da vida e não é só o setor terciário, digamos assim, da economia: tem cabimento em qualquer área da vida.” [INV21]</p>
IV.6) Reconhecimento pela Organização	<p>“Dou aulas sobre a pesquisa sistemática da literatura e também de escrita científica e dou aulas no programa de doutoramento, dou aulas em mestrados de investigação biomédica e no mestrado integrado e sou mesmo eu que dou as aulas de uma cadeira que foi criada aqui na Faculdade de Medicina, uma cadeira obrigatória do quinto ano, que é de preparação para a tese em que os alunos adquirem competências para fazer uma boa tese (...) e tentar que o trabalho que eles façam</p>

seja um artigo científico, um caso clínico, um protocolo ou uma revisão sistemática que depois vise a publicação...” [BIB03]

“Pela instituição, tenho tido todo o apoio em fazer investigação, só não faço mais porque não tenho tempo. (...) Mas gostava de fazer mais coisas, tenho às vezes dificuldade em sentar-me a escrever para ter tempo para o fazer. (...) Só não faço mais por falta de tempo.” [BIB04]

“O facto de ter ganho um prémio de reconhecimento que foi muito publicitado, e chegou a saber-se dentro da minha instituição, granjeou-me um espaço que eu não pensava que viesse poder ganhar. Esse reconhecimento de fora foi muito importante para mim, porque eu passei a ser um par. Apesar de trabalhar na mesma na biblioteca... Eu sou ouvida nas reuniões de investigação, na instituição em geral. E, ao longo do tempo, isso foi sendo notório pelos convites que eu fui recebendo para participar neste projeto ou naquele projeto.” [BIB12]

“A perspectiva de nós podermos ir para fora, de colaborar, fazer outras coisas completamente novas e para investigar de outra forma... e para escrever artigos e para colaborar com pessoas de outras bibliotecas e de outros lugares... E eu tenho que agradecer estas oportunidades... aos diretores da faculdade.” [BIB13]

“Há um reconhecimento, mas esse reconhecimento é apenas verbal (...), somos chamados como se fosse nosso dever, nossa obrigação. E se calhar, tudo bem que é nosso dever e pode ser nosso dever, mas também é importante que isso seja constatado e seja reconhecido em devido lugar.” [BIB02]

IV.7) Sem reconhecimento

“Eu creio que seria muito bem vista pelos investigadores e pelos professores. Pela instituição, não sei, duvido. É de facto um trabalho mais visível, porque eu estou aqui e porque eu realizo atividades e eles veem que, de facto a biblioteca é necessária e eu entendo que os investigadores e professores conseguem, eu consigo dar visibilidade a eles. Mas de facto, aos dirigentes de topo, não tenho grande visibilidade.” [BIB10]

A Tabela 27 subdivide a categoria major («Competências que o bibliotecário deve explorar») em categorias minor, ilustrando-as com excertos das entrevistas de bibliotecários e investigadores. Esta categoria permitiu identificar um conjunto de competências que os entrevistados consideram que podem beneficiar o profissional da informação, dotando-o com novos saberes e possibilitando-lhe uma interação mais ágil, concreta e eficaz com investigadores e equipas de investigação. Assim, considera-se que o bibliotecário deve melhorar os seus conhecimentos em metodologias de investigação, na gestão de dados (e na redação dos planos de gestão de dados), na análise de dados, deve investir no estudo da área científica em que trabalha (dominando a terminologia), não perder a oportunidade de investigar (seja desenvolvendo investigação própria, seja participando em projetos de investigação multidisciplinares na sua organização e fora dela), promover um *marketing* das suas competências enquanto profissional da informação (i.e., dar-se a conhecer e demonstrar o desejo de colaborar com outrem justamente pelo seu saber diferenciado), investir nos seus conhecimentos da língua inglesa e da edição científica, praticar a análise metodológica e crítica de outros estudos (em especial, os da sua disciplina) e,

principalmente, o bibliotecário deve investir na sua formação académica.

Tabela 27. Categoria major «Competências que o bibliotecário deve explorar»: categorias minor e excertos

V. Competências que o bibliotecário deve explorar	
Categorias minor	Excertos “(…)”
V.1) Metodologias de investigação	<p>“Comecei a minha formação académica, graduada, não me lembro de ter usado quaisquer metodologias de investigação nos nossos trabalhos... na altura da pós-graduação, sim, fiz alguns inquéritos, portanto, alguma metodologia qualitativa e depois quantitativa para a análise dos dados.” [BIB01]</p> <p>“Um domínio de nível muito superior do ponto de vista do conhecimento de fontes de informação, de vários âmbitos. Também a redação científica, o trabalho científico, a produção de trabalho científico sob a forma de publicação ou eventualmente também de uma apresentação, portanto, poder ter eventualmente algumas competências de comunicação científica também.” [INV15]</p> <p>“O ponto forte da investigação seria para além das tarefas de referência e de ajuda à produção científica no âmbito de determinado projeto e poderia passar por pôr em prática certas etapas metodológicas, como a dinamização de <i>focus group</i>, tratamento de questionários, caso seja o levantamento de dados através de questionário, observação de participante/não-participante...” [INV15]</p>
V.2) Gestão de dados	<p>“Os profissionais de saúde são muito focados nos doentes, ao contrário de nós, que às vezes achamos que temos todo o tempo do mundo para fazer as coisas. Eles desenrascam-se e, portanto, se nós não lhes dermos uma solução efetiva (...) eles vão encontrar uma. Porque o doente está acima de tudo. (...) O hospital não tem arquivos departamentais. Toda essa documentação foi tratada, integrada, mas foi preciso um trabalho de organização muito grande.” [BIB04]</p> <p>“Todos os requisitos do repositório clínico digital foram definidos com as equipas do arquivo e da informática. E sempre com o nosso colega da inteligência de dados... [Nas] linguagens controladas [da saúde] o potencial [da] informação é muito grande a longo prazo, não só para a prestação de cuidados como para a investigação.” [BIB04]</p>
V.3) Análise de dados	<p>“Trabalhamos e vivemos com dados e temos que os saber analisar e não ter conhecimentos profundos sobre como gerir dados, seja que tipo de dados for, eu acho que é uma lacuna...” [BIB01]</p>
V.4) Conhecimento da área científica	<p>“A mais-valia seria obviamente sempre relacionada com a pesquisa. Mas fazer uma pesquisa que fosse muito mais abrangente e que pudesse também do ponto de vista científico trazer novas pistas, novos dados, novos rumos ao projeto de investigação, ou seja, no sentido de dar resposta às necessidades imediatas. Mas também de procurar informação adicional que pudesse ser útil e que pudesse dar outra perspetiva (...): ajudar àquilo que seria necessário, sistematizando, mas também ser uma pessoa que, pela sua pesquisa, pudesse trazer uma mais-valia em termos de incremento no trabalho realizado e da colocação de novas hipóteses e novos caminhos nesse mesmo trabalho ou noutros que daí pudessem advir.” [INV16]</p> <p>“O facto de ter uma perspetiva de <i>insider</i> dentro da área da Ciência da Informação. É uma pessoa que conhece bem não só a terminologia técnica e científica da área da Ciência da Informação, o que pode ser muito importante... está perfeitamente integrada no vocabulário técnico e científico.” [INV21]</p>
V.5) Participação em investigação	<p>“Alguém que tenha tido algum contacto anterior com investigação (...) o primeiro critério seria sempre a sua experiência e a sua qualidade de bibliotecário em si.” [INV03]</p> <p>“Contar com um bibliotecário na equipa implica uma pessoa que naturalmente tenha interesse em participar no trabalho de investigação (...). Acho que as pessoas que estão envolvidas no trabalho têm que estar envolvidas de corpo inteiro e, portanto, têm que se identificar com o trabalho que se está a realizar... não é só a componente técnica do perfil do investigador, seja ele bibliotecário ou outro, mas também o perfil em termos de compromisso, em termos de vontade de estar no trabalho...” [INV20]</p>
V.6) Marketing de competências	

	<p>“As principais competências para um bibliotecário atuar nessa área de investigação seriam competências básicas, gerais, que todos os investigadores deveriam ter: uma boa comunicação, uma boa fluência verbal e escrita, domínio do inglês (...). Também é importante, como qualquer competência básica, ter domínio de ferramentas de informação, portanto, Microsoft Excel, Word e uma mais-valia que seria gerenciadores de referência, como o EndNote, por exemplo, ou o Mendeley ou o Zotero. Para além disso, acho que é muito importante um bibliotecário ter um conhecimento mínimo que seja em metodologia específica na área da saúde, ter uma ideia de quais são os principais desenhos de estudo epidemiológico que existem, os principais tipos de pesquisa que podem ser feitos.” [INV04]</p> <p>“Acho que é papel também dos próprios bibliotecários venderem-se, mostrarem a importância que têm...” [INV07]</p>
V.7) Domínio do inglês	<p>“...domínio do inglês, porque obviamente todas as evidências e fontes de informação são mais maioritariamente nesse idioma...” [INV04]</p>
V.8) Prática de <i>peer review</i>	<p>“Também queremos saber como é que se faz um melhor <i>peer review</i>, a melhor revisão científica, pois temos que nos envolver dessa forma, depois vamos adquirir competências na área do <i>peer review</i> para além daquelas que já tínhamos...” [BIB04]</p>
V.9) Prática de edição científica	<p>“Tive que ir adquirir competências (...) de <i>medical editing</i>. Ter competências na parte da edição, também me permite depois na investigação ou nos projetos ter mais competências na revisão dos trabalhos e na escrita dos trabalhos e saber também quais são as revistas certas (...) para conseguir publicar.” [BIB03]</p>
V.10) Formação académica	<p>“O ponto forte, na verdade, é a formação do bibliotecário. Não é exatamente que ele tenha um ponto forte. Quando ele participa de um projeto de investigação, ele se aperfeiçoa em várias frentes da formação de biblioteconomia.” [INV10]</p>

5 DISCUSSÃO SOBRE PERCEÇÕES E CONTRIBUTOS DO PROCESSO DE COLABORAÇÃO

A questão de investigação do presente estudo pretende saber como implementar a colaboração entre bibliotecários e investigadores em equipas de investigação em saúde em Portugal. Para responder a esta pergunta foram traçados quatro objetivos. A análise dos resultados, quer dos questionários quer das entrevistas, permite, assim, refletir sobre as hipóteses de resposta aos objetivos propostos e responder também à pergunta de investigação. Desta forma, será possível identificar a perceção que os bibliotecários têm das suas próprias competências e a perceção que os investigadores têm das competências dos bibliotecários quando aqueles colaboram com as equipas de investigação em saúde. Mercê do contributo dos dois grupos analisados, será também possível identificar e refletir sobre as competências que os profissionais da informação devem possuir para garantir uma eficaz colaboração e, a partir desta identificação e reflexão, redigir um conjunto de recomendações ou orientações de modo que a formação dos bibliotecários da saúde possa ser reformulada, renovada e adaptada ao seu trabalho de parceria nas equipas de investigação em saúde.

Na discussão da presente investigação procurou-se segmentar, a partir das categorias identificadas na análise das entrevistas, as grandes áreas abordadas por bibliotecários e investigadores e integrar os resultados apurados nos questionários à luz da literatura científica. No final desta secção tecer-se-ão algumas considerações finais da interpretação de dados e em que será possível descrever alguns tópicos comuns aos dois grupos de participantes no estudo.

A análise dos resultados permitiu refletir sobre a oportunidade oferecida ao bibliotecário da saúde quando convidado a colaborar com investigadores. Estes não parecem impressionar-se com um profissional que seja um mero e passivo fornecedor de informação. Privilegiam um bibliotecário interventivo na pesquisa de informação, na seleção de bases de dados, mas também na descodificação da linguagem científica dos investigadores, contribuindo para o desenho da investigação e para a escrita científica.

5.1 BIBLIOTECÁRIOS

Os bibliotecários foram questionados, na entrevista, acerca do seu envolvimento em projetos de investigação. Genericamente, esta participação decorreu de convites feitos por professores e investigadores. Em regra, é solicitado um apoio nas pesquisas em bases de dados [BIB12], na organização das referências bibliográficas [BIB02], de acordo com o estilo de referência que mais usam, mas também porque, em função do artigo de revisão a desenvolver, credibiliza, e é considerado um fator de qualidade, o aconselhamento e a colaboração do profissional da informação [BIB01]. Que competências são identificadas, valorizadas e reconhecidas aos bibliotecários?

5.1.1 As competências dos bibliotecários

Habitados ao seu desempenho diário, às pesquisas de informação, à identificação das fontes mais adequadas, ao uso generalizado de técnicas de filtragem de informação, muitas vezes os bibliotecários podem desvalorizar as suas competências, considerando-as básicas só porque integram o básico da sua formação [BIB07]. Esta não parece ser a realidade da maioria dos bibliotecários questionados e entrevistados. Consideram que possuem competências que lhes são reconhecidas especialmente pela interdisciplinaridade da profissão e pela capacidade de autonomia do bibliotecário: “[Somos] capazes de pegar numa pergunta de investigação e conseguir transformá-la de forma que ela possa no fundo ser sistematizada e fatiada e colocada em bases de dados que nos permitem depois recuperar informação (...) temos que o fazer de forma setorial, de forma quase segmentada e depois então é que agregamos” [BIB01]. Regra geral, os investigadores procuram o bibliotecário já com a pergunta de investigação bem trabalhada, com os objetivos definidos; infelizmente alguns parecem esquecer-se que, antes disso, há que mapear a literatura, o campo de investigação, explorar os termos de pesquisa e partir então para a agregação desses termos. Como destaca a mesma bibliotecária, com grande experiência na literacia da informação nos vários ciclos de estudos, “fazer aquilo que nós em literacia ensinamos (...). Fazer a pesquisa a partir das palavras-chave, arrumá-las e, no fundo, ensiná-lo a fazer mesmo um

processo de pesquisa desde o detalhe e eu acho que isso é algo que um bibliotecário ensina a fazer e que um investigador muitas vezes parte do princípio que já sabe fazer e muitas vezes não sabe fazer” [BIB01]. Voltar atrás, olhar com outros olhos para a pergunta de investigação, questionar que outros termos é que se podem associar e relacionar, que cruzamentos equacionar, são etapas que integram o processo iterativo da pesquisa de informação.

Para outra das entrevistadas este processo não é novo, até por que tem estado muito envolvida em projetos de investigação enquanto *bibliographic fellow*, naquilo que designa como a bibliotecária a fazer investigação secundária [BIB03]. Na sua opinião, é muito importante que alguém domine a metodologia de pesquisa bibliográfica e de avaliação da produção científica para integrar este tipo de investigação que se dedica ao desenvolvimento de estudos de revisão, revisões sistemáticas, meta-análises, *scoping reviews* e *umbrella reviews*. Este contributo não deve ser menosprezado; pelo contrário, os investigadores destacam-no positivamente quer na entrevista quer na resposta ao questionário. Por conseguinte, considerar que a única coisa que se fez foi apoiar nas pesquisas sistemáticas [BIB10] é uma conclusão errónea, porque, para este efeito, todas as estratégias de pesquisa devem incluir o contributo de um bibliotecário da saúde experiente, de modo a garantir que nenhum estudo foi deixado de fora (Jackson & Kuriyama, 2018).

Por vezes os investigadores do campo da saúde demonstram alguma dificuldade em fazer pesquisas de informação. Durante muito tempo consideraram que se tratava de um dado adquirido até que a pandemia do COVID-19 demonstrou as limitações das pesquisas académicas. Com centenas de estudos publicados diariamente sobre a matéria ficaram bem patentes as dificuldades em encontrar, atualizar e sintetizar a informação, o que, por sua vez, dificultou a tomada de decisão baseada em evidências. De acordo com Gusenbauer e Haddaway (2021), esta crise de informação sobre a COVID-19 é indicadora de um problema muito mais vasto da sobrecarga de informação na investigação académica. Para melhorar as capacidades de investigação é necessário melhorar urgentemente a forma como se desenvolvem as pesquisas de informação e selecionar adequadamente os recursos utilizados. Essas são justamente algumas das competências em que o bibliotecário, enquanto profissional da informação, se sente mais confortável. Uma das bibliotecárias entrevistadas

refere que às vezes até trabalha com investigadores que já evidenciam algumas competências na pesquisa, mas que não sabem como pesquisar e ainda menos onde pesquisar [BIB06]. E é aqui que ela consegue agilizar e aprofundar o trabalho deles. Esta afirmação é corroborada por outros entrevistados, que acrescentam que os investigadores muitas vezes desconhecem algumas fontes de informação e, conseqüentemente, não as usam; se as conhecessem, provavelmente também não saberiam utilizá-las da forma mais eficiente e eficaz ao nível da recolha de informação. Aliás, BIB09 acrescenta que, além dos investigadores não saberem muito bem onde pesquisar informação, também não sabem localizar as fontes mais adequadas, cingindo-se a fontes que conhecem e que lhes foram transmitidas. Existe, assim, a possibilidade de formar os investigadores, de lhes transmitir competências que eles, por norma, não têm (e.g., as questões relacionadas com os direitos de autor) (Campbell & Dorgan, 2015).

Os bibliotecários entrevistados dão formação de forma regular nas suas instituições, a maioria em sala de aulas, num espaço e num período de tempo cedidos pelos professores da área das metodologias. Estas formações destinam-se prioritariamente aos estudantes, mas também existem outras cujos destinatários são justamente professores e investigadores. Os conteúdos são variados, desde a pesquisa em bases de dados e em plataformas científicas [BIB07] às revistas predadoras [BIB08], à referenciação bibliográfica e ainda à utilização de gestores de referências e mesmo do Word [BIB06]. Como refere uma das bibliotecárias, que sente que integra o próprio desenho dos estudos porque efetivamente colabora em todo o processo em investigação, “é evidente que o meu contributo é ao nível daquilo que são as competências dos bibliotecários, eu não sou médica, eu não tenho o conhecimento que eles têm, mas é ao nível das nossas competências” [BIB08].

Alguns dos bibliotecários entrevistados revelam que acabaram por se envolver nos projetos de investigação por solicitação dos investigadores, mas também dos estudantes de mestrado e doutoramento, depois de terem participado em algumas aulas de unidades curriculares quer do Doutoramento em Ciências da Saúde quer do Mestrado em Investigação Biomédica: “Isso fez [com] que eu tivesse um contacto mais direto com os alunos e dando-lhes o meu contacto enquanto bibliotecária, posteriormente criei aqui uma

relação de maior proximidade com eles e eles têm solicitado o meu apoio” [BIB07]. O caso desta bibliotecária não é raro, mas apresenta características muito próprias. Sensibilizados pela sua prestação em estudos bibliométricos e em revisões sistemáticas, teve a oportunidade de colaborar na redação de um protocolo de investigação, posteriormente aprovado e registado na *Best Evidence Medical Education* (BEME), onde selecionou e avaliou os artigos em função dos critérios de elegibilidade descritos no protocolo do estudo [BIB07]. Esta é uma realidade cada vez mais objetiva nos estudos de revisão, sendo que os protocolos de investigação referem habitualmente a consultoria de um bibliotecário ou de um especialista da informação na construção da equação de pesquisa e também em algumas secções do protocolo (Arigoni et al., 2013; Spencer & Eldredge, 2018).

Também a análise crítica de manuscritos começa a fazer parte das atividades do bibliotecário. Uma das bibliotecárias entrevistada afirma que quem é autor também tem de demonstrar disponibilidade para rever o trabalho de outrem e porque “enquanto autores, para conseguirmos publicar temos que ter revisores (...), depois existem esses convites para ser *peer reviewer* de outros trabalhos, nós depois também queremos saber como é que se faz um melhor *peer review*, a melhor revisão científica” [BIB04]. A este propósito, um estudo recentemente publicado procurou analisar o impacto da inclusão de bibliotecários enquanto revisores metodológicos, procurando determinar se o parecer do bibliotecário diferia do parecer do revisor tradicional, se havia diferenças na implementação das suas recomendações, qual o impacto na tomada de decisão editorial e a perceção da utilidade de uma revisão por pares realizada por um bibliotecário ou especialista da informação. Os resultados do estudo identificaram a intervenção do bibliotecário em pareceres que mencionam: a recomendação de incluir o tipo de revisão no título; a justificação para a escolha específica daquele tipo de artigo; se o artigo de revisão cumpre os requisitos para efetuar a síntese de evidência científica; se a estratégia de pesquisa foi adequada para o artigo de revisão; o pedido para explicar qual a abordagem qualitativa de síntese utilizada (configurativa, integrativa ou agregadora); se o método foi adequadamente descrito; a recomendação de documentos de referência sobre metodologia para concretizar um tipo específico de revisão (revisão rápida de evidências, revisão narrativa); entre outras (Ibragimova & Fulbright, 2024). Neste estudo de caso, enquanto revisores da secção de

métodos, os bibliotecários ajudaram os autores a rever e a melhorar os seus manuscritos em numerosas outras secções (no título, no resumo, na estratégia de pesquisa, nos métodos, nos resultados, nas conclusões e nas implicações para a investigação/prática). O estudo identifica os contributos mais alargados que o bibliotecário pode dar no processo de revisão por pares, sendo que as suas recomendações ajudaram os autores a rever as submissões e facilitaram a tomada de decisão editorial. O estudo de Ibragimova e Fulbright (2024) vem, por sua vez, corroborar as hipóteses de Rethlefsen et al. (2021), segundo as quais a falta de conhecimentos especializados dos revisores que não são bibliotecários ou especialistas da informação na avaliação das estratégias e metodologias de pesquisa leva frequentemente a uma débil descrição das pesquisas realizadas, aumentando, assim, o risco de enviesamento. De onde se deduz que a aquisição de competências de *peer review* é um processo natural que dificilmente o bibliotecário poderá ignorar; pelo contrário, atravessa-se na sua forma de pesquisar e na experiência adquirida.

As competências dos bibliotecários permitem-lhes também sugerir aos investigadores onde publicar os estudos, de acordo com a modalidade de publicação em acesso aberto, fechado ou embargado, sem esquecer o fator de impacto e os quartis das revistas [BIB06], a experiência na identificação das publicações científicas mais adequadas à publicação de um determinado estudo [BIB02], o conhecimento de uma revista específica porque está indexada numa base de dados em especial, “são pequenos contributos que eu acho que outros investigadores não têm sensibilidade” [BIB12]. Obviamente que aliviar os investigadores também desta importante preocupação é outra competência reconhecida, valorizada e muito estimada ao profissional de informação. Como os investigadores têm cada vez mais opções quanto ao local onde submeter os seus artigos, devido aos modelos de negócio na publicação académica, as escolhas acabam por ser feitas em função da sua perceção na qualidade da revista, na rapidez de publicação e na proximidade entre o âmbito da revista e o tema do artigo – sem esquecer a preocupação adicional e crescente da possibilidade de a revista ser predadora. O apoio prestado pelo bibliotecário que trabalhe na área da saúde acaba por ser valioso neste processo (Akeroyd et al., 2022).

Duas das competências reconhecidas ao bibliotecário são justamente as do método e da gestão da informação. Os investigadores consideram que existe um método subjacente

ao trabalho do bibliotecário que consubstancia a gestão da informação e que passa por identificar as melhores fontes de informação, o processo iterativo de teste-reteste que envolve a pesquisa de informação para a identificação e seleção das palavras-chave, a avaliação dos resultados e a sua exportação para gestores de referências e outros *software* de análise de dados (Spencer & Eldredge, 2018). Não é, por conseguinte, surpreendente que alguns dos bibliotecários entrevistados tenham colaborado com os investigadores para além das etapas de pesquisa. Esta colaboração, por sua vez, permite ao bibliotecário recordar, renovar e reforçar competências de investigação, como aconteceu com BIB05 que participou na realização, análise e categorização de entrevistas, para além de participar na preparação, condução e gestão do projeto. Sem falsas modéstias, outra das bibliotecárias afirma que o seu contributo tem sido importante ou os estudos em que colabora não estariam publicados em revistas de quartil 1 e 2 [BIB03]. Tem plena consciência que a sua colaboração atravessa a metodologia dos estudos pelo facto de saber pesquisar e filtrar corretamente as bases de dados e conhecer os recursos disponíveis.

A gestão da informação correlacionada com métodos em investigação continua a ser discutida por outra bibliotecária [BIB04]. Na sua instituição, todos os projetos de investigação são avaliados pela Comissão de Ética e pelo encarregado da proteção de dados. Quando os investigadores são externos à organização ou não são da área da saúde é necessário estabelecer um elo na instituição para que os dados clínicos armazenados possam ser extraídos, as amostras sejam identificadas e para que os dados sejam contextualizados e interpretados. Muitas vezes é a bibliotecária que é designada para essa posição, sendo ainda da sua responsabilidade a realização das análises de impacto de privacidade que, sempre que os processos envolvem a recolha de dados clínicos, são obrigatórias de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados. Por conseguinte, nesta colaboração com os investigadores, o profissional da informação pode orientar na anonimização da informação e no acesso às aplicações de registos clínicos eletrónicos de imagem.

Neste entendimento, as múltiplas habilidades demonstradas pelo bibliotecário no campo da gestão de informação continuam a ser valorizadas. Uma das bibliotecárias refere que, devido ao seu conhecimento de repositórios, foi convidada a integrar um projeto de investigação porque um dos produtos finais identificado na candidatura a financiamento

pressupunha a criação de um repositório com todos os resultados do projeto [BIB12]. Como não integrou o projeto de raiz – foi convidada *a posteriori* – concluiu que havia uma falta de entendimento dos investigadores acerca do que era um repositório, a começar pela terminologia. Desconhecer a terminologia não é o único problema. De acordo com Collina e Patregnani (2017), os investigadores continuam a criar arquivos pessoais, muitas vezes pouco ou nada interoperáveis e não certificados; produzindo uma apreciável quantidade de dados ao longo da investigação, é importante garantir a sua sustentabilidade para evitar a duplicação de esforços e o desperdício de recursos. Resultado: os investigadores precisam mesmo de ajuda.

Outra bibliotecária identifica vários projetos em que colaborou estreitamente com investigadores: qualidade em saúde, serviços de saúde, património de saúde, saúde pública, parasitologias e, sobretudo, clínicas tropicais aplicadas à microbiologia, em que também ela era a responsável pela criação de um repositório associado à entomologia que, por sua vez, envolvia a classificação dos mosquitos [BIB13]. Para este projeto, mais do que pesquisas de informação em bases de dados, a bibliotecária colaborou na criação de uma tabela de classificação e de um *thesaurus* da especialidade para suporte ao repositório.

Os bibliotecários entrevistados assinalam frequentemente características pessoais, como a curiosidade e a flexibilidade (característica igualmente apontada no estudo de Hu et al. (2022), em oposição aos investigadores que por vezes demonstram pouca paciência para aprender a gerir, por exemplo, os seus próprios perfis de investigador no ORCID ou no Ciência Vitae ou a compreender o que diferencia as redes sociais académicas dos repositórios: “Acho que são contributos importantes que os bibliotecários trazem e que podem ir passando essa mensagem, mesmo que não seja de uma maneira direta. Sempre há oportunidade de explicar mais algumas coisas e de contribuir para que os projetos de investigação ganhem mais com a capacitação dos investigadores” [BIB12].

Genericamente, os bibliotecários estão conscientes do seu contributo para os projetos de investigação. Pode ser a metodologia usada nas pesquisas, a capacidade de análise e síntese, a forma como discutem os resultados apurados, o apoio à organização dos resultados, a lógica mental, a forma como contribuem para a organização da documentação, como opinam sobre a estruturação de um documento, como estruturam as referências

bibliográficas de acordo com múltiplos estilos de citação – tudo isto obedece a um método de trabalho e à gestão da informação: “Tudo isto que faz parte da nossa profissão, é o contributo, a mais-valia que nós podemos dar. (...) a própria forma como nós pesquisamos... a forma como nós conseguimos aceder às bases de dados, às tecnologias, a nossa facilidade de acesso e de lidar com as tecnologias que muitas vezes os investigadores não têm” [BIB13]. Neste entendimento pode também incluir-se o conhecimento que alguns profissionais da informação demonstram em ferramentas bibliométricas como o VosViewer ou o Biblioshiny [BIB07]. Todas estas valências são, de acordo com os entrevistados, uma mais-valia que pode ser caracterizada por uma determinada flexibilidade e até versatilidade inerente à profissão do bibliotecário, podendo demonstrar a sua capacidade de liderança criando parcerias fora da biblioteca (Hu et al., 2022). Ele tem a oportunidade de reforçar o seu papel na forma como intervém no processo de investigação, por exemplo, na gestão dos dados de investigação. Como reforçam Nitecki e Davis (2019), o profissional da informação tem de sair da sua zona de conforto (na organização, preservação e serviço de descoberta de recursos de informação) e tem de aceitar responsabilidades *emergentes* para as quais detém valores e conhecimentos.

Existe, por conseguinte, uma interação permanente de competências entre o bibliotecário e os investigadores. O profissional da informação agiliza e estabelece a ponte entre as necessidades de informação dos investigadores e os produtos e serviços de informação que estão disponíveis para a comunidade académica e científica. Neste âmbito, estar atento, tentar perceber as necessidades de informação e como se pode ajudar os investigadores são também competências de destaque e valor: “Tudo o que nós aprendemos com comportamento informacional é essencial e ajuda-nos muito a ser melhores naquilo que fazemos e a ajudar as equipas de investigação” [BIB04].

A estas competências associam-se as da capacidade de diálogo e de comunicação. Quando a comunicação se estabelece sem esforço tudo é mais fácil. Uma das bibliotecárias admite que a sua capacidade de comunicar lhe tem permitido passar a mensagem sem dificuldades e que as pessoas costumam reagir positivamente à sua maneira de ser [BIB07]. Também na ótica da comunicação, mas numa vertente de conseguir transmitir a mensagem, outra das bibliotecárias refere que a sua colaboração para a redação de um texto de

divulgação de um projeto com um investigador-estudante de doutoramento a levou a grandes discussões com o investigador; este escrevia de forma hermética para o grande público “e eu escrevia ao nível da bibliotecária para que toda a gente entendesse o que nós tínhamos feito” [BIB13]. A recriação de uma linguagem inteligível em função do destinatário foi valorizada, neste caso, com a colaboração do profissional da informação.

Às competências do bibliotecário deve ainda ser acrescentada a perspetiva pessoal que aquele transporta para o seio da equipa de investigadores, o seu trajeto, a sua experiência, mas também os seus interesses. Como refere uma das bibliotecárias, “enquanto pessoa, eu também trago um contributo. O que eu sou, o caminho que eu fiz, por onde eu passei (...). Tenho ideias e que podem fazer a diferença às vezes para os projetos” [BIB13].

5.1.2 O reconhecimento

Os bibliotecários entrevistados são unânimes em afirmar que atualmente as instituições da saúde sabem que se não tiverem equipas multiprofissionais e/ou multidisciplinares de retaguarda a trabalhar para a investigação muito provavelmente a investigação não resulta. É necessária uma equipa, alguém que trate a estatística, alguém que escreva, que edite texto, alguém que apoie os investigadores no desenho dos estudos e alguém que apoie, por exemplo, as submissões de manuscritos, como refere o Johns Hopkins Medicine³⁰. A investigação que tem vindo a ser realizada sobre a composição das equipas nos cuidados de saúde centra-se principalmente na diversidade de funções (Rosen et al., 2018). Não é, por conseguinte, surpreendente que os bibliotecários entrevistados tenham vindo a apoiar investigadores e equipas de investigação com as suas competências e os seus saberes, as suas competências de gestão de informação, as associadas à bibliometria, às citações, o que significam e como analisá-las, muitas vezes sem formação específica para este desempenho: “essas competências que hoje nós vamos adquirindo por iniciativa própria...” [BIB11].

Uma das bibliotecárias refere que criou na biblioteca diversos serviços ligados à

³⁰ <https://www.hopkinsmedicine.org/research/understanding-clinical-trials/clinical-research-team>

investigação científica: serviços de bibliometria, serviços de apoio à edição científica, de apoio à edição de revistas, de literacia da informação científica, *workshops* de escrita científica, entre outros [BIB09]. A nível organizacional, estes serviços acabaram por ser integrados no centro de investigação e por funcionar como apoio ao desenvolvimento do trabalho dos investigadores – e este é um reconhecimento das competências do profissional da informação. São ideias para novos serviços criados pela/para a biblioteca, em prol das necessidades de um grupo específico de utilizadores, os investigadores, criando um envolvimento natural também com a instituição (Olsen, 2012). Outra bibliotecária afirma que inicialmente o seu papel nestes processos não era considerado relevante. Como em tudo, tratou-se de um incessante e insistente processo e, “a partir de uma certa altura, passou a ser reconhecido pelos investigadores e pelos docentes que este papel era essencial, porque os ajudava a separar o trigo do joio, porque era demasiada informação” [BIB01]. Quando o investigador recorre ao bibliotecário na fase de desenvolvimento da sua tese de doutoramento, mais tarde reconhece-lhe a relevância para uma intervenção num dos seus projetos. É uma dinâmica que se cria e se ganha, em que o profissional da informação dá o máximo de apoio neste processo de mediação para ajudar a melhorar aquilo que em termos de investigação é possível fazer [BIB01].

Um dos bibliotecários entrevistados confia que acha que têm consideração e algum reconhecimento pela sua experiência na universidade também pelos anos na profissão, até porque conhece muita gente: “As pessoas provavelmente vêm ter comigo ou pedem-me ajuda porque eu sou capaz de dar essa ajuda, dar essa orientação, porque nas muitas circunstâncias em que eu não sei, eu também sei a quem posso perguntar. Ou seja, eu também tenho uma rede de pares e de gente também com bastante experiência e conhecimento” [BIB05]. Assumir que não se sabe tudo, mas que se sabe a quem pedir ajuda, parece ser uma qualidade a preservar no profissional da informação – integrar uma rede de bibliotecários nacionais e internacionais é uma característica muito valorizada nas instituições [BIB08] e, aliás, muito bem descrita pela American Library Association (2020). O estudo desenvolvido por Murphy (2022) é muito claro acerca do longo historial de envolvimento do bibliotecário das ciências da saúde em redes e outras colaborações profissionais, podendo estas desempenhar um importante papel no avanço da prática

profissional e das tendências da profissão, para além de proporcionarem uma articulação entre diferentes comunidades de prática externas ao seu ambiente.

Ao analisar o impacto da colaboração do bibliotecário num projeto de investigação é importante não esquecer o reconhecimento que essa colaboração terá ao nível dos próprios colegas não docentes, dos professores, dos investigadores e também da instituição.

As entrevistas dos profissionais da informação apresentam uma dualidade de cenários para o reconhecimento pelos pares. Uma das bibliotecárias refere que a sua equipa está muito orgulhosa porque faz questão de evidenciar o contributo da biblioteca sempre que é convidada a participar em projetos de investigação: “Eu estou em representação da biblioteca e da minha equipa. (...) E se eu poder envolver outros elementos da minha equipa nestes projetos, eu faço-o. (...) As pessoas ficam contentes por verem um colega não docente envolvido nestas tarefas mais docentes e de investigação. Reagem positivamente, não tenho sentido nenhuma energias negativas a esse nível...” [BIB07]. Mas reconhece que outros colegas, que não os da biblioteca, poderão ver esta colaboração como uma ameaça, como um serviço que se destaca face aos outros. Esta preocupação não é exclusiva. Outra bibliotecária também afirma que, apesar de participar regularmente nos projetos de investigação, não integra o centro ou o grupo de investigação, mas “eu sou não-docente, eu não estou na carreira de investigadora, não estou na carreira docente, eu estou na carreira do *staff*, portanto, não-docente. Onde é que às vezes há alguma resistência? Nos colegas não-docentes” [BIB08]. Acrescenta que tem sido sistematicamente convidada pelos professores a dar aulas ao longo dos anos, aulas que inicialmente não eram pagas. E, quando a remuneração começou a ser formalizada, “houve uma grande vontade de encontrar alguma ilegalidade para que não me pagassem as aulas...” [BIB08]. A mesma bibliotecária assume que felizmente isso não acontece com a sua equipa na biblioteca, que demonstra um total apoio e até algum orgulho.

Quando se analisa o reconhecimento pelos professores, a maioria dos profissionais da informação refere uma total aceitação. Pouco depois de iniciar funções, BIB07 foi convidada a integrar algumas unidades curriculares quer do Doutoramento em Ciências da Saúde quer do Mestrado em Investigação Biomédica, proporcionando um contacto mais direto com os estudantes e promovendo a divulgação da sua *expertise*. BIB08, como já

referido, também deu, e continua a dar, aulas. Sente que os professores também a estimulam muito a inovar e a procurar novos desafios. Apesar das muitas aulas que deu não terem sido remuneradas, não demonstrou qualquer desconforto, referindo que foram todas essas aulas que a ajudaram a consolidar a sua posição, que a ajudaram a preparar melhor as aulas, que a levaram a investir em novas aprendizagens, que lhe permitiram estar hoje mais integrada e também que seja remunerada como docente.

Outra bibliotecária assinalou que a sua colaboração na docência começou por uma valiosa prestação prestada a uma professora na transformação de uma tese de doutoramento em artigos: “Dá muito trabalho, porque ela tem o texto em bruto. Depois eu tento organizar as ideias num formato de artigo. Ela revê novamente, eu revejo novamente. Traduzi. Pedi para ela cortar umas coisas, portanto, acrescentei alguma bibliografia nova e submetemos” [BIB12]. Depois desta colaboração, e tendo *in loco* testemunhado as competências da bibliotecária, esta foi convidada a dar aulas sobre revisão de literatura e sobre normas de referência. Apesar de não se tratar de um convite formal, rapidamente evoluiu e, neste momento, já num cenário institucional, mantém a colaboração das aulas e é coorientadora em duas teses de doutoramento. Assume que não é oficialmente docente, mas que tem muito prazer nestas colaborações pela descoberta e pelas aprendizagens. E, como afirma outra das entrevistadas, “os professores olhavam para mim como um par. (...) Eu própria é que acrescentava valor à minha colaboração” [BIB09].

Quando se analisa o reconhecimento pelos investigadores, a maioria dos bibliotecários refere igualmente uma total aceitação. BIB07 assinala que o facto de ser uma profissional da informação foi valorizado, permitindo-lhe também melhorar a sua participação no projeto de investigação. Na sua opinião, os investigadores tinham consciência de que precisavam de um profissional da informação nos seus projetos, ainda que a instituição não estivesse preparada para valorizar ou formalizar esta colaboração. O resultado é a resposta dada pelos investigadores, que depois voltam a convidar o bibliotecário, reconhecendo-lhe as competências, facto igualmente confirmado pelo questionário da presente investigação.

Também BIB08 passou de um pedido muito específico de colaboração para um reconhecimento generalizado dos investigadores. O *know-how* demonstrado ao nível de

dados abertos, da gestão de dados em acesso aberto, de Ciência Aberta, de gestores de referências e também a sua rede de contactos foram características consideradas interessantes e valiosas. Muitas vezes os investigadores ficam a saber que a biblioteca e os seus profissionais podem ajudá-los em situações muito casuísticas. No caso de BIB08, a biblioteca promoveu algumas iniciativas associadas aos direitos de autor e à forma de evitar o plágio, mas também às revistas predadoras. A solicitação por correio eletrónico para submissão de manuscritos continua a ser uma estratégia utilizada pelas revistas predadoras para atrair potenciais vítimas. Tanto os investigadores juniores como os seniores são vítimas desta tática, o que tem preocupado sobremaneira as instituições académicas e de investigação no panorama do conhecimento científico no campo da saúde. De acordo com Wilson (2022) e Akeroyd et al. (2022), a problemática das revistas predadoras justifica a necessidade de os bibliotecários fornecerem formação e apoio nesta área, contextualizando-as, descrevendo as várias abordagens em jogo, enumerando sinais de alerta e construindo *whitelists*, que permitam fazer melhores escolhas, enquanto são exploradas novas funções de aconselhamento e formação dos investigadores. A biblioteca de BIB08 manifestou possuir conhecimentos sobre este e outros temas que os seus investigadores necessitavam para assegurar a integridade académica e para evitar a publicação em revistas predadoras. Não admira, portanto, que a resposta seja: “nos docentes é um puxar para cima, nos investigadores é um convidar... é um caminho que se vai fazendo e se as pessoas reconhecem o nosso mérito então devemos continuar” [BIB08].

Dever-se-á considerar, no entanto, que os investigadores conferem ao bibliotecário um papel de exceção na pesquisa de informação, o que poderá traduzir-se numa colaboração que não ultrapassará essa etapa. Os investigadores do presente estudo destacam muitas competências, mas aquelas a que atribuem a excelência estão associadas às etapas iniciais dos artigos de revisão. Por conseguinte, o bibliotecário pode confrontar-se com algumas barreiras se quiser responsabilizar-se por outras funções nas revisões sistemáticas para além da pesquisa (Murphy & Boden, 2015) ou se quiser participar numa revisão de âmbito. Esta, porque se trata de uma tipologia dos artigos de revisão posterior às revisões sistemáticas – identificada pela primeira vez como tal em 2001 (Mays et al., 2001) – e assumindo um carácter marcadamente exploratório, tem sido um terreno muito próprio dos investigadores

e não do profissional da informação. Como referem Morris et al. (2016), é difícil a identificação das funções dos bibliotecários neste tipo de estudo para além do seu contributo na formulação inicial da pergunta de investigação e no desenvolvimento da estratégia de pesquisa de informação, a qual deverá equilibrar amplitude e profundidade, sistematização e abrangência.

Ao analisar o reconhecimento pela organização também aqui se encontra uma dualidade de cenários. Em alguns casos, o reconhecimento é meramente verbal [BIB02] e por vezes nem é visível [BIB10]. Uma das bibliotecárias entrevistadas refere que se trata de um reconhecimento interno [BIB01], que ela valoriza e que lhe basta. Mas crê que não deveria ser assim, até pela profissão em si. A verdade é que, de acordo com uma das bibliotecárias, a maioria dos profissionais trabalha por gosto, tenta dar o seu melhor e nem reclama, “não pede os louros pelo seu trabalho e se calhar tinha direito a eles...” [BIB02]. Não se recusa a colaborar; sente que é seu dever, mas que também é importante que essa entrega seja constatada e reconhecida em devido lugar, por exemplo, na publicação. E acrescenta que até a comunidade científica valorizou o contributo mundial dos bibliotecários no desenvolvimento da vacina para combater a COVID-19, processo que foi muito mais agilizado justamente pelo contributo dos bibliotecários na investigação de referências, na colaboração em revisões sistemáticas posteriormente publicadas em revistas científicas muito específicas e que, provavelmente sem eles, se calhar o processo tornar-se-ia muito mais moroso. Um bom exemplo é o estudo de Short (2023), que descreve o desempenho de um bibliotecário hospitalar que, em plena pandemia, foi colocado na equipa de planeamento de vacinas contra a COVID-19, tendo sido encarregue pela monitorização, recolha, síntese e divulgação de informação relacionada com a vacina contra a COVID-19 junto da equipa de reporte de casos e das equipas de logística e intervenção clínica durante o planeamento e implementação das operações de vacinação. A avaliação final concluiu que o bibliotecário hospitalar, nesta função de sensibilização e de consciencialização, teve um impacto positivo na satisfação, na tomada de decisão, na poupança de tempo e na relevância da informação nas operações de reporte de incidentes hospitalares. Por conseguinte, a urgência em localizar informação adequada durante uma emergência de saúde pública, a novidade do agente patogénico, a falta de uma linguagem normalizada e as rápidas

mudanças na divulgação da investigação durante a pandemia representaram desafios que não foram facilmente resolvidos pelas normas vigentes (Brody et al., 2023). Em resposta à pandemia do COVID-19 e perante um tão importante surto de doença infecciosa, em todo o mundo o bibliotecário da saúde foi incumbido de fornecer evidência atual e relevante aos decisores clínicos e políticos.

Também uma das bibliotecárias entrevistada refere que se inscreveu no núcleo de investigação da sua instituição, crente de que poderia colaborar. A sua inscrição foi aceite, mas mantiveram o modelo, ou seja, ajudava de vez em quando a corrigir referências bibliográficas ou apoiava uma pesquisa. Nunca sentiu reconhecido o seu trabalho, ainda que os investigadores a procurem cada vez mais. Porém, ao nível da organização, “acham que nós não somos capacitados. (...) Às vezes, acham que nós não somos capacitados o suficiente para os ajudar nesta área, porque não somos da área da saúde” [BIB06].

Pela sua colaboração mais estreita com os professores e os investigadores, BIB10 acredita que estes reconheçam o seu valor, mas não a instituição nem os seus líderes. Não sente que a sua instituição tenha abertura suficiente para um profissional da informação em projetos de investigação. Mas também depende da área; na área da prótese e da saúde oral sente que o diálogo e a colaboração podem acontecer, mas não na medicina dentária. Ela própria faz investigação no âmbito do centro de investigação de uma outra universidade e a sua instituição ignora estes contributos. Não querendo personalizar ou individualizar, BIB10 confia que o apoio e o reconhecimento institucionais dependem do dirigente da organização.

Inversamente, a maioria dos bibliotecários obteve o reconhecimento organizacional e demonstra apreço por esta valorização. Uma das bibliotecárias admite que tem tido todo o apoio da instituição para fazer investigação e só não faz mais porque o tempo escasseia [BIB04]. Afirma que aquando do seu envolvimento em projetos de investigação sente a necessidade de redigir, por exemplo, um *positioning paper* sobre algumas decisões tomadas antes de ficarem desatualizadas e reconhece que, ao nível da organização, trabalha num contexto facilitador, de informação e de investigação em saúde.

Também BIB03 assume ter um contacto fácil com a direção da instituição. O

diálogo tem sido muito facilitador, pelo que são frequentes os convites para integrar alguns grupos de trabalho e para ser consultora em alguns setores da instituição. É frequentemente convidada a dar formação aos vários serviços e, perante qualquer proposta de aquisição de livros, subscrição de revistas ou de bases de dados proveniente de qualquer serviço do hospital, nada é aprovado sem o seu parecer – mesmo que a aquisição seja cabimentada com verbas do serviço em questão, BIB03 é sempre consultada. Foi convidada para dar aulas sobre a pesquisa sistemática de literatura e também de escrita científica no programa de doutoramento, no mestrado de investigação biomédica e no mestrado integrado e assegura, no 5º ano da licenciatura em Medicina, uma disciplina obrigatória de preparação para a dissertação, em que os estudantes adquirem competências para o desenvolvimento da dissertação e aprendem a redigir um artigo científico, um caso clínico, um protocolo ou uma revisão sistemática. Estes casos são manifestamente positivos para o reconhecimento profissional e permitem evidenciar que o bibliotecário possui competências diferenciadoras e que, justamente por isso, é válido o seu contributo para a instituição, para os investigadores e para os profissionais de saúde.

Por seu turno, BIB07 refere que o seu reconhecimento organizacional se deve não só à investigação realizada de parceria com estudantes de mestrado ou doutoramento e com professores da instituição, mas também aos serviços que, entretanto, desenvolveu na biblioteca, como o da bibliometria e da análise da produção científica. No mesmo alinhamento, outra bibliotecária acrescenta que o seu envolvimento como investigadora se foi consolidando nos últimos três ou quatro anos, reflexo do seu percurso em investigação, da formação que ministra e do serviço de apoio aos utilizadores na biblioteca: “Não é nada planeado ou forçado, acho que cresce e a própria imagem das bibliotecas hoje em dia está muito diferente daquilo que era há 25 anos atrás (...). Há aqui um percurso muito natural...” [BIB08].

Outra das bibliotecárias confidencia que sentiu maior aceitação na instituição após ter ganho, no exterior, um prémio de reconhecimento profissional que foi divulgado no seio da sua organização, tendo-lhe granjeado um espaço que não pensava vir a poder ganhar: “Esse reconhecimento de fora foi muito importante para mim, porque eu passei a ser um par. Apesar de trabalhar na mesma na biblioteca... Eu sou ouvida nas reuniões de

investigação, na instituição em geral. E, ao longo do tempo, isso foi sendo notório pelos convites que eu fui recebendo para participar neste projeto ou naquele projeto...” [BIB12]. É, assim, reconhecida como qualquer outro investigador e as suas publicações são divulgadas na *newsletter* da instituição.

Este reconhecimento e consideração na instituição é, na opinião de BIB09, também o reflexo da dimensão totalmente nova que a biblioteca adquiriu nas universidades e politécnicos, biblioteca enquanto serviço, mas igualmente os seus técnicos, os seus profissionais e o próprio papel da biblioteca. Como refere um dos bibliotecários, os convites para colaborar noutros projetos chegam por reconhecimento, mas também porque o profissional da informação demonstra permanentemente o que faz e como pode apoiar: “Tu investes, divulgas aquilo que estás a fazer e depois há sempre alguém, depois é um passa-palavra” [BIB08]. Mas, com ou sem reconhecimento institucional, a maioria dos bibliotecários entrevistados afirma que o facto de pedirem a sua opinião já os satisfaz: “...extremamente feliz, de poder participar e, como eu acabo por aprender, não me afeta” [BIB06].

5.1.3 As autorias

A maioria dos bibliotecários entrevistados manifesta que o seu envolvimento em projetos de investigação evidencia contornos de uma parceria à margem do projeto, isto é, um bibliotecário que dá apoio ao projeto de investigação, mas que nunca aparece verdadeiramente nem é identificado como tal: “Faço a pesquisa, muitas vezes seleciono e recomendo as bases de dados adequadas para aquele projeto de investigação. Faço, no fundo, uma mediação e nunca publico verdadeiramente. O meu nome nunca está propriamente associado à publicação, apesar de trabalhar diretamente com quase todos os investigadores aqui da casa” [BIB01]. A colaboração deste profissional não é identificada em lado nenhum; por vezes, este tipo de colaboração não é expresso nem na secção de agradecimentos [BIB08]. O seu papel é sempre o do bibliotecário, o do técnico que apoia todos os artigos que são publicados, sobretudo as revisões sistemáticas. Nesta colaboração, professores e investigadores transportam a visão especializada e técnica do bibliotecário nas

estratégias de pesquisa e a forma como a informação é sistematizada antes de ser incorporada nos protocolos de investigação da base de dados de revisões sistemáticas e meta-análises PROSPERO (Zare-Farashbandi et al., 2024).

Como a investigação é enquadrada e fundamentada justamente na investigação já realizada e publicada, os bibliotecários creem que se alguém assegura esse trabalho, se alguém ajuda os investigadores nas citações e nas referências bibliográficas, isso é fazer parte do trabalho, pelo que “seria mais do que justo que a pessoa fosse nomeada... é um bocadinho desconhecimento...” [BIB02]. Referem que colaboram, mas que nunca integram o projeto de investigação: “Na prática, eu trabalho no projeto; na teoria, o meu nome nunca aparece em lado nenhum. Eu sou uma mera ajudante que dá jeito para corrigir referências bibliográficas, para ajudar nas pesquisas...” [BIB06].

Alguns dos investigadores com quem estes profissionais da informação trabalharam afirmaram ao bibliotecário da sua instituição que a identificação da colaboração do bibliotecário credibiliza e sustenta a qualidade da revisão da literatura realizada, sobretudo quando o estudo em questão se trata de uma revisão sistemática, pelo que são de opinião de mencionar essa colaboração. Uma das bibliotecárias refere que a sua colaboração se reflete na identificação da sua instituição ou do seu serviço; como indivíduo, o cenário é outro: “Lembro-me de um projeto em que estavam a estudar... as entradas por acidentes de viação nos hospitais e a condição estrutural das estradas (...). Fizemos um trabalho muito de ter de olhar para os dados, trabalhar os dados... acabei por fazer parte da equipa” [BIB04]. Uma outra bibliotecária, por seu turno, que conta com uma colaboração mais estreita e efetiva nos vários projetos desenvolvidos pela sua equipa de investigação, referiu: “Na minha equipa de investigação, estou eu como bibliotecária, o nosso coordenador da equipa é médico. Temos uma química, porque o nosso tema de investigação envolve muitas vezes análises... e depois temos um professor do ensino superior. (...) é uma equipa multidisciplinar” [BIB11]. Acrescentou que, aquando da publicação, os autores são alinhados por ordem alfabética sem identificação das qualificações profissionais. Depende, assim, muito do tipo de trabalho desenvolvido e da dinâmica que se estabelece com e entre equipas.

BIB08 acrescenta que depende muito dos investigadores com que se trabalha, que

olham diferentemente para cada bibliotecário. A maioria dos bibliotecários entrevistados assume prestar um apoio efetivo aos investigadores, desde a pesquisa de informação, a migração dos dados, a formatação das referências bibliográficas, a escolha da revista onde publicar, a revisão do texto, a submissão do artigo, colaborando ativamente com investigadores e equipas de investigação. Não sendo profissionais de saúde, mas trabalhando com matérias da área biomédica, nunca poderiam ser líderes da investigação nem primeiros autores, mas confessam que os satisfaz que o seu nome seja identificado no alinhamento de todos os outros – é um reconhecimento. E se claramente integram o fluxo de trabalho faz todo o sentido sejam identificados para além da secção de agradecimentos. No estudo de Herbst e Jemec (2020), os autores agradecem à bibliotecária na secção dos agradecimentos, mas integram a equação de pesquisa na íntegra nos métodos. No estudo de Melo et al. (2024), não é referida a colaboração do profissional da informação na secção de métodos nem nos agradecimentos – nem era necessário. A bibliotecária é identificada enquanto autora e as evidências que acompanham o artigo (materializadas em material suplementar) demonstram claramente a sua intervenção. Porém, no estudo de Ni et al. (2024), os autores optaram por agradecer a uma bibliotecária (que identificam) e a outras bibliotecárias (que não identificam) da Universidade de Yale. Se se analisar o seu contributo no estudo constata-se que três bibliotecárias peritas em informática e saúde digital assessoraram a análise bibliométrica. Como se trata de um protocolo de investigação recentemente publicado espera-se que o estudo final evidencie claramente estes contributos.

Uma das bibliotecárias entrevistadas afirma que não se importa de trabalhar, mas assume não gostar que os investigadores venham depois “todos pendurados à custa do meu trabalho” [BIB12]. Refere que habitualmente é sua a responsabilidade da revisão da literatura, porque é a parte que mais gosta de fazer, a descoberta de textos e a construção de uma argumentação sólida, ficando para os outros investigadores o trabalho da análise de dados. Mas volta a colaborar na apresentação gráfica de dados. Acrescentou que nos projetos em que tem colaborado nenhum dos investigadores manifestou qualquer desejo de se aventurar pelo enquadramento teórico dos estudos.

No que se refere ao alinhamento das autorias, um dos entrevistados [BIB05], habituado a integrar projetos de investigação, afirma que se trata de um processo

consensualizado e em que muitas vezes quase nem é necessário discutir o alinhamento dos autores, porque resulta naturalmente do próprio projeto: o responsável pelo *work package* é o primeiro autor e depois identificam-se todos os outros que contribuíram. Mas destaca que nos projetos em que participa, o mais importante não são as publicações, mas os serviços que criam, as infraestruturas que desenvolvem, as recomendações, ou seja, são publicações que muitas vezes não são publicações académicas: “São documentos de política. A questão da ordem, por exemplo (...) fica em segundo, em terceiro ou em quarto ou em último já não é tão importante. Geralmente o primeiro é sempre quem é responsável” [BIB05]. Mas ele compreende a importância do alinhamento das autorias, porque teve oportunidade de participar também em projetos académicos e, nesse contexto, a questão da ordem era muito discutida.

Uma das entrevistadas destaca que o sequenciamento da identificação dos autores nas publicações só fazia sentido no passado, em que não era exigido aos autores que indicassem o contributo de cada autor para o estudo em vias de publicação: “Pensava-se que o primeiro era o que mais tinha trabalhado, o último o mais graduado e no meio era um bocadinho de palha, eram colocados nomes e que não lhes era atribuído propriamente grande relevância” [BIB03]. Mas, a partir do momento que as revistas começaram a exigir a declaração de contributo de cada autor para o estudo e essa informação é publicada conjuntamente com o trabalho, a ordem por que eles aparecem na linha de autoria parece deixar de fazer sentido, podendo “ser organizados por ordem alfabética de autor, por ordem alfabética de país, de instituição...” [BIB03].

Muitos trabalhos de investigação são desenvolvidos por estudantes de doutoramento ou de mestrado. Nessas circunstâncias, o primeiro autor é aquele que está a fazer o trabalho, a seguir são identificados todos os que colaboraram e, por fim, o professor orientador do estudo ou o investigador principal: “Essa tem sido a prática, não é habitual as pessoas perguntarem onde queres que o teu nome fique” [BIB04]. Assumindo que o primeiro e o último autor são os mais importantes, BIB08 assinala que na sua instituição é também esse o critério seguido, ainda que o considere discutível. Esta bibliotecária, nos vários projetos em que participou, já foi primeira autora e também última autora, porque se tratava de uma área que ela dominava melhor do que o clínico que a convidara para escrever

o artigo. Mas, de um modo geral, crê que a sua colaboração nos projetos não é do alcance nem de um primeiro nem de um último autor. Na sua opinião, se o estudante de doutoramento estiver a desenvolver uma revisão sistemática deve ser ele o primeiro autor, porque ele é o líder da investigação; os últimos autores deverão ser o coorientador e o orientador. E acrescenta: “o meu nome vem lá pelo meio, com muito agrado e acho que é essa que deve ser a minha posição” [BIB08]. Da mesma opinião é outro dos entrevistados, que destaca que, nestas circunstâncias, nunca poderia ser o autor correspondente. Este facto não parece ser particularmente significativo, porque “eu fico satisfeita na mesma de me darem estas oportunidades, de participar nestes projetos” [BIB07]. Também BIB12 não se importa muito com a sequenciação das autorias, desde que o seu nome seja mencionado e pela oportunidade de participação e de aprendizagem.

Um dos bibliotecários destaca que a sequência de nomes nas autorias varia de acordo com as áreas científicas, mas manifestou pouca firmeza nesta afirmação [BIB09].

Mas quando o contributo do profissional da informação não é classificado como mais uma autoria no projeto de investigação, o seu nome deverá no mínimo ser mencionado na secção de agradecimentos. Infelizmente, porém, a literatura revela muitos casos em que a colaboração do bibliotecário é expressa na secção de métodos, o seu trabalho é apresentado em formato de material suplementar, mas o seu nome nem sequer é referido na secção de agradecimentos (Kaminski et al., 2024). De forma positiva, BIB07 afirma que “os investigadores têm muitas das vezes a sensibilidade e a gentileza de me colocarem lá num agradecimento ou, às vezes, até colocarem o meu nome”. Outra bibliotecária refere que o facto de a Fundação para a Ciência e Tecnologia emitir políticas de financiamento de investigação em que se exige o depósito dos produtos finais em repositórios digitais leva a que os investigadores solicitem a colaboração de um bibliotecário para ajudar a escolher a revista onde publicar, a formatar referências bibliográficas e até a descodificar o texto das políticas de financiamento; mas este é um apoio que muitas vezes é expresso na secção de agradecimentos, em jeito de reconhecimento, mas não como coautores [BIB08]. Esta situação merece, desta profissional da informação, uma leitura muito racional. Reconhece que, nestes casos, foi apenas bibliotecária, não foi investigadora, pelo que não deve ser coautora. Na sua opinião, só deve ser coautor quando participa ativamente no projeto,

quando é um membro da equipa de facto: “No meu entender, há apoio e integração nas equipas de investigação a outros níveis: integração como suporte, e isso é o papel da biblioteca e dos bibliotecários; e depois integração como membro de uma equipa de investigação, aí eu serei coautora” [BIB08].

Uma das bibliotecárias entrevistadas mencionou algumas situações que a incomodaram enquanto profissional porque assume que prestou um contributo válido em vários trabalhos já publicados: “É uma nota assim um bocadinho mais negra. Eu não fui identificada. Apenas nomeada nos agradecimentos em alguns casos. (...) Acho que não fazem por mal, eu acho que é um bocado a ideia que é uma espécie de um serviço dos bibliotecários, que nós temos obrigação de prestar e se calhar não entendem como uma participação num projeto de investigação” [BIB02]. A invisibilidade e o desconforto manifestados por esta profissional da informação foram, porém, convertidos em filosofia de trabalho por outra bibliotecária: “A nossa disponibilidade pode ser ajustada a este tipo de atitudes, que não são éticas... Não me vou lá aborrecer por causa disso, mas sou mais seletiva depois nos projetos que abraço” [BIB08].

Refira-se que um ou outro bibliotecário atravessa o percurso da investigação e da colaboração ativa com investigadores sem ter muita noção do impacto dessa colaboração na sua função profissional. BIB13, por exemplo, desenvolveu várias pesquisas, interveio na redação de vários projetos, sabe que se publicaram artigos, mas não se recorda nem lhes atribuiu qualquer importância. No caso de BIB10, com um percurso idêntico, acredita, mas não tem a certeza, se foi ou não identificada nas publicações em que colaborou.

Excepcionalmente, no caso de BIB01 trata-se de uma decisão da própria. Apesar dos investigadores sugerirem a sua identificação nas autorias, porque a maioria recorre à sua *expertise* sobretudo para as revisões sistemáticas, os artigos de revisão e as meta-análises, foi ela que decidiu que não quer que isso aconteça. No seu entendimento, como não escreveu uma linha, sente que o seu contributo foi de aconselhamento técnico e, portanto, não encontra justificação para a inclusão na autoria.

5.1.4 A autoconfiança

Os bibliotecários entrevistados manifestam autoconfiança pelo facto de colaborarem, ou de terem colaborado, em projetos de investigação lado a lado com investigadores. O facto de terem um conhecimento seguro da gestão de bases de dados, de como utilizar estes recursos e de fazerem pesquisas de informação exaustivas e de qualidade significa uma mais-valia que lhes garante segurança. Ainda assim, registaram-se algumas limitações neste processo de colaboração. Um deles confidencia que é nas metodologias de investigação que sente mais fragilidades. Apesar de possuir um mestrado em Gestão da Informação, crê que todos os profissionais da informação deveriam ter “desde o início as metodologias de investigação como uma das coisas mais importantes na nossa formação académica” [BIB01]. Outra limitação está associada ao facto de todos os outros investigadores pertencerem à área da saúde ou da biomedicina: “estas pessoas são todas médicas e agora está aqui uma pessoa que não tem as competências que eles têm...” [BIB07]. Esta bibliotecária, contudo, assimilou a situação da forma mais positiva – também ela tem competências que os outros não têm e por isso ali está e, ainda por cima, disponível para aprender. Acrescente-se que também outra bibliotecária referiu que nunca tinha sido ela a ter uma ideia original, considerando não ter experiência suficiente para fazer uma proposta e para liderar uma equipa. Por estas razões, a sua colaboração tem sido sempre de acompanhamento e de apoio. Nunca se sentiu desconfortável nesse papel, porque sabia que tinha competências de investigação. Também nunca sentiu que a tratavam diferentemente, sempre se sentiu como um par, como a investigadora que é também bibliotecária e que pode ajudar. O facto de as equipas de investigação serem constituídas por investigadores muito jovens também a deixou mais à vontade: “Como são equipas mais ou menos da minha idade também não há aquela distância... nem aquele estatuto, nem aquela diferenciação...” [BIB12].

Genericamente os bibliotecários entrevistados revelaram que uma boa parte da sua autoconfiança assenta nas competências que dominam no seu quotidiano profissional e que aprimoraram ao longo de anos, mas também na sua formação académica. Quando questionados acerca da inclusão das metodologias de investigação no seu currículo académico, as respostas divergem. Integraram: a) na licenciatura [BIB04, BIB05, BIB07,

BIB09, BIB10 e BIB12]; b) na pós-graduação em Ciências Documentais [BIB02, BIB07, BIB08, BIB11 e BIB13]; c) no mestrado [BIB02, BIB07, BIB08, BIB12 e BIB13]; e d) no doutoramento [BIB02, BIB07, BIB11, BIB12 e BIB13]. Outros bibliotecários referem que fizeram a pós-graduação há muitos anos e que, à época, as metodologias de investigação não integraram o currículo [BIB03] nem pareciam assumir alguma relevância na área das Ciências Documentais [BIB04 e BIB05]. Neste alinhamento, Colón-Aguirre e Bright (2023) reforçam o ensino de métodos de investigação justamente no programa de mestrado do futuro bibliotecário, visando a preparação para além do papel de apoio à investigação e concentrando-se na produção e conceção de projetos de investigação empírica próprios. No estudo, a investigação é tratada como uma competência de grande valor noutras facetas da vida profissional do bibliotecário, pelo que os métodos de investigação são apresentados como algo integrante no seu trabalho normal e, por consequência, devem ser essenciais na sua preparação. Nada de novo, porém. Vinte anos antes, já Juznic e Urbanija (2003) insistiam nestas competências: o futuro bibliotecário deveria saber definir a pergunta de investigação, usar métodos de investigação e redigir relatórios de investigação. Poderia não se dedicar à investigação, mas teria de a ler e avaliar no exercício da profissão.

Destaque-se que é ao nível do segundo e do terceiro ciclos que os bibliotecários que integraram o presente estudo, que tiveram a oportunidade de investir na sua formação académica, afirmam que existe um maior empenho e estudo de metodologias da investigação, tornando-se uma presença constante nas suas vidas profissionais enquanto bibliotecários e enquanto apoio/consultoria aos estudantes e restante comunidade académica [BIB07].

Mais do que os questionários, a análise das entrevistas permite identificar a elevada formação académica dos bibliotecários entrevistados. Ainda assim, mercê das exigências profissionais, essa formação é permanentemente melhorada e adequada à especificidade do cargo de cada um dos profissionais da informação. Uma das bibliotecárias refere que teve de adquirir as competências que não possuía a partir do momento em que começou a trabalhar com revistas científicas, na avaliação dos artigos, plágio, originalidade, mas também a vertente editorial e de edição [BIB03]. Por essa razão, acabou por realizar dois cursos de *medical editing* em Oxford, o que lhe permitiu demonstrar posteriormente, nos

projetos de investigação, competências na revisão e escrita de estudos e ainda saber também quais são as revistas certas e identificar as estratégias de conseguir publicar numa revista específica.

Outra das bibliotecárias afirma também ler cada vez mais materiais associados à profissão e fazer muita formação e que muito provavelmente não teria feito tanta se não estivesse integrada na área da saúde, que considera um permanente desafio. Na sua opinião, a investigação biomédica é um mundo, em que ela própria aprende muito, mas onde também ela partilha o seu *know-how*. Esta partilha parece fazer muito bem à sua autoconfiança, na medida em que já não tem qualquer problema em fazer as suas sugestões e correções: “Acho que no final tem repercutido muito a meu favor, aquilo que eu aprendo e aquilo que eu cresço e a forma como eu também entendo a minha posição agora na instituição é completamente diferente. Até para dizer que não a algumas coisas...” [BIB08].

Outra das bibliotecárias, que nunca teve oportunidade de participar em projetos com investigadores da área da saúde, assume que teria de trabalhar nas terminologias, nas designações e nas sínteses especialmente na disciplina de materiais: “Teria que estudar um pouco mais na minha área base, que era na área de química de materiais, para ter terminologia adequada para colaborar com eles a par, ser par deles...” [BIB10]. Ou seja, identificada a matéria deficitária importa investir na aquisição de competências, formação esta realizada muitas vezes por iniciativa do próprio.

A formação avulsa e casuística é uma situação recorrente. O estudo de Ducas et al. (2020) refere que há pouco apoio à formação para o desempenho de funções novas e emergentes, sendo que grande parte da aprendizagem é feita no terreno e fora da secretária. Um dos profissionais da informação corrobora afirmando que as competências no contexto profissional têm sido desenvolvidas de acordo com a necessidade diária no desenvolvimento de atividades: “Não há uma formação formal, uma formação académica que confira estatuto daquilo que nós fazemos neste momento. (...) Vamos fazendo formação avulsa, conforme as necessidades, conforme o que vai aparecendo. (...) A única forma que nós conseguimos trabalhar é formarmo-nos...” [BIB11] – de onde se depreende que a iniciativa própria deve ser destacada e valorizada. De realçar ainda que outra bibliotecária mencionou que, dentro do possível, conseguiu transmitir à sua equipa da biblioteca tudo o que aprendeu para

melhorar as suas competências [BIB09], mas também as da equipa.

A autoconfiança dos bibliotecários entrevistados aumenta de acordo com a sua experiência, o investimento pessoal, a formação permanente e claramente a formação académica de base. Uma das bibliotecárias acredita que tem competências adequadas para a investigação porque fez mestrado, porque está a fazer doutoramento, mas também porque está associada à Ciência da Informação, que considera a área de interligação com todas as disciplinas do conhecimento científico [BIB04].

Uma outra bibliotecária afirma que a sua experiência profissional não ocorre no âmbito do desenvolvimento de investigação propriamente dita, mas de coordenar a investigação de outros. Como investigadora integra a comissão de investigação do Centro Académico Clínico da sua área de residência que, entre outras atividades, desenvolve investigação num formato de missão da/para a região. Como a região em questão tem uma população envelhecida identificaram-se patologias inerentes a este tipo de população. Cada patologia tem uma missão e correspondente grupo de investigação. A bibliotecária integra uma dessas missões e nela tem, de facto, um papel ativo na qualidade de investigadora. Porém, na sua região, esta profissional da informação é muito mais conhecida no universo da investigação do que no das bibliotecas, porque está há muito tempo nessa área, faz muitas apresentações públicas e palestras e fala muito pouco de bibliotecas. O facto de ter colaborado na criação de uma revista científica na sua instituição, com revisão por pares – porque havia muitas vezes necessidade de se publicar e a publicação não tinha de ser obrigatoriamente em revistas com fator de impacto e de quartil – também ajudou a consolidar a sua imagem. No seu entendimento, “posso ser o exemplo de que [n]a nossa profissão, principalmente no que diz respeito às bibliotecas da saúde, há um espaço que é muito mais abrangente do que aquele que até eu própria tinha quando vim trabalhar para aqui. E que a investigação clínica e as bibliotecas não são dois mundos separados” [BIB11].

BIB09, por seu turno, pelo facto de ser bibliotecária e professora universitária, leciona em cursos de licenciatura, mestrados e doutoramentos, acabando por envolver-se em projetos de investigação, experiência que lhe confere uma autoconfiança robusta.

A autoconfiança que os profissionais da informação sentem aquando da

colaboração em projetos de investigação proporciona-lhes um sentimento de descoberta, de novos horizontes e a necessidade de um investimento permanente em formação. Sentem que a multidisciplinaridade nas equipas de investigação é muito importante, é reconhecida noutros campos da ciência e que exige um conhecimento acrescido à sua formação. Uma destas profissionais é de opinião que o bibliotecário poderia dar um contributo ainda mais válido se lhe dessem possibilidades de adquirir outras competências e outro espaço na investigação. Acrescenta que o bibliotecário está muito arreigado ao espaço da biblioteca, académica ou hospitalar, a fazer pesquisa de informação e a apoiar os investigadores, mas que lhe falta conquistar o espaço que a equipa de investigação devia passar a contemplar [BIB01]. Este cenário foi, aliás, estudado por Ducas et al. (2020), que realizaram um inquérito junto dos bibliotecários das universidades canadianas que registam grande atividade de investigação de modo a explorar funções novas e emergentes; concluíram que os profissionais da informação que desempenham novos papéis consideram que o seu contributo na comunicação académica e no apoio aos investigadores cria um impacto favorável à organização comparativamente com os colegas que desempenham um papel mais tradicional, mas que ambos os desempenhos podem coexistir e desenvolver-se conjuntamente.

Os bibliotecários do presente estudo consideram genericamente que a colaboração prestada resultou na aquisição de mais conhecimento, no contacto com outras formas de pesquisa e com outras bases de dados. BIB02 assume que adquiriu mais conhecimentos e experiência em investigação, que aprendeu a distinguir a tipologia da documentação científica e as revistas científicas com mais visibilidade por disciplina. Outro bibliotecário refere que também aprendeu muito e que também melhorou as suas capacidades de gestão de projetos, como é que se organiza e estrutura um projeto, como é que se gere, acompanha e monitoriza um projeto, como é que se fazem reuniões, como é que se preparam documentos, entre outros, concluindo que se tratam de competências essenciais e que ele aprendeu no terreno [BIB05].

A aquisição de conhecimentos é, deste modo, mencionada permanentemente pelos bibliotecários. Uma das bibliotecárias refere que adquiriu maior ponderação nas opções metodológicas. Na sua opinião, há uma tendência para reproduzir um modelo sempre que

se redige um artigo ou se submete um manuscrito para uma revista e tudo corre de feição: o artigo é aprovado e publicado. Mas, “quando trabalhas com outras pessoas e outras pessoas têm modelos diferentes, metodologias que já experimentaram e que também resultaram, isso vai-te abrindo horizontes” [BIB12]. Sente, por conseguinte, que a colaboração com investigadores lhe permitiu adquirir competências e capacidades, que a levou a observar detalhes, a aprender, a conhecer um manancial de possibilidades em termos metodológicos e, sobretudo, a apurar o rigor científico.

O reconhecimento da versatilidade e permanente adaptação leva inegavelmente os profissionais da informação a procurar diferentes sistemas, plataformas, *softwares*, etc. Por vezes, este movimento de adaptação, ou a falta de tempo, pode ser difícil para alguns professores e investigadores. A mesma profissional da informação afirma que os bibliotecários são, por natureza, *early adopters*: “adotamos cedo coisas novas, tecnologias. Isto tem grandes vantagens porque estamos sempre na dianteira, mas também tem desvantagens porque podemos experimentar e correr mal” [BIB12]. O facto de ser bibliotecária e de ter colaborado ativamente com investigadores levou-a a refletir muito sobre processos iterativos em ciência, mas também no ensino superior – experimentar, correr mal, voltar atrás e reiniciar. No seu entendimento, o ensino superior deve investir também nas qualidades de reflexão e de transformação daqueles que integram a comunidade académica. E, para isso, é importante saber reconhecer a humildade, a persistência e o querer aprender verdadeiramente em cada um deles.

A motivação é um sentimento unânime nos bibliotecários entrevistados. Todos sentem que valeu a pena ter colaborado com investigadores, pelas aprendizagens, pelos caminhos abertos e sentem que gostariam de repetir a experiência. Sentem que aprendem permanentemente, começando sempre por reconhecer as suas dificuldades. Sentem-se estimulados a procurar leituras e a procurar ler um ou outro artigo que os investigadores comentaram: “Vai-me dar mais confiança naquilo que eu já sei fazer, mas também me ajudou a perceber até onde é que eu consigo ir e até onde é que eu preciso mesmo de uma formação mais sistematizada para poder ir mais longe” [BIB01].

Quando questionados se consideram que valeu a pena participar num projeto de investigação, uma das bibliotecárias responde positivamente, sem hesitação, até por que

incrementou o seu conhecimento e experiência [BIB02]. Outra bibliotecária assume que atrás de um projeto vem outro: “Eu sou doida, estou sempre a meter-me em mais (...). Acho que tem sido muito bom, investir tanto de mim e do meu tempo nestas áreas. Obviamente que tudo isto dá-me trabalho... eu não gosto do horário, do *nine to five*, porque isto exige muitas horas, muita dedicação, sem dúvida” [BIB03]. Ainda assim, o enriquecimento é permanente e a autoconfiança aumenta. BIB04 acrescenta que vale sempre a pena participar pelo conhecimento que se adquire das pessoas, pelos contactos e pelo conhecimento com pessoas de áreas inspiradoras para os bibliotecários. BIB07 afirma ainda que se sente valorizada e parte integrante da equipa. Refere que aprendeu muito, que gostaria de aprender mais e que se sente responsável por cada aprendizagem, pesquisa ou leitura. Outra bibliotecária sublinha o enriquecimento de passar a ter uma visão mais abrangente sobre a investigação e sobre temas para os quais, à partida, não estaria tão desperta, tal como manifesta maior sensibilidade a formas diferentes de trabalhar [BIB12]. Trata-se, assim, de uma aprendizagem constante, a qual, por sua vez, é também ela motivadora. Quando esta aprendizagem se associa a outras áreas do conhecimento, é o bibliotecário que ganha, porque aprende outras formas de saber fazer e outras aprendizagens que não as suas: “Quando nós estamos em áreas estanques só podemos fazer de uma maneira e, quando aprendemos com outras pessoas, o nosso leque de conhecimentos abre” [BIB13], pelo que acredita que seria muito incompleta se não fizesse também investigação. E, de facto, quem está no terreno da investigação, seja na academia seja no hospital, quando começa a trabalhar em projetos de investigação e se habitua ao ritmo dificilmente se afastará desse cenário.

Poder-se-á, então, sistematizar este sentimento da motivação por uma colaboração gratificante ao nível profissional e pessoal. Toda a colaboração que um bibliotecário possa dar aos investigadores é importante: “Para aquilo que me quiserem, eu estou aqui!” [BIB13], nem que sejam pequenos contributos. E, como afirma ainda outra profissional da informação: “A nossa autoconfiança nasce muito das interações com os outros. E do *feedback* que temos do nosso contexto. (...) Se nós somos mais permeáveis ou menos permeáveis às opiniões, às sugestões, às críticas, aos incentivos dos nossos pares, com certeza que a autoconfiança vai ser afetada por essas interações. E é isso que eu sinto que

acontece, a minha experiência é sempre impactada por interrelações que são decorrentes destas partilhas. (...) O lado negativo é de uma maneira mais consciente ou mais inconsciente fazermos comparações – se eu sou melhor do que aquele ou eu já devia ter, eu já podia ter feito aquilo com uma perna às costas ou ele nunca mais se despacha, porque para escrever três parágrafos está ali duas horas...” [BIB12]. A autoconfiança é, deste modo, uma construção que não parte apenas do próprio. E, num cenário de investigação, é muito importante haver a humildade de perceber e de legitimar que não se sabe tudo e que há diferentes perfis de investigadores, uns que demoram mais tempo, outros que vão por outro caminho; que existem formas diferenciadas de trabalhar, não existe uma que seja perfeita nem uma única que resulte. Portanto, reforçando o contributo de BIB12, a autoconfiança ganha-se do conhecimento que o indivíduo adquire a partir das perspetivas de outrem.

5.1.5 Competências que o bibliotecário deve explorar

Os bibliotecários entrevistados consideram que devem continuar a apostar na formação académica ao nível pós-graduado, a qual parece garantir-lhes os fundamentos e a segurança em ambiente de investigação.

BIB08 afirma que teve de investir na aquisição de novas competências para integrar as equipas de investigação de uma forma mais sólida, competências que não foram discutidas na sua formação de base, pelo menos na perspetiva da investigação biomédica.

Sempre que novas temáticas se vislumbram e começam a ser discutidas, os bibliotecários estão disponíveis para avançar para novas aprendizagens, muitas delas em regime de autoformação. É o que tem acontecido com o acesso aberto, com o Regulamento Geral da Proteção de Dados, com a Ciência Aberta e com as revistas predadoras. Para cada uma destas temáticas, professores e investigadores procuraram os profissionais da informação. Estes já sabiam do que se tratava porque perceberam com antecedência que integrava o conjunto de competências que deveriam dominar. Procuraram, assim, adquirir atempadamente o conhecimento necessário a disponibilizar *a posteriori*: “Eu comecei a estudar mais sobre isso, (...) acabou por incentivar[-me] a aprofundar mais sobre um tema que eu sabia, mas não era algo que me sentia muito confortável a falar e agora é algo que

me interessa e que sei mais e que acabo por ajudar mais...” [BIB06]. Este é um comportamento muito comum no bibliotecário – autoformação em contexto profissional – e descrito na literatura (Hess, 2016).

Idêntico exemplo foi vivido por outra bibliotecária que, quando começou a ser convidada para participar em estudos de revisão sistemática, entendeu que precisava melhorar os seus conhecimentos e decidiu investir num curso de média duração da Cochrane Library, que a habilitou a trabalhar com maior segurança nesta tipologia de estudos [BIB07]. Confessa ainda que estas colaborações, para além de lhe possibilitarem demonstrar as suas competências aos outros investigadores, também a incentivam a aprofundar e a melhorar o que já sabe. Isso já acontecera anteriormente quando evidenciou a utilidade da bibliometria para a imagem da instituição, o que a levou a procurar e a investir noutras ferramentas, como a Biblioshiny, para trabalhar os dados de outras formas.

Ainda outra bibliotecária, numa determinada etapa do seu percurso profissional, foi convidada para a gestão editorial de revistas científicas. Impôs-se, nestas circunstâncias, a aquisição de competências específicas em *medical editing*, tendo já realizado dois cursos em Oxford. Estes cursos permitem-lhe, de igual modo, uma aplicabilidade na investigação e nos projetos porque evidencia mais competências na revisão e na redação dos trabalhos, sem esquecer que conhece as revistas certas para determinados estudos e um conjunto de “truques para chegar e conseguir publicar naquela revista” [BIB03].

Por outro lado, o facto de trabalharem no campo da saúde pode levar estes bibliotecários a assumir que não dominam as questões terminológicas ou que se trata de uma área em permanente evolução e crescimento – e a terminologia em saúde é um amplo campo de trabalho, em que bibliotecários e investigadores se articulam positivamente nas respostas ao questionário. BIB07 resolveu rodear-se de livros de terminologia médica e de ciências da saúde, ainda que saiba que nunca estarão completamente atualizados. O mesmo aconteceu com BIB08, que sente uma responsabilidade acrescida pelo facto de a sua comunidade ser mista e colaborar com investigadores que são professores e com investigadores que são clínicos, diferença que muitas vezes pode evidenciar-se sobretudo no prazo, na rapidez e no rigor da resposta.

Alguns dos bibliotecários entrevistados manifestam a preocupação de que o facto de trabalharem e viverem diariamente com dados não significa que saibam trabalhá-los. Sabem gerir informação, mas demonstram falta de conhecimento sobre a gestão e a análise de dados. BIB01 afirma que consegue ajudar os investigadores nos estudos de revisão sistemática e de meta-análise, mas na parte da pesquisa propriamente dita e da elaboração da questão de investigação. Porém, sente as lacunas da sua formação quando posteriormente lhe pedem ajuda para a análise e gestão dos dados. Esta preocupação é também analisada nos estudos de Ohaji et al. (2019) e Prince (2023), que concluem que é necessária formação adicional sobre esta matéria, sobretudo porque as próprias competências da biblioteconomia de dados académicos e científicos não estão ainda bem definidas devido à diversidade existente neste domínio.

Curiosamente os investigadores levaram uma das bibliotecárias a analisar dados porque a ensinaram. Num projeto, que também envolvia um enfermeiro de reabilitação e um fisioterapeuta, BIB06 acabou por aprender a fazer cálculos do peso de mochilas que as crianças podem suportar de acordo com o seu peso e idade.

Ainda outra profissional da informação resolveu investir nas suas competências de codificação da informação e na preservação digital. Observando e convivendo com as necessidades manifestadas pelos profissionais de saúde e a sua urgência na obtenção de informação e de dados, que os levava a arquivar registos nos seus departamentos e serviços para que estivessem sempre disponíveis, BIB04, numa agilizada parceria com os informáticos, com a direção do centro de gestão da informação do seu hospital e com o responsável da inteligência de dados, envolveu-se na codificação de registos clínicos e na criação de um repositório clínico digital que integrasse toda a informação clínica dispersa pela instituição, tendo em vista a sua extração automática em prol da sua reutilização futura em investigação.

As reflexões descritas centram-se, assim, em competências que integram o *core* profissional do bibliotecário, mas também todas aquelas que foi adquirindo, explorando, assimilando e investindo, frequentemente em regime de autoformação, ao longo do seu trajeto na profissão. Como referem Ducas et al. (2020), o bibliotecário possui já novas e renovadas capacidades para o desempenho de outras funções em contexto académico. Para

além da sua tradicional missão de descoberta de informação, da formação aos estudantes em sala de aula, da formação individual e da articulação com professores e investigadores, o bibliotecário evidencia já competências para outros desempenhos, como a consultoria sobre direitos de autor e propriedade intelectual, a consulta sobre modelos de publicação alternativos e de acesso livre, a gestão e partilha de dados de investigação, a recomendação dos repositórios mais adequados para tornar os dados tão acessíveis quanto possível e cumprir os requisitos de financiadores e editores, indicando claramente que o profissional da informação está a responder às mudanças no panorama editorial. No campo da saúde, as atividades associadas ao apoio à investigação, ensino e aprendizagem e ainda comunicação académica e digital são muito valorizadas pelos investigadores, como adiante se constatará.

5.2 INVESTIGADORES

A literatura da década de 50 do século passado resumia as características técnicas do bibliotecário às suas habilidades de gestão do acervo, à definição de procedimentos e a uma aptidão para a pesquisa de informação. Todavia, no que se refere ao bibliotecário de referência, os estudos da época consideravam ainda as suas características pessoais – inteligência, cordialidade, paciência, desenvoltura, interesse pelo trabalho, mas também a lealdade e o bom senso (Silva et al., 2020).

Que aptidões e competências são necessárias para o bibliotecário que gostaria de alargar o seu conjunto de competências, especialmente tendo em conta a mudança do paradigma de colaboração e apoio ao utilizador para uma colaboração bibliotecário-investigador? Não se pretende ignorar o modelo tradicional que genericamente decifra as competências necessárias em função das necessidades do utilizador. Pretende-se agora saber como pode o bibliotecário usar as suas competências para trabalhar lado a lado com os investigadores.

No contexto da Ciência Aberta, as competências do bibliotecário expandiram-se significativamente; tem agora tarefas adicionais e novos requisitos para os seus conhecimentos e competências. Mas as competências básicas do bibliotecário em matéria de pesquisa, recolha, gestão, avaliação e disseminação da informação – sobejamente

identificadas e discutidas ao longo de décadas – têm agora um impacto significativo na criação, desenvolvimento e gestão de conteúdos digitais e recursos de acesso aberto.

O bibliotecário pode contribuir para a aquisição de competências e conhecimentos em áreas como a publicação de materiais em acesso aberto, a utilização de licenças Creative Commons, a partilha de *preprints* (e.g., no OSF, arXiv ou bioRxiv) ou de códigos (e.g., no GitHub com uma licença GNU/MIT), a partilha de dados (e.g., no Dryad, Zenodo), a avaliação de métricas, etc. (Redkina, 2021).

O bibliotecário já oferece orientação e formação em todas as fases do ciclo de vida da investigação; identifica e clarifica as oportunidades e os requisitos exigidos pelas agências de financiamento, esclarece dúvidas sobre os direitos de autor e os contratos assinados com as editoras, prepara dados e metadados para depósito e preservação a longo prazo. Seminários, *workshops*, conferências e programas vários podem ser organizados quer pelo bibliotecário quer pela biblioteca, melhorando a consciencialização dos conceitos de Ciência Aberta, os modelos de promoção dos resultados de investigação, as políticas das agências de financiamento, os princípios da partilha de dados, as ferramentas e recursos da Ciência Aberta, a gestão de dados de investigação, o desenvolvimento de competências de publicação em acesso aberto, a utilização de infraestruturas digitais, contribuindo para a implementação da Ciência Aberta. O desenvolvimento destas matérias permitirá que a biblioteca se torne um dos principais atores na criação e na manutenção da infraestrutura da Ciência Aberta (Revez, 2019). Para isso, é necessário adequar as competências profissionais e os conhecimentos do bibliotecário, conferindo-lhes fiabilidade, garantia de qualidade e apoio organizacional.

5.2.1 As competências dos bibliotecários

Os resultados do presente estudo demonstram que os investigadores consideram que a pesquisa de informação é uma das competências mais importantes que o bibliotecário possui. Por essa razão, creem que essa habilidade deve ser canalizada para a investigação, porque mesmo os investigadores mais experimentados, com muitos anos de trabalho, não têm essa competência tão treinada nem conhecem todas as suas subtilezas [INV03]. Estes

consideram a operação da pesquisa de informação difícil – e usam vários sinónimos para a descrever: penosa, morosa, complexa, desgastante e frustrante –, sem que o resultado seja inequivocamente bom ou muito bom. Creem, por conseguinte, que um bibliotecário é um profissional que domina essa função, que sabe o que procurar, como procurar, como validar e como articular as funcionalidades dos recursos em função das necessidades das diferentes etapas dos projetos de investigação. Conhecem as fontes de informação e essa é uma competência extraordinária que os investigadores muito valorizam – o estudo de Nylander et al. (2021) corrobora as dificuldades e desenvolveu investigação sobre a matéria aplicada à disciplina da ortoprotesia.

Quando ocorre uma parceria de trabalho e de colaboração desta natureza, os investigadores consideram ser uma experiência muito positiva, que também eles aprendem e adquirem algumas competências, sobretudo do funcionamento das bases de dados: “Eu pensava que era literalmente só procurar lá o que queria, tinha noção dos operadores booleanos, mas não tinha ideia que algumas palavras tinham que ser ajustadas, alguns temas tinham de ser adaptados, a questão dos MeSH *terms* eu conhecia, mas não sabia como trabalhar com eles” [INV12]. Esta aprendizagem ajuda os investigadores a enfrentar outros desafios e outras investigações, sobretudo aqueles que não requeiram uma revisão da literatura tão sólida.

E, se a investigação em curso assumir os contornos de um artigo de revisão, então a pesquisa de informação tem de ser realizada de uma forma mais estruturada, mais aprofundada e claramente mais robusta. Criar estratégias de pesquisa para revisões sistemáticas, encontrar o melhor equilíbrio entre sensibilidade e especificidade e reproduzir estratégias de pesquisa entre diferentes bases de dados, viabilizando a sua replicabilidade, é um desafio (Bramer et al., 2018; Mellor, 2024; Spencer & Eldredge, 2018). Essas são competências que os investigadores questionados valorizam superiormente e que o INV12 e a sua equipa sentiram que não tinham ou, pelo menos, não ao nível da profundidade que desejariam: “achamos que seria necessário incluir na nossa equipa alguém que tivesse essa competência” e que assumisse o controlo – “Estas são as bases necessárias e (...) as mais importantes na área, considerando a pergunta de investigação; é assim que deve ser estruturada a pesquisa e mesmo a frase de pesquisa...” [INV12]. O bibliotecário, nestas

circunstâncias, demonstrou ser um elemento essencial, porque pegou na questão inicial de investigação e desmontou-a; neste cenário, a equipa conseguiu definir as bases de dados mais indicadas, reformular a pergunta de investigação, escrever a equação de pesquisa e adaptá-la a cada uma das bases de dados. Desta forma, foi possível extrair um maior número de artigos relacionados com a pergunta de investigação enquadrados num processo sistematizado de pesquisa. A parte analítica foi posteriormente desenvolvida pela equipa de investigação com bases mais sólidas – assim o asseguram os investigadores, os que responderam à entrevista e os que responderam ao questionário.

Conhecer bem a especificidade de cada base de dados, que matérias indexa, se integra um *thesaurus* especializado para o enriquecimento de conteúdos e se também conhecer e mover-se bem na área da saúde, este é um conhecimento valioso que desejavelmente um bibliotecário da saúde deve dominar: “... é preciso ter um *know-how* profundo para poder ajudar” [INV14] e poder argumentar que possivelmente duas bases de dados de temática similar juntas não fazem sentido, mas que distinguir uma da outra já faz. Desta forma, a envolvimento da pesquisa de informação torna-se “menos caseira, menos amadora e depois nunca ninguém quer ficar mal na fotografia, ninguém quer fazer má figura e, para estarmos a par e passo do melhor que se faz, pode ser penoso tentarmos por nossa conta e risco, (...) porque nunca fez parte da nossa formação e, portanto, se existem pessoas que hoje estão excepcionalmente, estão muito melhor preparadas para facilitar essa tarefa, claro que eu acho que se torna um bem precioso” [INV05].

As competências do bibliotecário têm, assim, aumentado e progressivamente evoluíram, tornando-se mais complexas e abrangentes. INV18 é de opinião que sempre que o profissional da informação assegura e se responsabiliza pela revisão bibliográfica dos estudos, então ele deverá ser constituído como mais um parceiro do projeto ou da equipa de investigação.

A revisão da literatura é um passo essencial no percurso de investigação, porque todos os trabalhos científicos começam no enquadramento teórico. Na opinião de INV03 não existe trabalho de investigação sem enquadramento teórico, em que antes de fazer o trabalho de campo não se questione e não se contextualize o que se pretende saber. E a alimentação do quadro teórico depende da análise bibliográfica – “considero o coração de

uma investigação, ou seja, sem isso não há investigação!” [INV03]. De onde se deduz que o que se quer saber será tão mais sólido quanto mais sólido for o quadro teórico. Mesmo que a investigação seja prática, essa condição não anula a teoria, porque não existe investigação sem teoria [INV03]. A teoria desempenha, assim, um papel fundamental na investigação, fornecendo-lhe explicação, compreensão e significado, ajudando a alargar o conhecimento, a ligar o abstrato e o concreto, a prever factos e a identificar áreas inexploradas. Como afirma Lingard (2018), “the metaphor of ‘mapping the gap’ is a way of thinking about how to select and arrange your review of the existing literature so that readers can recognize why your research needed to be done, and why its results constitute a meaningful advance on what was already known about the topic” (p. 47). Resumindo: assinalar o que se conhece e o que não se conhece.

A revisão da literatura é, assim, essencial para a fundamentação e contextualização de qualquer estudo, mas também posteriormente para a sua discussão. Se o bibliotecário trabalhar ativamente nestes dois momentos de qualquer projeto, então pode e deve, na opinião de INV02, integrar a equipa de investigação, porque a sua colaboração será efetiva e configurará a figura de mais um colaborador da equipa.

Os investigadores concordam, então, que as competências associadas à pesquisa, análise e avaliação da informação em bases de dados são habitualmente um domínio do bibliotecário, o que não impede que tenha outros, mas aquele integra o *core* da sua profissão e é aqui que ele pode ter um contributo precioso para a revisão da literatura das publicações resultantes dos projetos e para a equipa de investigação no seu todo. Regra geral, os investigadores creem que sabem pesquisar informação, mas de uma forma um pouco superficial [INV12]. Consideram que uma revisão da literatura implica uma pesquisa estruturada e sólida, sendo esse um saber dominado pelo profissional da informação – “Faço tudo! Faço a pesquisa bibliográfica, faço a seleção dos artigos que me vão interessar. Faço! Até que ponto um bibliotecário não podia fazer grande parte deste trabalho da pesquisa, inclusive alguma parte da seleção... E isso seria uma ajuda fundamental. Eu imagino o tempo que eu ganharia se tivesse essa possibilidade” [INV17]. Especialmente porque na investigação publicada em ciências da saúde, a revisão da literatura é relativamente curta, variando entre alguns parágrafos a poucas páginas (Lingard, 2018).

Os investigadores do presente estudo emitem opiniões muito próximas quando refletem sobre estudos que envolvam revisões sistemáticas e meta-análises. É neste cenário que assumem como fundamental o papel do bibliotecário, principalmente na definição das estratégias de pesquisa, matéria para a qual muitas vezes não estão tão alerta e onde manifestam falta de experiência [INV09]. É neste cenário que o bibliotecário se evidencia enquanto perito no desenvolvimento de pesquisas de informação exaustivas e sensíveis, considerando Rethlefsen et al. (2015) que o seu envolvimento melhora a qualidade das revisões sistemáticas e das revisões de âmbito. Escrever uma revisão sistemática pode ser fácil, mas o processo de sistematização pode ser muito difícil. E será aqui que os investigadores creem que o bibliotecário deve demonstrar as suas habilidades, apoiando a equipa de investigação na definição de conceitos, no uso dos operadores booleanos e na identificação das bases de dados mais adequadas, especialmente porque esta é uma parte do trabalho onde não está envolvida a componente laboratorial [INV17].

Na opinião dos investigadores, o desenho da pergunta de investigação melhora com o contributo do bibliotecário porque este pode desempenhar um papel de metodólogo, ajudando a garantir que a tipologia de revisão selecionada corresponde à pergunta da revisão, que a pergunta da revisão terá resposta e que os métodos de revisão são bem executados (Beverley et al., 2003). É intenção dos investigadores incluir na revisão sistemática ou na meta-análise os artigos mais importantes sem muito ruído – e às vezes não conseguem. Um deles referiu que está a desenvolver uma revisão de âmbito sobre estratégias para melhorar a experiência dos doentes aquando da realização de uma mamografia; no primeiro rastreio de informação foi confrontado com cerca de 4500 artigos e imenso ruído. A equipa não contou com um bibliotecário, pelo que os outros investigadores incluíram critérios de pesquisa como a tipologia de estudos; nos resultados das pesquisas apareceram títulos com palavras como *randomised* e *clinical trials*, que estavam longe do foco de investigação [INV11]. Este investigador já decidiu que futuramente os projetos que incluam revisões de âmbito e revisões sistemáticas devem contar com um profissional da informação para afinar as equações, de modo a diminuir ao máximo o ruído e a melhor identificar os artigos de relevância para o estudo. Porquê? Porque a construção de uma equação de pesquisa tem muitas subtilidades, principalmente

quando são incluídos os termos MeSH. Não se deve igualmente ignorar que a terminologia usada numa base de dados pode não ser aplicável noutra, exigindo ajustes para uma correta validação. A colaboração do bibliotecário permitirá a construção de uma equação de pesquisa solidamente estruturada. No caso das teses de doutoramento – a maioria dos investigadores entrevistados, porque tem responsabilidades de docência no ensino superior, orienta teses de doutoramento –, é raro o projeto que não se inicia com uma revisão sistemática ou com uma revisão de âmbito; o profissional da informação é, neste caso, requerido para afinar *search strings* e para selecionar bases de dados.

Um dos investigadores descreve duas experiências recentes em que esteve envolvido e em que o papel atribuído a cada elemento da sua equipa foi bem delimitado. Na primeira, a equipa definiu conjuntamente o tema em estudo, os termos de pesquisa e as bases de dados a trabalhar. O bibliotecário executou a pesquisa e organizou todo o material. Seguidamente avançaram os investigadores para fazer a análise e reorganizar o que não fazia sentido. Nesta experiência, o bibliotecário trabalhou mais na parte executiva e menos na parte reflexiva. Não se tratou de uma imposição da equipa; ele sentiu-se mais à vontade naquele estatuto. Na segunda experiência, mais recente, o bibliotecário era mais jovem, recém-formado, e participou de todas as etapas, desde a conceção, o desenvolvimento e a redação do projeto [INV10].

O INV06 nunca contou com a colaboração de um bibliotecário num projeto ou na sua equipa de investigação. Por hábito, discute com os outros investigadores sobre a construção da pesquisa e o método a seguir. O procedimento é o mesmo no exercício da docência, em que os seus estudantes são convidados a intervir e a ajudar a validar o processo. Prevê atentar futuramente na integração de um bibliotecário, principalmente se os projetos envolverem revisões sistemáticas e meta-análises. Alguns investigadores confessam que a colaboração é essencial e não têm a noção de como fazer qualquer pesquisa ou de como escrever uma expressão adequada [INV12]. No caso de uma revisão sistemática ou de uma revisão de âmbito, a solidez da pesquisa é um processo de peso, tem impacto, pode comprometer as etapas de trabalho seguintes (Bramer et al., 2018; Mellor, 2024). O profissional da informação representaria, assim, uma mais-valia, porque, como enfaticamente refere um dos investigadores, “quando duas revisões sistemáticas vão para

revistas de primeiro quartil e são aceites à primeira, é porque a metodologia está muito robusta. E uma parte boa da metodologia muito robusta é, sem dúvida, a seleção das bases de dados e das palavras. Não se pode negar o impacto disto numa revisão sistemática. Donde, a meu ver, isto tem a ver com o bibliotecário, claramente, com o trabalho que foi desenvolvido pela bibliotecária” [INV14].

O investigador INV06 está atualmente a participar numa meta-análise, reconhecendo nesta tipologia de estudo um trabalho de sistematização na pesquisa, na extração, na validação e na análise da informação, em que a ajuda de um bibliotecário integrante no projeto seria muito valiosa. Mas, porque desenvolve também investigação no meio laboratorial, aí já não consegue identificar como poderia o bibliotecário contribuir para o sucesso dos projetos, ainda que a maioria dos investigadores afirme que qualquer trabalho de investigação implique o respetivo enquadramento teórico.

As capacidades de organização do bibliotecário são também valorizadas pelos investigadores. As suas competências profissionais de base incluem a catalogação, classificação e indexação de documentos. A descrição documental resulta, por conseguinte, num rigor organizativo e descritivo muito apreciado aquando da redação das referências bibliográficas e num “valor acrescentado em qualquer sistematização inerente em qualquer trabalho científico” [INV03]. Este mesmo rigor está presente quando o profissional da informação procura auxiliar os investigadores a localizar um artigo específico, o texto integral de um artigo, a esclarecer alguma métrica, o fator de impacto ou a escolha de uma revista para publicação – “Já me aconteceu até alguns colegas (...) de outros países pedirem ajuda para encontrar determinados artigos e até acabámos por perceber que às vezes não são artigos, são comunicações, que de outra forma não teria conseguido descobrir sozinha sem a ajuda do bibliotecário” [INV09].

Regra geral, os investigadores gostam de trabalhar com o bibliotecário. Reconhecem que, enquanto investigadores, lhes faltam algumas competências de sistematização, de análise, de compilação da informação [INV06] – “têm uma meticulosidade que até eu mesma (...) não tenho” [INV10]. Esta investigadora, que trabalha no Brasil, assume que, sempre que possível, tem o privilégio de contar com o apoio de um bibliotecário nos seus projetos, mesmo que nem sempre seja possível dada a escassez de

profissionais sendo, por isso mesmo, muito procurados.

Um dos investigadores referiu que o profissional da informação com que trabalhou tinha notoriamente uma grande dificuldade: o desconhecimento da língua inglesa [INV10], produzindo traduções irreais. O desempenho deste bibliotecário ficou, assim, mais limitado. O conhecimento de idiomas, em especial do inglês, é claramente desejável e importante, sendo que os resultados do presente estudo o enfatizam igualmente como um dos saberes que deve integrar o *core* de competências do bibliotecário.

A par dos conhecimentos linguísticos, os estudos de Silva et al. (2020) de Fernández-Molina et al. (2020) defendem que também a matéria de direitos de autor deve ser objeto de atenção e integrar as competências necessárias ao bibliotecário de referência, de modo a poder orientar as questões relacionadas com o uso ético e legal da informação, o que vai ao encontro dos resultados da presente investigação. Com base na análise dos serviços e competências presentes em bibliotecas estrangeiras, estes dois estudos afirmam que a estrutura curricular dos cursos de Biblioteconomia e de Ciência da Informação, pelo menos a ministrada no Brasil, deve ser revista e integrar estas competências. Questões como, por exemplo, que direitos de um artigo científico permanecem com o autor e que direitos são transferidos para o editor, quais são as permissões do editor para o autoarquivo e sob que condições, se as universidades podem obrigar os estudantes a divulgar dissertações ou teses em acesso aberto, se existem direitos de autor ou alguma forma de propriedade intelectual sobre dados de investigação, são matérias que exigem um conhecimento alargado não só de direitos de autor mas também de disseminação do conhecimento na academia. A legislação que regula a propriedade intelectual é muito complexa, difere de país para país e é muitas vezes ignorada (Bozzato et al., 2021). É, por conseguinte, importante dar-lhe a devida atenção para uma correta gestão dos direitos de autor e para ajudar os investigadores a promover o seu trabalho, dar-lhe visibilidade e a comunidade em geral a beneficiar do mesmo.

Os bibliotecários e investigadores do presente estudo assinalam justamente a necessidade de conhecer a legislação de suporte à propriedade intelectual, frisando que o suporte oferecido pelo bibliotecário é aceite sem reservas, o que demonstra maturidade e consolidação dos conhecimentos do profissional da informação.

5.2.2 O reconhecimento

Os investigadores consideram, de um modo geral, que o bibliotecário é atualmente um profissional com uma formação académica elevada, mas que não é devidamente considerado ou valorizado [INV15] e que, dependendo da área de investigação, pode contribuir para o trabalho das equipas de investigação – “Não há razão nenhuma para que o documentalista-bibliotecário não faça parte dos centros de investigação (...) tendo crédito científico com nome no artigo a publicar” [INV17] –, sobretudo porque alguns profissionais da informação, que passaram por esta experiência, tinham qualidades e competências para o efeito e um ou outro tinha sido recomendado por outros investigadores ou por outro centro de investigação [INV02].

Longe vai o tempo em que os investigadores da saúde compilavam a informação de suporte aos seus projetos sempre da mesma maneira: a partir dos centros de documentação da indústria farmacêutica, que estavam muito bem apetrechados de bases de dados diversificadas e de fontes de informação muito atualizadas, de qualidade científica irrepreensível e que também estavam sempre disponíveis para os profissionais de saúde e investigadores. Todavia, hoje parece já não ser possível fazer investigação sem a colaboração de um bibliotecário. “Parece-me tecnicamente impossível (...) a gente tem as MEDLINEs e (...) temos mais ou menos alguma capacidade e podemos estudar mecanismos de pesquisa, etc., etc., etc. E temos o Google... quantos trabalhos hoje são produzidos a metro à boleia do Doctor Google, quer dizer, das pesquisas bibliográficas feitas assim. Não tenhamos dúvidas... elas vão ser sempre invariavelmente incompletas e vão ter pior qualidade, sempre. (...) O grande ponto forte (...) é o consistente aumento da qualidade do projeto de investigação, tanto na sua génese, na sua preparação, como nos seus relatórios finais e nos documentos finais... Vai ser sempre um produto de pior qualidade se não tiver a participação do documentalista” [INV18]. Este investigador – que confessou continuar a pensar no bibliotecário como um documentalista, no alinhamento da sua experiência com os centros de documentação – refere também que o diálogo entre o investigador e o profissional da informação ultrapassa a simples necessidade de acesso a

meia dúzia de referências. O bibliotecário sugere, adianta hipóteses, intervém, interage, criando um cenário de transição e um marcado aumento de interação, desempenhando um papel progressivamente mais ativo. O reconhecimento assume, assim, contornos de segurança e fiabilidade, sendo que os investigadores manifestam que, com este apoio, sentem mais seguros relativamente à qualidade da revisão da literatura, sobretudo se o acesso à literatura for acompanhado das versões integrais dos artigos e ultrapassar meramente os resumos das fontes de informação [INV02].

Os investigadores referem que regra geral formulam a pergunta de investigação e, muito antes de reunirem com os estatistas, reconhecem que o que precisam saber é o verdadeiro estado da arte. Assim, a colaboração do bibliotecário deve refletir-se imediatamente a seguir à formulação da pergunta – “... os estatísticos ficam sempre completamente irritados quando a malta lhes aparece com uma pilha de questionários: ‘Olhe, eu fiz este estudo e agora como é que eu trato isto?’ Eles ficam doentes, ficam irritadíssimos... depois vão ver e aquilo não tem ponta por onde se lhe pegue, entre ruído de fundo, variáveis de confundimento, perguntas mal formuladas, enfim, aquilo que nós sabemos e pronto e são eles os primeiros a dizer: ‘Nós temos de discutir isto é antes, na fase de projeto’. E aqui o documentalista para mim é ainda antes da fase de projeto” [INV18].

Um dos investigadores confessou que, aquando da submissão de um artigo, e no âmbito do sistema CRediT (*Contributor Roles Taxonomy*) não se recorda de identificar uma das funções adequada ao bibliotecário – o que considera errado [INV19]. Crê que o reconhecimento do trabalho do bibliotecário deveria iniciar-se logo aí, nos sistemas de identificação de funções nos processos de investigação, porque a sua intervenção é clara e primordial, por exemplo, em estudos de revisão. Não estranharia que um bibliotecário integrasse a sua equipa, parece-lhe normal, mas isso nunca aconteceu, talvez porque a sua área de investigação seja muito analítica. Já trabalhou com outras equipas e, talvez devido à natureza do projeto, nunca tiveram investigadores-bibliotecários com eles. De notar que este foi o único investigador que mencionou a condição de «investigador-bibliotecário», que nunca foi apresentada ao longo das entrevistas. Um ou outro dos entrevistados referiu a necessidade de o bibliotecário ter experiência de investigação, mas nenhum referiu que se trataria de um investigador-bibliotecário. Esta noção remete para outras reflexões – como a

de um investigador que tenha conhecimento de bases de dados, de pesquisa, avaliação e extração de informação poder eventualmente substituir o bibliotecário ou colmatar a ausência do bibliotecário na equipa sem que se registassem danos para o projeto em mãos.

O reconhecimento pelo conhecimento evidenciado pelo profissional da informação volta à discussão por um dos investigadores que, em tempos, acumulou a prática clínica com a docência universitária, quando refere que os jovens médicos e os internos têm uma formação académica que muito os estimula a desenvolver investigação e até têm muitas oportunidades de fazer formação complementar sobre as várias etapas em investigação – “uma coisa é ter linguagem técnica, como se faz a pesquisa e outra coisa é ter realmente *know-how*, o acesso, a *souplesse*, digamos que vem com a prática do documentalista (...). Por mais ferramentas conceptuais que o investigador tenha (...) se calhar consegue fazer qualquer coisa, mas vai ser sempre com menos eficiência e com menos qualidade do que se (...) introduzir um documentalista neste processo” [INV18]. Sem contar com o tempo, que é precioso para todos. O mesmo investigador destaca que a participação de um profissional da informação permite dar tempo, que é precioso ao investigador, e com um resultado superior em termos de eficiência.

De um modo geral, os investigadores reconhecem que a possibilidade de trabalhar lado a lado com um bibliotecário, mais um elemento produtivo no grupo e que dê a mesma importância à investigação, é importante e uma aprendizagem permanente. É notória a sua dificuldade em trabalhar com pessoas que não dão nem a mesma importância nem o mesmo contributo aos projetos de investigação.

5.2.3 As autorias

Ser nomeado autor de um trabalho de investigação é meritório. A autoria significa que um indivíduo deu um contributo significativo para o trabalho e é responsável por ele. Tem também um valor significativo para o investigador. Por conseguinte, é importante que a autoria seja atribuída de forma exata e responsabilizante, isto é, assegurar que os autores dos resultados da investigação são todos aqueles, e apenas aqueles, que deram um contributo intelectual ou académico significativo para a investigação e os seus resultados, e que

concordam em ser identificados enquanto autores.

A atribuição da autoria e a ordem dos autores depende, em certa medida, da disciplina. De qualquer forma, a autoria deve basear-se num contributo substancial para o trabalho. Os investigadores devem discutir a autoria na fase inicial de um projeto de investigação para estabelecer: a) quem será indicado como autor nos potenciais resultados da investigação; b) a ordem pela qual os autores serão listados; c) as responsabilidades de cada autor; d) os registos escritos dos acordos de autoria devem ser mantidos e revistos periodicamente, por exemplo, quando um investigador sai ou se junta ao projeto. A autoria não está associada a uma posição ou profissão e não será oferecida a quem não cumpra os requisitos; a autoria como *gift*, *ghost* ou honorária é inaceitável (Committee on Publication Ethics, 2019). Os investigadores devem também estar cientes das diretrizes de autoria da editora a que estão a submeter o trabalho.

O contributo dos autores para uma publicação de investigação é frequentemente variável. Todos os autores, no entanto, são responsáveis pela validade, originalidade e integridade do trabalho. A conduta responsável em investigação e os procedimentos nas autorias devem incluir: a) o cumprimento dos critérios de elegibilidade dos autores; b) a garantia da exatidão dos relatórios e a atribuição de créditos pelo contributo no trabalho; c) o acordo sobre a autoria por escrito antes de submeter um trabalho para revisão; d) o reconhecimento do contributo dos outros, incluindo as agências de financiamento; e e) declarar os conflitos de interesse. O ICMJE afirma que todos os colaboradores que não cumpram estes critérios de autoria não devem ser identificados enquanto autores, mas o seu contributo deve ser reconhecido, a saber: a aquisição de financiamento; a supervisão de um grupo de investigação; a assistência à escrita, edição técnica, edição linguística e a revisão de provas. Podem até ser identificados enquanto tal, pelo que se sugerem designações específicas, como *clinical investigators* ou *participating investigators, served as scientific advisors, critically reviewed the study proposal, collected data, provided and cared for study patients, participated in writing or technical editing of the manuscript*, entre outras (International Committee of Medical Journal Editors, 2024). E, porque se assiste ao crescimento exponencial da inteligência artificial, também a sua utilização na redação do manuscrito deve ser expressa claramente na secção de agradecimentos.

Surgem, por vezes, litígios sobre a autoria. Estes litígios podem atrasar a investigação, dificultar a publicação e prejudicar a relação entre os colaboradores. Os litígios podem ser evitados através de uma comunicação adequada e da obtenção prévia do acordo sobre autoria no início do processo de investigação e da revisão regular desses acordos.

De acordo com Borrego et al. (2018), a colaboração do profissional da informação, mas também da biblioteca académica, com professores e investigadores pode resultar na coautoria de resultados académicos – e esta é uma forma de demonstrar a articulação do profissional e do seu serviço. Neste alinhamento, o estudo que desenvolveram explora o contributo dos bibliotecários para as revistas académicas em domínios que ultrapassam a Ciência da Informação e a colaboração com investigadores desses domínios, de que resultou um crescente número de artigos publicados em áreas que não a Ciência da Informação (e.g., ensino superior e literacia da informação, revisões sistemáticas e meta-análises, e investigação nas áreas de especialização de professores, com um claro predomínio das ciências sociais e das ciências da saúde).

Os investigadores questionados e entrevistados para o presente estudo, apesar de trabalharem no campo da saúde – e justamente porque a área da saúde representa um cenário multidisciplinar –, provêm de áreas disciplinares diversas, como antes referido. Desta forma, alguns deles são das ciências sociais e humanas (sociologia e psicologia) e outros das ciências exatas (biologia, química, matemática, física, engenharia, entre outros). Não admira, por conseguinte, que seja diversificada a experiência que conhecem nas suas áreas de desempenho relativamente à identificação e alinhamento dos autores dos trabalhos publicados.

A experiência testemunhada nas ciências exatas, nas engenharias, nas ciências naturais e nas tecnologias é diferente da experienciada nas ciências sociais e nas humanidades. Regra geral, nas ciências sociais e humanas não é raro, mas é menos comum, a existência de um texto com múltiplos autores, havendo normalmente um, dois ou três autores. Quando o autor é um só claramente que a questão das autorias nem se apresenta. Mas quando os autores são dois, normalmente a situação pode ser resolvida de várias maneiras: 1) a questão é previamente combinada; 2) o nome do investigador que mais

trabalhou apresenta-se primeiro; 3) o investigador que teve a ideia apresenta-se em primeiro lugar; 4) o investigador que realizou todo o trabalho de interação com a publicação é o primeiro [INV01]. Também não é raro acontecer um jogo de cavalheiros, sobretudo quando a investigação resulta em mais do que uma publicação: o primeiro autor da primeira publicação passa a segundo na segunda e vice-versa. À partida, tudo indica para que seja menos difícil fazer a sequenciação de autores quando eles são poucos.

Contudo, no campo das ciências exatas, a sequenciação dos autores não segue exatamente um procedimento instituído. Vários estudos debruçaram-se sobre esta matéria, elucidando, descrevendo e propondo uma listagem de autores lógica, mediante o contributo de cada um (Gøtzsche et al., 2009; McNutt et al., 2018; Mondal et al., 2023; Teixeira da Silva, 2011; W. H. Zhang et al., 2010). O sistema CRediT, muito divulgado pela Elsevier, surgiu em 2012 através da colaboração Wellcome Trust-Universidade de Harvard e com o contributo de investigadores, do ICMJE e de vários grupos editoriais, incluindo a própria Elsevier. O seu objetivo é reconhecer o contributo individual dos autores, minimizar eventuais disputas de autoria e facilitar a colaboração, descrevendo de forma exata e detalhada a informação sobre quem é o autor correspondente, quem conceptualizou o estudo, quem desenhou os métodos, quem desenvolveu o *software*, quem validou, quem realizou a análise formal, quem fez a colheita de dados, quem providenciou os recursos/materiais, quem procedeu à curadoria de dados, quem escreveu o *draft* original, quem reviu o texto e validou a versão final, quem preparou a informação complementar, quem supervisionou o trabalho, quem administrou o projeto e quem se responsabilizou pelo apoio financeiro do projeto³¹.

Normalmente, na área da saúde, a identificação dos autores é realizada pela pertença institucional, ainda que algumas publicações considerem também a formação de cada autor. As revistas científicas e suas plataformas incluem *templates* para a submissão de manuscritos, onde a identificação e o alinhamento dos autores seguem regras próprias da revista – algumas aceitam mais do que uma afiliação institucional, outras não; a maioria prescinde da formação académica dos autores. Também os centros de investigação e as

³¹ <https://www.elsevier.com/researcher/author/policies-and-guidelines/credit-author-statement>

instituições acadêmicas têm as suas regras de afiliação e, nelas, é genericamente descrito quem deve ser o primeiro e o último autor. Os investigadores do presente estudo revelaram experiências diversas, designadamente:

- O primeiro autor é o estudante/investigador principal da investigação. O último ou os dois últimos são os supervisores ou os orientadores. Os autores colaboradores figuram no meio por: a) ordem alfabética; ou b) na segunda, terceira ou quarta posições se colaboraram um pouco mais, por exemplo, na extração de dados e na síntese [INV04].
- O primeiro autor deve ser sempre quem escreve, o último é quem orienta. No meio figuram os participantes ativos no projeto e na publicação [INV06].
- O primeiro autor é aquele que teve um trabalho efetivo e real (redigiu o *draft*), ainda que possa haver coautoria no primeiro autor. O último ou o penúltimo autor é aquele que orienta, responsabiliza-se por tudo, pela submissão e pelo financiamento. Quanto aos autores do meio podem figurar na perspectiva da importância do seu contributo, por ordem alfabética, mas também pode ser deixada a hipótese de cada um se autocolocar [INV07].
- A definição do alinhamento é ajustada no momento da publicação, em função da colaboração de cada autor na publicação. Em alguns casos também pode ser definido no início do projeto [INV08].
- O primeiro autor foi um médico porque se tratava de uma revisão sistemática em cuidados de saúde primários. Vieram depois os dois bibliotecários que colaboraram e, por fim, o investigador principal. Priorizou-se a quantidade de trabalho que cada um realizou e também a mentoria das ideias para o desenvolvimento dos estudos. Como existe alguma indefinição nas revistas científicas brasileiras (muitas vezes o primeiro autor é o mais importante, outras vezes é o último autor), o investigador opta por seguir a sequência de acordo com a quantidade de trabalho executada [INV10].
- O primeiro autor é quem conceptualizou a ideia e trabalhou mais. Os autores seguintes apresentam-se em função da dimensão do seu contributo, sendo que o último autor pouco terá trabalhado [INV10].

- O primeiro autor é quem estrutura e escreve o artigo. O último autor é o mentor da ideia. Os que contribuem um pouco mais figuram no início – o bibliotecário não é o último, mas também não é o primeiro [INV11].
- O primeiro autor é o mentor e executor da ideia. Os dois últimos autores correspondem aos orientadores e coorientadores da tese. Os autores seguintes foram ordenados de forma aleatória – incluindo o bibliotecário que os ajudou [INV12].
- Os primeiros autores são os estudantes, o orientador é o último e, no meio, constam os outros indivíduos envolvidos – incluindo o bibliotecário, que figurou logo a seguir aos estudantes. Se houver algum diretor de serviços virá a seguir ao bibliotecário, pelo seu papel institucional, ou um médico, porque “cede” os doentes, faz uma triagem dos doentes a encaminhar para o estudo, mas não está diretamente envolvido [INV14].
- O primeiro autor é o investigador responsável pelo trabalho realizado. O investigador principal é sempre o último autor [INV16].
- Os primeiros autores são aqueles que executam o trabalho de laboratório. O último autor é o investigador principal ou o dono do laboratório. No meio figuram os *between*, isto é, todos os que têm reconhecimento em termos de creditação da atividade científica (e.g., estatistas) [INV17].
- O primeiro autor é o que tem a ideia conceptual do estudo, que formula os objetivos e constrói todo o projeto, redige o relatório final ou o *paper*. O alinhamento dos restantes autores assemelha-se a um processo um pouco político [INV18].
- O primeiro autor tem a ideia, escreve o *outline* do projeto e redige o *draft* do *paper*. Os autores seguintes são os que fazem trabalho de bancada e trabalho de campo. Os últimos autores são os mais seniores e geralmente revêm a parte da escrita. É também frequentemente a pessoa que financiou o projeto, estabeleceu alguma parceria ou iniciou a *network* que viabilizou o projeto [INV19].
- O primeiro autor é, em princípio, o autor correspondente e é o autor mais ativo, que lidera a investigação e a recolha de dados. Os últimos autores são sempre os investigadores principais, aqueles cujas ideias contribuem para o projeto e

têm uma linha de investigação bastante definida. A sequenciação de autores deve ser debatida em equipa, devendo seguir uma lógica de contributo para a investigação [INV20].

O que parece ser muito importante para estes investigadores é que esta questão seja discutida e definida desde o início do delineamento de cada projeto para que não haja dúvidas nem mal-entendidos.

Também parece claro que não podem ser identificados como autores todos aqueles com que os investigadores se cruzam. É grande a diferença entre um interlocutor com quem se discute um ou outro aspeto específico da investigação e aquele que de facto participa no processo de corpo inteiro. É, deste modo, considerado o contributo, efetivo, substancial, que, do ponto de vista técnico, teórico, científico, académico, o indivíduo consegue conferir a um projeto de investigação, qualquer que seja a sua função ou o seu domínio de competências.

Por esta razão, os investigadores conseguem visualizar o bibliotecário a entrar em projetos de investigação, em funções de pesquisa de investigação, sempre que o tema, as competências, a formação e o trajeto desse profissional conseguirem coexistir e, de facto, materializar-se [INV01]. A materialização pode ocorrer: a) nos pressupostos e na temática do projeto, na equipa constitutiva; b) na conceptualização e no desenho do estudo, na colheita de dados, na discussão, mas também na redação do texto; e c) nas competências evidenciadas pelo profissional que, se forem ao nível de um mestrado, provam que sabe ser um investigador [INV15]. Quando o estudo em questão se trata de um trabalho de revisão – seja uma revisão narrativa, uma revisão da literatura, uma revisão de âmbito, uma revisão sistemática ou uma meta-análise –, os investigadores entrevistados consideram todos os contributos importantes.

Para outros estudos de investigação, nomeadamente os clínicos e os experimentais, já manifestam algumas dúvidas; não no sentido de duvidarem da intervenção do bibliotecário, mas porque nunca pensaram no assunto e, por isso, não vislumbram de imediato a presença deste profissional na equipa [INV02] e menos ainda na bancada [INV16]. Mas mesmo os estudos experimentais envolvem a componente reflexiva: “o papel

da ciência deve também ser um papel reflexivo, de debate teórico, de reflexão crítica e, portanto, deve haver espaço para exercícios de conceptualização” [INV05]. Por conseguinte, mesmo os estudos laboratoriais envolvem outros estudos, laterais, sistematizados, desenvolvidos no âmbito dos projetos. Se fosse um profissional da informação a desenvolver um estudo desta natureza no âmbito de um projeto mais clínico ou laboratorial, um dos investigadores não duvidaria em colocá-lo enquanto primeiro autor: “se eu quisesse publicar um artigo sistematizando todo o estudo, feito com base em análise de artigos, etc., para mim esse é um trabalho (...) que seria do bibliotecário e esse artigo devia ter o bibliotecário como primeiro autor” [INV16]. Ou seja, dependeria da tipologia do estudo a submeter para publicação. A título de exemplo refiram-se alguns estudos recentemente publicados, em que o bibliotecário é o investigador principal (Ritoša et al., 2023) ou o segundo autor considerando a tipologia da investigação desenvolvida (Haraldsson et al., 2024; Kalavani et al., 2024; Sterlingova et al., 2023).

Se o bibliotecário participar efetivamente na equipa de investigação os investigadores não se opõem à sua identificação no alinhamento de autores, à semelhança de todos os outros autores e investigadores. Para INV03 e INV06 não haveria qualquer diferença, independentemente de ser bibliotecário. Outro investigador acredita que se o bibliotecário participa desde a validação da estratégia, então ele é já um autor, porque participa desde as primeiras fases do projeto – “não é necessário que ele saiba fazer, por exemplo, uma análise estatística, uma meta-análise, mas ele contribuiu para esse desenho, para essas buscas, então para mim ele entra com certeza” [INV04]. Figurar na segunda, terceira ou quarta posições não é tão relevante e depende do acordado entre todos os autores, porque “o protagonismo dos autores deve refletir a importância que tiveram naquela reflexão em particular” [INV05].

O alinhamento dos autores por ordem alfabética (todos os nomes que figuram entre o primeiro e o último autor) não obtém a concordância dos investigadores. A identificação dos contributos de cada autor na publicação deve ser feita de forma sequencial, articulando esta questão com a equipa a partir do momento em que se sabe quem é o primeiro autor e quem é o último: “E hoje em dia, como sabemos, as revistas até pedem qual é o contributo que cada um dos autores trouxe para o artigo científico” [INV20].

Quem faz investigação considera que desejavelmente os autores devem intervir consoante a sua *expertise*, a sua dimensão e a proporção do seu contributo. Infelizmente, alguns caminhos são mais tortuosos: “a realidade diz-nos que o mundo da investigação, como todos os outros, não é exatamente o mundo exemplarmente limpo e eticamente correto. E nós sabemos, pronto. Desde aqueles exercícios de quilómetros de malta pendurada, em que cada um faz um estudo e depois são todos autores, porque dá jeito para o currículo até aos diretores de serviço, etc.” [INV18]. Curiosamente há projetos em que os investigadores nem discutem em que posição figurará o seu nome nas publicações; consideram que é uma honra participar neles e aprender com eles [INV11], forma de estar que também se identificou numa das bibliotecárias entrevistada [BIB13].

Ainda assim, não admira que a maioria dos investigadores entrevistados assinale que o êxito da equipa e dos projetos depende do grupo de investigadores. Um deles refere que no início de qualquer projeto todos os intervenientes sabem como vão funcionar e o que se espera de cada um [INV12]. Um outro já trabalhou em equipas em que, no início dos trabalhos, é o chefe de projeto que define o alinhamento dos autores; por um lado, pode ser vantajoso porque *a priori* todos conhecem as regras, mas, por outro, pode ser uma desvantagem “porque há sempre uns que vão à boleia dos outros e depois não contribuem” [INV11]. Quando integra um projeto prefere perceber de imediato quais são as sensibilidades e o que se espera de cada um. Quando os projetos são orientados pelo próprio, não sendo propriamente primeiro autor, prefere instalar-se na última posição.

Questionar a identificação do bibliotecário enquanto mais um autor na equipa abriu os horizontes a vários investigadores. O INV13 nunca trabalhou com um bibliotecário que tivesse relações de primeiro ou de último autor – eram sempre coautores. Outros investigadores nunca tinham contado com um profissional da informação num efetivo processo de colaboração; no futuro, se passar a integrar a equipa, será mais um autor e a sua posição na sequenciação das autorias obedecerá à regra de qual foi o papel desempenhado, se esteve sempre desde o início, se ajudou a escrever ou se se limitou a dar palpites – o que INV07 também considera relevante.

Um dos investigadores destaca que o crédito a dar a um bibliotecário deve alinhar-se pelo crédito que é geralmente atribuído ao estatista e destaca: “Hoje em dia praticamente

todas as equipas de investigação têm um estatístico. O estatístico não vai para o laboratório! O estatístico não faz a menor ideia daquilo que nós estamos a fazer. O estatístico pega nos resultados que eu dou e executa determinados métodos para estabelecer correlações ou ao contrário. E depois tem um nome no artigo. E eu conheço estatísticos que nos últimos oito anos têm cento e tal publicações (...) e praticamente não há uma coerência científica nessas cento e tal publicações. Porquê? Porque foi uma pessoa que esteve a executar trabalho estatístico naquele projeto. (...) É diferente nesse aspeto de dar creditação ao estatístico ou dar creditação ao bibliotecário, que nos arranjou [o] material todo e que, de preferência, colaborou na organização, na correção, na análise, na verificação? Não.” [INV17]

Já no campo das ciências sociais e humanas, um dos investigadores que se tem dedicado às questões sociológicas na saúde receia que a colaboração de um profissional da informação possa ser um pouco casuística. Na sua opinião, depende da equipa de investigação, até do centro de investigação e do *know-how* acumulado pelas equipas. Tratando-se de um trabalho que vem dar continuidade a uma linha de investigação bem amadurecida, crê que provavelmente os investigadores, porque são peritos na matéria e estão muito familiarizados com a literatura, com a evidência científica de maior relevância e com as publicações fundamentais da área, conhecem os pares mais destacados; nestas circunstâncias, o papel de um bibliotecário poderá ser mais residual ou um pouco marginal [INV05]. Porém, se participou no processo, seja em que etapa for, considera este investigador que deve constar das autorias, devendo imperar o bom senso e refletir o trabalho da equipa com o máximo de fidelidade.

Mesmo discutindo previamente a sequência de autores nem sempre tudo corre bem. Os investigadores não querem autores que se limitam a responder no final do estudo que nada têm a acrescentar ao texto final. Em bom rigor, esta postura significa “eu não li isto, não tive tempo, isto está com bom aspeto” [INV07] – não precisam destes contributos.

Nem todos os indivíduos que colaboram são, em bom rigor, autores efetivos. Para INV13 os indivíduos que desempenharam funções na ótica da prestação de serviços são claramente nomeados na secção dos agradecimentos, não nas autorias. Esta situação é frequente na investigação em saúde. Mesmo que a colaboração do bibliotecário tenha sido valiosa para a equipa, em especial quando esta se encontra na fase da redação do protocolo

de investigação, em que toda a investigação que se segue assenta na solidez dos resultados apurados nas pesquisas das bases de dados, ainda assim, o profissional da informação pode ser relegado para a secção dos agradecimentos (Navas-León et al., 2024) ou nem isso, mesmo que o reflexo do seu trabalho seja materializado no material suplementar do artigo publicado (Kaminski et al., 2024). Sem desmerecimento, alguns podem ser incluídos e nomeados nos agradecimentos, porque a sua intervenção foi menor; por exemplo, o trabalho dos técnicos de laboratório ou de alguém que ajudou nas colheitas é importante, mas a sua colaboração será identificada nos agradecimentos – “e depois há aqueles que tiveram um papel menor, menor, menor, que não aparecem” [INV07]. Outros há que não participaram nem na metodologia, nem na análise dos resultados ou na discussão, mas “disponibilizaram” os registos clínicos encriptados dos seus doentes – “na prática incluímos os seus nomes nas publicações, pois sem eles não conseguiríamos concretizar o estudo” [INV14].

5.2.4 Perfil do bibliotecário a selecionar para a equipa

O perfil de bibliotecário a incluir numa equipa da investigação deverá considerar uma experiência relevante, uma ética de trabalho profunda e um conhecimento de causa técnico, mas também das idiossincrasias dos processos de investigação [INV01]. De um modo geral, os investigadores são de opinião que o bibliotecário da saúde deve ser mais do que um profissional que recupera informação e que a divulga, mesmo que tenha uma habilidade especial para localizar os artigos cujo texto integral está inacessível [INV07]. Deve ser um profissional muito familiarizado com a informação, qualquer que seja o suporte e qualquer que seja o recurso, que conheça muito bem a aplicabilidade das diversas bases de dados e de *software* em investigação e que esteja muito familiarizado com as diversas normas de citação e referenciação [INV17]. E claramente que a equipa beneficia se o bibliotecário possuir competências de investigação e alguma experiência na publicação.

INV13, porque já trabalhou com diferentes bibliotecários em vários projetos, encontrou competências diferenciadas. Trabalhou com bibliotecários que estiveram envolvidos na génese de um projeto de investigação, ou seja, na conceção do protocolo e também no desenho da revisão da literatura. Estes profissionais trabalharam também na

interpretação dos resultados e na revisão crítica do manuscrito final. O mesmo investigador trabalhou ainda com bibliotecários que executaram meramente pesquisas de informação e prepararam a extração dos resultados em ficheiros de exportação para gestores de citação ou para *software* como o Rayyan e ou o Covidence. Este investigador [INV13] já contactou com especialistas de informação numa lógica quase de prestação de serviços em que a tarefa era relativamente pequena e contactou com outros que cumprem todos os critérios de autoria num projeto de investigação, isto é, cumpriam as fases de conceção, de aquisição e de interpretação de dados e depois na redação dos conteúdos. Na sua opinião, os coordenadores das bibliotecas demonstram habitualmente muita desenvoltura e disponibilidade; o mesmo interesse parece não ocorrer com algumas pessoas que integram as equipas das bibliotecas e que não têm funções de coordenação.

A capacidade de escrever é também uma competência identificada pelos investigadores. Um bibliotecário que domine os aspetos da escrita, sobretudo da escrita científica, é sempre de valorizar e de captar para a equipa – já Stephens e Campbell (1995) o referiam, descrevendo o curso de redação e edição científicas oferecido pelos bibliotecários da William H. Welch Medical Library, curso concebido para preencher uma lacuna educativa: o desenvolvimento das capacidades de redação e edição científicas por parte do profissional de saúde. Após 1995, muitos outros estudos foram desenvolvidos sobre o tema (Brandt et al., 1996; De Meulemeester et al., 2018; Laynor & Tagge, 2022; Saghafi et al., 2012). O bibliotecário não tem de ser um especialista na área de investigação do projeto em desenvolvimento, mas deve ter uma noção da fundamentação dos projetos e dos estudos decorrentes. Uma preocupação dos investigadores é que alguns projetos são avaliados negativamente pelas agências de financiamento porque, entre outras razões, a revisão da literatura não é suficientemente abrangente e aprofundada [INV17].

Se, além de dominar a escrita científica, o bibliotecário estiver habituado ao jargão científico da área pode emitir uma opinião válida em termos da estrutura e da homogeneidade dos documentos produzidos (Spencer & Eldredge, 2018). O bibliotecário não é um biólogo nem um bioquímico, possui competências valorizadas em ambiente de investigação, mas “uma pessoa que esteja habituada a ler e a escrever documentos e a ver documentos deste género consegue perceber em si, em termos estruturais, em termos de

homogeneidade, se o artigo ou a parte que está a ser escrita não precisará de uma modificação aqui e ali” [INV17]. O mesmo investigador chega a desejar que o bibliotecário tenha uma formação académica de base na área da biologia – a sua área de estudos –, chega a questionar-se se existem bibliotecários-biólogos ou biólogos-bibliotecários; desta forma, o profissional de informação dominaria mais facilmente o jargão científico. Não é o único investigador que levanta esta questão; INV02 realça que um bibliotecário que conheça minimamente a área em que se investiga ajuda a trazer mais perspetivas para o projeto em desenvolvimento.

Também o domínio de mais do que uma língua estrangeira é outra competência destacada pelos investigadores entrevistados. Idealmente, para além do inglês (que parece ser uma língua óbvia para estes investigadores), o bibliotecário deverá dominar uma terceira língua, que pode ser o francês, o alemão ou mesmo o chinês, porque aquando da escrita podem surgir referências a que só se consegue aceder ao título e ao resumo em inglês; se o artigo for proveniente da comunidade científica sínica e não existir outra versão que não a chinesa terá de ser rejeitado, mesmo que o resumo seja relevante para o projeto em desenvolvimento [INV17]. Curiosamente, nos questionários, os investigadores que responderam não valorizaram o conhecimento de um terceiro idioma, cuja média de respostas é a mais baixa de todo o questionário.

De um modo geral, os investigadores consideram que quem integra uma equipa de investigação tem de contribuir positivamente para o trabalho. Consideram que, mercê da sua especialização em informação, o bibliotecário tem uma visão de conjunto invejável e que pode contribuir no desenho do estudo, nas opções metodológicas, na escrita, na revisão do artigo, na adequação às exigências das revistas e, desejavelmente, ter uma forte componente motivacional para estar nos projetos de investigação [INV20], alguém que demonstre disponibilidade e celeridade na resposta às diferentes solicitações. Em resumo, a experiência, a eficácia e o *know-how* profissional são os três tópicos essenciais que compõem o perfil de um bibliotecário a incluir num projeto ou numa equipa de investigação [INV16].

Um dos investigadores assinala que o bibliotecário tem competências para fazer a revisão de textos científicos e pode auxiliar a dar uma opinião, pode ajudar a dar um outro

olhar sobre o material que está a ser produzido, por exemplo, como o artigo científico [INV04]. Destaca ainda a sua competência para a gestão de dados, para a disseminação, demonstrando que o bibliotecário é uma peça fundamental para a disseminação da ciência, para agilizar a interface que por vezes os investigadores não fazem nem dominam (Dimou, 2018; Okike, 2020).

5.2.5 O papel colaborativo do bibliotecário

Em 2011, no Canadá, Carlson, um cientista de dados, e Kneale, uma bibliotecária, afirmaram que as instituições académicas com uma forte componente de investigação estavam progressivamente a aplicar o modelo do bibliotecário integrado, a trabalhar diretamente com os investigadores em projetos de investigação ou como parte integrante de uma equipa de investigação. Na sua perspetiva, o bibliotecário trabalha com os investigadores mais *a montante* do processo de investigação e menos com os produtos oriundos da investigação, ou seja, os artigos e livros. Pode assumir funções articuladas com projetos, concebendo fluxos de trabalho para organizar, gerir e entregar a documentação do projeto. Também, e à medida que os dados de investigação são gerados, o bibliotecário pode desenvolver o seu processamento, preparando a curadoria e divulgação, de modo a serem reutilizados por outrem ou para assegurar a sua preservação a longo prazo (Carlson & Kneale, 2011).

Porém, no presente contexto de investigação, os investigadores reconhecem no papel colaborativo do bibliotecário um papel permanente de interlocução [INV01]. Assumem que o bibliotecário possui conhecimentos vastíssimos, aprofundados, de uma densidade que eles não dominam. Reconhecem que precisam de alguém, preferencialmente um profissional da informação, que lhes garanta todo o apoio que necessitarem e que, ao longo do processo de investigação e do pós-investigação, pode ser múltiplo em diferentes momentos e de natureza bastante diversa.

O bibliotecário é considerado pelos investigadores como um profissional multidisciplinar e interdisciplinar, que se encontra muito bem posicionado dentro das instituições de ensino, que agiliza a articulação dos investigadores com a academia e com

outras instituições, por exemplo, com os hospitais e as instituições de saúde. Este é um papel focal importante e são os investigadores que consideram que sejam dominadas estas competências numa equipa de investigação para além das suas *expertises* na área da saúde: “esse papel tem de ser complementado por outras *expertises* e outros profissionais. Só incluir farmacêutico dentro de um projeto às vezes não cai bem em alguns pontos, porque nós não conseguimos abraçar um mundo inteiro com as nossas competências. Então acho que para mim essa é a mais-valia de um bibliotecário, o ponto forte, acredito que também o conhecimento que os bibliotecários têm em fontes de informação é essencial, especialmente porque eu conheço muitos investigadores que não têm noção de como fazer buscas ou quais são as principais fontes de informação da área” [INV04].

Um dos investigadores considera que o papel da ciência deve ser também um papel reflexivo, de debate teórico, de reflexão crítica, devendo, portanto, haver espaço para exercícios de conceptualização [INV05]. Porém, à medida que tudo isto se torna mais complexo, até em termos infraestruturais, os investigadores acabam por ter pouca disponibilidade, pouco tempo, podendo perder-se facilmente. E esse é um risco enorme para quem quer fazer as coisas por sua conta e risco. As equipas de investigação assumem então um carácter cada vez mais multidisciplinar. E são os investigadores que admitem: “por muito que nós queiramos, não podemos saber de tudo. Ou seja, eu não posso saber de clínica, de genética, de biblioteca, de análise estatística, de análise... Não posso, é impossível!” [INV07]. Assim, o bibliotecário tem um conhecimento muito mais fiável sobre a localização e a confirmação de uma pesquisa de informação eficiente.

Mercê das suas experiências bem-sucedidas, um dos investigadores refere que integrou um bibliotecário no seu projeto (uma revisão sistemática), tendo selecionado criteriosamente a revista onde publicar. Aquando da receção dos pareceres dos revisores, assinala que “as coisas... a rever nada tinham a ver com a metodologia em si, portanto, quer dizer que a metodologia estava bem delineada, era robusta. Uma parte importantíssima da metodologia é a seleção dos artigos. E a seleção dos artigos, não posso dizer de outra maneira, foi feita em colaboração [com o bibliotecário que] teve um papel primordial por isso” [INV14]. Mesmo quando o bibliotecário interveio na seleção das bases de dados a usar, o investigador crê que não teria alcançado a importância deste detalhe se o profissional

da informação não tivesse chamado a atenção.

Logo no delineamento da investigação, creem os investigadores que o bibliotecário tem o potencial de estar junto deles desde o primeiro momento para auxiliar e validar uma pergunta de investigação, por exemplo, na síntese de evidências ou da revisão sistemática (Eldredge et al., 2008). Além disso, auxilia a validar as fontes de informação, a identificar as bases de dados mais adequadas para as pesquisas de informação, a validar as estratégias de pesquisa, a adaptar as estratégias para as diferentes bases de dados e, depois, a auxiliar na extração e na exportação dos ficheiros das bases de dados para um outro formato (e.g., ris, bibtex, csv, etc.). Desejavelmente, todo este processo de colaboração deve ser realizado em articulação e consonância com os investigadores. Alguns já nem ponderam trabalhar sem este apoio: “... nos meus próprios projetos fora da licenciatura, para tudo o que é *scoping review*, *systematic review*, meta-análise, tenho sempre o bibliotecário que nos ajuda na parte inicial. Tudo o que é ligado à profissão em si é o profissional da área que vai selecionar, mas o bibliotecário ajuda em tudo o que é a equação de pesquisa, nas equações que nós vamos usar, nas bases de dados, depois ajuda-nos a identificar os *double*, os que estão repetidos, a eliminá-los” [INV11]. De onde se deduz que nos artigos de revisão (de literatura, de âmbito, sistemática e meta-análise) todo o trabalho inicial de identificação dos artigos é atribuído ao bibliotecário, desde que se possa contar com a ajuda de um destes profissionais. A colaboração com os investigadores é permanente, não só para ajudar a identificar as palavras-chave, aplicar o PICO e toda a sua estratégia, mas porque os investigadores estão presentes para assegurar a parte mais técnica; o bibliotecário ocupa-se com a estrutura, com a seleção das bases de dados e com o desenho da equação de pesquisa. O bibliotecário pode, deste modo, ajudar a procurar a robustez científica das afirmações feitas pelos investigadores. Estes têm frequentemente um conhecimento empírico, resultado muitas vezes do trabalho de campo e também do trabalho laboratorial, mas sabem que essas verdades precisam de robustez científica e é aqui, no enquadramento teórico, que o bibliotecário intervém [INV19].

Regra geral, os investigadores admitem que na atualidade e com o volume de artigos publicados em revistas em suporte tradicional e em revistas *online* devem seriamente equacionar, senão mesmo tornar obrigatória, a inclusão do bibliotecário nos projetos e nas

equipas de investigação. Receiam estar a investir tempo, esforço e recursos em investigações que possam já estar publicadas [INV16]; e não duvidam de que aquele profissional é uma fonte versátil de conhecimento que se move facilmente no mundo da informação, o que lhe permite ter uma visão mais ampla dos temas em estudo. Curiosamente, esta característica – a versatilidade – é também referida por alguns bibliotecários [BIB13].

E, porque a divulgação da ciência não deve esgotar-se apenas e só em resultados, devendo também ser privilegiadas reflexões críticas sobre estratégias metodológicas, desafios operacionais, procedimentos relacionados com as técnicas da recolha de informação, também aqui o bibliotecário poderá assumir algum protagonismo, porque é alguém que se move facilmente por um mundo novo, complexo, com um conjunto de *softwares* de recolha de informação e de cruzamento de informação, acautelando as questões do plágio [INV05].

Por outro lado, para além da informação indexada nas bases de dados, os investigadores manifestam alguma preocupação relativamente à quantidade de informação que não está publicada nos meios formais, ou seja, estudos que “podem ser válidos ou não, podem ter mais importância ou não, podem estar mais bem feitos ou não, que continuam a ser produzidos com alguma frequência nas faculdades, (...) aqueles trabalhos finais de curso, aquelas pequenas investigações, que não estão a ter acesso no circuito normal... E que aqui os bibliotecários das instituições têm papel importante, na capacidade de o divulgar e de o porem disponível para acesso” [INV07]. Esta missão de disseminação está presente no *core* de competências do profissional da informação e é uma das características que os investigadores mais valorizaram na análise quantitativa do presente estudo: o uso dos canais formais e informais da comunicação de ciência, especialmente os primeiros, foi uma competência superiormente avaliada pelos investigadores e também pelos bibliotecários. Demonstra igualmente uma preocupação adicional: a de que alguma informação possa escapar às suas pesquisas, especialmente quando estas se limitam a uma pesquisa pouco aprofundada, pouco explorada, pouco iterativa e, sobretudo, realizada em recursos menos fíáveis, como os motores de busca.

Relativamente à terminologia em saúde, INV08 assume que não conseguia ter,

sozinho, a dimensão da profundidade e do potencial dessa linha de investigação sem a participação de um bibliotecário. Também ele contou com a colaboração de um profissional da informação em mais do que um projeto. Um profissional que conhecia bem a terminologia em saúde, que conhecia bem o seu processo de criação e de utilização e a sua importância na investigação em saúde: “... só para ilustrar o lado negativo quando um pessoal desse não está presente... Eu vi trabalhos publicados sobre, por exemplo, a utilização do MeSH, do *Medical Subject Headings*, em prontuários de pacientes. E depois de alocar um bibliotecário e avaliar esses trabalhos, percebi como esse tipo de trabalho estava destoado da realidade; (...) a diferença de usarmos o SNOMED CT para usar o MeSH... eu só consegui perceber, consegui realmente entender a fundo com a participação do bibliotecário nos nossos projetos de pesquisa” [INV08]. Sendo o MeSH³² um vocabulário normalizado das expressões usadas nas ciências da saúde e o SNOMED CT³³ a combinação do vocabulário das ciências básicas, da bioquímica e das especialidades médicas com os termos clínicos dos cuidados de saúde primários, permitindo que os profissionais de saúde representem a informação clínica de forma precisa e inequívoca, em formato multilingue, contar com a colaboração de um bibliotecário que conhece, usa e domina os seus conteúdos resulta numa parceria preciosa para o investigador.

Um dos investigadores tem um percurso internacional diversificado, o qual lhe proporcionou experiências distintas [INV11]. Na Universidade de Curtin, na Austrália, quando desenvolvia uma revisão sistemática ou uma revisão de âmbito contava sempre com a colaboração de um bibliotecário. Na atualidade, numa universidade suíça, os trabalhos de licenciatura em radiologia contemplam frequentemente revisões de âmbito. Neste cenário é a bibliotecária da instituição, e que está destacada para o curso de Radiologia, que participa nas aulas e ensina aos estudantes a identificar um termo MeSH, uma palavra-chave, o que são as bases de dados, como combinar palavras na pesquisa, etc. O investigador tem noção de que, na prática clínica, não terá todos os técnicos de radiologia a fazer investigação; ainda assim, devem saber como otimizar a prática clínica, como usar a prática baseada na evidência, pelo que as competências de uma revisão de âmbito são muito importantes.

³² <https://www.nlm.nih.gov/mesh/meshhome.html>

³³ <https://www.snomed.org/value-proposition>

Genericamente os investigadores entendem o bibliotecário como um profissional que manifesta uma grande desenvoltura em participar em tarefas diversas e que estão associadas, ou são paralelas, a todo o processo de investigação, mas que acabam por lhe dar suporte e alimento. Para fazer boa ciência é também necessário aceder a boa informação, a ferramentas que facilitem a sistematização da informação, que permitam integrar os resultados do trabalho nas redes certas, divulgá-la de forma que possa conferir uma maior visibilidade junto dos pares e da comunidade científica – “num olhar mais rápido pode parecer que o bibliotecário é (...) apenas um facilitador de aspetos que correm lateralmente à ciência propriamente dita...” [INV05]. Estas considerações são corroboradas por outro investigador, que refere que o bibliotecário integra, nas suas competências, um conjunto de predicados relacionados com aspetos legais, técnicos e jurídico-administrativos [INV01]. E esses predicados são de grande eficácia na forma como ajudam a gerir formalmente as relações de comunicação entre várias entidades inerentes ao processo de pesquisa. Do ponto de vista informal, esses mesmos predicados ajudam o bibliotecário a estimular a edificação de um diálogo permanente entre competências científicas, competências teóricas e até competências metodológicas. Estas características são igualmente discutidas no Institute of Medicine (2011), na Cochrane Collaboration (2011) e na Medical Library Association (2005), sendo que a última emitiu uma declaração de política, que permanece em vigor, que define o bibliotecário como *expert* em pesquisa de informação. Estes organismos advogam o contributo do bibliotecário nas pesquisas associadas às revisões sistemáticas.

Alguns investigadores creem que o bibliotecário também tem um papel fundamental, mais tarde, durante a escrita e depois nas diversas fases de revisão de um artigo científico, em especial na secção de métodos e na apresentação inicial dos resultados, desde que tenha participado nessas mesmas etapas do projeto [INV04]. Os investigadores tendem a considerar o bibliotecário como mais um colega que trabalha de igual para igual; consideram-no um forte apoio na atuação, na elaboração das pesquisas bibliográficas, na localização dos temas mais atuais, nos trabalhos mais atuais sobre a temática em estudo [INV08]. Referem que muito do tempo que é despendido no projeto de investigação é justamente na pesquisa de informação, na identificação, pesquisa e localização das fontes e, posteriormente, na redação científica e na produção dos *outputs* do projeto [INV15]. Na sua

opinião, o bibliotecário pode ter aqui um contributo valioso.

A questão da disseminação dos resultados e a forma como a disseminação pode alcançar diferentes públicos (desde a comunidade científica às redes sociais) é também um campo para o qual os investigadores não se sentem preparados. A começar pela escolha de uma revista científica. No mesmo alinhamento de ideias de Akeroyd et al. (2022), o investigador INV04 está seguro de que o bibliotecário tem capacidade e competências para ajudar a selecionar uma revista científica adequada, da área de estudos, mas também para participar na revisão final dos arquivos e de tudo o que foi produzido durante o projeto de investigação. Esta opinião é partilhada por INV05 e INV07 – trata-se de assegurar a qualidade processual. Um outro investigador, que vive na Suíça, corrobora esta posição, frisando que se trata de um trabalho que pode perfeitamente ser realizado por um bibliotecário, apesar da sua falta de exemplos nesta área: “havia uma equipa de administrativos ligados à área de investigação que fazia esse tipo de trabalho e esses, sim, colaboravam connosco, mas era uma colaboração mais de produzir documentos, *guidelines* e fazer apresentações aos investigadores, fornecer esse tipo de informação, não tanto serem integrados na equipa de autores ou como elementos ativos na escrita de um artigo científico” [INV09]. Por conseguinte, quando o bibliotecário colabora estreitamente com os investigadores deve considerar a diversidade das suas necessidades de informação ao conceber e melhorar serviços e recursos da biblioteca, mas também toda a área da divulgação da investigação, incluindo o apoio à visualização de dados, a medição do impacto de publicações não académicas e a promoção de repositórios institucionais para a divulgação formal da investigação (Hanneke & Link, 2019).

Um ou outro investigador também assume ter alguma dificuldade em submeter um manuscrito na plataforma de uma revista científica, sobretudo porque não são todas iguais e o rigor de dados a inserir difere de umas para outras: “às vezes custa-me tanto, ou mais, (...) a colocar uma proposta de publicação numa plataforma do que propriamente o processo da escrita” [INV05]. Aliás, metade dos investigadores respondentes ao questionário concordaram completamente que o bibliotecário deve dominar esta competência.

Ainda outro dos investigadores refere que trabalhar estreitamente com um bibliotecário da saúde permitiu-lhe compreender qual era a linguagem da área da saúde. O

facto de as equipas de investigação serem multidisciplinares dificulta o estabelecimento de um diálogo acessível, produtivo e significativo para todos os investigadores e para todas as ciências envolvidas: “muitas vezes o que nós vemos (...) é alguém tentando impor a visão de uma disciplina sobre a outra” [INV08]. O resultado da colaboração e da mediação do bibliotecário é, assim, muito importante no sentido de trazer esse equilíbrio para o diálogo entre áreas do conhecimento e saberes.

Alguns dos investigadores consideram, porém, que não é muito comum a participação efetiva de um bibliotecário numa equipa de investigação em saúde. Um deles refere que provavelmente será pelo facto de não ser uma prática frequente na sua área – a sociologia da saúde [INV05] –, tendo também ele acabado por integrar a mesma engrenagem e, como não era comum, contou somente com a sua própria experiência, a qual nunca equacionou essa colaboração ou questionou sobre a matéria. A entrevista com INV05, porém, conseguiu criar a perplexidade no entrevistado: “... vou ser franco, até esta situação nunca me tinha colocado a mim próprio a pergunta se isso seria algo da ordem natural das coisas, se seria uma anomalia, se é uma lacuna flagrante... como é que é possível nunca ninguém ter pensado nisso?” Confrontado com a pergunta, responde: “acho que não é nada despropositado, de todo!”

O mesmo investigador admite que o volume de informação cresceu de uma forma esmagadora e que a maioria dos investigadores sabe de antemão que sobre qualquer assunto, qualquer tema, existirá certamente muita informação; essa constatação pode representar uma experiência tão assoberbante que paralisa: “... é um excesso heterogéneo, (...) como navegar num mundo que tem muito para nos dar, mas os sítios onde procurar, a maneira como filtrar, a maneira como cruzar para garantir que não estamos apenas a ser demasiado sectários ou demasiado redundantes, ou seja o que for...” [INV05]. Na sua opinião, os investigadores circulam no mundo da informação de uma forma empírica, podendo até alcançar resultados satisfatórios ou razoáveis. Mas o reverso pode ser penalizador e desgastante, porque essa circulação na informação é realizada de uma maneira mais empírica e depende dos imperativos do investigador em efetuar, por sua conta e risco, o trabalho do profissional da informação.

Outros investigadores, mais vocacionados para a vertente experimental e clínica,

consideram que provavelmente não têm tanta colaboração nessa área devido aos seus interesses de investigação, que são muito clínicos, porque recorrem muito aos dados dos doentes e à análise de tratamentos e de situações clínicas. A maioria tem contado com a colaboração de especialistas de outras áreas, como estatistas, sobretudo quando a investigação está muito centrada na epidemiologia. INV09, que desenvolveu investigação na Ásia nos últimos anos, revela que os estatistas integravam a equipa e que, ainda assim, sentiu a necessidade de aprender técnicas estatísticas avançadas para acompanhar o desenrolar do trabalho. Quando, todavia, pensam noutros campos de trabalho em ciência que não envolvam a vertente clínica e laboratorial – “... tentar identificar, na investigação, quem é que publica, em que áreas publica e qual é o impacto dessas publicações...” [INV09] – é que os investigadores começam a identificar a necessidade de contar com um bibliotecário em permanência no projeto e na equipa. Parece, então, que a área de intervenção em investigação pode ser uma condicionante para a colaboração do profissional da informação.

5.2.6 Seleção do bibliotecário para integrar a equipa de investigação

A equipa de investigação do INV01 nunca integrou um bibliotecário, mas um dos projetos desenvolvidos contou com um profissional da informação. Esta experiência permitiu-lhe constatar que, apesar de haver zonas porosas e de sobreposição, na verdade o contributo dos parceiros não é igual. O bibliotecário não foi exatamente selecionado; já integrava a equipa institucional que, no âmbito do centro de investigação, apoiava as funções de gestão científica. Também INV08 assinala que o profissional da informação com quem trabalhou não foi selecionado especificamente para esse papel, mas alguém com quem manteve uma colaboração nos projetos; foi uma seleção das consequências do trabalho profissional e a colaboração surgiu espontaneamente.

Se estes investigadores tivessem oportunidade de selecionar o bibliotecário para integrar a equipa de investigação como o fariam? Esta pergunta é mais difícil para o INV07 porque, por hábito, seleciona os parceiros de projeto ou de equipa à sua imagem; procuraria um profissional que conhecesse e que demonstrasse a experiência que ele próprio tem.

Enquanto investigador conhece o insucesso, o tempo de espera e de perda. Por esse motivo, considera que um bibliotecário que já tenha feito investigação, que saiba o que é investigação, percebe os vários cenários envolvidos: “(...) alguém que tenha um... olho clínico... e consiga perceber isto é palha, isto não é, isto se calhar vale a pena dar uma vista de olhos, isto é importante” [INV07]. Outro investigador admite que a colaboração com um especialista da informação é feita da mesma forma como se faz com um estatista ou com um especialista de metodologias qualitativas: “... imaginaria alguém que fosse capaz de fazer espectroscopia ou conseguisse fazer alguma técnica avançada de energia molecular, acho que as participações, todas as colaborações... foram positivas” [INV13].

Ainda outro investigador selecionaria o bibliotecário por proximidade e conveniência, isto é, um profissional que trabalhasse na instituição ou na faculdade e com o qual já colaborasse, por uma questão de facilidade de contacto e também por já conhecer pessoalmente o profissional [INV04]. A seleção de um bibliotecário por relações de amizade e afetividade foi a escolhida também por INV10; assume que nas suas experiências gostaria de ter selecionado o profissional da informação por outras razões, mas a proximidade e a afetividade acabaram por destacar-se. INV13 também refere que já conhecia previamente alguns profissionais da informação: aqueles que trabalham na sua instituição. Confessa que, por vezes, pode ser mais fácil falar e trabalhar com uma pessoa que integra a instituição; por um lado, porque já se conhece, às vezes até possui as competências que se procura e, por outro lado, é a relação, a qual pode ser facilitadora.

Um dos investigadores referiu ter dirigido dois projetos de investigação com um bibliotecário integrado e ambas as experiências foram bem-sucedidas. O bibliotecário pertencia à sua instituição, era um profissional da sua inteira confiança e não identificou quaisquer falhas ao longo da experiência: “... foram dois trabalhos de revisão sistemática, em que o bibliotecário não só orientou um bocadinho na parte da metodologia, na seleção das palavras-chave, como também depois fez ele próprio a seleção e as conjugações todas (...), ajudou também na seleção das bases, na pesquisa nas bases e depois na importação desses dados para os *softwares* adequados” [INV14]. Se a confiança já existia entre o investigador e o bibliotecário, esta sedimentou com estas experiências, porque agora o investigador delega no profissional da informação todas as tarefas associadas à seleção de

recursos, à pesquisa e à extração de dados.

O investigador INV13 já integrou diferentes bibliotecários em vários projetos de investigação. Na seleção considerou um conjunto de competências, nomeadamente na utilização de técnicas avançadas de pesquisa e a destreza no uso das principais bases de dados, bem como o conhecimento de técnicas de revisão sistemática ou outras formas de revisão estruturada (da literatura, de âmbito, entre outras). Regra geral, procura conversar previamente com o bibliotecário e entender se se sente à vontade para assumir determinadas funções; procura também avaliar as suas competências. Em diversas ocasiões acabou por solicitar uma intervenção mais especializada a um ou outro destes profissionais da informação. Na sua opinião, qualquer bibliotecário consegue identificar fontes de informação credíveis e fazer pesquisas, mas sente que nem todos conseguem desenvolver estratégias mais complexas de pesquisa. Revela que já procurou convidar bibliotecários mais jovens para os seus projetos, já procurou estimular o seu entusiasmo pela investigação, de modo a fazerem mais do que o trabalho de pesquisar informação, mas alguns destes jovens bibliotecários não tinham este tipo de competências.

A avaliação prévia de competências seria igualmente um procedimento a seguir pelo INV15 – e especificamente direcionadas aos objetivos do projeto em causa. Portanto, teria de existir alguma ligação, inclusivamente de experiência da área de trabalho desse bibliotecário, que pudesse contribuir para a equipa e para os resultados da investigação. As competências e as evidências profissionais demonstradas são também critérios destacados pelo INV16. Acrescenta que incluir um bibliotecário num projeto ou numa equipa de investigação só porque é conveniente em termos de agências de financiamento não é a sua perspetiva; mas um bibliotecário de confiança, com competências e experiência demonstradas seria alguém a ponderar seriamente na equipa.

Por outro lado, se o bibliotecário manifestar interesse, se já ter tido alguma experiência em investigação, se tiver um mestrado ou um doutoramento, se se tratar de um profissional que trabalha na área da saúde e tiver um conhecimento mínimo da informação e da terminologia em saúde, será este o perfil do bibliotecário que INV04 conceptualiza. A este perfil, INV05 acrescenta o conhecimento inerente à complexa forma de obtenção de financiamentos para o desenvolvimento de projetos, mas também de divulgação,

sistematização e de integração em redes.

5.2.7 Competências que o bibliotecário deve explorar

De um modo geral, os investigadores entrevistados são de opinião que o profissional da informação pode sempre melhorar as suas competências e explorar novos desafios. Sem esquecer as principais competências básicas (e que, acordo com o INV04, seriam dominar competências de comunicação, uma boa fluência verbal e escrita, bem como o domínio do inglês, porque as evidências e fontes de informação se encontram maioritariamente nesse idioma), é também importante controlar outras ferramentas de informação – *Microsoft Excel e Word* para gestão da informação e gestores de referências, como o EndNote, o Mendeley ou o Zotero. O mesmo investigador crê que, no futuro, um bibliotecário que tenha um conhecimento mínimo de metodologias específicas na área da saúde, que conheça os principais desenhos de estudo epidemiológico e ainda os principais tipos de investigação será um profissional que se destacará e que pode contribuir fortemente nas equipas de investigação.

Os investigadores também consideram genericamente que o bibliotecário deve investir na sua formação académica. Quanto mais elevada esta for, sempre acima da licenciatura, melhor. Em primeiro lugar, pela aquisição de conhecimentos adquiridos; em segundo lugar, pela experiência em investigação, que necessariamente devem compreender (Ducas et al., 2020); e, em terceiro lugar, porque esse é um critério considerado na avaliação dos projetos de investigação [INV03].

Relativamente à formação do bibliotecário, o INV10, enquanto investigador brasileiro com alguma experiência na parceria com colegas portugueses, tece algumas observações. Na sua opinião, cada vez que o bibliotecário participa num projeto de investigação está a aperfeiçoar as suas competências, porque considera que o processo contribui para a sua formação. Refere que, no Brasil, a formação na área da biblioteconomia segue um modelo humanista – “no sentido de que o bibliotecário tem que ser aquele ser humano que gosta de literatura, artes, uma formação quase mais artística do que científica” [INV10]. Por essa razão, e porque também avalia projetos e *papers*, considera que faltam

métodos científicos em si na biblioteconomia brasileira: “muitas vezes a gente reprova um texto porque não tem métodos científicos. É simplesmente uma opinião sobre algo. E dentro da ciência, sobretudo na medicina, a gente equaciona não o que é uma opinião, mas o que é um estudo científico” [INV10]. Por isso, lamenta as fragilidades da formação em biblioteconomia no Brasil no que se refere à investigação científica. E exemplifica, afirmando que se um investigador dominar bem o contexto da pesquisa de informação, das bases de dados e das normas, mesmo não sendo bibliotecário pode até substituir o bibliotecário, porque talvez a formação académica desse bibliotecário não priorize a investigação científica. Reforça que os métodos de investigação são pouco explorados na formação académica do bibliotecário no Brasil; os estudantes só contactam com métodos qualitativos, quantitativos e mistos aquando do trabalho final de licenciatura. Fazem a descrição de uma instituição, uma reflexão sobre uma instituição, mas sem método; não há uma entrevista, não foi feita uma recolha de dados. Por isso, na sua opinião, o bibliotecário brasileiro não tem formação em investigação se só fez a licenciatura. Todavia, se avançar para um mestrado ou para um doutoramento, defrontar-se-á com o desafio da investigação e saberá estar e evidenciar-se numa equipa. Apesar de não conhecer a formação do bibliotecário português, este investigador comentou a formação na área no seu país, que descreve como insuficiente e precária, que afeta a própria investigação na Ciência da Informação e a necessidade de investir em novos conteúdos em função dos desafios futuros.

Por outro lado, e no âmbito das competências consideradas básicas, os investigadores consideram que o bibliotecário deve continuar a investir nelas. Pretende-se que tenha um domínio de nível superior do conhecimento de fontes de informação, de forma a desenvolver uma sólida e consistente pesquisa de referência assente em fontes de informação fiáveis – este será sempre o seu ponto forte, superiormente destacado também nos resultados da avaliação quantitativa. Mas os investigadores creem que esta pesquisa pode ser abrangente e deverá, do ponto de vista científico, trazer novas pistas, novos dados, novos rumos aos projetos de investigação, ou seja, informação adicional que possa ser útil e que, de uma forma sistematizada, possa dar uma perspetiva de melhoria do trabalho realizado [INV16]. Esta colaboração é especialmente bem-vinda quando o projeto em andamento implica uma submissão junto de uma agência de financiamento, em que o estado

da arte da investigação deve ser rigoroso e robusto.

Dominar os requisitos de uma revisão da literatura, encontrar fontes credíveis, que façam sentido e que se enquadrem no desenho do estudo podem ajudar muito no enquadramento dos projetos e, posteriormente, na escrita e na revisão dos estudos [INV20]. Será então igualmente importante que o bibliotecário melhore ou invista nas suas competências de comunicação científica: na redação científica, na estrutura e na produção de trabalho científico sob a forma de publicação ou eventualmente de uma apresentação para públicos diferenciados (Allegri, 2014). Um ou outro investigador comentou que deseja uma participação ativa por parte do bibliotecário – “Não ser só a pessoa que está ali, que me arranja as referências que eu peço...” [INV17].

Justamente porque os investigadores apontam para uma colaboração ativa e efetiva, é muito importante que o profissional da informação domine outros idiomas para além do materno, em especial o inglês. Mais de metade dos investigadores respondentes ao questionário concordaram completamente (57,6%) que o bibliotecário deve possuir esta competência. Já o estudo de Crary (1982) considerava esta uma necessidade imperiosa num bom profissional e também a American Library Association insiste nesta competência desde 2006 (American Library Association, 2006). Refira-se que alguns investigadores menos experientes tendem a desenvolver os seus estudos na língua portuguesa e depois alguém traduz para inglês; estas traduções ficam, na maioria das vezes, aquém do desejável: “Tem que haver um domínio da língua inglesa perfeito para que os trabalhos possam ser escritos nessa língua, possam ser revistos, possam ser submetidos numa linguagem que depois os *reviewers*, quando vão ler, não apontem fragilidades dessa perspetiva, porque muitas vezes os projetos são rejeitados pura e simplesmente porque não estão bem escritos em inglês e não pela qualidade da investigação propriamente dita” [INV20]. Este enviesamento na avaliação reduz a importância do trabalho, porque tudo o resto deixa de ter valor. Por conseguinte, quer o bibliotecário quer os restantes investigadores da equipa devem dominar a língua inglesa, o que acaba por se converter num importante contributo na escrita, na revisão, na adequação da linguagem às exigências da revista onde se pretende publicar – e as diferenças de publicar numa revista americana ou numa revista inglesa foram igualmente discutidas pelo mesmo investigador.

Outros investigadores afirmaram que a colaboração do profissional da informação pode alargar-se ainda a outras intervenções, para além das já descritas. O bibliotecário, por ser um profissional organizado e com conhecimentos de gestão e de metodologia, pode desenvolver certas etapas metodológicas na investigação, como a dinamização dos *focus group*, a observação de participante/não-participante, o tratamento de questionários, entre outras tarefas [INV15]. Pode também colaborar na visão do desenho da investigação, “tentar perceber ou tentar contribuir para qual será ou qual seria o desenho da investigação mais adequado para aquele tema que estamos a desenvolver, uma abordagem mais quantitativa, uma abordagem mais qualitativa, no fundo eu acho que era importante a forma como os dados podem e devem ser tratados, penso que o bibliotecário tem uma visão mais holística das coisas, às vezes nós na área da saúde somos muito focados na componente quantitativa e estatística” [INV20]. Por exemplo, as questões éticas relacionadas com o género e com as raças estão vedadas em revistas de alguns países, mas noutros é possível publicar, pelo que é valiosa esta sensibilidade na escrita dos artigos para que os estudos possam ser publicados (Allen & Szanton, 2005; Leslie et al., 2023). Se existem outras metodologias e outras ferramentas que podem e devem ser utilizadas, o bibliotecário pode ter essa dimensão porque, na opinião dos investigadores, é um profissional que tem acesso e conhecimentos para tal.

Os investigadores referiram ainda que o bibliotecário poderá dominar o conhecimento de projetos em curso, identificar projetos similares ou que interessam à sua instituição e ainda conhecer as fontes de financiamento de investigação [INV15]. A verdade é que consideram que a investigação se tornou mais complexa do ponto de vista da infraestrutura técnica que a suporta – desde a apresentação de propostas para projetos de financiamento, como se submetem determinados produtos, como se procura divulgar os resultados em plataformas, em redes, etc. Na opinião do INV05, “a investigação tornou-se um bocadinho menos *ad hoc* e um bocadinho menos centrada nas idiosincrasias de cada investigador ou de cada equipa”.

Contar com um bibliotecário na equipa implica uma pessoa que naturalmente tenha interesse em participar no trabalho de investigação: “ter um bibliotecário só por ter ou mesmo outro membro da equipa, independentemente de ser bibliotecário ou não, acho que

as pessoas que estão envolvidas no trabalho têm que estar envolvidas de corpo inteiro e, portanto, têm que se identificar com o trabalho que se está a realizar (...) em termos de compromisso, em termos de vontade de estar no trabalho...” [INV20]. Outras características apontadas referem-se à flexibilidade [INV10] e à versatilidade [INV16] que o bibliotecário deve evidenciar no processo de investigação (características igualmente destacadas no estudo de Hu et al., 2022). Também a necessidade de se saber vender [INV07], de demonstrar a sua importância e as competências possuídas. O estudo de Rabasa e Abrizah (2022) acrescenta ainda o profissionalismo, a paciência e a cordialidade como atitudes necessárias em prol de uma colaboração eficaz.

5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionários e entrevistas permitiram identificar tópicos de discussão comuns a bibliotecários e investigadores. Os resultados apurados apontam para um conjunto de competências que o bibliotecário domina e que é superiormente valorizado e apreciado pelos investigadores. Algumas destas competências integram o chamado *core* da profissão e incluem:

1. *Saber seleccionar recursos de informação*, onde se incluem as fontes primárias e as bases de dados mais adequadas ao objeto de estudo.
2. *Saber citar e referenciar*, o que pressupõe conhecer e saber aplicar diferentes estilos de citação. Mesmo que sejam usados gestores de referências deve ser efetuada uma análise final de avaliação e validação.
3. *Saber migrar os dados das pesquisas para gestores de referências*, o que pressupõe saber criar ficheiros de migração em função das bases de dados, mas também do *software* a usar (destaque-se que a PubMed permite a salvaguarda das pesquisas em .txt e em .nbib e que este último formato não é reconhecido nos gestores de referências, obrigando o utilizador a convertê-lo previamente num formato universal).
4. *Saber identificar revistas e editoras predadoras*. Embora esta competência apresente resultados mais significativos junto dos investigadores, também

os bibliotecários assumem a sua importância e o papel pedagógico que podem desempenhar na cruzada contra a pseudociência.

5. *Saber usar os canais formais de divulgação da ciência*, em que se incluem, entre outros, repositórios e *websites*. Esta competência encontra-se muito bem assimilada pelos bibliotecários e integra todo o processo da Ciência da Informação: o tratamento técnico, a pesquisa, a análise e avaliação da informação em prol da construção de mais e novo conhecimento, o qual terá necessariamente de ser divulgado nos canais mais formais de disseminação científica.
6. Manifestar *interesse em manter-se atualizado*. Bibliotecários e investigadores são unânimes nesta competência, a qual implica uma atualização constante de conhecimentos, mas também a valorização académica que se espera do profissional da informação. Um bibliotecário com formação pós-graduada estará mais consciente do processo laborioso e construtivo da investigação e ele próprio manifestará mais interesse em participar na investigação – até por que também a faz.
7. *Ser organizado no seu trabalho*.

Foram igualmente identificadas algumas competências que não integram o designado *core* da profissão, ou seja, são saberes que os profissionais da informação foram adquirindo mercê da sua atividade, da exigência profissional, de acompanharem estreitamente as pesquisas e os investigadores, mas também do seu interesse e motivação.

Incluem:

1. *Saber traduzir a metodologia PICO* numa estratégia de pesquisa, isto é, desmontar a informação constante na fórmula e construir uma equação de pesquisa sólida.
2. *Saber filtrar os resultados da pesquisa* de informação e ter a capacidade de os analisar criticamente. Esta competência pressupõe que se o bibliotecário sabe construir a equação de pesquisa assente no PICO conseguirá analisar os resultados das pesquisas em função da investigação em desenvolvimento.

3. *Saber extrair a evidência científica*, confrontando os resultados das pesquisas com o desenho dos estudos e os instrumentos de avaliação. Também esta competência vem no alinhamento das que a antecedem: a avaliação crítica dos resultados será realizada em função da tipologia do estudo em desenvolvimento e dos instrumentos de avaliação a usar, previamente definidos em protocolo de investigação.
4. *Saber usar o software de análise de dados*, quer seja o *Excel*, o *SPSS*, o *Qualtrics*, ou outros. Esta competência obteve uma concordância entre os bibliotecários e investigadores envolvidos no presente estudo, mas não pelas razões mais favoráveis: os primeiros, reconhecendo que não possuem conhecimentos suficientes, receiam; os segundos, porque as análises estatísticas definirão o rumo a dar à investigação, preferem ser eles a controlar este processo.
5. *Saber migrar os dados das pesquisas para um software de análise de dados*. Com uma concordância positiva entre todos, esta competência pressupõe saber usar os mecanismos de salvaguarda de informação que as bases de dados disponibilizam.
6. *Saber criar gráficos e infográficos* pressupõe saber criar uma imagem do estudo desenvolvido/em desenvolvimento de modo a conseguir transmitir em apresentações públicas e em publicações os resultados da investigação.
7. *Saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento*. Esta competência é valiosa tanto para bibliotecários como para investigadores: os primeiros, porque a foram adquirindo progressivamente mercê da sua atividade profissional e porque sabem que terão sempre um público ávido desta informação (os investigadores); os últimos, porque evitam perder tempo, de que não dispõem, a procurar a revista mais adequada em função do fator de impacto, do CiteScore, dos quartis, dos prazos de publicação, do tamanho dos artigos, do estilo de referênciação, se é ou não uma revista predadora e, muito importante, do *fee* exigido para publicar em acesso aberto.
8. *Saber usar os canais informais de divulgação da ciência* (e.g., blogues,

redes sociais, etc.). Trata-se de uma competência com a concordância dos envolvidos no presente estudo e, mais uma vez, por razões menos favoráveis: não lhe atribuem relevância.

9. *Dominar um terceiro idioma* para além do inglês e da língua materna. Também nesta competência, bibliotecários e investigadores acordaram que não é importante – um único investigador valorizou o conhecimento do idioma chinês, mas no conjunto é irrelevante.
10. *Controlar a informação divulgada pelas redes sociais* é igualmente uma competência que todos consideraram pouco importante, mesmo que saibam que é mais um veículo de disseminação, mas não de citação, objetivo de maior interesse para os investigadores.
11. *Conhecer as ciências da saúde*, onde se incluem competências associadas à identificação das profissões de saúde, dos vários ambientes de trabalho, políticas e tendências em saúde ou a dinâmica de funcionamento das comissões de ética. No conjunto não foram consideradas relevantes por bibliotecários e investigadores.

Refira-se, por fim, que as competências identificadas como não integrando o *core* da profissão constituem habilidades aprendidas em ambiente profissional (no espaço da biblioteca), no diálogo permanente com os investigadores e na crescente aposta organizacional de valorização da investigação produzida. Para este efeito, e maioritariamente de forma autónoma, os profissionais da informação procuram a formação de curta duração, privilegiando os *webinars* de hora e meia ou duas horas ou a formação presencial de sete horas, no máximo. Este cenário é compatível com a formação que é gratuitamente oferecida pelos centros de investigação, pelas associações profissionais (BAD e APDIS) e pelos grupos editoriais.

6 RECOMENDAÇÕES

6.1 ENQUADRAMENTO

No cenário dinâmico da investigação científica no campo da saúde, a colaboração entre bibliotecários e investigadores assume um papel crucial para o avanço do conhecimento. Esta articulação estratégica transcende a mera pesquisa e recuperação de informação, criando uma sinergia que estimula a investigação e que pode caracterizar uma jornada essencial no processo de investigação e na disciplina da Ciência da Informação.

A colaboração entre bibliotecários e investigadores traduz-se, assim, numa parceria que otimiza o processo de investigação, desde a sua conceção até à disseminação dos resultados. Trata-se de uma interação que oferece mútuos benefícios, enriquecendo a experiência de ambos os intervenientes: o bibliotecário e o investigador.

Para os investigadores é benéfica a colaboração com o bibliotecário, porque este tem um acesso privilegiado à informação, mercê da sua experiência na pesquisa e seleção de conteúdos relevantes e de qualidade, e porque manuseia ferramentas e estratégias avançadas que lhe permitem identificar a informação fidedigna e atualizada. Esta colaboração permite que os investigadores incrementem as suas competências de pesquisa, avaliação crítica e uso da informação, tornando-os consumidores mais eficientes e perspicazes do conhecimento (Waltz et al., 2020). Também a experiência do bibliotecário na gestão e migração de dados auxilia os investigadores na sua organização para posterior análise e interpretação. Numa fase posterior, a gestão de referências bibliográficas através do uso de ferramentas adequadas que garantam a precisão e a consistência das citações, bem como a aplicação de análises bibliométricas que permitam identificar tendências em investigação, o mapeamento da colaboração entre autores e instituições e avaliar o impacto da investigação realizada, são exemplos desta parceria superiormente considerada pelos investigadores (American Library Association, 2023).

Para o bibliotecário, a interação com os investigadores permite-lhe manter-se atualizado sobre as tendências e os desafios da investigação em diferentes áreas do

conhecimento, expandindo a sua *expertise*, mas também o expõe às exigências e especificidades de cada área de investigação, possibilitando a adequação de serviços e recursos às necessidades reais das várias disciplinas. É também uma oportunidade para o bibliotecário publicar, enquanto coautor, mercê do seu envolvimento em projetos de investigação, contribuindo para a produção de artigos científicos e outros materiais de disseminação do conhecimento (Borrego & Pinfield, 2020; Esmailzadeh et al., 2020) A orientação para a investigação pode, desta forma, ser uma forma de garantir um papel ativo do bibliotecário no apoio ao desenvolvimento de uma cultura de investigação na sua profissão e na Ciência da Informação (Partridge et al., 2014).

Neste âmbito, o bibliotecário da saúde precisa dominar, ou adquirir, um conjunto de competências para colaborar de forma eficaz com os investigadores e permanecer a seu lado na realização da investigação. Não se pretende que o profissional da informação abandone a biblioteca. Pretende-se que não se refugie na biblioteca. Pretende-se que manifeste disponibilidade para aprender e para aprender para além do espaço da biblioteca.

Diversos investigadores debruçaram-se sobre esta matéria de competências; as suas conclusões não são consensuais, mas complementam-se. De acordo com a literatura e com o estudo ora realizado, é possível identificar competências gerais, competências profissionais e competências relacionadas com as ciências da saúde (Zare-Farashbandi et al., 2019). Depois de refletirem sobre as qualificações do bibliotecário da saúde, sobre quem deve proporcionar educação académica e formação, sobre as disciplinas e as competências essenciais providenciadas, sobre o local onde aqueles trabalham, sobre as suas principais atividades, Harrison e Beraquet (2010) conseguiram definir as competências-chave para o papel de bibliotecário da saúde no Reino Unido. Estas foram convertidas num modelo de competências a demonstrar por este profissional, que identifica a capacidade de pesquisar e avaliar criticamente a informação, de compreender as necessidades dos utilizadores em ambiente clínico, de utilizar as tecnologias e de as ensinar a outrem, e a capacidade para desenvolver e manter uma boa relação com os profissionais de saúde. O modelo de Harrison e Beraquet (2010) acrescenta ainda que as competências e o conhecimento clínico dos profissionais de saúde e investigadores podem ser complementados, por sua vez, pelas competências e pelo conhecimento do bibliotecário da saúde em matéria de informação – o

que pressupõe uma articulação estreita entre a Ciência da Informação e todas as outras áreas do conhecimento.

A análise das necessidades educacionais e de aquisição de competências percebidas pelo bibliotecário, ainda de acordo com a literatura e com os resultados do presente estudo, indica que a formação deve abordar assuntos especializados, incluindo conhecimentos do campo da saúde, cultura clínica e políticas institucionais em saúde. A investigação desenvolvida por Lyon et al. (2015) refere que o bibliotecário possui uma opinião robusta acerca dos conhecimentos-chave necessários que assegurem o sucesso do profissional da informação em ambiente hospitalar e em ambiente de investigação, a começar pela terminologia das ciências da saúde e pelo jargão médico, pelo investimento continuado nos processos de pesquisa de informação, nos recursos de informação e nos diversos canais de disseminação de resultados de investigação. Neste alinhamento e mais recentemente, Cooper et al. (2024) tentaram articular a Ciência da Informação com o exercício da síntese de evidências, através dos modelos de recuperação de informação genericamente usados para examinar e explicar a interação do utilizador com a recuperação de informação. A sua reflexão assenta na responsabilidade do papel do bibliotecário, também designado por profissional da informação, especialista da informação ou cientista da informação.

Para uma colaboração eficaz do bibliotecário na equipa de investigação em saúde não é suficiente preparar revisões da literatura, criar alertas e assegurar o acesso aos recursos de informação, como é relatada a atividade do bibliotecário do Indiana Hand to Shoulder Center no estudo de Brahmi e Kaplan (2017). Trata-se de responsabilidades meritórias, de um *embedded librarian*, mas insuficientes para a prática da investigação. Pretende-se que o bibliotecário analise e intervenha nos vários projetos desenvolvidos pela equipa de investigação, desde o pedido de financiamento até ao trabalho da revisão da literatura, sem esquecer as diversas etapas de revisão dos manuscritos derivados da investigação primária.

Como afirmam Janke e Rush (2014), o bibliotecário e o professor construíram ao longo dos anos um histórico de colaboração na sala de aulas muito bem desenvolvido, mas menos nas equipas de investigação. O bibliotecário pode desempenhar um papel valioso nas equipas de investigação, participando praticamente em todo o processo de investigação,

desde a identificação do objeto de estudo à disseminação dos resultados, sobretudo agora que a Inteligência Artificial está progressivamente a revolucionar a escrita e a edição científicas, oferecendo soluções inovadoras para simplificar processos, aumentar a eficiência e melhorar a qualidade das publicações científicas (Donato, 2024). Neste entendimento, é necessário preparar, do ponto de vista acadêmico, o profissional da informação e dotá-lo das competências e saberes necessários e exigíveis para a equipa no seu todo.

O trabalho em equipas de investigação de saúde representa um caminho que não é novo, tendo-se dado conhecimento de alguns estudos de caso publicados. É seguramente uma via a optar pelo bibliotecário de modo a promover a sua integração nos processos da academia e a expandir a sua relevância.

6.2 RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS DE ORGANISMOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Para a formação do bibliotecário da saúde, a MLA³⁴ define padrões de competência profissional necessários em diferentes pontos da sua carreira e em diferentes contextos institucionais. Promove o desenvolvimento profissional e a aprendizagem ao longo da vida para aumentar as competências do profissional da informação, designadamente:

1. Compreensão do ambiente das ciências da saúde, dos cuidados de saúde e das políticas, conteúdos e tendências que interagem nesse ambiente, sem esquecer políticas e programas, as profissões das ciências da saúde, a investigação clínica, a educação médica e as várias organizações relacionadas com a saúde.
2. Conhecimento e compreensão da aplicação de teorias e técnicas de liderança, comunicação e gestão.
3. Compreensão dos princípios e práticas relacionados com o fornecimento de serviços de informação para satisfazer as necessidades dos utilizadores, que podem ser profissionais de saúde, investigadores, administradores, educadores,

³⁴ <https://www.mlanet.org/professional-development/>

estudantes, doentes e público em geral.

4. Capacidade de gestão de recursos de informação em saúde numa ampla gama de formatos, dominando questões associadas à publicação académica, direitos de autor, licenças, privacidade e propriedade intelectual, mas também a conservação, preservação e arquivo de materiais em qualquer formato, sem esquecer as tendências na formatação, produção e disseminação da informação.
5. Compreensão e utilização da tecnologia e sistemas para gestão de todas as formas de informação em áreas emergentes da biomedicina, da biologia computacional ou da informação em saúde, incluindo sistemas e registos eletrónicos de cuidados de saúde e desejavelmente infraestruturas de comunicação e informação (*Internet e web*).
6. Compreensão do desenho curricular, da didática da aprendizagem e capacidade de ensinar formas de acesso, organização e uso da informação – literacias.
7. Compreensão dos métodos de investigação científica e capacidade de examinar criticamente e filtrar a literatura de disciplinas conexas, sabendo utilizar e interpretar metodologias e técnicas quantitativas e qualitativas, localizando, organizando e avaliando criticamente a literatura, utilizando os princípios da prática baseada em evidências no apoio à tomada de decisão e desenvolvendo investigação e disseminando os resultados quer individualmente quer em equipas de investigação multidisciplinares.

Em Portugal, o Grupo de Trabalho das Bibliotecas do Ensino Superior (GT-BES), da BAD, divulgou as *Recomendações para as Bibliotecas de Ensino Superior de Portugal*. Trata-se de um documento proposto pela primeira vez no triénio 2016-2018, tendo sido renovado no triénio 2020-2022 com a intenção de mobilizar os profissionais das bibliotecas para objetivos comuns, oportunidades de inovação e práticas de atualização que valorizem o papel das bibliotecas e seus profissionais nas IES e de investigação (Principe et al., 2020). As recomendações visam propor eixos de intervenção prioritários, tendo as bibliotecas de estabelecer estratégias e planos de ação efetiva a curto e médio prazo.

Este documento destaca quatro eixos de atuação: 1) o apoio ao ensino e aprendizagem; 2) o apoio à investigação; 3) o desenvolvimento profissional e

organizacional; e 4) as redes, cultura e património). Porém, analisando detalhadamente os conteúdos destes eixos identificam-se muitas competências associadas aos processos de investigação (Principe et al., 2020), designadamente:

1. Reforço das competências em literacia da informação e sua articulação estratégica às necessidades dos utilizadores, num processo de capacitação em função de públicos diversificados.
2. Promoção da fluência digital e uso ético da informação, sublinhando a destreza na utilização de sistemas de informação em investigação.
3. Capacitação para a prática da Ciência Aberta, alinhando os princípios *Findability, Accessibility, Interoperability, and Reusability* (FAIR) com a abertura aos dados, métodos e resultados e promovendo a integridade em investigação.
4. Garantia da preservação e da herança científica, assegurando a qualidade dos metadados e os padrões de interoperabilidade.
5. Viabilização da publicação científica e académica, promovendo o acesso aberto, padrões de qualidade editorial, viabilizando estratégias inovadoras e novos modelos de publicação e de comunicação na ciência.
6. Consolidação de parcerias estratégicas no apoio à investigação, promovendo o valor do profissional da informação em diferentes fases do processo de investigação, seja na seleção de revistas para publicação, seja na curadoria dos dados de investigação, na gestão da identidade digital dos investigadores, mas também na promoção da visibilidade externa e, conseqüentemente, nas métricas.
7. Fomento do potencial inovador, em que se destaca o trabalho colaborativo, a gestão de projetos e a integração do bibliotecário em equipas multidisciplinares e de investigação.

Para o CILIP é necessário que o bibliotecário conheça o processo de investigação, que compreenda o valor da investigação, que saiba o que é a investigação empírica e a investigação documental, que tenha noções de estatística e de análise estatística, que compreenda os vários contextos de investigação, que saiba comunicar os resultados da

investigação, que saiba o que significa a ética em investigação e que esteja disponível para um efetivo apoio na investigação (CILIP, 2021). O CILIP identificou, deste modo, as competências associadas à investigação, a saber:

1. A utilização de processos de investigação e técnicas de investigação.
2. O conhecimento dos recursos de informação para a conceção e apoio de projetos de investigação individual, mas também de âmbito organizacional.
3. A realização de investigação que aprofunde o conhecimento sobre a profissão do bibliotecário, mas também o desenvolvimento de investigação com todos aqueles que interagem com o bibliotecário e com a biblioteca.

Para este efeito, cursos como o da introdução às competências de investigação, concebido pelo Library and Information Research Group, ajudam os bibliotecários-investigadores em início de carreira a familiarizarem-se com a investigação e com os seus grandes eixos, designadamente: 1) como tornar acessível a investigação e perceber como pode a investigação ajudar o bibliotecário no seu trabalho; 2) como planear a investigação; e 3) fazer investigação. Identificam-se, deste modo, três competências: a compreensão da investigação; as competências de comunicação; e a demonstração do valor profissional.

A EAHIL, através do seu Special Interest Group Training, Education and Development for Medical Information and Library Professionals (TrEDMIL), apoia as IES que pretendam desenvolver um programa de qualificação formal em *medical librarianship* ou similar. Pretende-se articular as necessidades e os interesses educacionais do bibliotecário da saúde e do especialista de informação em saúde e contribuir para o desenvolvimento de programas em nome da profissão. Como referencial é usado o Livro Branco *Digital Competencies – Urgently needed!*, da responsabilidade do German Council for Scientific Information Infrastructures (2019).

Desenvolvem-se, na atualidade, novos perfis profissionais entre a ciência e a informação para os quais são necessárias competências e conhecimentos tanto da disciplina relevante como da Ciência da Informação, designadamente a biblioteconomia médica, a gestão de dados de investigação, a comunicação académica e as humanidades digitais. Dada a escassez de programas de formação adequados a nível mundial, os membros do TrEDMIL

recomendam a criação de programas modulares ao nível da pós-graduação (e.g., *certificate of advanced study*). A primeira formação desta natureza decorreu na University of Applied Sciences and Arts Northwestern Switzerland em conjugação com a University Medical Library Basel, estando atualmente a decorrer a 2ª edição. Em resultado desta aprendizagem, a formação pretende que o bibliotecário da saúde:

1. Descreva as funções dos especialistas da informação e os seus diferentes papéis.
2. Saiba efetuar pesquisas de informação sistemática numa área relevante e documentá-las como parte de uma publicação científica.
3. Reconheça e saiba aplicar *guidelines*, *frameworks* e ferramentas digitais específicas para a realização de cada uma das etapas das revisões sistemáticas.
4. Saiba usar métodos qualitativos e quantitativos para sintetizar a evidência científica.
5. Identifique os requisitos metodológicos (exaustividade, transparência, reprodutibilidade) para a realização de revisões sistemáticas e os processos metodológicos envolvidos.
6. Saiba aconselhar os investigadores em matéria de revisões sistemáticas.
7. Conheça os recursos mais importantes para acompanhar os desenvolvimentos metodológicos das revisões sistemáticas, expandindo também contínua e autonomamente os seus conhecimentos e as suas competências.

6.3 RECOMENDAÇÕES PARA ATUALIZAÇÃO/RENOVAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DO BIBLIOTECÁRIO DA SAÚDE

Considerando o quadro de competências profissionais definido pela MLA, pela BAD, pelo CILIP e pela EAHIL;

Considerando que a principal atividade do bibliotecário da saúde consiste em localizar informação para responder a questões biomédicas ou relacionadas com a área da saúde;

Considerando que o bibliotecário da saúde é considerado um especialista na avaliação das necessidades de informação e no fornecimento de informação na forma e no meio mais adequados a quem a solicita;

Considerando que o bibliotecário da saúde tem a capacidade de desenvolver e organizar informação adaptada a públicos específicos, incluindo a atribuição de metadados;

Considerando as atuais solicitações para a organização de dados de investigação em coleções que possam ser utilizadas eletronicamente em diferentes instituições e países e a aplicação de normativos que garantam a compreensão e a perenidade universais destas coleções de dados;

Considerando as características educacionais do bibliotecário da saúde com o objetivo de capacitar a autossuficiência em outrem, num sentido evolutivo;

Considerando as competências de gestão do bibliotecário da saúde, que lhe garantem o uso de recursos em permanente evolução e a organização de coleções de dados;

Considerando que qualquer bibliotecário da saúde deve responder pela boa gestão da informação em saúde à sua guarda, o que requer competências que ultrapassam as adquiridas através da educação formal;

Considerando que o bibliotecário da saúde tem acesso a uma grande quantidade de dados de fontes locais e publicadas;

Considerando que o bibliotecário da saúde tem promovido, na sua prática diária, as competências da prática baseada em evidências e da avaliação crítica de artigos científicos;

Considerando que o mundo é cada vez mais um espaço de informação em permanente evolução, que oferece continuamente oportunidades para o ensino de competências de gestão e avaliação da informação;

Considerando que a atuação do bibliotecário da saúde se expande continuamente, exigindo um conjunto abrangente de conhecimentos e competências em resposta às complexas exigências de um setor em constante evolução como o da saúde, estas são as recomendações que se sugere analisar, refletir e discutir com vista à sua implementação na

formação graduada e pós-graduada do bibliotecário da saúde/profissional da informação de saúde (Tabela 28).

Tabela 28. Recomendações para a formação do bibliotecário da saúde: descrição de competências por eixo de intervenção

Eixo I. Informação e Políticas de Saúde
<p>O bibliotecário da saúde deve compreender o contexto em que é necessária informação relacionada com as biociências e as ciências da saúde, o que implica estar atento à mutação da informação e ao ambiente dos cuidados de saúde, incluindo:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Investigação em saúde▪ Práticas pedagógicas em saúde▪ Questões éticas e privacidade de dados clínicos e de investigação▪ Direitos de autor e propriedade intelectual▪ Políticas e programas de saúde▪ Tecnologias da informação em saúde▪ Contextos das ciências da saúde: ambiente hospitalar, ambulatório, cuidados de saúde primários, indústrias biomédica, biotecnológica e farmacêutica▪ Profissões das ciências da saúde: estruturas, terminologia, formação, associações, organizações e sociedades científicas
Eixo II. Serviços de Informação em Saúde
<p>O bibliotecário da saúde deve conhecer o conteúdo dos recursos de informação e deve ter as competências adequadas para os utilizar, o que implica compreender os princípios e práticas relacionados com o fornecimento da informação para assegurar o seu acesso sob diferentes meios e formatos, incluindo:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Público-alvo das necessidades de informação: profissionais de saúde, investigadores, administradores, professores, estudantes, doentes e familiares, público em geral▪ Recursos de informação nas ciências da saúde▪ Acessos diferenciados à informação
Eixo III. Gestão de Recursos em Saúde
<p>O bibliotecário da saúde deve gerir recursos de informação em diversos formatos. Com as tecnologias em continuada evolução é necessário que este tenha a competência de gestão dos produtos e conteúdos digitais mais recentes, em que se incluem conjuntos de dados de investigação primária e clínica, e ainda:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Conhecimento e avaliação do conteúdo e formato dos recursos de informação▪ Seleção e aquisição de recursos de informação▪ Aplicação de técnicas bibliométricas na gestão de recursos de informação▪ Desenvolvimento de vocabulário das ciências da saúde▪ Criação e gestão de metadados▪ Conteúdos teóricos em catalogação, classificação, indexação e taxonomia▪ Normalização nacional e internacional▪ Conservação e preservação de recursos impressos e digitais, incluindo repositórios institucionais e temáticos▪ Interface entre recursos de informação, incluindo conjuntos de dados clínicos e de investigação▪ Questões associadas aos direitos de autor, privacidade e propriedade intelectual▪ Políticas de informação institucional
Eixo IV. Sistemas e Tecnologias de Informação em Saúde

O bibliotecário da saúde deve compreender e saber usar a tecnologia e os sistemas para gerir todas as formas de informação e deve manter-se a par das suas tendências. Deve dominar competências tecnológicas e a sua aplicação prática, em que se incluem:

- Soluções tecnológicas para o acesso permanente à informação eletrónica
- Competências em aplicações informáticas em domínios emergentes da biomedicina, da biologia computacional e da informação em saúde
- Princípios básicos de sistemas automatizados (desejavelmente *hardware* e *software* informático), construção de registos e ficheiros, sistemas de gestão de bases de dados e *websites*, ligação em rede e eventualmente segurança das tecnologias da informação
- Participação nos processos de aquisição, utilização e avaliação de tecnologias da informação
- Participação nas técnicas de análise de sistemas, incluindo a conceção e avaliação
- Integração, a longo prazo, de sistemas e tecnologias da informação nos planos de gestão institucional

Eixo V. Investigação, Análise e Avaliação em Saúde

O bibliotecário da saúde deve saber usar a investigação publicada em resposta às necessidades do utilizador final e para melhorar a sua prática enquanto profissional da informação. Deve dominar o conhecimento e a capacidade de recuperar, analisar e avaliar a informação, incluindo:

- Pesquisa de protocolos de investigação de revisões de âmbito, de revisões rápidas, de revisões sistemáticas e de revisões de métodos mistos, usando a Cochrane Library, a Campbell Collaboration ou o PROSPERO
- *Frameworks* (e.g., PICO, SPIDER, entre outros) para a construção da pergunta de investigação, ajudando a desdobrar a área em análise em vários conceitos, utilizando estes conceitos na formação de estratégias de pesquisa, identificando o conceito-chave para a pergunta de investigação e definindo critérios de inclusão e exclusão
- Identificar e definir um problema ou uma questão de investigação
- Conhecimento das metodologias quantitativas e qualitativas
- Capacidade para identificar a metodologia mais adequada para um determinado estudo
- Aconselhamento e formação no processo de síntese de evidências no contexto da investigação baseada em evidências
- Conhecimento das técnicas estatísticas mais comuns e sua interpretação
- Capacidade para compreender a interpretação estatística em investigação e avaliar se esta apoia as conclusões
- Capacidade de resumir os resultados da investigação de forma clara e sucinta para efeitos de comunicação informal e de publicação formal
- Avaliação da validade e utilidade dos resultados em investigação
- Avaliação da qualidade de estudos de revisão usando ferramentas específicas: AMSTAR (ferramenta de medição para avaliação de revisões sistemáticas), CASP (lista de verificação de competências de avaliação crítica) e ROBIS (avaliação do risco de enviesamento em revisões sistemáticas)
- Citação e referenciação de acordo com diferentes estilos de citação
- Uso de gestores de referências (e.g., Mendeley, Zotero, EndNote, Reference Manager, etc.)

Eixo VI. Comunicação e Disseminação em Saúde

O bibliotecário da saúde deve conhecer o universo da comunicação científica, do ponto de vista formal e informal, analisando a flutuação e as subtilezas das publicações científicas, da edição e dos grupos editoriais, incluindo:

- Formação e apoio em bibliometria, incluindo medidas de impacto das revistas, *h-index* e métricas alternativas
- Aconselhamento sobre revistas predadoras, editoras predadoras e congressos predadores
- Aconselhamento sobre a melhor forma de aumentar a visibilidade da investigação e maximizar o seu impacto
- Avaliação crítica do potencial impacto, reputação e alcance antes da submissão de um trabalho
- Aconselhamento sobre a publicação em acesso aberto, incluindo as políticas das agências de financiamento e dos fundos comunitários e internacionais
- Aconselhamento sobre a gestão de dados FAIR e as políticas de gestão de dados
- Aconselhamento sobre as permissões de direitos de autor relativamente à publicação em acesso aberto

- Questões editoriais e de fornecedores de conteúdos
- Tendências na formatação, produção e divulgação da informação
- Acompanhamento e monitorização do impacto da investigação

Eixo VII. Negociação na Equipa de Investigação

O bibliotecário da saúde deve demonstrar formas de estar/disposições na equipa de investigação, incluindo:

- Ser organizado no seu desempenho
- Manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento das pesquisas de informação
- Capacidade de negociação e reconhecimento do papel de cada indivíduo na equipa
- Capacidade para maximizar o valor de cada reunião de equipa
- Orientação acerca do contributo do bibliotecário na equipa
- Definição acerca das expectativas do bibliotecário na equipa
- Manifestar interesse em manter-se atualizado

Apresenta-se, por fim, uma infografia que sistematiza as recomendações, os seus eixos de intervenção e conteúdos (Figura 3).



Figura 3. Recomendações para a formação do bibliotecário da saúde (infografia).

CONCLUSÃO

A pergunta de partida da presente investigação pretendia saber como implementar a colaboração entre bibliotecários e investigadores em equipas de investigação em saúde em Portugal. Para responder a esta pergunta foram delineados quatro objetivos: 1) identificar a perceção das competências dos bibliotecários sobre a sua colaboração em equipas de investigação em saúde; 2) identificar as perceções dos investigadores sobre as competências dos bibliotecários enquanto colaboradores em equipas de investigação em saúde; 3) identificar as competências que os bibliotecários devem possuir para garantir uma eficaz colaboração com as equipas de investigação em saúde; e 4) redigir um conjunto de recomendações e/ou orientações para a formação de bibliotecários da saúde, tendo em vista a reformulação, renovação ou adaptação de competências para uma válida colaboração com as equipas de investigação em saúde. Identificando a autoperceção de competências dos bibliotecários, a perceção que os investigadores têm das competências do bibliotecário e os contributos que a colaboração do bibliotecário da saúde pode trazer para as equipas de investigação da saúde foi possível definir os contributos deste profissional e redigir as recomendações de formação para um modelo de bibliotecário capacitado para os desafios da investigação multidisciplinar. Foram estes caminhos que ajudaram a responder à questão de partida desta investigação. Destacam-se, de seguida, cada um dos objetivos e tecem-se as considerações mais relevantes.

1. Identificar a perceção das competências dos bibliotecários sobre a sua colaboração em equipas de investigação em saúde

Os bibliotecários da saúde que colaboraram no presente estudo têm uma clara perceção das suas competências e conseguem identificar as que integram o seu *core* profissional, as que integraram a sua formação académica e as que foram explorando, assimilando e investindo, frequentemente em regime de autoformação, ao longo do seu trajeto profissional. A sua autoperceção relativamente ao conhecimento e ao treino em bases de dados, a experiência na construção de equações de pesquisa, a destreza na pesquisa de informação, o *olhar clínico* para a avaliação da informação recuperada, a aptidão para circular entre os inúmeros estilos de citação e gestores de referências e, ainda, o

conhecimento que evidencia na seleção das revistas mais adequadas para publicação e na disseminação dos resultados de investigação são os saberes tradicionais realçados pelos bibliotecários. Associam a estas competências a sua forma de estar, o seu desempenho organizado e metódico, a sua postura neutra e imparcial, o seu código de ética que os impede de comentar com outrem ou de emitir uma opinião pessoal acerca do projeto de um investigador – a não ser que este a solicite.

A autoperceção dos bibliotecários acerca das suas competências para uma colaboração estreita com as equipas de investigação também lhes permite identificar as suas fragilidades. Reconhecem que saber gerir a informação não é suficiente, sobretudo quando é necessário franquear a linha da gestão e análise de dados, área claramente deficitária. O mesmo acontece com as matérias associadas às análises estatísticas, mesmo as mais simples e descritivas; reservam essa competência para os investigadores, ainda que demonstrem disponibilidade para aprender. De igual modo, na leitura da secção de métodos dos artigos científicos, principalmente dos artigos de revisão, os bibliotecários identificam as fragilidades dos estudos que descrevem de forma muito genérica as pesquisas realizadas ou que não escolheram as bases de dados mais adequadas para o estudo em questão, aumentando o risco de enviesamento. Contudo, os bibliotecários não adquiriram as competências necessárias para este trabalho de *peer review*, ainda que se trate de um processo que dificilmente poderão ignorar.

No que os bibliotecários são unânimes é que o atual ecossistema de informação é mais exigente, pede mais competências e, sobretudo, equaciona um fator – a resiliência. Trata-se da resiliência da biblioteca, da resiliência do profissional da informação e da resiliência das competências. Enquanto serviço de resposta aos seus leitores, a biblioteca tem necessariamente de criar a estrutura, desenvolver serviços e adaptar-se às necessidades de quem a procura. Vela pela construção e atualização das coleções, mas também pela formação dos leitores, fomentando a sua literacia e autonomia. O bibliotecário adapta-se continuamente a este novo contexto: gere, cria serviços, ministra formação, mas também recebe formação. A resiliência do bibliotecário, associada à sua experiência, ao seu investimento pessoal e à sua formação académica, gera satisfação e autoconfiança. Neste cenário, é desejável que exista o reconhecimento pessoal, profissional e organizacional. E, para isso, os bibliotecários da presente investigação têm a perceção de que o seu novo

desempenho contribui significativamente para os projetos e para as equipas de investigação, cria um impacto favorável de si próprios e do seu serviço (a biblioteca) na instituição e creem que quer o seu contributo quer o dos profissionais que executam as tarefas mais tradicionais da profissão podem coexistir e desenvolver-se conjuntamente.

2. Identificar as perceções dos investigadores sobre as competências dos bibliotecários enquanto colaboradores em equipas de investigação em saúde

A maioria dos investigadores da saúde que colaboraram no presente estudo tem uma perceção muito positiva das competências do bibliotecário. Alguns, porém, aqueles cuja formação de base é do campo das ciências sociais e humanas, consideram que não é muito comum a participação efetiva de um bibliotecário numa equipa de investigação em saúde. Outros, mais vocacionados para áreas experimentais e clínicas, consideram que a colaboração pode não ser muito significativa devido aos seus interesses de investigação, que podem ser marcadamente clínicos, socorrendo-se quase em exclusivo de dados dos doentes e da análise de tratamentos e de casos clínicos. Ainda que os investigadores avaliem muito positivamente a colaboração do bibliotecário nas equipas de investigação em saúde e que consigam identificar as áreas de trabalho em que essa colaboração ser-lhes-á mais valiosa, a verdade é que o campo de intervenção em investigação pode ser uma condicionante para esta parceria.

O ecossistema da informação, todavia, cresceu de uma forma, em volume e em dispersão, que a maioria dos investigadores sabe de antemão que sobre qualquer assunto existirá seguramente muita informação. Receiam, assim, investir tempo, esforços e recursos numa investigação que pode já estar publicada. Não duvidam, por conseguinte, que o bibliotecário é uma fonte versátil de conhecimento e que é aquele que mais facilmente se move no mundo da informação. Na sua opinião, trata-se de um profissional fundamental em várias etapas do processo de investigação, a começar pela construção das equações de pesquisa que possibilitarão o conhecimento da investigação já desenvolvida e publicada para a realização de uma revisão da literatura, secção essencial para a fundamentação e enquadramento de qualquer estudo, incluindo as revisões sistemáticas e as meta-análises, as *scoping review* e as *umbrella reviews*, mas também os estudos clínicos, observacionais,

ensaios clínicos, randomizados ou não, entre outros. Consideram que é muito importante este contributo e não deve ser menosprezada a competência evidenciada por alguém que domina a metodologia de pesquisa de informação e de avaliação da produção científica. O bibliotecário pode, deste modo, ajudar a procurar a robustez científica das afirmações feitas pelos investigadores, ocupando-se com a estrutura, com a seleção das bases de dados e com o desenho da equação de pesquisa. Pode, de igual forma, desenvolver algumas etapas metodológicas, como colaborar na visão do desenho da investigação, na dinamização de *focus group*, na migração de dados para *software* de análise de dados, no tratamento de questionários, entre outras tarefas, porque se trata de um profissional organizado e com conhecimentos de gestão e de metodologia – destacaram os investigadores. E, neste entendimento, são de opinião que devem identificar o bibliotecário nas autorias e nos contributos do estudo, porque o seu desempenho ajudou a sustentar a qualidade processual dos métodos desenvolvidos.

Em matéria de direitos de autor e de legislação de suporte à propriedade intelectual, o conhecimento consolidado pelo bibliotecário foi igualmente enaltecido pelos investigadores, considerando que todo o suporte que lhes possam oferecer será aceite sem reservas. Esta matéria articula-se especialmente com a variedade de opções de publicação. Como os investigadores têm cada vez mais opções para a submissão do seu trabalho acabam por escolher revistas em função da qualidade percebida, da rapidez de publicação e pela proximidade entre o âmbito da revista e o tema do trabalho. A intervenção do bibliotecário tem um cariz, de novo, mais processual – reconhecem novamente os investigadores. Pode participar na revisão final dos ficheiros e de tudo o que foi produzido durante o projeto, proceder à curadoria dos dados resultantes, ajudar a selecionar uma revista adequada, da área de estudos, com impacto na comunidade científica, verificar se é ou foi predadora, qual o modelo de negócio usado, identificar o alcance e a transferibilidade dos direitos de autor, como é assegurada a preservação digital e a perenidade da investigação publicada, recomendar os repositórios e os canais de informação mais adequados para assegurar a divulgação e a acessibilidade dos dados de investigação e cumprir com os requisitos de financiadores e editores, entre outras competências editoriais identificadas pelos investigadores.

Na presente investigação foi também possível constatar a valorização atribuída

pelos investigadores às competências dos bibliotecários, por vezes muito superior à valorização atribuída pelos próprios bibliotecários. Como exemplo, refira-se o conjunto das dez subdimensões mais valorizadas analisadas no questionário – aqui sumarizadas no parágrafo anterior –, tendo-se apurado que a valorização das respostas dos investigadores era claramente superior, destacando-se algumas competências que integram o *core* profissional do bibliotecário, mas que os investigadores valorizaram acima da importância atribuída pelos próprios bibliotecários. Pode, assim, inferir-se que a noção do valor e da importância do bibliotecário na equipa de investigação está identificada entre os investigadores da área da saúde.

3. Identificar as competências que os bibliotecários devem possuir para garantir uma eficaz colaboração com as equipas de investigação em saúde

A análise dos contributos de bibliotecários e investigadores permitiu identificar as competências requeridas ao bibliotecário para colaborar com equipas de investigação em saúde. A possibilidade de trabalhar lado a lado com um bibliotecário, a funcionar como mais um elemento produtivo no grupo e que atribua a mesma importância à investigação – do ponto de vista técnico, teórico, científico e académico – é considerada muito importante por todos e é também uma aprendizagem para toda a equipa. Por outro lado, o bibliotecário que colabora em projetos assimila novas competências que contribuem para a melhoria da qualidade da investigação, mas que também lhe permitem adquirir o conhecimento de como funciona o processo de investigação.

Uma das competências identificadas articula-se com a pesquisa de informação e todo o cenário que a envolve. O bibliotecário deve conhecer muito bem as fontes de informação fidedignas no campo da saúde, porque é nestas que assentam as pesquisas de informação mais sólidas e consistentes. As bases de dados são ferramentas; só é necessário saber trabalhá-las, rentabilizando e otimizando as operações. É o *know-how* das fontes de informação que permitirá ao bibliotecário avaliar os resultados em prol da investigação em curso. Neste entendimento, espera-se a *expertise* do profissional da informação em estudos que envolvam revisões de âmbito, revisões sistemáticas e meta-análises, mas também nas

revisões de literatura de qualquer outra tipologia de estudos. Será esta *expertise* que garantirá que nenhum estudo relevante ficou para trás.

Sendo um especialista em informação, dominando as tecnologias associadas à pesquisa, espera-se que o bibliotecário da saúde domine o conhecimento de projetos de investigação em curso, similares ou não, que interessem aos investigadores e à instituição. Da mesma forma, deseja-se que o bibliotecário conheça as agências de financiamento a atuar no campo da saúde, pesquise e conheça propostas de financiamento, o seu descritivo, as suas exigências e a forma de assegurar os requisitos inerentes ao financiamento, isto é, onde publicar os resultados, onde depositar os dados de investigação e como disseminar resultados e dados cumprindo os requisitos, mas alcançando a comunidade científica – em prol de novos contactos, mas também de citações.

O investimento do bibliotecário na sua formação académica é um requisito assinalado por todos os intervenientes no presente estudo. Idealmente acima da licenciatura – pela aquisição de conhecimentos, mas também pela experiência em investigação, a qual é mais consistente a partir do nível de mestrado. Pretende-se que o bibliotecário investigue e saiba investigar, que reforce as suas competências ao nível dos métodos, que se concentre na sua própria investigação, enquanto se prepara para futuramente apoiar outrem em ambiente de investigação.

O bibliotecário deve igualmente melhorar as suas competências de comunicação científica, isto é, na redação científica, na estrutura e na produção de trabalho científico, bem como a apresentação para públicos diferenciados. Para este efeito, o conhecimento de outros idiomas, que não o materno, é imprescindível. A língua inglesa foi unanimemente assinalada, preferencialmente ao nível da redação, de modo a evitar traduções literais com nexos deficitários para quem delas usufrui.

Assinala-se também a competência do conhecimento de ambientes. Sendo um profissional que se encontra bem posicionado dentro das instituições de ensino, que agiliza a articulação dos investigadores com a academia e com centros de investigação inseridos nos hospitais e noutros organismos, o bibliotecário deve compreender os princípios e práticas relacionados com o fornecimento da informação para assegurar o seu acesso sob

diferentes meios e formatos. Por conseguinte, é imprescindível acompanhar *guidelines*, políticas e procedimentos relacionados com a investigação e a prática em saúde.

O convite para o bibliotecário sair da sua zona de conforto está patente ao longo do presente estudo. Trata-se de uma competência de resiliência, que aponta para a aceitação de responsabilidades emergentes. Colaborar estreitamente com investigadores permite que o bibliotecário adquira novas competências, estimula a observação e a aprendizagem, sedimenta procedimentos metodológicos, apura o rigor científico. Para a equipa de investigação, o perfil de bibliotecário a convidar para integrar a equipa incluirá uma experiência relevante, ética de trabalho, conhecimentos técnicos e do processo de investigação, interesse em participar e em investigar. Para este efeito, uma das competências assinaladas é a promoção do seu valor. O bibliotecário deve promover ativamente o seu valor junto das equipas de investigação. Deve envolver-se em redes de investigação, participar em fóruns de discussão, criar perfis biográficos no mesmo ecossistema em que circulam os investigadores (e.g., ORCID, Ciência Vitae, Publons, Mendeley, sem esquecer as redes sociais académicas), descrevendo as suas competências e o seu potencial enquanto bibliotecário motivado para fazer investigação e para colaborar ativamente com investigadores da saúde.

Características mais pessoais não foram esquecidas pelos participantes do presente estudo e estão associadas à personalidade do bibliotecário: a flexibilidade, a versatilidade, a paciência e a cordialidade são apontadas como atitudes necessárias para o sucesso de uma colaboração bem-sucedida.

4. Redigir um conjunto de recomendações e orientações para a formação de bibliotecários da saúde

Para a redação das recomendações e orientações para a formação de bibliotecários da saúde, tendo em vista uma colaboração bem-sucedida com equipas de investigação, bem como para outros cenários do campo da saúde, redigiu-se um enquadramento teórico sustentado na literatura e nas conclusões do presente estudo. Partiu-se das premissas de que o profissional da informação pode sempre melhorar as suas competências e explorar novos

desafios e de que a formação avulsa e casuística, que tem sido recorrente, com grande parte da aprendizagem a ser feita no terreno, em contexto profissional, de acordo com as necessidades evidenciadas, é uma situação que deve ser alterada. Analisaram-se também as recomendações específicas emanadas de alguns organismos nacionais (GT-BES) e internacionais (MLA, CILIP e EAHIL) em busca de orientações para a formação deste profissional e para a redação final das recomendações.

As recomendações assentam em sete eixos de intervenção: 1) informação e políticas de saúde; 2) serviços de informação em saúde; 3) gestão de recursos em saúde; 4) sistemas e tecnologias de informação em saúde; 5) investigação, análise e avaliação em saúde; 6) comunicação e disseminação em saúde; e 7) negociação na equipa de investigação. Cada eixo é apresentado com um descritivo contextual e processual para facilitar uma futura redação de conteúdos programáticos.

Depois de revisitados os objetivos da presente investigação e as respostas obtidas é possível responder à pergunta de partida: é a capacitação do bibliotecário com novas competências, adaptadas ao atual ecossistema de investigação e de Ciência Aberta, que garantirá a sua implementação nas equipas de investigação em saúde em Portugal.

Este estudo conheceu algumas limitações: 1) os diretórios consultados para a identificação de bibliotecas da área da saúde em Portugal não estão atualizados, nem do ponto de vista da estrutura organizacional nem dos seus coordenadores nem dos seus contactos, o que dificultou e prolongou no tempo a identificação destas estruturas; 2) as respostas ao questionário dos investigadores não foram suficientemente diversificadas – como se desejaria –, no que se refere às especialidades médicas e disciplinas conexas, a que se atribui o *fator-cansaço* porque recebem questionários com muita frequência, que acabam por ignorar; e 3) as restrições associadas à declaração de consentimento informado, que inviabilizam a divulgação das entrevistas em texto integral. Para minimizar o impacto desta limitação procurou-se transcrever, sempre que possível, as declarações dos entrevistados nas secções dos resultados e da discussão com o objetivo do enriquecimento do discurso. Quanto às outras limitações, reconhece-se que, se inexistentes, poderiam ter contribuído para uma amostra maior de participantes.

Relativamente a estudos futuros, equaciona-se a possibilidade de alargar a amostra de investigadores a mais especialidades médicas e a outras disciplinas (e.g., neurociências, psicologia da saúde e bioestatística, entre outras), contributos que não foi possível obter na presente investigação. Equaciona-se, de igual modo, prolongar o documento das Recomendações para a etapa seguinte: a redação de conteúdos programáticos em articulação com a Inteligência Artificial, de forma integradora e não disruptiva, modelando o papel do bibliotecário da saúde/profissional da informação enquanto moderador face a esta tecnologia e à pseudociência.

Pode concluir-se, por fim, que a investigação em saúde e a biblioteca não são dois mundos separados, que muito provavelmente a investigação não resulta se as instituições da saúde não tiverem equipas multidisciplinares de retaguarda a trabalhar em investigação, que a multidisciplinaridade nas equipas de investigação é importante, é reconhecida noutros campos da ciência e que exige um conhecimento acrescido na formação do bibliotecário.

O presente estudo demonstrou igualmente que existe uma interação permanente de competências entre o bibliotecário e os investigadores, que o resultado da colaboração e da mediação do bibliotecário é importante para um diálogo assente no equilíbrio entre áreas do conhecimento e saberes. Por conseguinte, o bibliotecário é uma peça fundamental no campo da investigação, pelo que é necessário adequar as suas competências e os seus conhecimentos, conferindo-lhes fiabilidade, garantia de qualidade e apoio organizacional. Neste contexto, as instituições devem investir também nas qualidades de reflexão e de transformação do bibliotecário da sua comunidade, pelo que é importante reconhecer a humildade, a persistência e o seu querer aprender.

A estreita colaboração entre várias disciplinas ou áreas científicas proporciona uma oportunidade para o bibliotecário melhorar as suas competências de investigação e de trazer valor acrescentado à equipa de investigação, na medida em que o trabalho de uma equipa multidisciplinar contribui para a melhoria da qualidade, validade e aplicabilidade da investigação. Em conclusão, esta parceria oferece descobertas significativas para a Ciência da Informação, contribuindo para a reflexão e consolidação do campo da Ciência da Informação em estreita interdisciplinaridade, interrelação e interdependência não só com as ciências da saúde, mas com todas as áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRL. (2020). 2020 top trends in academic libraries: A review of the trends and issues affecting academic libraries in higher education. *College & Research Libraries News*, 81(6), 270. <https://doi.org/10.5860/crln.81.6.270>
- ACRL Board. (2016). *Framework for information literacy for higher education*. <https://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>
- Akeroyd, J., Herman, E., Nicholas, D., & Watkinson, A. (2022). Health and medical researcher publishing patterns and how libraries support them. *Serials Librarian*, 83(2), 115–127. <https://doi.org/10.1080/0361526X.2022.2045244>
- Allegri, F. (2014). Helping improve dissemination of research: Toastmasters is a novel mechanism. *Medical Reference Services Quarterly*, 33(2), 218–226. <https://doi.org/10.1080/02763869.2014.897525>
- Allen, J., & Szanton, S. (2005). Gender, ethnicity, and cardiovascular disease. *Journal of Cardiovascular Nursing*, 20(1), 1–6.
- American Library Association. (2006). *What librarians need to know*. <https://www.ala.org/educationcareers/careers/librariycareerssite/whatyouneedlibrarian>
- American Library Association. (2020). *About the international librarians networking program*. <https://www.ala.org/rt/irrt/irrtnetworkingprogram/about-networking-program>
- American Library Association. (2023). *ALA's core competences of librarianship*. https://www.ala.org/sites/default/files/educationcareers/content/2022%20ALA%20Core%20Competences%20of%20Librarianship_FINAL.pdf
- Arigoni, S., Ignjatovic, S., Sager, P., Betschart, J., Buerge, T., Scherrer, E., Wachtl, J., Tschuor, C., Limani, P., Puhani, M. A., Lesurtel, M., Raptis, D. A., & Breitenstein, S. (2013). Diagnosis and prediction of neuroendocrine liver metastases: A protocol of six systematic reviews. *JMIR Research Protocols*, 2(2), e60. <https://doi.org/10.2196/resprot.2890>
- Bandovas, J. P., Leal, B., Reis-de-Carvalho, C., Sousa, D. C., Araújo, J. C., Peixoto, P., Henriques, S. O., & Vaz Carneiro, A. (2022). Broadening risk factor or disease definition as a driver for overdiagnosis: A narrative review. *Journal of Internal Medicine*, 291(4), 426–437. <https://doi.org/10.1111/joim.13465>
- Basílio, N., Cardoso, S., Nunes, J. M., Laranjo, L., Antunes, M. L., & Heleno, B. (2018). Portuguese primary care physicians response rate in surveys: A systematic review. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 64(3), 272–280. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.64.03.272>
- Bedi, S., & Walde, C. (2017). Transforming roles: Canadian academic librarians embedded in faculty research projects. *College & Research Libraries*, 78(3), 314–327. <https://doi.org/10.5860/crl.78.3.314>

- Bernardo-Castro, S., Donato, H., Ferreira, L., & Sargento-Freitas, J. (2020). Permeability of the blood-brain barrier through the phases of ischaemic stroke and relation with clinical outcome: Protocol for a systematic review. *BMJ Open*, *10*(9), e039280. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-039280>
- Bernardo-Castro, S., Sousa, J. A., Martins, E., Donato, H., Nunes, C., d'Almeida, O. C., Castelo-Branco, M., Abrunhosa, A., Ferreira, L., & Sargento-Freitas, J. (2023). The evolution of blood-brain barrier permeability changes after stroke and its implications on clinical outcome: A systematic review and meta-analysis. *International Journal of Stroke*, *18*(7), 783–794. <https://doi.org/10.1177/17474930231166306>
- Beverley, C. A., Booth, A., & Bath, P. A. (2003). The role of the information specialist in the systematic review process: A health information case study. *Health Information & Libraries Journal*, *20*(2), 65–74. <https://doi.org/10.1046/j.1471-1842.2003.00411.x>
- Borrego, Á., Ardanuy, J., & Urbano, C. (2018). Librarians as research partners: Their contribution to the scholarly endeavour beyond library and information science. *Journal of Academic Librarianship*, *44*(5), 663–670. <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2018.07.012>
- Borrego, Á., & Pinfield, S. (2020). Librarians publishing in partnership with other researchers: Roles, motivations, benefits, and challenges. *Portal: Libraries and the Academy*, *20*(4), 655–675. <https://doi.org/10.1353/pla.2020.0031>
- Boyatzis, R. E. (2008). Competencies in the 21st century. *Journal of Management Development*, *27*(1), 5–12. <https://doi.org/10.1108/02621710810840730>
- Bozzato, V., Gnoato, M., Vilia, A., & Apostolico, M. (2021). Intellectual property protection for scholarly publishing in the Italian framework: A globally open approach for medical and life sciences authors. *Italian Journal of Medicine*, *15*(2), 77–84. <https://doi.org/10.4081/itjm.2021.1473>
- Brahmi, F. A., & Kaplan, F. T. D. (2017). Embedded librarian as research team member. *Journal of Hand Surgery*, *42*(3), 210–212. <https://doi.org/10.1016/j.jhsa.2016.12.007>
- Bramer, W. M., De Jonge, G. B., Rethlefsen, M. L., Mast, F., & Kleijnen, J. (2018). A systematic approach to searching: An efficient and complete method to develop literature searches. *Journal of the Medical Library Association*, *106*(4), 531–541. <https://doi.org/10.5195/jmla.2018.283>
- Brandt, K. A., Sapp, J. R., & Campbell, J. M. (1996). Current topics in health sciences librarianship: A pilot program for network-based lifelong learning. *Bulletin of the Medical Library Association*, *84*(4), 515–523.
- Brennan, E. A., Ogawa, R. S., Thormodson, K., & Von Isenburg, M. (2020). Introducing a health information literacy competencies map: Connecting the Association of American Medical Colleges Core Entrustable Professional Activities and Accreditation Council for Graduate Medical Education Common Program Requirements to the Association of College & Research Libraries Framework. *Journal of the Medical Library Association*, *108*(3), 420–427. <https://doi.org/10.5195/jmla.2020.645>

- Brody, S., Mensinkai, S., De Brún, C., Sampson, M., & Askin, N. (2023). Research and practice: Developing searching guidelines during a pandemic. In *Bridging research and library practice: Global perspectives on education and training* (pp. 255–269). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110772593-021>
- Brown, J. (2018). Interviews, focus groups and Delphi techniques. In P. Brough (Ed.), *Advanced research methods for applied psychology: Design, analysis and reporting* (pp. 95–106). Routledge.
- Calhoun, J. G., Davidson, P. L., Sinioris, M. E., Vincent, E. T., & Griffith, J. R. (2002). Toward an understanding of competency identification and assessment in health care management. *Quality Management in Health Care, 11*(1), 14–38. <https://doi.org/10.1097/00019514-200211010-00006>
- Campbell, S., & Dorgan, M. (2015). What to do when everyone wants you to collaborate: Managing the demand for library support in systematic review searching. *Journal of the Canadian Health Libraries Association, 36*(1), 11–19. <https://doi.org/10.5596/c15-005>
- Campos, L., Costa, D., Donato, H., Nunes, B., & Cruz, E. B. (2023). Implementation of digital health in rural populations with chronic musculoskeletal conditions: A scoping review protocol. *PLoS ONE, 18*(12), e0291638. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0291638>
- Carlson, J., & Kneale, R. (2011). Embedded librarianship in the research context: Navigating new waters. *College & Research Libraries News, 72*(3), 167–170. <https://doi.org/https://doi.org/10.5860/crln.72.3.8530>
- Carroll, A. J., Eskridge, H. N., & Chang, B. P. (2020). Lab-integrated librarians: A model for research engagement. *College and Research Libraries, 81*(1), 8–26. <https://doi.org/10.5860/crl.81.1.8>
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology, 56*, 453–484. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141913>
- Cebola, P., Caroça, C., Donato, H., Campos, A., Dias, S. S., Paço, J., & Manso, C. (2023). Computed tomography versus sleep endoscopy (DISE) to predict the effectiveness of mandibular advancement devices in adult patients with obstructive sleep apnea: A protocol for systematic review. *Journal of Clinical Medicine, 12*(19), 6328. <https://doi.org/10.3390/jcm12196328>
- CEDEFOP. (2014). *Terminology of European education and training policy: A selection of 130 key terms* (2nd ed.). Publications Office of the European Union.
- CEDEFOP. (2023). *Skills in transition: The way to 2035*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2801/438491>
- Centre for Reviews and Dissemination. (2009). *Systematic reviews: CRD's guidance for undertaking reviews in health care*. University of York.

- Chiavaroli, N. (2017). Negatively-worded multiple choice questions: An avoidable threat to validity. *Practical Assessment, Research, and Evaluation*, 22, 3. <https://doi.org/10.7275/ca7y-mm27>
- Chu, H. (2015). Research methods in library and information science: A content analysis. *Library and Information Science Research*, 37(1), 36–41. <https://doi.org/10.1016/j.lisr.2014.09.003>
- CILIP. (2021). *The professional knowledge and skills base: Introduction and overview*. CILIP.
- CIOMS. (2016). *International ethical guidelines for health-related research involving humans prepared by the Council for International Organizations of Medical Sciences (CIOMS) in collaboration with the World Health Organization (WHO)*. Council for International Organizations of Medical Sciences.
- Cochrane Collaboration. (2011). *Cochrane handbook for systematic review interventions*. <http://handbook.cochrane.org>
- Collina, E., & Patreggiani, R. (2017). Data literacy: For a mindful management. In S. Špiranec, S. Kurbanoglu, J. Boustany, E. Grassian, D. Mizrahi, L. Roy, & D. Kos (Eds.), *Abstracts of the Fifth European Conference on Information Literacy (ECIL), September 18th-21st, 2017, Saint-Malo, France* (p. 32).
- Colón-Aguirre, M., & Bright, K. M. (2023). Demystifying research methods: A United States perspective. In *Bridging research and library practice: Global perspectives on education and training* (pp. 25–36). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110772593-004>
- Committee on Publication Ethics. (2019). *Suspected ghost, guest or gift authorship*. COPE. <https://doi.org/10.24318/cope.2019.2.18>
- Connaway, L. S., & Radford, M. L. (2017). *Research methods in library and information science* (6th ed.). Libraries Unlimited.
- Conselho Europeu. (2018). Recomendação do Conselho de 22 de maio de 2018 sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida (2018/C 189/01). *Jornal Oficial Da União Europeia*, C(189), 1–13.
- Cooper, C., Booth, A., Husk, K., Lovell, R., Frost, J., Schauburger, U., Britten, N., & Garside, R. (2024). A tailored approach: A model for literature searching in complex systematic reviews. *Journal of Information Science*, 50(4), 1030–1062. <https://doi.org/10.1177/01655515221114452>
- Cooper, I. D., & Crum, J. A. (2013). New activities and changing roles of health sciences librarians: A systematic review, 1990-2012. *Journal of the Medical Library Association*, 101(4), 268–277. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.101.4.008>
- Correia, I., Oliveira, P. A., Antunes, M. L., Raimundo, M. da G., & Moreira, A. C. (2024). Is there evidence of Crohn's disease exclusion diet (CDED) in remission of active disease in children and adults? A systematic review. *Nutrients*, 16(7), 987. <https://doi.org/10.3390/nu16070987>

- Costa, D., Cruz, E. B., Rodrigues, A. M., Gonçalves-Bradley, D., Gomes, L. A., Donato, H., & Nunes, C. (2021). Models of care for patients with knee osteoarthritis in primary healthcare: A scoping review protocol. *BMJ Open*, *11*(6), e045358. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-045358>
- Crary, R. L. (1982). Foreign languages and the librarian. *Journal of Education for Librarianship*, *23*(2), 110–124.
- Davies, M. F. (2003). Confirmatory bias in the evaluation of personality descriptions: Positive test strategies and output interference. *Journal of Personality and Social Psychology*, *85*(4), 736–744. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.736>
- De Meulemeester, A., Schietse, B., Vermeeren, B., Ghesquière, E., Declève, G., Buysse, H., Discart, I., Alewaeters, K., & Durieux, N. (2018). Current and future directions in Belgian medical and health sciences librarianship: A user-tailored approach. *Health Information and Libraries Journal*, *35*(4), 336–340. <https://doi.org/10.1111/hir.12237>
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2017). *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed). Sage.
- Desmeules, R., Campbell, S., & Dorgan, M. (2016). Acknowledging librarians' contributions to systematic review searching. *Journal of the Canadian Health Libraries Association*, *37*(2), 44–52. <https://doi.org/10.5596/C16-014>
- Dimou, A. (2018). *Knowledge management practices in academic libraries: The case of NTUA Central Library*. Linnaeus University.
- Donato, H. (2024). Artificial Intelligence revolutionizing scientific publishing. *Revista Portuguesa de Medicina Interna*, *31*(1), 37–39. <https://doi.org/https://doi.org/10.24950/rspmi.2591>
- Donato, H., & Donato, M. (2019). Etapas na condução de uma revisão sistemática. *Acta Médica Portuguesa*, *32*(3), 227–235. <https://doi.org/10.20344/amp.11923>
- Donato, H., & Marinho, R. T. (2013). Como fazer pesquisa bibliográfica com eficácia? As estratégias do push e pull. *Acta Médica Portuguesa*, *26*(4), 471–475. www.actamedicaportuguesa.com
- Duarte, S. T., Moniz, A., Costa, D., Donato, H., Heleno, B., Aguiar, P., & Cruz, E. B. (2024). Low back pain management in primary healthcare: Findings from a scoping review on models of care. *BMJ Open*, *14*(5), e079276. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2023-079276>
- Ducas, A., Michaud-Oystryk, N., & Speare, M. (2020). Reinventing ourselves: New and emerging roles of academic librarians in Canadian research-intensive universities. *College & Research Libraries*, *81*(1), 43–65. <https://doi.org/https://doi.org/10.5860/crl.81.1.43>
- Dudden, R. F., & Protzko, S. L. (2011). The systematic review team: Contributions of the health sciences librarian. *Medical Reference Services Quarterly*, *30*(3), 301–315. <https://doi.org/10.1080/02763869.2011.590425>

- Eldredge, J. D., Carr, R., Broudy, D., & Voorhees, R. E. (2008). The effect of training on question formulation among public health practitioners: Results from a randomized controlled trial. *Journal of the Medical Library Association*, 96(4), 299–309. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.96.4.005>
- Epstein, R. M., & Hundert, E. M. (2002). Defining and assessing professional competence. *JAMA*, 287(2), 226–235.
- Escada, P., Donato, H., & Villanueva, T. (2023). Promoting ethical integrity in authorship attribution: Who can help more? *Acta Médica Portuguesa*, 36(6), 381–382. <https://doi.org/10.20344/amp.20032>
- Esmailzadeh, M., Bahrami, M., & Soleymani, M. R. (2020). Competences of academic librarians in providing health research services: A qualitative study. *Journal of Education and Health Promotion*, 9(1), 220. https://doi.org/10.4103/jehp.jehp_254_20
- European Commission. (2019). *Key competences for lifelong learning*. European Commission. <https://doi.org/10.2766/291008>
- Federer, L. (2013). The librarian as research informationist: A case study. *Journal of the Medical Library Association*, 101(4), 298–302. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.101.4.011>
- Fernandes, C., Sousa, J. A., Bernardo-Castro, S., Silva, F., Donato, H., & Sargento-Freitas, J. (2024). Early mobilization decision after an acute ischemic stroke: Protocol for an umbrella review. *Acta Médica Portuguesa*, 37(7–8), 541–546. <https://doi.org/10.20344/amp.20715>
- Fernandez, N., Dory, V., Ste-Marie, L. G., Chaput, M., Charlin, B., & Boucher, A. (2012). Varying conceptions of competence: An analysis of how health sciences educators define competence. *Medical Education*, 46(4), 357–365. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2923.2011.04183.x>
- Fernández-Molina, J. C., Martínez-Ávila, D., & Silva, E. G. (2020). University copyright/scholarly communication offices: Analysis of their services and staff profile. *Journal of Academic Librarianship*, 46(2). <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102133>
- Fidel, R. (2008). Are we there yet? Mixed methods research in library and information science. *Library and Information Science Research*, 30(4), 265–272. <https://doi.org/10.1016/j.lisr.2008.04.001>
- Folk, A. L. (2014). Librarians as authors in higher education and teaching and learning journals in the twenty-first century: An exploratory study. *The Journal of Academic Librarianship*, 40(1), 76–83. <https://doi.org/10.1016/J.ACALIB.2013.12.001>
- Foster, M. J. (2015). An overview of the role of librarians in systematic reviews: From expert search to project manager. *Journal of EAHIL*, 11(3), 3–7. <http://ojs.eahil.eu/ojs/index.php/JEAHIL/article/view/52>

- Foutch, L. J. (2016). A new partner in the process: The role of a librarian on a faculty research team. *Collaborative Librarianship*, 8(82), 80–83.
- Frati, F., Oja, L. A., & Kleinberg, J. (2020). *CHLA standards for library and information services in Canadian health & social services institutions 2020*. Canadian Health Libraries Association.
- German Council for Scientific Information Infrastructures. (2019). *Digital competencies – urgently needed! Recommendations on career and training prospects for the scientific labour market*. www.rfii.de
- Gøtzsche, P. C., Kassirer, J. P., Woolley, K. L., Wager, E., Jacobs, A., Gertel, A., & Hamilton, C. (2009). What should be done to tackle ghostwriting in the medical literature? *PLoS Medicine*, 6(2), 0122–0125.
<https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000023>
- Grimshaw, J. (2010). *A guide to knowledge synthesis*. Canadian Institutes of Health Research. <https://cihr-irsc.gc.ca/e/41382.html>
- Guerra, A., Negrão, E., Papanikolaou, N., & Donato, H. (2022). Machine learning in predicting extracapsular extension (ECE) of prostate cancer with MRI: A protocol for a systematic literature review. *BMJ Open*, 12(5), e052342.
<https://doi.org/10.1136/bmjopen-2021-052342>
- Guerra-Paiva, S., Lobão, M. J., Simões, D. G., Fernandes, J., Donato, H., Carrillo, I., Mira, J. J., & Sousa, P. (2023). Key factors for effective implementation of healthcare workers support interventions after patient safety incidents in health organisations: A scoping review. *BMJ Open*, 13(12), e078118.
<https://doi.org/10.1136/bmjopen-2023-078118>
- Gusenbauer, M., & Haddaway, N. R. (2021). What every researcher should know about searching: Clarified concepts, search advice, and an agenda to improve finding in academia. *Research Synthesis Methods*, 12(2), 136–147.
<https://doi.org/10.1002/jrsm.1457>
- Hanneke, R., & Link, J. M. (2019). The complex nature of research dissemination practices among public health faculty researchers. *Journal of the Medical Library Association*, 107(3), 341–351. <https://doi.org/10.5195/jmla.2019.524>
- Hanscheid, T., Hardisty, D. W., & Henriques, S. O. (2018). The crisis in scientific publishing: A holistic perspective about background issues associated with predatory publishing. *Acta Medica Portuguesa*, 31(10), 524–526.
<https://doi.org/10.20344/amp.10762>
- Haraldsson, P., Nylander, E., Jonker, D., Ros, A., & Josefsson, K. A. (2024). Workplace interventions focusing on how to plan, organize and design the work environment in hospital settings: A systematic review. *Work (Reading, Mass.)*, 78(2), 331–348.
<https://doi.org/10.3233/WOR-230205>
- Harrison, J., & Beraquet, V. (2010). Clinical librarians, a new tribe in the UK: Roles and responsibilities. *Health Information and Libraries Journal*, 27(2), 123–132.
<https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00862.x>

- Health and Safety Executive. (n.d.). *What is competence?*
<https://www.hse.gov.uk/competence/what-is-competence.htm>
- Health Education England. (2021). *Knowledge for healthcare – Mobilising evidence, sharing knowledge, improving outcomes: A strategic framework for NHS Knowledge and Library Services in England 2021-2026*. National Health Service.
<https://www.hee.nhs.uk/our-work/knowledge-for-healthcare>
- Henriques, D., Mota Pinto, A., Donato, H., & Leão, R. (2022). Prevalence and management of incidental testicular masses: A systematic review. *Journal of Clinical Medicine, 11*(19), 5770. <https://doi.org/10.3390/jcm11195770>
- Henshaw, B., Bradshaw, R., & Geyer, A. C. (2024). Inclusion of librarians and information professionals in Canadian knowledge synthesis grant funding. *Journal of the Canadian Health Libraries Association, 45*(1), 3–15.
<https://doi.org/10.29173/jchla29701>
- Herbst, I., & Jemec, G. B. E. (2020). Body dysmorphic disorder in dermatology: A systematic review. *Psychiatric Quarterly, 91*(4), 1003–1010.
<https://doi.org/10.1007/s11126-020-09757-y>
- Hess, A. N. (2016). A case study of job-embedded learning. *Portal: Libraries and the Academy, 16*(2), 327–347. <https://doi.org/10.1353/pla.2016.0021>
- Hu, Y., Ocepek, M. G., Downie, J. S., & Barker, L. (2022). Listen to librarians: Highlighted core competencies for librarianship from the perspectives of working librarians. *College & Research Libraries, 83*(6), 994–1013.
<https://doi.org/https://doi.org/10.5860/crl.83.6.994>
- Humphreys, B. L. (1996). Librarians and collaborative research: Toward a better scientific base for information practice. *Bulletin of the Medical Library Association, 84*(3), 433–436.
- Ibragimova, I., & Fulbright, H. (2024). Librarians and information specialists as methodological peer-reviewers: A case-study of the International Journal of Health Governance. *Research Integrity and Peer Review, 9*(1).
<https://doi.org/10.1186/s41073-023-00142-4>
- ICMJE. (2020). *Defining the role of authors and contributors*. International Committee of Medical Journal Editors. <https://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html>
- Institute of Medicine. (2011). *Finding what works in health care: standards for systematic reviews*. National Academies Press.
- International Committee of Medical Journal Editors. (2024). *Defining the role of authors and contributors*. ICMJE. <https://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html>
- Jackson, J. L., & Kuriyama, A. (2018). From the editors' desk: Bias in systematic reviews—Let the reader beware. *Journal of General Internal Medicine, 33*(2), 133–135. <https://doi.org/10.1007/s11606-017-4236-2>

- Jacobson, S. (2003). Present at the creation: The founding and formative years of the Association of Academic Health Sciences Libraries. *Journal of the Medical Library Association*, 91(2), 149–154.
- Jaguszewski, J. M., & Williams, K. (2013). *New roles for new times: Transforming liaison roles in research libraries*. Association for Research Libraries. <http://www.arl.org/component/content/article/6/2893>
- Janke, R., & Rush, K. L. (2014). The academic librarian as co-investigator on an interprofessional primary research team: A case study. *Health Information and Libraries Journal*, 31(2), 116–122. <https://doi.org/10.1111/hir.12063>
- Józsa, K., & Morgan, G. A. (2017). Reversed items in Likert scales: Filtering out invalid responders. *Journal of Psychological and Educational Research*, 25(1), 7–25.
- Juznic, P., & Urbanija, J. (2003). Developing research skills in library and information science studies. *Library Management*, 24(6/7), 324–331. <https://doi.org/10.1108/01435120310486048>
- Kalavani, K., Mehroolhassani, M. H., Pedram, A., Vosoogh-Moghaddam, A., & Dehnavieh, R. (2024). Environmental scanning model in health system and implementation steps: A scoping review. *Iranian Journal of Public Health*, 56(6), 1261–1271. <https://doi.org/10.18502/ijph.v53i6.15899>
- Kaminski, B., Aregbesola, A., Tam, C., Vandermeer, B., & Klassen, T. P. (2024). Assessment of usefulness of randomized control trials in child health research published in 2007 and 2017. *The Journal of Pediatrics*, 267, 113900. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2024.113900>
- Ketchum, A. M. (2017). The research life cycle and the health sciences librarian: Responding to change in scholarly communication. *Journal of the Medical Library Association*, 105(1), 80–83. <https://doi.org/10.5195/jmla.2017.110>
- Koffel, J. B. (2015). Use of recommended search strategies in systematic reviews and the impact of librarian involvement: A cross-sectional survey of recent authors. *PLoS ONE*, 10(5), 1–13. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0125931>
- Laranjo, L., Ding, D., Heleno, B., Kocaballi, B., Quiroz, J. C., Tong, H. L., Chahwan, B., Neves, A. L., Gabarron, E., Dao, K. P., Rodrigues, D., Neves, G. C., Antunes, M. L., Coiera, E., & Bates, D. W. (2021). Do smartphone applications and activity trackers increase physical activity in adults? Systematic review, meta-analysis and metaregression. *British Journal of Sports Medicine*, 55(8), 422–432. <https://doi.org/10.1136/bjsports-2020-102892>
- Lawton, A., & Burns, J. (2015). A review of competencies needed for health librarians: A comparison of Irish and international practice. *Health Information & Libraries Journal*, 32(2), 84–94. <https://doi.org/10.1111/HIR.12093>
- Laynor, G., & Tagge, N. (2022). Developing pathways to health sciences librarianship with an introductory course and mentoring program. *Reference Librarian*, 63(3), 67–81. <https://doi.org/10.1080/02763877.2022.2056559>

- Leslie, K., Wan, Y. I., & Wong, C. A. (2023). Diversity, inclusion, and equity at the British Journal of Anaesthesia: 100 years of progress. *British Journal of Anaesthesia*, *131*(6), 977–980. <https://doi.org/10.1016/j.bja.2023.07.031>
- Lewis, D. W. (2007). A strategy for academic libraries in the first quarter of the 21st century. *College & Research Libraries*, *68*(5), 418–434. <https://doi.org/10.5860/crl.68.5.418>
- Li, L., Tian, J., Tian, H., Moher, D., Liang, F., Jiang, T., Yao, L., & Yang, K. (2014). Network meta-analyses could be improved by searching more sources and by involving a librarian. *Journal of Clinical Epidemiology*, *67*(9), 1001–1007. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2014.04.003>
- Li, T., & Bartley, G. B. (2014). Publishing systematic reviews in ophthalmology: New guidance for authors. *Ophthalmology*, *121*(2), 438–439. <https://doi.org/10.1016/J.OPHTHA.2013.10.003/ATTACHMENT/982CA5C6-FAD4-47E8-8933-18CF1E333CDF/MMC1.PDF>
- Lingard, L. (2018). Writing an effective literature review. Part I: mapping the gap. *Perspectives on Medical Education*, *7*(1), 47–49. <https://doi.org/10.1007/s40037-017-0401-x>
- Lorenzetti, D. L., & Rutherford, G. (2012). Information professionals' participation in interdisciplinary research: A preliminary study of factors affecting successful collaborations. *Health Information and Libraries Journal*, *29*(4), 274–284. <https://doi.org/10.1111/hir.12003>
- Lyon, J. A., Kuntz, G. M., Edwards, M. E., Butson, L. C., & Auten, B. (2015). The lived experience and training needs of librarians serving at the clinical point-of-care. *Medical Reference Services Quarterly*, *34*(3), 311–333. <https://doi.org/10.1080/02763869.2015.1052693>
- Marques, J. P., Santiago, L. M., & Donato, H. (2024). Avaliação da produção científica na área da medicina geral e familiar em Portugal. *Acta Medica Portuguesa*, *37*(2), 100–109. <https://doi.org/10.20344/amp.19750>
- Marques, P., Nunes, M., Antunes, M. L., Heleno, B., & Dias, S. (2020). Factors associated with cervical cancer screening participation among migrant women in Europe: A scoping review. *International Journal for Equity in Health*, *19*(1), 160. <https://doi.org/10.1186/s12939-020-01275-4>
- Marto, C. M., Baptista Paula, A., Nunes, T., Pimenta, M., Abrantes, A. M., Pires, A. S., Laranjo, M., Coelho, A., Donato, H., Botelho, M. F., Marques Ferreira, M., & Carrilho, E. (2019). Evaluation of the efficacy of dentin hypersensitivity treatments: A systematic review and follow-up analysis. *Journal of Oral Rehabilitation*, *46*(10), 952–990. <https://doi.org/10.1111/joor.12842>
- Matillon, Y., Le Bœuf, D., & Maisonneuve, H. (2005). Définir et évaluer les compétences des professionnels de santé. *La Presse Médicale*, *34*(22), 1703–1709. [https://doi.org/10.1016/S0755-4982\(05\)84254-X](https://doi.org/10.1016/S0755-4982(05)84254-X)

- Mayor, R. S., Ferreira, N. R., Lanzaro, C., Castelo-Branco, M., Valentim, A., Donato, H., & Lapa, T. (2024). Noninvasive transcranial brain stimulation in central post-stroke pain: A systematic review. *Scandinavian Journal of Pain*, *24*(1), 20230130. <https://doi.org/10.1515/sjpain-2023-0130>
- Mays, N., Roberts, E., & Popay, J. (2001). Synthesising research evidence. In N. Fulop, P. Allen, A. Clarke, & N. Black (Eds.), *Studying the organisation and delivery of health services: Research methods* (pp. 188–220). Routledge.
- McNutt, M. K., Bradford, M., Drazen, J. M., Hanson, B., Howard, B., Jamieson, K. H., Kiermer, V., Marcus, E., Pope, B. K., Schekman, R., Swaminathan, S., Stang, P. J., & Verma, I. M. (2018). Transparency in authors' contributions and responsibilities to promote integrity in scientific publication. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *115*(11), 2557–2560. <https://doi.org/10.1073/pnas.1715374115>
- Medical Library Association. (2005). Role of expert searching in health sciences libraries: Policy statement by the Medical Library Association adopted September 2003. *Journal of the Medical Library Association*, *93*(1), 42–44.
- Mellor, L. (2024). *How to write a search strategy for your systematic review*. Covidence. <https://www.covidence.org/blog/how-to-write-a-search-strategy-for-your-systematic-review>
- Melo, A. S. C., Moreira, J. S., Afreixo, V., Moreira-Gonçalves, D., Donato, H., Cruz, E. B., Vilas-Boas, J. P., & Sousa, A. S. P. (2024). Effectiveness of specific scapular therapeutic exercises in patients with shoulder pain: A systematic review with meta-analysis. *JSES Reviews, Reports, and Techniques*, *4*, 161–174. <https://doi.org/10.1016/j.xrtr.2023.12.006>
- Mondal, H., Mondal, S., & Haldar, R. (2023). Criteria to be an author of a manuscript: Time to revisit the ICMJE criteria and CRediT. *Journal of Anaesthesiology Clinical Pharmacology*, *39*(4), 674–675. https://doi.org/10.4103/joacp.joacp_175_22
- Morris, M., Boruff, J. T., & Gore, G. C. (2016). Scoping reviews: Establishing the role of the librarian. *Journal of the Medical Library Association*, *104*(4), 346–353. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.104.4.020>
- Murphy, J. (2022). Global trends health science libraries: Part 3. *Health Information and Libraries Journal*, *39*(2), 185–193. <https://doi.org/10.1111/hir.12417>
- Murphy, S. A., & Boden, C. (2015). Benchmarking participation of Canadian university health sciences librarians in systematic reviews. *Journal of the Medical Library Association*, *103*(2), 73–78. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.103.2.003>
- Navas-León, S., Tajadura-Jiménez, A., Motrico, E., Morales, L., Borda-Mas, M., Almeda, N., & Sánchez-Martín, M. (2024). Understanding and treating body image disturbances in eating disorders through body illusion interventions: A scoping review protocol. *Systematic Reviews*, *13*(1), 65. <https://doi.org/10.1186/s13643-024-02458-8>

- NHS. (2012). *Health and social care Act 2012*. National Health Service in England. <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/2012/7/contents/enacted>
- Ni, Z., Peng, M. L., Balakrishnan, V., Tee, V., Azwa, I., Saifi, R., Nelson, L. E., Vlahov, D., & Altice, F. L. (2024). Implementation of Chatbot technology in health care: Protocol for a bibliometric analysis. *JMIR Research Protocols*, *13*, e54349. <https://doi.org/10.2196/54349>
- Nitecki, D. A., & Davis, M. E. K. (2019). Expanding academic librarians' roles in the research life cycle. *Libri*, *69*(2), 117–125. <https://doi.org/10.1515/libri-2018-0066>
- Nunes, J. M. (2024). As metodologias qualitativas também devem ser medicina baseada na evidência. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, *40*(2), 184–187. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v40i2.13878>
- Nylander, E., Ramstrand, N., Hjort, M., & Rusaw, D. F. (2021). Development and validation of a sensitive MEDLINE search strategy to identify literature relevant to limb prostheses. *Prosthetics and Orthotics International*, *45*(3), 289–294. <https://doi.org/10.1097/PXR.0000000000000019>
- Ohaji, I. K., Chawner, B., & Yoong, P. (2019). The role of a data librarian in academic and research libraries. *Information Research*, *24*(4), 844. <https://web.archive.org/web/20191213195857/http://InformationR.net/ir/24-4/paper844.html>
- Okike, B. I. (2020). Information dissemination in an era of a pandemic (COVID-19): Librarians' role. *Library Hi Tech News*, *37*(9), 1–4. <https://doi.org/10.1108/LHTN-04-2020-0040>
- Olsen, H. K. (2012). Research group librarian: A cooperating partner in research? *Liber Quarterly*, *22*(3), 2012. <http://liber.library.uu.nl/>
- Otter, M. L., Wright, J. M., & King, N. V. (2017). Developing the librarians' role in supporting grant applications and reducing waste in research: Outcomes from a literature review and survey in the NIHR Research Design Service. *New Review of Academic Librarianship*, *23*(2–3), 258–274. <https://doi.org/10.1080/13614533.2017.1330219>
- Partridge, H., Haidn, I., Weech, T., Connaway, L. S., & Seadle, M. (2014). The researcher librarian partnership: Building a culture of research. *Library and Information Research*, *38*(118), 35–51.
- Prince, N. (2023). Continuing education and data training initiatives are needed to positively impact academic librarians providing data services. *Evidence Based Library and Information Practice*, *18*(3), 81–83. <https://doi.org/10.18438/eblip30382>
- Principe, P., Silva, D., Sanches, T., Lopes, S., Pereira, A. A., Lopes, C., Antunes, M. L., Carvalho, M., Vargues, M. M., Saraiva, P. S., Aurindo, M. J., Martins, T. A., Amante, M. J., Cunha, T., Guerreiro, D., Carvalho, M., Pireza, I., Gonçalves, A., Carvalho, C., ... Correia, M. A. (2020). *Recomendações para as bibliotecas de ensino superior de Portugal 2020-2022*. Associação Portuguesa de Bibliotecários,

Arquivistas e Profissionais da Informação e Documentação.
<https://doi.org/10.5281/zenodo.3841362>

- Rabasa, T. A., & Abrizah, A. (2022). Academic librarians' roles and competencies in research partnership: A qualitative study. *Malaysian Journal of Library and Information Science*, 27(3), 69–95. <https://doi.org/10.22452/mjlis.vol27no3.4>
- Redkina, N. S. (2021). The library in the information ecosystem of Open Science. *Scientific and Technical Information Processing*, 48(4), 239–247. <https://doi.org/10.3103/S0147688221040043>
- Rego, S., Henriques, A. R., Silvério Serra, S., Costa, T., Rodrigues, A. M., & Nunes, F. (2023). Methods for the clinical validation of digital endpoints: Protocol for a scoping review abstract. *JMIR Research Protocols*, 12(1), e47119. <https://doi.org/10.2196/47119>
- Rethlefsen, M. L., Farrell, A. M., Osterhaus Trzasko, L. C., & Brigham, T. J. (2015). Librarian co-authors correlated with higher quality reported search strategies in general internal medicine systematic reviews. *Journal of Clinical Epidemiology*, 68(6), 617–626. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2014.11.025>
- Rethlefsen, M. L., Murad, M. H., & Livingston, E. H. (2014). Engaging medical librarians to improve the quality of review articles. *JAMA*, 312(10), 999–1000. <https://doi.org/10.1001/jama.2014.9263>
- Rethlefsen, M. L., Schroter, S., Bouter, L. M., Moher, D., Ayala, A. P., Kirkham, J. J., & Zeegers, M. P. (2021). Improving peer review of systematic reviews by involving librarians and information specialists: Protocol for a randomized controlled trial. *Trials*, 22, 791. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/W4CK2>
- Revez, J. (2019). *O papel das bibliotecas na investigação científica: Perceções, comportamento informacional e impacto*. Universidade de Coimbra.
- Ritoša, A., Åström, F., Björck, E., Borglund, L., Karlsson, E., McHugh, E., & Nylander, E. (2023). Measuring children's engagement in early childhood education and care settings: A scoping literature review. *Educational Psychology Review*, 35(4), 99. <https://doi.org/10.1007/s10648-023-09815-4>
- Rodrigues, M., Fernández-Macías, E., & Sostero, M. (2021). *A unified conceptual framework of tasks, skills and competences*. European Commission.
- Rosa, B., Donato, H., Cúrdia Gonçalves, T., Sousa-Pinto, B., & Cotter, J. (2023). What is the optimal bowel preparation for capsule colonoscopy and pan-intestinal capsule endoscopy? A systematic review and meta-analysis. *Digestive Diseases and Sciences*, 68(12), 4418–4431. <https://doi.org/10.1007/s10620-023-08133-7>
- Rosen, M. A., Diaz-Granados, D., Dietz, A. S., Benishek, L. E., Thompson, D., Pronovost, P. J., & Weaver, S. J. (2018). Teamwork in healthcare: Key discoveries enabling safer, high-quality care. *American Psychologist*, 73(4), 433–450. <https://doi.org/10.1037/amp0000298>

- Rossall, H., Boyes, C., Montacute, K., & Doherty, P. (2008). Developing research capacity in health librarians: A review of the evidence. *Health Information and Libraries Journal*, 25(3), 159–174. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2008.00788.x>
- Safdari, R., Ehtesham, H., Ziaee, N., & Robiaty, M. (2018). The new roles of medical librarians in medical research: A comparison of the viewpoint of researchers and librarians in Iran. *Information and Learning Science*, 119(11), 682–696. <https://doi.org/10.1108/ILS-06-2018-0046>
- Saghafi, E., Tannery, N. H., Epstein, B. A., Alman, S., & Tomer, C. (2012). Development of a post-master's online certificate in health sciences librarianship. *Journal of the Medical Library Association*, 100(4), 310–313. <https://doi.org/10.3163/1536-5050.100.4.015>
- Salazar, M. S. (2015). The dilemma of combining positive and negative items in scales. *Psicothema*, 27(2), 192–199. <https://doi.org/10.7334/PSICOTHEMA2014.266>
- Sargaço, B., Oliveira, P. A., Antunes, M. L., & Moreira, A. C. (2022). Effects of the ketogenic diet in the treatment of gliomas: A systematic review. *Nutrients*, 14(5), 1007. <https://doi.org/10.3390/nu14051007>
- Short, A. (2023). Integration of a hospital librarian on a hospital incident command team during COVID-19 vaccine planning and implementation. *Journal of Hospital Librarianship*, 23(3), 156–163. <https://doi.org/10.1080/15323269.2023.2223117>
- Sieck, W. (2021, September 17). *What is competence and why is it important?* Global Cognition. <https://www.globalcognition.org/what-is-competence/>
- Silva, E. G., Martínez-Ávila, D., & Fernández-Molina, J. C. (2020). Os direitos autorais como competência profissional para a atuação do bibliotecário de referência. *Ibersid*, 14(1), 79–85.
- Silva, L., Moço, S. A., Antunes, M. L., Ferreira, A. S., & Moreira, A. C. (2021). Dietary acid load and relationship with albuminuria and glomerular filtration rate in individuals with chronic kidney disease at predialysis state. *Nutrients*, 14(1), 170. <https://doi.org/10.3390/nu14010170>
- Silvério Rodrigues, D., Sousa, P. F., Basílio, N., Antunes, A., Antunes, M. L., Santos, M. I., & Heleno, B. (2019). Primary care physicians' decision-making processes in the context of multimorbidity: Protocol of a systematic review and thematic synthesis of qualitative research. *BMJ Open*, 9(4), e023832. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-023832>
- Simmons-Welburn, J., Donovan, G., & Bender, L. (2008). Transforming the library: The case for libraries to end incremental measures and solve problems for their campuses now. *Library Administration & Management*, 22(3), 130–134.
- Sousa, J. A., Alves, I. A., Donato, H., & Sargento-Freitas, J. (2023). The Twitter factor: How does Twitter impact #Stroke journals and citation rates? *International Journal of Stroke*, 18(5), 586–589. <https://doi.org/10.1177/17474930221136704>

- Sousa, J. A., Sondermann, A., Bernardo-Castro, S., Varela, R., Donato, H., & Sargento-Freitas, J. (2023). Diagnostic accuracy of CT angiography and CT perfusion imaging for detecting distal medium vessel occlusions: Protocol for a systematic review and meta-analysis. *PLoS ONE*, *18*(4), e0284116. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0284116>
- Spencer, A. J., & Eldredge, J. D. (2018). Roles for librarians in systematic reviews: A scoping review. *Journal of the Medical Library Association*, *106*(1), 46–56. <https://doi.org/10.5195/jmla.2018.82>
- Stephens, P. A., & Campbell, J. M. (1995). Scientific writing and editing: A new role for the library. *Bulletin of the American Library Association*, *83*(4), 478–482.
- Sterlingova, T., Nylander, E., Almqvist, L., & Møller Christensen, B. (2023). Factors affecting women's participation in mammography screening in Nordic countries: A systematic review. *Radiography*, *29*(5), 878–885. <https://doi.org/10.1016/j.radi.2023.06.010>
- Suárez-Alvarez, J., Pedrosa, I., Lozano, L. M., García-Cueto, E., Cuesta, M., & Muñiz, J. (2018). Using reversed items in likert scales: A questionable practice. *Psicothema*, *30*(2), 149–158. <https://doi.org/10.7334/psicothema2018.33>
- Sullo, E., & Gomes, A. W. (2016). A profession without limits: The changing role of reference librarians. *Medical Reference Services Quarterly*, *35*(2), 145–157. <https://doi.org/10.1080/02763869.2016.1152141>
- Swinkels, A., Briddon, J., & Hall, J. (2006). Two physiotherapists, one librarian and a systematic literature review: Collaboration in action. *Health Information and Libraries Journal*, *23*(4), 248–256. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2006.00689.x>
- Teixeira da Silva, J. A. (2011). The ethics of collaborative authorship. *EMBO Reports*, *12*(9), 889–893.
- Thomas, B., Tachble, A., Peiris, D., Malhi, R., Godlovitch, G., & Lin, Y. (2015). Making literature reviews more ethical: A researcher and health sciences librarian collaborative process. *Future Science OA*, *1*(4), FS078. <https://doi.org/10.4155/fso.15.78>
- Varleys, J. (2016). *IFLA guidelines for continuing professional development: Principles and best practices*. IFLA.
- Waltz, M. J., Moberly, H. K., & Carrigan, E. E. (2020). Identifying information literacy skills and behaviors in the curricular competencies of health professions. *Journal of the Medical Library Association*, *108*(3), 463–479. <https://doi.org/10.5195/jmla.2020.833>
- Weinert, F. E. (2001). Concept of competence: A conceptual clarification. In D. S. Rychen & L. H. Salganik (Eds.), *Definition and selection of competencies: Theoretical and conceptual foundations* (2nd ed., pp. 33–66). Hogrefe & Huber Publishers.
- Wilson, P. (2022). Unsolicited solicitations: Identifying characteristics of unsolicited emails from potentially predatory journals and the role of librarians. *Journal of the*

Medical Library Association, 110(4), 520–524.
<https://doi.org/10.5195/jmla.2022.1554>

Zare-Farashbandi, E., Adibi, P., & Zare-Farashbandi, F. (2024). Retrieving rare cases: A protocol for searching complex medical cases. *Medical Reference Services Quarterly*, 43(1), 15–25. <https://doi.org/10.1080/02763869.2024.2289797>

Zare-Farashbandi, E., Rahimi, A., Adibi, P., & Zare-Farashbandi, F. (2019). Involving clinical librarians in clinical settings: Skills, roles, advantages and barriers. *Journal of Hospital Librarianship*, 19(2), 144–155.
<https://doi.org/10.1080/15323269.2019.1586291>

Zhang, L., Sampson, M., & McGowan, J. (2006). Reporting of the role of the expert searcher in Cochrane reviews. *Evidence Based Library and Information Practice*, 1(4), 3–16. <https://doi.org/10.18438/B85K52>

Zhang, W. H., Deneux-Tharoux, C., Brocklehurst, P., Juszczak, E., Joslin, M., & Alexander, S. (2010). Effect of a collector bag for measurement of postpartum blood loss after vaginal delivery: Cluster randomised trial in 13 European countries. *BMJ*, 340(7741), c293. <https://doi.org/10.1136/bmj.c293>

Apêndice I. Email/convite de resposta ao Questionário

Maria Luz Antunes

From: Maria Luz Antunes <mluz.antunes@estesl.ipl.pt>
Sent: 24 de junho de 2022 18:38
Subject: Estudo sobre a parceria de bibliotecários em equipas de investigação em saúde

Estimados Investigadores,

A participação dos bibliotecários nas equipas de investigação em saúde tem-se revelado importante para a qualidade final da investigação produzida.

A sua resposta contribuirá para a construção de um conjunto de recomendações com vista à identificação de necessidades de formação complementar dos bibliotecários e profissionais da informação da área da saúde em Portugal.

Agradeço antecipadamente o preenchimento do questionário, que não ultrapassa os 10 minutos, até ao dia **15 de julho** e disponibilizo-me para o esclarecimento qualquer dúvida (mluz.antunes@estesl.ipl.pt).

[Link do questionário](#)

O meu nome é Maria da Luz Antunes, sou estudante do Doutoramento em Ciência da Informação, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação da Professora Doutora Maria Manuel Borges e do Professor Doutor Carlos Lopes.

Com os melhores cumprimentos,

Maria da Luz Antunes
Documentalista
Biblioteca da ESTeSL



ESCOLA SUPERIOR DE
TECNOLOGIA DA SAÚDE
DE LISBOA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA



Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (ESTeSL)
Av. D. João II, Lote 4.69.01 1990-096 Lisboa
mluz.antunes@estesl.ipl.pt
218 980 415

www.estesl.ipl.pt

ESTeSL no Facebook em www.facebook.com/esteslisboa

ESTeSL no LinkedIn em www.linkedin.com/company/1332082

Apêndice II. Questionário

Competências dos bibliotecários em equipas de investigação em saúde

O questionário que se apresenta pretende conhecer as competências que os bibliotecários devem possuir para trabalhar lado-a-lado com investigadores, numa parceria colaborativa nas equipas de investigação em saúde.

No campo da saúde, epidemiologistas, estatísticos, biólogos, sociólogos e psicólogos, entre outros profissionais, desenvolvem projetos de investigação, enquanto equipas multidisciplinares.

O questionário integra um projeto de Doutoramento em Ciência da Informação, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e destina-se quer a investigadores do campo da saúde quer a bibliotecários. Foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (Instituto Politécnico de Lisboa) com o parecer nº CE-ESTeSL-n.º 97-2021.

O questionário inicia-se com uma declaração de consentimento informado. O tratamento das respostas será anonimizado e codificado, de acordo com o estabelecido e aprovado em Comissão de Ética. Por conseguinte, as respostas não permitem identificar o inquirido. Também não existem respostas corretas nem erradas.

O seu preenchimento demora cerca de 10 minutos.

Dúvidas ou comentários acerca deste questionário podem ser encaminhadas para mluz.antunes@estesl.ipl.pt

Agradecemos antecipadamente a sua colaboração!

Consentimento informado, livre e esclarecimento para participação em investigação

Por favor, leia com atenção a seguinte declaração. Se achar que algo é incorreto ou não é claro, não hesite em solicitar informação adicional. Se concorda com o texto da declaração, responda ao questionário.

A participação de bibliotecários e investigadores é voluntária, podendo desistir em qualquer momento, sem consequências ou explicações. Os dados recolhidos são do participante, que a eles pode aceder em qualquer momento do estudo, pedir para serem retificados ou apagados. O participante tem o direito de solicitar a limitação do tratamento dos seus dados, pode opor-se ao seu tratamento e à sua portabilidade.

Está garantida a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes.

Os participantes têm o direito de apresentar uma reclamação junto da investigadora principal ou dos seus orientadores. O estudo obteve parecer favorável da Comissão de Ética (CE-ESTeSL-n.º 97-2021).

Nome legível do investigador: Maria Luz Antunes (TLM 962989589). Email: mluz.antunes@estesl.ipl.pt

Orientadores: Doutora Maria Manuel Borges (mmb@fl.uc.pt) e Doutor Carlos Lopes (clopes@ispa.pt)

1. Gostaria que me fosse enviado o relatório final do estudo para o seguinte *email*:

Seguinte

Nunca revele a sua palavra-passe. [Denunciar abuso](#)

* Obrigatório

COMPETÊNCIAS GERAIS

Para exprimir a sua concordância, por favor, use a seguinte escala: 1. Discordo totalmente; 2. Discordo; 3. Discordo parcialmente; 4. Não concordo nem discordo; 5. Concordo parcialmente; 6. Concordo; 7. Concordo totalmente.

2. COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
2.1. Saber comunicar de maneira formal e culta.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.2. Saber criar informação / diapositivos (powerpoints, etc.) para apresentações públicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.3. Saber criar gráficos e infográficos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. ÉTICA PROFISSIONAL *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
3.1. Saber manter uma postura neutra e imparcial no acompanhamento da pesquisa de informação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2. Preservar a pesquisa de informação, impedindo a identificação do projeto e seus investigadores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3. Conservar o entusiasmo na continuidade do trabalho, face às dificuldades que a pesquisa apresenta, motivando-se e motivando o investigador.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.4. Ser organizado no seu trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anterior

Seguinte

Nunca revele a sua palavra-passe. Denunciar abuso

COMPETÊNCIAS BÁSICAS

Para exprimir a sua concordância, por favor, use a seguinte escala: 1. Discordo totalmente; 2. Discordo; 3. Discordo parcialmente; 4. Não concordo nem discordo; 5. Concordo parcialmente; 6. Concordo; 7. Concordo totalmente.

4. COMPETÊNCIAS BÁSICAS *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
4.1. Conhecer e dominar a língua inglesa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.2. Conhecer um terceiro idioma, para além do materno e do inglês.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.3. Manifestar interesse em manter-se atualizado na profissão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.4. Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.5. Dominar as tecnologias da informação no âmbito das redes sociais para investigadores (ResearchGate, Academia, etc).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.6. Dominar as tecnologias da informação no âmbito das bases de dados e sua compatibilidade com o campo da saúde.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.7. Conhecer a área científica em que colabora (terminologia, especialidades, patologias, síndromas, etc).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.8. Conhecer as diferentes profissões das ciências da saúde.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.9. Conhecer os diferentes ambientes das ciências da saúde (hospital, centro de saúde, USF, UCSP, académico, etc).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.10. Compreender as políticas e tendências que afetam o ambiente de saúde (e.g., diferentes adaptações das políticas de combate ao COVID-19, atualizações do plano nacional de vacinação, etc).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anterior

Seguinte

5. RECUPERAÇÃO E AVALIAÇÃO DE RECURSOS DE INFORMAÇÃO *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
5.1. Saber selecionar fontes e recursos de informação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.2. Ser um assessor na pesquisa de informação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.3. Saber identificar o vocabulário de cobertura do tema em estudo e traduzi-lo na estratégia de pesquisa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.4. Saber transpor uma estratégia de pesquisa para as bases de dados previamente selecionadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.5. Saber usar operadores booleanos e truncaturas para benefício da equação de pesquisa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.6. Ter conhecimentos sobre a metodologia da prática baseada em evidências.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.7. Compreender métodos de investigação científica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.8. Ter a capacidade de examinar criticamente e filtrar a literatura científica de disciplinas relacionadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. USO DE SOFTWARE DE INVESTIGAÇÃO *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
6.1. Saber salvar os resultados das pesquisas em diferentes formatos (csv, ris, bibtex, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.2. Saber migrar os dados das pesquisas para gestores de referências.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.3. Saber usar gestores de referências (Mendeley, Zotero, EndNote, Reference Manager, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.4. Saber usar/ter conhecimentos de <i>software</i> de análise de dados (Excel, SPSS, Qualtrics, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.5. Saber migrar dados para <i>software</i> de análise de dados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. APOIO À INVESTIGAÇÃO *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
7.1. Ter competências na extração da evidência científica (a partir do desenho dos estudos e dos instrumentos de avaliação).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.2. Ter competências de pesquisa de informação para inclusão em estudos de revisão e outros estudos de sínteses de evidência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.3. Saber traduzir o PICO (patient-intervention-comparison-outcome) numa estratégia de pesquisa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.4. Conhecer o fluxo de trabalho de revisões sistemáticas e meta-análises.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.5. Conhecer o fluxo de desenvolvimento da metodologia PRISMA-S (searching).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.6. Conhecer a estrutura do artigo científico e seus conteúdos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.7. Saber sistematizar os conteúdos de um artigo num resumo científico estruturado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.8. Conhecer a estrutura de um protocolo de investigação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.9. Ter conhecimentos de escrita científica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.10. Saber traduzir um texto científico num idioma que não o materno.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. LITERACIA EM MATÉRIA DE PROPRIEDADE INTELECTUAL *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
8.1. Saber citar e referenciar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.2. Conhecer e aplicar diferentes estilos de citação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.3. Conhecer os contornos do plágio e do autoplágio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.4. Conhecer e aplicar software de detecção de plágio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.5. Conhecer a legislação associada aos direitos de autor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.6. Conhecer a dinâmica de funcionamento das comissões de ética.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. LITERACIA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
9.1. Saber identificar as revistas com maior impacto por área do conhecimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.2. Saber ler o fator de impacto e o CiteScore das revistas científicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.3. Saber ler o quartil das revistas científicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.4. Ter conhecimentos sobre revistas científicas em acesso aberto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.5. Ter conhecimentos sobre <i>preprints</i> e sua dinâmica na divulgação de ciência.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.6. Saber identificar revistas e editoras predadoras.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.7. Saber ler as instruções aos autores das revistas científicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9.8. Saber submeter manuscritos nos <i>websites</i> das revistas científicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. MÉTRICAS E MÉTRICAS ALTERNATIVAS *

O bibliotecário deve...

	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo parcialmente	4. Não concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo	7. Concordo totalmente
10.1. Saber criar perfis de investigador (ORCID, Publons, Ciência ID, Ciência Vitae, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.2. Saber criar perfis de investigador em redes sociais para investigadores (Academia, Mendeley, ResearchGate, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.3. Saber apurar o índice <i>h</i> de autores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.4. Saber ler os indicadores bibliométricos de autores e estudos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.5. Saber ler as métricas alternativas (a partir das bases de dados e dos websites dos editores, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.6. Conhecer os canais formais de divulgação da ciência (repositórios, websites, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.7. Conhecer os canais informais de divulgação da ciência (blogues, redes sociais, etc.).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Competências dos bibliotecários em equipas de investigação em saúde

...

PERCEÇÕES DO INVESTIGADOR E DO BIBLIOTECÁRIO

Por favor, use a seguinte escala: 1. Discordo totalmente; 2. Discordo; 3. Discordo parcialmente; 4. Não concordo nem discordo; 5. Concordo parcialmente; 6. Concordo; 7. Concordo totalmente.

11. Da sua percepção, enquanto **investigador**, concorda com a colaboração dos bibliotecários em equipas de investigação em saúde?

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo totalmente

12. Da sua percepção, enquanto **bibliotecário**, concorda com a colaboração dos bibliotecários em equipas de investigação em saúde?

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo totalmente

Anterior

Seguinte

* Obrigatório

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Informação Pessoal e Profissional

13. Sexo (marcar apenas uma opção) *

14. Idade *

15. Categoria profissional *

Refira, por favor, a categoria que ocupa atualmente na carreira docente, carreira médica, carreira de investigação ou categoria profissional (para os bibliotecários).
Marcar todas as opções que se adequam ao seu caso.

Carreira Médica

Categoria Profissional (p/ Bibliotecários)

Carreira de Investigação

Carreira Docente

Outro


16. Carreira Docente

17. Carreira Médica

18. Carreira de Investigação

19. Categoria Profissional (p/ Bibliotecários)

20. Número de anos na profissão *

Introduza um número superior a 0

21. Local de trabalho *

Marque, por favor, todas as opções que se adequam ao seu caso.

Ambiente Académico

Ambiente Hospitalar

Outro

22. Comentários e sugestões:

Introduza a sua resposta

Anterior

Seguinte

Competências dos bibliotecários em equipas de investigação em saúde

Obrigado pela colaboração!

Anterior

Submeter

Nunca revele a sua palavra-passe. [Denunciar abuso](#)

Estes conteúdos são criados pelo proprietário do formulário. Os dados que submeter serão enviados para o proprietário do formulário. A Microsoft não é responsável pelas práticas de privacidade ou segurança dos seus clientes, incluindo os do proprietário deste formulário. Nunca revele a sua palavra-passe.

Com tecnologia do Microsoft Forms | [Privacidade e cookies](#) | [Termos de utilização](#)

Apêndice III. Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

Por favor, leia com atenção a seguinte declaração. Se achar que algo é incorreto ou não é claro, não hesite em solicitar informação adicional.
Se concorda com o texto da declaração, queira assinar este documento.

Identificação do estudo. No âmbito do Doutoramento em Ciência da Informação (Universidade de Coimbra), a presente signatária, sob a orientação da Doutora Maria Manuel Borges (Faculdade de Letras, Univ. de Coimbra) e a coorientação do Doutor Carlos Lopes (ISPA – Instituto Universitário), está a desenvolver uma tese sobre a parceria colaborativa dos bibliotecários em equipas de investigação no campo da saúde em Portugal.

Justificação do estudo. Em ciência não se trabalha sozinho – é quase uma verdade absoluta. Uma equipa multidisciplinar contribui para a melhoria da qualidade, validade e aplicabilidade da investigação. No campo da saúde, epidemiologistas, estatistas, biólogos, sociólogos e psicólogos, entre outras profissões, desenvolvem projetos, onde a colaboração dos bibliotecários pode igualmente representar uma mais-valia, enquanto parceiros de investigação.

Objetivos. O objetivo principal do presente estudo é saber como implementar uma parceria colaborativa entre bibliotecários e investigadores em equipas de investigação em saúde. Pretende-se analisar as perceções de dois grupos distintos: bibliotecários e investigadores. Que competências pensam possuir os bibliotecários para colaborar com uma equipa de investigação e que competências pensam os investigadores que os bibliotecários devem possuir para uma parceria colaborativa. Proceder-se-á seguidamente à identificação dessas competências e à redação de um conjunto de recomendações e/ou orientações para a formação de bibliotecários, tendo em vista novos papéis para estes profissionais da informação: a colaboração em equipas de investigação lado a lado com investigadores de especialidades diversas.

Métodos. O estudo segue uma metodologia mista e analisa dois grupos: o dos bibliotecários e o dos investigadores. Os bibliotecários, académicos e da área da saúde, serão identificados a partir de diretórios *online* desenvolvidos pelas associações profissionais da área da informação. Os investigadores serão selecionados a partir de uma amostra seletiva e não-probabilística.

A abordagem quantitativa envolve o preenchimento de um questionário em plataforma digital, enquanto a abordagem qualitativa segue uma entrevista semiestruturada. Relativamente a dados pessoais dos inquiridos e entrevistados, as variáveis sociodemográficas analisadas contemplarão a idade, sexo, categoria profissional, número de anos na profissão e local de trabalho (biblioteca académica ou biblioteca hospitalar, no caso dos bibliotecários; academia ou hospital, no caso dos investigadores).

Procedimentos. Os questionários serão anónimos, codificados por número e salvaguardados numa pasta comum à presente signatária e seus orientadores. Os dados resultantes dos questionários serão transpostos para o SPSS e estarão ativos até final do estudo. Relativamente à entrevista, os entrevistados terão acesso prévio às questões. A entrevista será gravada com autorização, posteriormente transcrita e validada pelo entrevistado. As entrevistas serão anonimizadas, codificadas por letra [entrevista A, B, ...] e salvaguardadas também numa pasta comum à presente signatária e seus orientadores. A informação resultante das entrevistas estará ativa até

final do estudo. Concluído o estudo, quer os dados resultantes do questionário quer as entrevistas serão destruídos, preservando o anonimato e a confidencialidade dos inquiridos.

Prevê-se que o estudo esteja concluído em setembro de 2023.

A participação de bibliotecários e investigadores é voluntária, podendo desistir em qualquer momento, sem consequências ou explicações. Os dados recolhidos são do participante, que a eles pode aceder em qualquer momento do estudo, pedir para serem retificados ou apagados. O participante tem o direito de solicitar a limitação do tratamento dos seus dados, pode opor-se ao seu tratamento e à sua portabilidade.

Está garantida a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes.

Os participantes têm o direito de apresentar uma reclamação junto da investigadora principal ou dos seus orientadores.

O estudo obteve parecer favorável da Comissão de Ética (CE-ESTeSL-n.º 97-2021).

+++++

Confirmando que expliquei à pessoa abaixo indicada, de forma adequada e inteligível, os procedimentos necessários ao ato referido neste documento. Respondi a todas as questões que me foram colocadas e assegurei-me de que houve um período de reflexão suficiente para a tomada da decisão. Também garanti que, em caso de recusa, não haverá quaisquer consequências.

Nome legível do investigador: **Maria da Luz Antunes**

TLM xxxxxxxxx. Email: mluz.antunes@estesl.ipl.pt Data: 16 / 07 / 2022

Orientadores: Doutora Maria Manuel Borges (mmb@fl.uc.pt) e Doutor Carlos Lopes (clopes@ispa.pt)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela investigadora principal. Foi-me dada a oportunidade de ler e considerar a informação apresentada, de fazer perguntas, as quais foram respondidas de forma satisfatória.

Compreendo que os dados recolhidos possam ser do conhecimento da investigadora principal e seus orientadores, sempre que necessário para o desenvolvimento do estudo, pelo que autorizo a que tenham acesso a esses dados.

Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Compreendo que, caso esta investigação venha a ser publicada, todos os dados serão mantidos anónimos e nenhuma informação permitirá a minha identificação.

Desta forma, declaro que aceito participar neste estudo, que tomo a minha decisão de forma inteiramente livre e permito a utilização dos dados que voluntariamente forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e na garantia da confidencialidade e anonimato que me é dada pela investigadora.

- Gostaria que me fosse enviado o relatório final do estudo para o *email*
- Gostaria de ser contactado para o mesmo *email* acerca de apresentações públicas ou estudos adicionais relacionados com este trabalho.

Nome legível da pessoa que consente:	
.....	
Assinatura:	Data: / /

Este documento é composto por duas páginas e é feito em duplicado: uma via para a investigadora principal e outra para a pessoa que consente.

Apêndice IV. Email/convite para Entrevista

Maria Luz Antunes

From: Maria Antunes <mluz.antunes@estesl.ipl.pt>
Sent: 13 de julho de 2022 12:53
To: [REDACTED]
Subject: Pedido de entrevista

Estimada amiga [REDACTED]

Para o desenvolvimento do meu estudo sobre a participação dos bibliotecários nas equipas de investigação em saúde, gostaria de te entrevistar. A entrevista decorrerá via zoom ou presencialmente (de acordo com a tua preferência), será gravada, as questões e a declaração de consentimento informado serão enviados antecipadamente, prevendo-se uma duração máxima de 15-20 minutos. A data e a hora serão definidas de acordo com a tua disponibilidade; na resposta sugere uma ou duas possibilidades, por favor.

Agradeço antecipadamente a tua colaboração e atenção,

Maria da Luz Antunes

Doutoramento em Ciência da Informação (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Orientação: Professora Doutora Maria Manuel Borges (mmb@fl.uc.pt)

Co-orientação: Professor Doutor Carlos Lopes (clopes@fl.uc.pt)